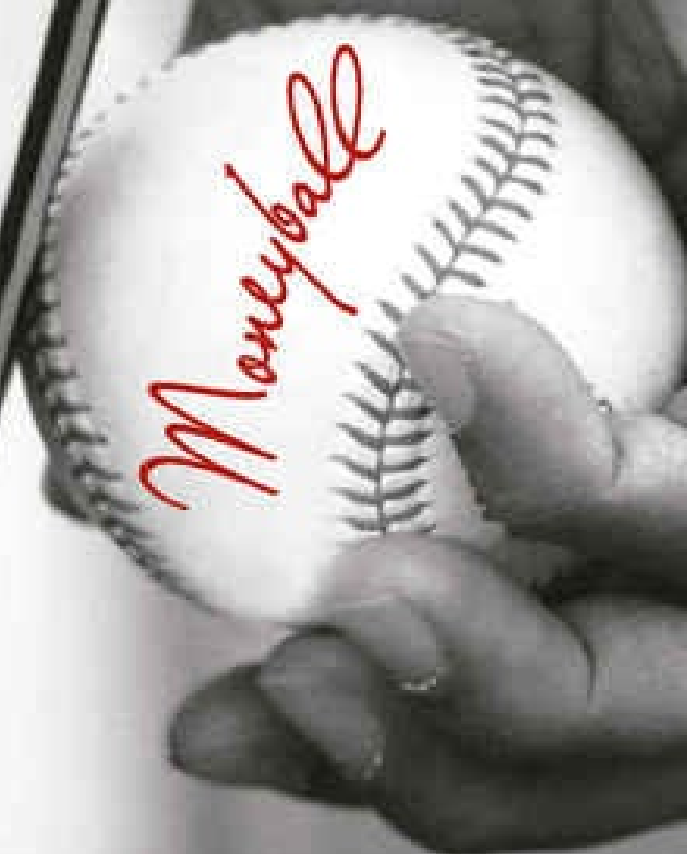


MICHAEL LEWIS



O HOMEM QUE MUDOU O JOGO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



MONEYBALL

O homem que mudou o jogo

MICHAEL LEWIS

Tradução de Denise Bottmann
com consultoria técnica de
Vitor Luís Simões Camargo



Copyright© 2004, 2003 by Michael Lewis

TÍTULO ORIGINAL:

Moneyball: The Art of Winning an Unfair Game

PREPARAÇÃO

Paula Diniz

REVISÃO

Anna Beatriz Seilhe

Marcela Oliveira

Rayana Faria

REVISÃO TÉCNICA

Erick Nakano, RJ CARIOCAS Beisebol e Softbol Clube

CAPA

Design e ilustração de And Partners, NYC

Imagem de Jonathan Daniel / Getty Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

REVISÃO DE EPUB

Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-735-8

Edição digital: 2015

1ª EDIÇÃO

TIPOGRAFIA

Trump Mediaeval

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Para Billy Fitzgerald
Até hoje posso ouvi-lo gritando para mim

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Prefácio](#)

[Capítulo um](#)

[A MALDIÇÃO DO TALENTO](#)

[Capítulo dois](#)

[COMO DESCOBRIR UM JOGADOR](#)

[Capítulo três](#)

[A REVELAÇÃO](#)

[Capítulo quatro](#)

[ÁREA DE IGNORÂNCIA](#)

[Capítulo cinco](#)

[JEREMY BROWN, O PRATO DA CASA](#)

[Capítulo seis](#)

[A CIÊNCIA DE VENCER NUM JOGO DESIGUAL](#)

[Capítulo sete](#)

[A LACUNA DE GIAMBI](#)

[Capítulo oito](#)

[SCOTT HATTEBERG, SUPERPEGADOR](#)

[Capítulo nove](#)

[A MESA DE OPERAÇÕES](#)

[Capítulo dez](#)

[ANATOMIA DE UM ARREMESSADOR
SUBESTIMADO](#)

[Capítulo onze](#)

[O ELEMENTO HUMANO](#)

[Capítulo doze](#)

[A VELOCIDADE DA IDEIA](#)

[Epílogo](#)

[O TEXUGO](#)

[Posfácio](#)

[DENTRO DA GUERRA RELIGIOSA DO
BEISEBOL](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outro título do autor](#)

[Leia também](#)

Pouco tempo atrás, no naufrágio de um navio da Califórnia, um dos passageiros afivelou a si um cinto que pesava mais de noventa quilos de ouro, com o qual mais tarde foi encontrado no fundo do mar. Ora, enquanto afundava, era ele quem possuía o ouro ou era o ouro que o possuía?

— *John Ruskin, Unto This Last*

PREFÁCIO

ESCREVI ESTE LIVRO porque me apaixonei por uma história. Ela se referia a um pequeno grupo bastante subestimado de jogadores e executivos do beisebol profissional, muitos deles rejeitados pelas grandes ligas, que se transformou numa das franquias de maior sucesso da Major League Baseball (MLB), a principal liga de beisebol profissional americana. Mas a ideia do livro surgiu bem antes de eu ter uma boa razão para escrevê-lo — antes de haver uma história pela qual me apaixonar. Surgiu, na verdade, de uma pergunta bastante singela: como um dos times mais pobres do beisebol, o Oakland Athletics, conseguia tantas vitórias?

Fazia mais de uma década que os dirigentes do beisebol profissional diziam que o esporte estava deixando de ser uma competição atlética para se tornar uma competição financeira. A distância entre ricos e pobres no beisebol era muito maior do que em qualquer outro esporte profissional e aumentava depressa. No início da temporada de 2002, o time mais rico, o New York Yankees, tinha uma folha de pagamento que somava 126 milhões de dólares, enquanto as dos dois mais pobres, o Oakland Athletics e o Tampa Devil Rays, não chegavam a um terço disso, ficando na faixa dos 40 milhões. Dez anos antes, o time com os maiores salários, o New York Mets, gastara cerca de 44 milhões com os jogadores, e o de valores mais baixos, o Cleveland Indians, desembolsara pouco mais de 8 milhões. Essa enorme disparidade significava que apenas os clubes ricos podiam bancar os melhores atletas. Um time pobre só conseguiria os incapazes e os contundidos e, com quase toda a certeza, sairia derrotado. Pelo menos era o que diziam os dirigentes.

Minha tendência era concordar. Afinal, o pessoal mais endinheirado costuma vencer. Porém, ao observar melhor os acontecimentos dos últimos anos, surgem os questionamentos. Na lanterna de cada divisão figuravam várias equipes — Rangers, Orioles, Dodgers, Mets — que haviam gastado rios de dinheiro e sofrido derrotas espetaculares. No outro extremo estava o Athletics. Por vários anos seguidos, trabalhando com a menor folha salarial do esporte ou algo perto disso, o Oakland Athletics vencera mais jogos de temporada do que qualquer outro time, exceto o Braves de Atlanta. Estiveram nos play-offs por três anos seguidos e nos dois anos anteriores tinham vencido o time mais rico, o Yankees,

a poucas jogadas da eliminação. Como conseguiram aquilo? O Yankees, afinal, era o exemplo mais extraordinário do determinismo financeiro. Era o time que entendia a mentalidade de Nova York: não havia vergonha alguma em comprar o sucesso, e, talvez por causa dessa falta de pudor, eles eram os melhores no ramo.

Já em 1999, Allan H. (“Bud”) Selig, o comissário da MLB, começou a dizer que o sucesso do Athletics era “uma aberração”, o que não era propriamente uma explicação e sim uma desculpa para fugir à pergunta: como eles conseguiam? Qual era o segredo deles? Como o segundo time mais pobre do beisebol americano, enfrentando montanhas cada vez maiores de dinheiro, podia ter sequer uma chance remota de sucesso, quanto mais a capacidade de obter o segundo maior número de vitórias nos jogos da temporada regular, num universo de trinta times? Além disso, o que havia nesse sucesso do beisebol capaz de resistir às tentativas de compra de tantos ricos? Foram esses os questionamentos que despertaram meu interesse e aos quais tento responder neste livro.

A resposta começa por um aspecto evidente: no beisebol profissional, o que mais importa ainda não é tanto o montante de dinheiro que se tem, mas quão bem ele é gasto. Na primeira vez em que entrei na sede do A’s (Athletics), o time saía de uma temporada em que haviam gastado 34 milhões de dólares e atingido um total espantoso de 102 vitórias — no ano anterior, em 2000, haviam gastado 26 milhões e ganhado 91 partidas e o campeonato de sua divisão. Um especialista independente em finanças do beisebol de destaque, um advogado de Manhattan chamado Doug Pappas, apontou uma diferença quantificável entre o Athletics e as demais equipes de beisebol. O mínimo que se podia gastar com um time de 25 jogadores seriam 5 milhões de dólares, mais 2 milhões para jogadores na lista de contundidos e o restante dos quarenta nomes do elenco. O enorme papel desempenhado pela sorte em qualquer partida de beisebol, bem como a diferença relativamente pequena entre as habilidades de boa parte dos jogadores da liga principal e as dos novatos que trabalhariam pelo salário mínimo, fazia com que, numa temporada de 162 partidas, o número mínimo de vitórias de um time pagando o piso fosse cerca de 49. A equação de Pappas para calcular o rendimento financeiro era a seguinte: quantos dólares acima do mínimo de 7 milhões cada time paga por cada vitória depois da 49ª? Quantos dólares a mais um clube gasta por cada vitória a mais?

Nos três anos anteriores, o Athletics pagara cerca de 500 mil dólares por vitória. O outro time na faixa dos seis dígitos era o Minnesota Twins, com 675 mil por vitória. As franquias ricas mais pródigas — o Baltimore Orioles ou o Texas Rangers, por exemplo — pagavam quase 3 milhões por vitória, ou mais de seis vezes o que o A’s pagava. O Athletics parecia jogar um jogo diferente do

restante da liga. Em qualquer ramo normal de atividade, ele há muito tempo teria comprado a maioria dos outros times e construído um império. Mas sua área era o beisebol, então a única coisa que o Athletics podia fazer era cobrir de vergonha as equipes mais ricas e deixar por isso mesmo.

Na base da experiência do A's estava a determinação para repensar o beisebol: como é dirigido, como é jogado, quem é o jogador mais adequado e por quê. Sabendo que nunca teria um orçamento polpudo como o do Yankees, Billy Beane, o gerente geral do Athletics, começou a procurar deficiências no esporte. Em suma, buscara novos conhecimentos em beisebol. Numa verdadeira investigação científica e sistemática do esporte, a direção do Athletics reexaminara tudo, desde o preço de mercado da velocidade individual às diferenças intrínsecas entre o jogador médio da liga principal e o jogador superior da categoria mais elevada das divisões menores, a Triple-A. Foi assim que fizeram verdadeiros achados. Muitos dos jogadores recrutados ou comprados pelo Athletics tinham sido vítimas de um preconceito irracional arraigado nas tradições do beisebol. O departamento de pesquisa e desenvolvimento do time acabou com esse preconceito, permitindo que mostrassem seu verdadeiro valor. E foi precisamente um time de beisebol que ocupou o centro de uma história sobre as possibilidades — e os limites — da razão em assuntos humanos. Foi o beisebol — justo ele — que demonstrou como uma cultura não científica reage, ou deixa de reagir, ao método científico.

Como disse, eu me apaixonei por uma história. Ela diz respeito ao beisebol profissional e a seus jogadores. No centro está um homem cuja vida virou de ponta-cabeça por causa do beisebol profissional e que, como por milagre, encontrou uma forma de retribuir a gentileza. Com o objetivo de saber mais sobre esse homem e a revolução que ele vinha inspirando, passei alguns dias com J.P. Ricciardi, o gerente geral do Toronto Blue Jays. Ricciardi havia trabalhado com Billy Beane no Athletics e agora se divertia desfazendo e reconstruindo sua nova equipe, seguindo as mesmas linhas radicais adotadas no A's. De início, Ricciardi foi ridicularizado, porém, na época em que o conheci, ele já tinha conquistado o respeito até do mais cascudo entre os velhos comentaristas de beisebol. No fim da temporada de 2002, o grande medo no Toronto era que Ricciardi deixasse a equipe para aceitar a proposta de dirigir o Boston Red Sox, que agora dizia também querer reformular sua organização à imagem do Athletics.

Foi durante uma partida do Red Sox que tentei convencer Ricciardi a falar sobre o que me interessava. Alguns meses antes, ele me dissera — e com alguma insistência — que havia uma distância realmente assombrosa entre Billy Beane e qualquer outro gerente geral do esporte. Ergueu a mão o mais alto possível e

abaixou a outra ao máximo, dizendo: “Billy está aqui em cima e todos os outros estão aqui embaixo.” Agora, sentados lado a lado, vendo o Red Sox perder para seu novíssimo Blue Jays, perguntei a ele se vislumbrava a possibilidade de se julgar tão bom nessa estranha atividade de comandar um time de beisebol quanto o homem que deixara em Oakland. Ele apenas riu. Não havia a menor dúvida de que Billy era o melhor. A pergunta era: por quê?

Capítulo um

A MALDIÇÃO DO TALENTO

A quem os deuses querem destruir eles primeiro chamam de promissor.
— Cyril Connolly, *Enemies of Promise*

A PRIMEIRA COISA que eles sempre faziam era mandar correr. Quando os olheiros dos grandes clubes faziam testes em campo com um grupo de amadores de elite com muito potencial, a velocidade era o primeiro item que marcavam em suas listas. Os olheiros sempre estavam com listas. “Ferramentas”: era assim que chamavam os talentos que procuravam nos garotos. Eram cinco as ferramentas: capacidade de correr, de arremessar, de receber a bola, de rebater e de rebater com potência. O cara que corria bem tinha “rodas”; o cara com braço forte tinha uma “mangueira”. Os olheiros usavam o jargão da mecânica automobilística. Ao ouvi-los, tinha-se a impressão de que falavam de carros esportivos e não de rapazes.

Naquele dia de fim da primavera em San Diego, vários times da liga principal estavam avaliando um grupo de jovens promessas. Se havia uma tensão no ar um pouco maior do que o habitual, era porque estavam no ano de 1980. Os riscos de recrutar jogadores de beisebol tinham acabado de aumentar. Alguns anos antes, fora decidido na justiça que os jogadores de beisebol profissional poderiam atuar como trabalhadores livres ou autônomos e, depois de brevíssima hesitação, os proprietários dos times puseram nos atletas preços que desafiavam as antigas noções do senso comum sobre as faixas de remuneração que caberiam a um jogador. Em quatro anos, o salário médio das grandes ligas quase triplicara, passando de cerca de 52 mil para quase 150 mil dólares ao ano. O novo dono do New York Yankees, George Steinbrenner, pagara 10 milhões de dólares pelo time inteiro em 1973; em 1975, pagou 3,75 milhões pelo primeiro jogador autônomo moderno, Catfish Hunter. Alguns anos antes ninguém se importaria muito se cometesse um erro ao apostar em um atleta. Mas o que antes era um erro de mil dólares rapidamente se transformava num erro de um milhão de dólares.

Mas, voltando, a primeira coisa que os olheiros sempre faziam era mandar correr. Cinco rapazes se alongam e aquecem no gramado do campo externo. Darnell Coles. Cecil Espy. Erik Erickson. Garry Harris. Billy Beane. Na verdade, ainda são garotos — todos tiveram de apresentar uma declaração por escrito das mães autorizando sua presença ali. Fora de suas cidades, ninguém nunca ouviu falar deles, porém, para os olheiros, já são nomes familiares. Todos os cinco são escolhas legítimas de primeira rodada entre os trinta jogadores jovens mais promissores do país. Foram selecionados a partir da maior mina de talentos de beisebol dos Estados Unidos, o sul da Califórnia, e convidados para o campo de beisebol da Herbert Hoover High School, em San Diego, para responder a uma pergunta: quem é o melhor dos melhores?

Enquanto os garotos se espalham, alguns olheiros jogam conversa fora no campo interno. No externo, Pat Gillick, o gerente geral do Blue Jays, está em pé com um cronômetro na mão. Em volta dele estão mais cinco ou seis olheiros, cada qual com seu cronômetro. Um deles mede com sua passada sessenta jardas e marca a linha de chegada com o pé. Os garotos formam fila na linha de foul esquerda do campo. À esquerda deles fica a parede do campo externo de onde Ted Williams, uma das grandes lendas do esporte, costumava lançar rebatidas duplas quando jogava no time do ensino médio. A Herbert Hoover High School é a *alma mater* de Ted Williams. Isso não significa nada para os garotos. Eles nem prestam atenção ao lugar. Ficam indiferentes. Nos últimos meses, passaram por tantos exames tão minuciosos de tantos olheiros veteranos do esporte que nem pensam em onde ou para quem mostram seu desempenho. Sentem-se mais como carros esportivos dando uma volta do que como rapazes fazendo um teste. Paul Weaver, o olheiro do Padres, está presente. Fica impressionado com a calma dos garotos. Ele está acostumado a ver os meninos entrando em pânico na hora de se apresentarem aos olheiros. Mark McLemore, o mesmo Mark McLemore que no futuro seria defensor externo do Seattle Mariners ganhando 3 milhões de dólares anuais, chegou a vomitar em campo antes de uma das provas de Weaver. Esses meninos não são assim. Já faz tempo que todos eles são muito bons.

Darnell Coles. Cecil Espy. Erik Erickson. Garry Harris. Billy Beane. Um olheiro se vira para o outro e diz: *Aposto nos três garotos negros* [Coles, Harris e Espy]. *Vão destroçar os brancos. E Espy vai acabar com todos eles, inclusive Coles.* Coles é um velocista que já tem uma bolsa de estudos para jogar como *wide receiver* no time de futebol americano da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Espy é tão rápido que os olheiros têm certeza de que nem Coles conseguirá acompanhá-lo.

Gillick abaixa o braço, dando a largada. Cinco atletas natos se erguem e arrancam. Poucos passos adiante, já estão muito velozes. Em sete segundos, a

corrida acaba. Em comparação a Billy Beane, todos pareceram lentos. Espy chegou em segundo lugar, três passadas largas atrás dele.

E, por mais claro que pareça o resultado — que ambiguidade pode existir numa corrida de sessenta jardas? —, Gillick fica incomodado. Grita para um dos olheiros, mandando-o percorrer outra vez a pista e conferir se a distância é mesmo de sessenta jardas exatas. Então fala para os cinco garotos voltarem à linha de largada. Eles não entendem bem o motivo: a primeira coisa que os olheiros mandam fazer é correr, mas em geral é uma vez só. Talvez Gillick queira testar nossa resistência, pensam eles, mas não é essa a intenção dele. A função de Gillick é acreditar no que vê e desacreditar no que não vê, e ele ainda não consegue se convencer e crer no que acabou de presenciar. Para começo de conversa, não acredita que Billy Beane tenha vencido Cecil Espy e Darnell Coles assim de cara. Além de não confiar no tempo marcado em seu cronômetro. Ele mostra 6,4 segundos — dá para esperar isso de um velocista, mas não de um garoto grande como esse.

Sem entender por que lhes pedem para repetir, os garotos voltam à linha de largada e correm outra vez. Não há nenhuma grande mudança. “Billy simplesmente deixou todos comendo poeira”, diz Paul Weaver.

* * *

QUANDO JOVEM, BILLY Beane podia vencer qualquer um em qualquer coisa. Tinha uma superioridade tão natural em relação a qualquer adversário que enfrentasse, em qualquer esporte que praticasse, que parecia estar em outro jogo, diferente e mais fácil. No primeiro ano do ensino médio, Billy era o quarterback no time de futebol americano e o cestinha do de basquete. Descobria talentos em si mesmo antes de estar com o físico pronto para explorá-los: fazia enterradas antes que a mão tivesse tamanho suficiente para empalmá-la.

O pai de Billy, que não era atleta, ensinara beisebol ao filho a partir de manuais. Oficial naval de carreira, passava nove meses seguidos no mar. Quando estava em casa, no conjunto residencial da Marinha, fazia questão de ensinar algo ao filho. Ensinou-o a arremessar: era o tipo de coisa que dava para estudar e aprender pelos manuais. Não importava qual fosse a época do ano, ele, com seus livros de beisebol desbeijados, levava o filho aos campos vazios da Liga Infantil. Aquelas sessões não eram apenas entretenimento. O pai de Billy era um perfeccionista. Conduzia os treinos de arremesso com eficiência militar e a

intensidade de um treinamento de recrutas.

Mesmo assim, Billy se considerava um sortudo. Sabia que queria jogar bola sempre e que o pai faria isso com ele todos os dias.

Aos catorze anos, Billy era quinze centímetros mais alto do que o pai e já fazia coisas que não constavam nos manuais. Quando estava no primeiro ano do ensino médio, o treinador o escolheu, sob os protestos furiosos dos jogadores mais velhos, para ser o arremessador do time oficial do colégio na última partida da temporada. Ele arremessou o jogo inteiro sem sofrer nenhuma corrida, conseguiu dez eliminações por strikeouts e duas rebatidas em quatro passagens pelo bastão. Aos quinze anos, teve uma porcentagem de rebatidas de mais de ,500 numa das ligas colegiais de beisebol mais acirradas do país. Em seu segundo ano no ensino médio, tinha 1,93 metro de altura, pesava 82 quilos — e continuava crescendo —, e o campo do colégio onde estudava ficava cheio de olheiros da liga principal querendo vê-lo acertar novamente mais da metade das rebatidas. Na primeira grande partida depois de ter atraído a atenção dos olheiros, Billy cedeu apenas duas rebatidas como arremessador, roubou quatro bases e acertou três rebatidas triplas. Vinte e dois anos depois, suas rebatidas triplas ainda eram o recorde estudantil na Califórnia, mas foi a maneira como ele as conseguira que ficou gravada na memória. Naquele dia, o campo não tinha grades — era apenas uma tundra quente e infinita situada na periferia de San Diego. Após Billy lançar sua primeira rebatida tripla por cima da cabeça dos defensores externos do time adversário, eles começaram a se posicionar mais para trás. Depois que o garoto mandou pela segunda vez uma rebatida tripla por cima da cabeça deles, os defensores recuaram ainda mais, quase até onde ficaria o estacionamento de um estádio profissional. Então Billy rebateu por cima deles pela terceira. O público chegou a rir dessa última. Assim eram as coisas com Billy quando praticava algum esporte, mas principalmente o beisebol: se você piscar, pode perder algo que nunca mais terá a chance de ver.

Ele causava forte impressão nos olheiros veteranos que eram pagos para imaginar o tipo de jogador profissional que um rapaz poderia vir a ser. Tinha um físico que prometia muito. Reto feito uma vara, esguio, mas não a ponto de se achar que não ganharia corpo. E o rosto! Logo abaixo do punhado de cabelo castanho e rebelde, o garoto tinha os traços bem marcados que os olheiros adoravam. Alguns deles ainda acreditavam que podiam ler na estrutura facial de um rapaz não só seu caráter, mas também seu futuro no esporte profissional. Costumavam usar uma expressão: “Cara Boa”. Billy tinha uma Cara Boa.

O treinador dele, Sam Blalock, não sabia como lidar com os olheiros. “Eu o escolhi na primeira seletiva”, diz ele, “e quinze ou vinte olheiros apareciam a cada treino. E eu não sabia o que fazer. Nunca joguei beisebol profissional.”

Vinte anos depois, Sam Blalock seria escolhido por seus pares como o melhor técnico de beisebol de ensino médio dos Estados Unidos. Suas equipes no Rancho Bernardo High School, em San Diego, renderiam tantas jovens promessas para as grandes ligas que o colégio passou a ser conhecido nos círculos do beisebol como “A Fábrica”. Porém, em 1979, fazia poucos anos que Blalock atuava naquela função e ele ainda alimentava grande reverência pela MLB e seus vários representantes que apareciam nos treinos. Ao que parecia, todos eles, sem exceção, queriam conhecer Billy Beane em pessoa. Chegou a tal ponto que Billy saía direto dos treinos para a casa de algum amigo, a fim de fugir dos telefonemas incessantes em sua casa. Com os olheiros ele era tranquilo. Com seus treinadores era tranquilo. A única pessoa que chegou alguma vez a irritá-lo foi uma professora de inglês que, certo dia, o levou para fora da sala e lhe disse que ele era inteligente demais para viver do seu charme e dos seus dotes atléticos. Para ela, Billy queria ser melhor do que era. Para os olheiros — bom, era uma questão de pegar ou largar.

Hoje, Sam Blalock acha que devia ter chamado os olheiros para um canto e dito que esperassem até serem convidados. Mas, em vez disso, fez tudo o que queriam, e o que eles queriam era que Sam colocasse seu astro para correr e ser avaliado. Pediam para ver Billy correndo. Sam mandava Billy correr para eles. Pediam para ver Billy arremessar, e ele ia até o campo externo e disparava verdadeiros torpedos para Sam na base. Queriam ver Billy rebater, e Sam atirava a bola sem ter ninguém lá, exceto Billy e os olheiros. (“Eu arremessando, Billy rebatendo e vinte olheiros das grandes ligas no campo externo devolvendo as bolas que voavam”, lembra Blalock.) Toda vez que os olheiros observavam Billy, enxergavam apenas o que queriam ver: um futuro astro da liga principal.

Quanto a Billy, Sam o deixava à vontade. O beisebol, tal como o entendia Blalock, pelo menos no início de sua carreira, era um esporte mais individual do que de equipe, mais uma atividade atlética instintiva do que uma habilidade adquirida. Blalock acreditava que, ao ter sob seu comando um atleta com as habilidades de Billy, um treinador devia simplesmente deixá-lo à vontade. “Eu era jovem e tinha um pouco de medo, e não queria estragá-lo”, conta o técnico. Tempos depois, ele mudou de opinião sobre o beisebol, mas não sobre o talento de Billy. Vinte e dois anos mais tarde, após ter mais de sessenta de seus jogadores e dois de seus sobrinhos recrutados para o beisebol profissional, Blalock disse que ainda estava para ver outro atleta do gabarito de Billy.

Nenhum deles percebeu os sinais. Não notaram, por exemplo, que a média de Billy como rebatedor despencou de mais de ,500 no segundo ano para pouco mais de ,300 no terceiro ano do ensino médio. Era difícil saber a razão. Talvez fosse a pressão dos olheiros. Talvez fosse porque os outros times tivessem

encontrado outras maneiras de arremessar e Billy não tivesse conseguido se adaptar. Ou talvez fosse apenas falta de sorte. A questão é: ninguém notou a queda. “Nunca olhei nenhuma estatística de Billy”, admite um dos olheiros. “Nem me passaria pela cabeça. Ele era um cara com todas as cinco habilidades do esporte. Tinha tudo.” Roger Jongewaard, o olheiro-chefe do Mets, diz: “Entenda uma coisa: não olhamos só o desempenho. Olhamos o talento.” Mas, no caso de Billy, o talento era um disfarce. As coisas corriam tão bem com ele, e com tanta frequência, que nunca ninguém precisava se preocupar com seu desempenho quando elas iam mal. Mas Blalock se preocupava. O treinador convivia com aquilo. Quando falhava, Billy ia atrás de alguma coisa para quebrar. Certa vez, depois de ser eliminado por strikes, ele bateu seu bastão de alumínio numa parede com tamanha violência que o taco se entortou num ângulo reto. Na vez seguinte em que voltou a rebater, ainda estava tão furioso consigo mesmo que insistiu em usar o bastão torto. Em outra ocasião, teve um acesso de raiva tão grande que Blalock o tirou de campo. “Tem uns caras que, quando são eliminados por strikes e voltam para o banco, todos os outros se afastam e vão para a outra ponta”, conta Blalock. “Billy era assim.”

Quando as coisas não davam certo para Billy em campo, erguia-se um muro entre ele e seu talento, e ele não conhecia outra forma de atravessar esse muro a não ser tentando abrir uma passagem à força. Não era como se ele apenas não gostasse de errar, era como se não soubesse como errar.

Os olheiros nunca levaram isso em consideração. No fim do último ano de Billy, a única dúvida que tinham a seu respeito era: vou conseguir contratá-lo? E, à medida que o recrutamento de 1980 das grandes ligas se aproximava, começaram a achar que não. O primeiro sinal negativo foi o olheiro-chefe do New York Mets, Roger Jongewaard, mostrar um interesse incomum por Billy. O Mets tinha a primeira escolha geral no recrutamento de 1980, e por isso poderia ficar com Billy. Corria o boato de que o time havia reduzido sua lista de finalistas a dois jogadores, Billy e Darryl Strawberry, que cursava o ensino médio em Los Angeles. Também havia rumores de que Jongewaard preferia Billy. (Não era o único.) “Existem caras bons e existem caras premium”, explica Jongewaard. “E Billy era superpremium. Tinha o tamanho, a velocidade, o braço, o pacote completo. Praticava outros esportes. Era um verdadeiro atleta. E, o melhor de tudo, tirava boas notas na escola e saía com todas as garotas mais bonitas. Era charmoso. Podia ter sido o que quisesse.”

O outro sinal negativo era Billy continuar dizendo que não queria entrar no esporte profissional. Queria ir para a faculdade. Mais especificamente, queria entrar na Universidade de Stanford com uma bolsa mista de beisebol e futebol americano. No mínimo, interessava-se pelos estudos tanto quanto pelo esporte.

O recrutador de beisebol da Universidade do Sul da Califórnia tentara convencê-lo a desistir de Stanford. “Vão obrigá-lo a dedicar uma semana inteira aos exames finais”, disse ele. Ao que Billy respondeu: “Bom, é essa a ideia, não?” Alguns olheiros tentaram explicar que Billy, na verdade, não jogava futebol americano — deixara o time depois do primeiro ano do ensino médio, para evitar contusões que poderiam prejudicar sua carreira no beisebol. Stanford não se importou. A universidade estava atrás de um quarterback para herdar a vaga de seu astro atual, um aluno do segundo ano chamado John Elway. O time de beisebol não tinha o mesmo peso do de futebol americano junto ao departamento administrativo de Stanford, e, por isso, o técnico de beisebol pediu ao treinador de futebol americano para dar uma olhada em Billy. Algumas horas no campo de treinamento e o técnico de futebol aprovou Billy Beane como o cara a assumir quando John Elway saísse. Billy só precisava tirar um B em matemática. O departamento atlético de Stanford cuidaria do resto. E cuidou.

No dia do recrutamento, todos os olheiros das grandes ligas praticamente já tinham descartado Billy, achando que seria impossível obtê-lo. “Billy afastou muita gente”, lembra o olheiro Paul Weaver. “Ninguém achava que ele assinaria contrato.” Seria loucura um time desperdiçar sua primeira escolha com um garoto que não queria jogar.

O único que não recuou foi Roger Jongewaard. No recrutamento de 1980, o Mets podia escolher três nomes na primeira rodada, por isso Jongewaard imaginou que os dirigentes poderiam se dispor a arriscar com um nome que talvez não fechasse contrato. E havia mais uma coisa. Nos meses que antecederam o recrutamento, os dirigentes do Mets tinham aceitado participar de uma experiência estranha. A revista *Sports Illustrated* pedira autorização ao gerente geral do time, Frank Cashen, para que um de seus repórteres acompanhasse o Mets na decisão do primeiro jogador a ser escolhido no país. O Mets mostrara à revista sua curta lista de finalistas, e a publicação dissera que, jornalisticamente, seria conveniente que o time escolhesse Darryl Strawberry.

Strawberry daria uma matéria e tanto: um moleque pobre do centro decadente de Los Angeles que não sabia que estava prestes a se tornar rico e famoso. Jongewaard preferia Billy e foi contrário a que o clube autorizasse o envolvimento da revista, pois, como declarou mais tarde, “criaríamos um monstro. Isso iria nos custar um dinheirão”. O clube passou por cima dele. A diretoria do Mets achou que as vantagens da publicidade nacional compensariam os custos de elevar as pretensões salariais de Darryl Strawberry ou mesmo de escolher o cara errado. O time ficou com Strawberry como primeira escolha e lhe pagou um bônus de contratação de 210 mil dólares, o que na época era uma quantia fabulosa. O Blue Jays ficou com Garry Harris na segunda escolha.

Darnell Coles foi para o Mariners na sexta escolha e Cecil Espy para o White Sox na oitava. Em sua segunda escolha de primeira rodada, a 23ª geral, o Mets deixou que Roger Jongewaard fizesse o que queria, e ele escolheu Billy Beane.

Jongewaard já tinha visto rapazes dizerem que iam para a faculdade e depois mudarem de ideia na hora em que viam o dinheiro. No entanto, nas semanas que se seguiram ao recrutamento, ele tinha posto 100 mil dólares na frente dos pais de Billy e isso não contribuiu em nada para melhorar o tom da conversa. Começou a achar que Billy estava falando sério. Para o desgosto da mãe do garoto, que estava decidida quanto à ida do filho para Stanford, o olheiro se plantou na casa dos Beane. Também não funcionou. “Eu não estava conseguindo o clima que queria”, comenta agora Jongewaard. “E então levei Billy para ver o grande clube.”

Era 1980. A família Beane era da classe média militar. Billy tinha saído pouquíssimas vezes de San Diego e jamais fora a Nova York. Para ele, o New York Mets era mais uma ideia remota do que uma equipe de beisebol. Entretanto, naquele verão, quando o Mets esteve em San Diego para enfrentar o Padres, Jongewaard levou Billy ao vestiário do time visitante. Lá, à sua espera, havia um uniforme da equipe com seu nome nas costas e um grupo de jogadores para recebê-lo: Lee Mazzilli, Mookie Wilson, Wally Backman. Os jogadores sabiam quem ele era, aproximaram-se e, brincando, falaram que precisavam dele, que se apressasse e fosse logo para as grandes ligas. Até o técnico do Mets, Joe Torre, mostrou interesse. “Acho que foi isso que animou Billy”, diz Jongewaard. “Ele conheceu o time das grandes ligas e pensou: posso jogar com esses caras.” Billy conta: “Era um santuário fechado para tanta gente... E eu estava ali dentro. A coisa virou realidade.”

A decisão cabia a Billy. Mais ou menos um ano antes, seu pai mandou que ele se sentasse à mesa e o desafiou para uma queda de braço. O garoto achou aquilo estranho, um gesto nada típico do pai. Ele era intenso, porém nunca tinha sido fisicamente agressivo. Pai e filho disputaram: Billy ganhou. Depois disso, o pai lhe disse que, se ele era homem suficiente para vencer o pai na queda de braço, era homem suficiente para tomar as próprias decisões na vida. A proposta do Mets era a primeira grande decisão na vida de Billy. Ele informou a Roger Jongewaard que assinaria o contrato.

O que ocorreu em seguida foi esquisito. Anos depois, Billy não saberia bem se sonhara ou se tinha acontecido de verdade. Depois de dizer ao time que assinaria o contrato, mas antes de assiná-lo de fato, ele mudou de ideia. Quando contou ao pai que estava em dúvida e não sabia se queria ser jogador profissional, o pai retrucou: “Você tomou sua decisão, agora vai assinar.”

De todo modo, ele aceitou os 125 mil dólares oferecidos pelo Mets. Acalmou

a mãe (e a própria consciência) dizendo a ela (e a si mesmo) que cursaria as disciplinas de Stanford entre as temporadas. A universidade não aceitou. Quando soube que Billy não jogaria por Stanford, o departamento de admissão informou-lhe que ele não seria mais bem-vindo nas salas de aula da universidade. “Prezada sra. Beane”, começava a carta do diretor de admissão de Stanford, Fred A. Hargadon, “estamos cancelando a matrícula de Billy (...) Desejamos a ele todo o sucesso, tanto em sua carreira profissional no beisebol quanto em seus planos para prosseguir com os estudos”.

Assim, de repente, uma vida inteira mudou. Um dia, Billy Beane podia ser qualquer coisa que quisesse; no dia seguinte, era apenas mais um jogador de beisebol das ligas menores e nem ao menos tinha muito dinheiro. Aconselhados por um amigo da família, os pais de Billy investiram os 125 mil dólares do bônus do filho na sociedade de uma imobiliária, que logo foi à falência. A mãe de Billy passou anos sem falar com Roger Jongewaard.

Capítulo dois

COMO DESCOBRIR UM JOGADOR

ANOS DEPOIS, BILLY viria a dizer que a única vez em que fez algo apenas pelo dinheiro foi quando decidiu se tornar jogador profissional de beisebol e que nunca mais voltaria a fazer nada assim. Nunca mais deixaria que o mercado ditasse os rumos de sua vida. O engraçado nisso, agora que dirigia uma equipe pobre da MLB, é que seu trabalho se resumia praticamente a questões financeiras: onde conseguir recursos, como gastá-los, com quem gastá-los. O período financeiro mais intenso de sua vida eram as poucas semanas que antecediam o recrutamento de amadores, logo após o início da temporada. E era a época que mais lhe agradava. Não se incomodava que o dinheiro ocupasse o centro de sua vida, desde que fosse usado com outras pessoas e não consigo mesmo.

Ele começou aquele dia no verão de 2002 encarando a sala cheia de olheiros. Billy Beane, agora em seu quadragésimo ano no mundo e em seu quinto ano como gerente geral do Oakland Athletics, havia mudado. Já não tinha a boa postura corporal da juventude. A cabeleira castanha estava mais rala e agora ele a repartia de lado, sem muito sucesso. Fora isso, quase não se viam outros sinais da meia-idade. A diferença não era o que acontecera com ele, mas sim o que não acontecera. A vida de Billy escapara de seu comando, e ele sabia disso. Só esperava que ninguém mais percebesse.

Os homens naquela sala eram os descendentes espirituais dos outros olheiros mais velhos que tinham enxergado em Billy Beane, aos dezesseis anos de idade, um futuro superastro do beisebol. Invisíveis ao torcedor comum, eles ainda assim constituem o coração do esporte. São eles que decidem quem vai jogar e, portanto, como se vai jogar. Pela primeira vez em sua carreira, Billy ia começar a discutir como os olheiros faziam o que faziam. O procedimento de tirá-los do campo e enfiá-los numa sala fria e úmida nas profundezas do estádio durante os sete dias que antecediam o recrutamento já se tornara uma espécie de praxe no Athletics. O que estava para mudar era o objetivo desse procedimento.

No ano anterior, antes do recrutamento de 2001, o objetivo tinha sido o de

chegarem a alguma decisão, de mútuo acordo entre o gerente geral e os olheiros do clube, a respeito dos jogadores que seriam selecionados nas primeiras escolhas. Billy deixara que os olheiros conduzissem a discussão e influenciassem suas decisões. Chegara a deixar que eles escolhessem vários de seus próprios jogadores em rodadas mais adiantadas. Isso mudou cerca de cinco segundos depois do recrutamento de 2001, que foi um desastre custoso. Os jogadores de elite, previamente analisados por Billy e seus olheiros, já tinham sido arrematados por outros clubes antes que chegasse a vez de o Athletics fazer suas segundas e últimas escolhas da primeira rodada. Só haviam sobrado os preferidos dos olheiros, mas sobre os quais Billy não sabia quase nada. Na confusão, Grady Fuson, que logo deixaria de ser o olheiro-chefe do time, escolhera um arremessador do ensino médio chamado Jeremy Bonderman. O garoto tinha uma bola rápida de mais de 150 quilômetros por hora, uma mecânica de arremesso limpa e um físico que parecia especialmente talhado para vestir um uniforme de beisebol. Em suma, era o tipo exato de arremessador que Billy achava que ensinara seu departamento a evitar.

Era impossível dizer se Jeremy Bonderman conseguiria chegar às ligas principais, mas não era essa a questão. Suas chances eram pequenas, assim como as de qualquer jogador do ensino médio. Os olheiros adoravam os estudantes de ensino médio, em especial os arremessadores. Esses garotos ainda estavam tão longe do que viriam a ser quando crescessem que dava para imaginar que se transformariam em praticamente qualquer coisa. Os arremessadores de ensino médio também tinham braços novos em folha, que podiam gerar a única qualidade que os olheiros eram capazes de medir: a velocidade da bola. A característica mais importante em um arremessador não era a força bruta, mas sim a habilidade de enganar, e a ilusão assumia múltiplas formas.

Em todo caso, bastava estudar a história dos recrutamentos para ver que os arremessadores do ensino médio tinham metade da probabilidade dos arremessadores universitários e um quarto da probabilidade dos jogadores de posição universitários de chegar aos times das ligas principais. Escolher um arremessador do ensino médio na primeira rodada — e gastar 1,2 milhão de dólares para contratá-lo — era exatamente o tipo de coisa que acontecia quando a decisão ficava a cargo dos olheiros. Desafiava as probabilidades; desafiava a razão. E era a razão, e mesmo a ciência, que Billy Beane queria trazer para o beisebol. Billy usava vários meios pouco racionais — raiva, passionalidade e até intimidação física — para isso. “Minha convicção profunda sobre a maneira de montar um time de beisebol entra em choque com minha personalidade normal”, disse ele. “Para mim, é uma luta constante.”

Era difícil saber o que Grady Fuson imaginava que ia acontecer quando sua

primeira escolha recaiu num arremessador do ensino médio. No dia marcado, a sala de recrutamento do Athletics era um local de cerimônia. Esposas, donos de times, amigos dos donos — todo aquele povo que faz a gente pensar duas vezes antes de soltar um palavrão — estavam educadamente alinhados na parede dos fundos da sala, para observar enquanto o clube determinava o próprio futuro. Grady, com seu afável 1,72 metro de altura ao lado do 1,93 metro ainda ameaçador de Billy, talvez tivesse pensado que a presença dessas pessoas acalmaria a fúria de Billy. Que nada. O beisebol profissional criara uma distância enorme entre Billy e sua personalidade da juventude, mas ele continuava a ser aquele mesmo sujeito que, depois de um *strikeout*, fazia com que o resto do time se espremesse na outra ponta do banco. Quando Grady se inclinou para o viva-voz, escolhendo Bonderman, Billy se ergueu num salto, agarrou a cadeira e a atirou contra a parede. Ao bater na parede, a cadeira não fez um simples barulho; ela explodiu. Até então, antes de verem o buraco que ficou na parede, os olheiros imaginavam que a cadeira era, tal como pensavam ser seu futuro na equipe, sólida.

Até aquele momento, Grady tinha todos os motivos para se sentir seguro no emprego. Outros times, quando queriam explicar a si mesmos por que o A's venciam tantas partidas com tão pouca verba, e também para justificar por que tinham tão poucas vitórias com tantos recursos, em geral invocavam os olheiros do Athletics. Grady certamente nunca teria imaginado que seu departamento estava prestes a passar por uma estruturação completa e que seu emprego estava por um fio. Mas era para aí que se dirigiam os pensamentos de Billy. Era impossível não perceber que seu departamento de olheiros era o setor do clube que mais se assemelhava ao restante do beisebol. Portanto, era o setor que mais precisava mudar. “O recrutamento nunca passou de uma merda de loteria”, dizia Billy. “Pegamos cinquenta caras e comemoramos quando dois chegam lá. Em que outro ramo dois para cinquenta é um sucesso? Se você fizesse isso no mercado de ações, estaria falido.” Grady não tinha como saber quanto Billy discordava de suas atitudes mais arraigadas — não tinha como saber que Billy passara a crer que o sistema de olheiros de beisebol no século XXI estava mais ou menos no mesmo estágio de desenvolvimento da medicina profissional no século XVIII. Nem que todas as convicções de Billy, no momento da escolha de Jeremy Bonderman, ganharam nova intensidade.

Por outro lado, Grady não era totalmente cego à hostilidade de Billy. Na semana anterior ao recrutamento, ele já ficara bastante incomodado quando Paul DePodesta, assistente de Billy, aparecera na sala com seu laptop. Paul nunca jogara profissionalmente. Era formado em Harvard. Tinha o jeito e a postura de um cara de Harvard, mais do que de um cara do beisebol. Para ser mais exato,

Paul nem devia estar na sala de recrutamento. Aquela sala era para olheiros, não para assistentes do gerente.

Foi no computador de Paul que Grady concentrou a atenção. “Para que você precisa disso?”, perguntou a Paul depois da reunião, como se de alguma maneira sentisse sua autoridade desafiada pelo computador.

— Você fica sentado aí com o computador e não sei o que está fazendo.

— Estou só olhando as estatísticas — respondeu Paul. — É mais fácil do que imprimir todas elas.

Paul queria ver as estatísticas porque elas lhe permitiam entender os jogadores amadores de novas maneiras. Ele se formara em economia com louvor, mas seu interesse, que não encontrou incentivo no departamento de economia de Harvard, se situava na fronteira movediça entre psicologia e economia. Era fascinado pela irracionalidade e pelas oportunidades que criava nos assuntos humanos para aqueles que resistissem a ela. Era o tipo de pessoa que poderia ter facilmente enriquecido com finanças, porém o mercado dos jogadores de beisebol, na opinião de Paul, era muito mais interessante do que qualquer coisa que Wall Street pudesse oferecer. Havia, para começar, a tendência de todos os praticantes do esporte a generalizar de forma desenfreada a partir de sua experiência pessoal. As pessoas sempre achavam que suas experiências eram o padrão, quando não eram. Havia também a tendência a serem excessivamente influenciadas pelo desempenho mais recente de um jogador; no entanto, o que ele fez por último não era necessariamente o que faria em seguida. Em terceiro lugar, mas não menos importante, havia a propensão de privilegiar o que se via ou o que se julgava ver com os próprios olhos. A mente humana pregava peças em si mesma quando confiava apenas no que via, e cada peça que pregava era uma oportunidade financeira para quem enxergasse a realidade além da ilusão. Havia inúmeras coisas que não era possível enxergar quando se assistia a uma partida de beisebol.

Para Billy Beane, era algo um pouco diferente, um pouco menos cerebral e um pouco mais visceral. Billy pretendia retirar dos olheiros o poder de decidir quem seria e quem não seria jogador profissional, e Paul era sua arma.

Grady não sabia de nada disso. Ele ignorara a insistência de Paul para que observassem os jogadores que o computador mostrava. Paul dissera aos olheiros que dessem uma checada num garoto de faculdade chamado Kevin Youkilis. Youkilis era um defensor de terceira base gordo, que não corria, não arremessava nem defendia. Para que olhar *aquilo*? (Porque, como Paul teria condições de dizer três meses mais tarde, Kevin Youkilis tem a segunda maior porcentagem de chegada em base de todo o beisebol profissional, ficando atrás apenas de Barry Bonds. Paul o chamaria de Euclis, o deus grego das caminhadas.) Grady e seus

olheiros haviam ignorado quando Paul lhes dissera que prestassem atenção num arremessador universitário chamado Kirk Saarloos. Saarloos era um arremessador destro, baixo, cuja bola rápida atingia apenas 140 quilômetros por hora. Para que perder tempo com um destro baixo como aquele? (Porque, como Paul poderia dizer menos de um ano depois, Saarloos é um dos dois únicos arremessadores do recrutamento de 2001 jogando nas grandes ligas.)

O que impressionava Grady era a violência bruta. Era tradição corrente no beisebol que os olheiros saíssem e descobrissem os jogadores por conta própria, sem precisar se preocupar muito com o gerente geral fiscalizando. E, se havia uma coisa que Grady sabia a respeito de Billy, era que ele estava pouco se fodendo para a tradição do beisebol. A única coisa que importava para Billy era vencer. Alguns dias depois do recrutamento de 2001 — na ausência de Billy, que continuava a não falar com ele —, Grady entrou no escritório de Paul. Num tom conciliador, admitiu que ainda precisava contratar um arremessador para completar a lista dos times de novatos para a Liga do Arizona. Havia aquele garoto que Paul mencionara e que, junto com Youkilis e Saarloos, Grady desdenhara. Chamava-se David Beck. Ninguém o recrutara. Trinta times da liga principal, cada qual escolhendo cinquenta candidatos, o haviam rejeitado. O curioso era que o computador de Paul destacara o nome de Beck somente porque um dos colegas de sua equipe na Universidade de Cumberland, no Tennessee, um garotão cuja bola rápida chegava a 158 quilômetros por hora, entrara na lista de todos como provável escolha de primeira rodada. Paul percebera que, na mesma turma desse arremessador unanimemente considerado como escolha de primeira rodada, estava aquele completo desconhecido, um canhoto de 1,93 metro que tinha números até melhores do que seu colega mais destacado. Ele cedia menos corridas, menos home runs, com mais eliminações por strikes e menos andadas a cada nove entradas. E Paul ficou curioso: talvez o garoto tivesse alguma coisa que os olheiros não haviam notado.

Ninguém respondeu à sua curiosidade. Passaram-se meses sem nenhuma palavra do departamento de olheiros a respeito de Beck. Por fim, Paul perguntou a Grady, que disse: “Ah, sim, esqueci. Vou mandar um dos olheiros dar uma espiada.” Mas não mandou, pelo menos não para valer. Quando Paul perguntou outra vez, Billy Owens, o olheiro do A’s responsável por cobrir o Tennessee, respondeu de má vontade dizendo que Beck era “um arremessador lento”. No código dos olheiros, “arremessador lento” significa “não merece meu tempo”. Paul continuava com a impressão de que ninguém se dera ao trabalho de observar David Beck.

Quando foi falar com Paul após o recrutamento, Grady estava com outra disposição a respeito de David Beck e perguntou:

— É pra contratar seu cara?
— Que cara? — indagou Paul. Tinha se esquecido de Beck.
— Beck — respondeu Grady.
— Grady, ele não é *meu* cara — disse Paul. — Eu só te pedi para dar uma verificada.

Grady estava ansioso em fazer as pazes com os executivos e achou que conseguiria isso fazendo um agradinho a Paul. Apressou-se em contratar David Beck, sem nem vê-lo jogar. Alguns dias depois, Beck compareceu ao local de treino do Athletics em Scottsdale, no Arizona. Por acaso, a maioria dos olheiros estava lá, e Paul também, quando Beck começou a se aquecer na margem do campo. Foi uma das cenas mais bizarras ocorridas no monte do arremessador que qualquer um deles já tinha visto na vida. Quando o garoto esticou o braço esquerdo para trás, na hora do arremesso, a mão esquerda caiu e começou a girar de maneira frenética. Era como se nem tivesse pulso: parecia que a qualquer momento a mão ia se desprender e sair voando. O garoto tinha hipermobilidade, talvez até fosse aleijado. Naquele momento, David Beck deixou de ser tratado pelo nome entre os olheiros e se tornou simplesmente “A Criatura”. Um olheiro de outro time foi direto até Billy Owens, dando risada, e perguntou como ele fora capaz de contratar A Criatura. Billy Owens apontou para Paul e respondeu: “Não fui eu que contratei. Foi Paul que me obrigou.”

Assim, A Criatura dominou a liga dos novatos do Arizona. Com sua mão de Halloween e sua bola rápida de 135 quilômetros por hora, impediu de tal forma o jogo dos adversários que eles nunca souberam o que aconteceu. Na temporada curta, A Criatura arremessou em dezoito entradas como reserva, eliminou 32 rebatedores por strikes e terminou com uma ERA (*earned run average*, média de corridas cedidas) de 1,00 redondo. Foi escolhido para o time All-Star dos novatos como arremessador fechador.

A Criatura foi a primeira contratação saída do computador de Paul feita pelo departamento dos olheiros do Athletics. Muitas outras se seguiriam. O recrutamento de 2002 viria a ser a primeira experiência científica de Billy Beane com jogadores amadores.

* * *

AINDA NEM ERAM dez da manhã e todos na sala de recrutamento, exceto os diplomados em Harvard, estavam com a boca cheia de fumo de mascar. O cheiro

do tabaco transformava os rostos numa máscara de firme determinação. Quem tivesse nome com mais de duas sílabas ou que não terminasse numa vogal ou numa consoante fácil, recebia um apelido para facilitar a conversa de beisebol. Ron Hopkins é “Hoppy”, Chris Pittaro é “Pitter”, Dick Bogard é “Bogie”. Eram, na maioria, ex-defensores internos que em algum momento tinham deixado a carreira nas ligas menores. Alguns até haviam chegado às grandes ligas, mas por tão pouco tempo que quase nem contava. John Poloni arremessara sete entradas em 1977 com o Texas Rangers. Kelly Heath tinha jogado na segunda base na organização do Royals e, na verdade, chegou a ir uma vez ao bastão numa das ligas maiores em 1982 quando o segunda base titular do Royals, Frank White, decidiu no meio de uma partida que sua hemorroida estava incomodando. Como disse um dos olheiros, Kelly era o único jogador da história cuja carreira completa na liga principal só foi possível graças a um cuzão. Chris Pittaro jogara na segunda base no Tigers e no Twins. Em 1985, durante o ano de novato de Pitter, o técnico do Tigers, Sparky Anderson, teria dito que Pitter “tem chance de se tornar o maior segunda base que já existiu”. Não foi isso que aconteceu.

Todos eles tinham vivido versões diferentes da mesma história. Eram molas soltas, fogos de artifício que falharam. Ali na sala, o único jogador titular legítimo da liga principal era Matt Keough, que ganhara dezesseis partidas para o A’s em 1980. Em 1978, seu ano como novato, tinha sido arremessador no All-Star Game. Matty, como o chamam, era de longe o mais tranquilo do grupo. Parecia um cara que interrompera suas férias espirituais perpétuas no Havaí para visitar e bater papo com seus velhos camaradas. Os demais não eram assim.

Não havia como ocultar a importância do recrutamento de 2002 para o futuro do Oakland A’s. O clube sobrevivia encontrando mão de obra barata. O tratamento dado aos jogadores amadores é o mais flagrante exemplo das diversas transgressões dos princípios do livre mercado na MLB. O time que recruta e contrata um atleta amador detém os direitos sobre seus primeiros sete anos nas ligas menores e seus primeiros seis anos nas principais. Também tem o direito de pagar ao jogador muito menos do que ele merece. Por exemplo, o Athletics pôde pagar a Barry Zito, seu arremessador All-Star, 200 mil dólares em 2000, 240 mil em 2001 e 500 mil em 2002 (quando ganhou o Prêmio Cy Young de melhor arremessador da Liga Americana) porque eles o haviam recrutado em 1999. Nos três primeiros anos jogando nas grandes ligas, o salário de Zito ficou congelado; para os três anos seguintes, ele poderia pedir uma arbitragem salarial, que o levaria talvez a alguns milhões de dólares por ano, mas ainda o mantinha bem abaixo dos 10-15 milhões anuais que poderia conseguir no mercado. Apenas em 2007, depois de estar seis anos na liga principal, é que Barry Zito poderia, como qualquer outro cidadão, vender seus serviços a quem desse o lance mais alto. A

essa altura, claro, o A's não teria mais condições de bancar o preço de Barry Zito. Por isso era importante encontrar um Barry Zito, ali, na sala de recrutamento, e ficar com ele durante o período de sua carreira em que poderiam lhe pagar o que, no beisebol, equivale a um salário de escravo.

Esse ano era a melhor chance que tinham para encontrar vários Barry Zito. Em 2001, o Athletics perdera seus três principais agentes livres para times mais ricos. O primeira base Jason Giambi saíra e fora para o Yankees, num contrato de 120 milhões de dólares por sete anos. O defensor externo Johnny Damon fora para o Red Sox por 32 milhões por quatro anos. O arremessador fechador Jason Isringhausen assinara contrato com o Cardinals por 28 milhões por quatro anos. O total de 33 milhões que os três jogadores ganhariam por ano ficava apenas cinco milhões abaixo da folha salarial de todo o time do Athletics. As regras do jogo garantiam ao A's as escolhas de primeira rodada dos três times que tinham abocanhado seus principais talentos, além de mais três escolhas “compensatórias” no final da primeira rodada. Somando sua própria escolha na primeira rodada, o Oakland tinha, então, sete escolhas desse tipo. Em toda a história do recrutamento desde 1965, nunca um time ficara com tantas escolhas na primeira rodada. A questão, para Billy Beane, era o que fazer com elas. O que ele certamente *não* faria era o que Grady fizera no ano anterior, ou o que a velha guarda do beisebol havia feito nos últimos 37 anos. “Sabe de uma coisa?”, disse Billy a Paul, antes das reuniões na sala de recrutamento. “Qualquer coisa que a gente faça nunca será pior do que aquilo que fazíamos antes.”

Os olheiros já tinham limado, ou pelo menos assim pensavam, todo o enorme universo do beisebol amador americano, reduzindo-o a 680 jogadores. Haviam colado todos os nomes em plaquinhas magnéticas. Agora dispunham do prazo de uma semana para pôr alguma ordem naquela pilha de plaquinhas. Usaram uma espécie de processo por eliminação. Erik lia numa folha o nome de um garoto. O olheiro que o indicara então fazia uma descrição rápida e objetiva. Quem mais tivesse visto o garoto em ação podia intervir. Aí a discussão se abria a todos e prosseguia até acharem que já tinham informação suficiente.

Eles começam essa primeira manhã depurando a pilha. Um bom número de amadores, por uma ou outra razão, não merece maiores considerações.

“Lark”, diz Erik, por exemplo. Trata-se de Erik Kubota, o novo olheiro-chefe, um jovem que Billy contratou no lugar de Grady. Erik mascava um punhado enorme de tabaco Copenhagen para disfarçar sua condição de intelectual formado em Berkeley, cujo primeiro trabalho no Athletics tinha sido como estagiário de relações públicas. O fato de nunca ter jogado, nem no ensino médio, era um ponto a seu favor na opinião de Billy Beane. Pelo menos não tinha aprendido as coisas erradas. Billy jogara como profissional, experiência

que julgava necessário superar para fazer seu trabalho bem. “Um alcoólatra recuperado”, era como ele se definia.

Lark é um arremessador do ensino médio com uma velocidade de bola assombrosa. É o predileto de um dos olheiros mais antigos, que o apresenta numa linguagem que mal parece inglês.

— Corpo bom, braço grande. Bola rápida boa, slider passável, change-up mais ou menos — diz ele. — Um arremesso meio bisonho, mas nada que não dê pra consertar. Eu o vi bom em um dia. Em outro dia, não tão bom.

— Algum risco de ir para a faculdade? — quer saber Erik.

— Não é do tipo — responde o olheiro mais velho. — Nem sei se chegou a se inscrever em alguma faculdade.

— Então o cara é tapadão? — pergunta Pitter. Chris Pittaro cursou pós-graduação na Universidade da Carolina do Norte e foi companheiro de quarto de Billy quando os dois jogavam pelo Minnesota Twins. Billy o identificara tempos atrás como alguém disposto a repensar tudo o que aprendera, ou pensava ter aprendido, jogando beisebol.

— Ah — pondera o olheiro, pensando como responder à pergunta. Um jogador de beisebol pode ser idiota demais para executar a função. Ou pode também ser inteligente demais. A frase “Talvez seja inteligente demais” reaparecerá várias vezes ao longo da semana.

— O garoto é confiante. Mas...

— Mas... — diz Erik aguardando a continuação.

— Aí tem alguns, bem, problemas de família — explica o olheiro veterano. — Ouvi dizer que o pai ficou um tempo preso. Pornô ou coisa assim.

Ninguém na sala parece saber o que fazer com a informação. Dá para ver trinta caras pensando: *pornografia é crime?*

— Ele tem chance? — pergunta alguém finalmente. O ambiente fica mais leve.

— Consigo ver o cara algum dia no banco de algum time, arremessando bolas rápidas — afirma o olheiro. — O braço do cara é um canhão. — Esse veterano está com seus 55 anos, mas ainda é ágil e esguio, como se não tivesse abandonado totalmente as esperanças de vir a jogar algum dia. Ele gosta da garotada do ensino médio e não tem problemas com isso.

— Fico preocupado com o perfil dele — comenta alguém.

— O que consta na avaliação? — pergunta outro.

Um rapaz está sentado quieto num canto da sala, onde fica o único computador. Bate em algumas teclas. Está procurando os resultados de Lark no exame psicológico a que a MLB submete todos os possíveis candidatos.

— Não é bom — responde por fim. — Instinto de competitividade: um em

dez. Liderança: um em dez. Conscienciosidade: um em dez. — Continua lendo a lista, mas, independentemente da categoria, a nota do garoto é sempre a mesma.

Por fim, Bogie diz:

— Mas que merda, não tem sequer um *dois* em coisa nenhuma?

Bogie é o olheiro mais antigo. Em 1972, como olheiro do Houston Astros, ele aplicou o que julga ter sido o primeiríssimo exame psicológico no beisebol num arremessador chamado Dick Ruthven. (Ele passou.)

— O perfil é ruim — diz um terceiro, e ninguém discorda.

Os olheiros usavam vários códigos para descrever o que precisavam evitar. “Tapadão”, claro, não é uma coisa boa, mas dá para passar por cima. “Mole” também é condenatório — pode significar tanto “fora de forma” quanto “fracote” —, mas também não é decisivo. “Perfil ruim” é sentença de morte. Quer dizer “esse menino tem problemas que não podemos resolver”. Abrange qualquer coisa, desde prisão e alcoolismo a graves transtornos de personalidade. Sempre que condenam um jogador pelo “perfil ruim”, outro rapaz tira de uma caixa de papelão uma fotinho pequena, com ímã, de um ex-funcionário do A’s, chamado Phil Milo. Por um breve período, Milo foi um dos assistentes de Billy Beane e, nesse curto espaço de tempo, ofendeu praticamente todo mundo na organização. Quando pergunto a Paul como foi possível que um sujeito sozinho personificasse tantos transtornos psicológicos distintos, ele responde: “Um exemplo: no dia em que fui contratado, Milo veio me conhecer. A primeira coisa que ele soltou foi: ‘Vou ser franco. Realmente não gostei nada de termos contratado você.’” Milo era assim.

Nos primeiros dias das reuniões de recrutamento, as fotinhos de Phil Milo voam como confetes. E as conversas que terminam com a imagem de Milo pregada ao lado do nome de um possível candidato revelam algo: não só quais características de um jogador despertam desconfiança nos homens do beisebol, mas também que eles não sabiam quase nada sobre os caras que estavam prestes a encher de dinheiro.

* * *

U_{M ARREMESSADOR DO ensino médio:}

— *Pra que faculdade ele vai?* — pergunta Billy despreziosamente.

— *Não vai* — responde o olheiro que mais conhece o candidato. — *É um garoto cristão e ganhou uma visita à Universidade da Califórnia em Irvine. O*

treinador o deixou com uns jogadores seus. Levaram o moleque pra uma festa onde só rolava bebida. Ele ficou ofendido e foi embora dizendo: “Não vou para a faculdade.”

— Ah, então vai se encaixar direitinho no esporte profissional, né? — comenta Billy.

— Bota um Milo nele — diz Erik.

Um arremessador destro de universidade:

— O cara é muito metido — diz Matt Keough, que argumentava a favor do arremessador. — Te manda ir pastar. Fica te insultando. Aí você odeia o cara. Teve algumas expulsões.

— E drogas, nada? — pergunta Erik.

— Não, nada de drogas — responde Matty, mas repensa. — Tem uns boatos de erva.

Um olheiro veterano dá risada.

— Ervas finas da Provença?

— Sem provas — protesta Matty.

— Onde há fumaça há fogo — afirma outro veterano.

Erik levanta o olhar:

— Era ele que andava vendendo uns baseados no colégio?

— Porra! — exclama Matty, agora genuinamente indignado. — Isso foi três anos atrás!

Todo mundo resmunga.

— Bota um Milo nele — diz Erik, cuspiendo sumo de tabaco.

Um defensor externo de rebatida forte:

— Não sei se ele quer assinar contrato. Disse que queria fazer faculdade de direito.

— Faculdade de direito?

— Acho que é pressão da namorada.

— Quer é amor, tá parecendo.

— Bota um Milo nele.

Outro arremessador universitário, este canhoto:

— O cara não tem nota — diz um olheiro.

— Nota ruim, você quer dizer? — indaga outro.

— Não, nota nenhuma mesmo — responde o primeiro.

— Mas como o cara pode não ter nota nenhuma na Chico State? — pergunta o outro.

— Na verdade, ele não tem vontade nenhuma de estar na faculdade — explica o primeiro olheiro, em tom quase de admiração. — Esse cara foi feito pra jogar bola.

— Não fico muito entusiasmado com um cara que não tem a menor vontade de ir para a faculdade — diz Billy. — Não é nenhuma medalha de honra.

— Bota um Milo nele.

* * *

BILLY NÃO INTERFERE muito na pesquisa de perfil negativo e Paul não diz nada. As reuniões, para eles, servem para minimizar os riscos. Não podem se dar ao luxo de escolher caras que não deem resultados. Não faz sentido apostar em jogadores inadequados para o beisebol profissional, seja em termos de temperamento ou de ficha policial. A certa altura, Billy ergue os olhos e pergunta: “Quem é aquele garoto que pegamos no ano passado e tivemos de dispensar porque roubou um banco?” Os outros estão concentrados demais separando os perfis ruins e não respondem ou sequer percebem a estranheza da pergunta.

Os primeiros dias foram, na maior parte, dedicados a peneirar os 680 jogadores da pilha inicial. Tirando excessos de afeto pela namorada, ficha policial ou outros sinais de “perfil ruim”, só havia duas razões pelas quais o Athletics não perdia mais tempo com um jogador. Uma delas era a idade: salvo raras exceções, os novos chefes dos olheiros descartam imediatamente todos os jogadores do ensino médio, deixando os olheiros mais novos — que dedicaram seus dias a acompanhar o desempenho deles — sem saber por que se deram ao trabalho. A outra razão é aquilo que, na sala de recrutamento, conhecem pelo eufemismo de “expectativas”.

— Quais são as expectativas dele? — pergunta Erik Kubota sobre um arremessador universitário promissor.

O olheiro que o conhece melhor responde:

— O pai dele falou bem assim: “4,2 milhões é um bom começo.”

— Põe pra lá — diz Erik.

Quando a ficha do rapaz vai para o descarte, ninguém ali se importa.

* * *

No FIM DO terceiro dia, os olheiros estão com os jogadores divididos em dois grupos: os que não merecem maiores considerações e todos os restantes. O segundo grupo, talvez uns quatrocentos atletas, eles separam por posição. Classificam 120 arremessadores destros; listam 37 receptores, de 1 a 37, e 94 defensores externos, de 1 a 94. Mas, antes disso, deixam de eliminar e passam a selecionar os jogadores. Billy já deixou claro que, nesse ano, seu interesse por arremessadores é apenas secundário. Nos últimos anos, ele acumulou um bom estoque de braços. Agora precisa é de rebatedores. No quadro branco mais perto de Billy, o “Quadro Grande”, há espaço para sessenta nomes. Apenas um lugar, o primeiro, está preenchido:

SWISHER

Nick Swisher, defensor central da Universidade Estadual de Ohio. Nos últimos seis meses, Billy se sente seguro em relação a Swisher e sabe que não ouvirá nenhum pio de discordância por parte de seus olheiros. Swisher é um caso raro de concordância entre o computador de Paul e a bússola interna da velha guarda do beisebol. Ele tem a capacidade atlética pura que os olheiros adoram, mas tem também as estatísticas que Billy e Paul resolveram que são mais importantes do que todo o resto: provou que sabe rebater e com potência, e o número de andadas é mais do que suficiente.

O engraçado é que Billy nunca chegou realmente a ver Swisher jogar. Quis atravessar o país para assistir a algumas partidas do garoto, mas o departamento de olheiros falou que, se ele fosse, a notícia de que Billy Beane estava interessado em Nick Swisher logo se espalharia por toda a MLB, o preço dele subiria e a probabilidade de que ainda estivesse disponível na hora da primeira escolha do Athletics — a 16ª geral no recrutamento — despencaria. “Operação desligamento” foi o nome que os olheiros deram ao plano de manter Billy o mais longe possível de Swisher.

A operação desligamento produziu alguns efeitos perversos. Um deles foi levar Billy a falar de Swisher no tom ansioso do apaixonado privado há muito de ver sua amada. Swisher é a noiva que ele só conhecia por fotografia.

— Swisher não passa despercebido, não é? — comenta Billy, querendo ouvir mais sobre a *aparência* do jogador. Como ele *realmente* é.

— Ah, não mesmo — diz um olheiro veterano. — Desde a hora em que sai do ônibus, não para de falar.

— A história dele é interessante — afirma Billy. — O pai foi jogador da

divisão principal. Isso é magnífico. Um grande trunfo a seu favor. Esses caras vão longe. — O pai de Swisher é Steve Swisher, que foi receptor no Cubs, no Cardinals e no Padres.

— Ele tem presença — concorda outro veterano.

— A operação desligamento deu certo? — pergunta Billy.

— Ô, até demais — responde um olheiro. — Um cara do White Sox me ligou ontem e disse que você deve estar apaixonado por Swisher, pois não o viu ainda.

Billy dá risada.

— Fora dessa sala Swisher é segredo total — diz ele.

Nick Swisher deixa de ser o tema da conversa e, na hora em que isso acontece, o tom fica contencioso. Não agressivo, porém — o interesse deles é chegar a um acordo. A conversa é no mesmo tom de uma reunião numa grande empresa que acaba de decidir suspender uma linha de produtos ou transferir recursos do marketing para pesquisa e desenvolvimento. Mesmo assim, é uma disputa entre dois lados separados por uma diferença fundamental. De um lado estão os olheiros veteranos e do outro está Billy Beane. Os veteranos são como um coro grego; a função deles é enfatizar os temas eternos do beisebol, que são exatamente o que Billy Beane quer explorar para se beneficiar — ao ignorá-los.

Um por um, Billy pega os nomes dos jogadores que encantaram os olheiros veteranos e começa a apontar seus defeitos. Na primeira vez, um olheiro protesta.

— Esse cara é um atleta, Billy — diz o veterano. — Tem muito potencial aí.

— Ele não sabe rebater — contesta Billy.

— Não é tão ruim assim como rebatedor — responde o olheiro.

— Tá, e o que acontece quando ele não sabe que está vindo uma bola rápida? — questiona Billy.

— Ele tem todas as habilidades — diz o olheiro com ar defensivo.

A velha guarda não é feita para discutir, é feita para *concordar*. Os olheiros fazem parte de uma classe muito unida de ex-jogadores de beisebol. O veterano olha para os lados, procurando apoio. Não encontra.

— Mas sabe *rebater*? — pergunta Billy.

— Sabe — responde o olheiro, de maneira não muito convincente.

Paul lê as estatísticas de rebatidas do jogador na equipe da faculdade. Destacam-se pela ausência de rebatidas multibase e de andadas adicionais.

— Minha única pergunta é: se ele é um rebatedor tão bom, por que não rebate melhor? — retoma Billy.

— Sua mecânica no bastão precisa ser um pouco mais trabalhada. Você tem de reinventar o cara. Mas ele sabe rebater.

— O beisebol profissional não é muito bom em reinventar os caras — diz

Billy.

Fosse lá o que passasse pela cabeça de alguém mais velho que não tivesse conseguido se tornar um astro das grandes ligas enquanto observava um sujeito mais novo e tentava imaginar se poderia vir a ser um grande jogador, Billy não queria ter nada a ver com aquilo. Ele já estivera nesse papel, como objeto dos sonhos de velhos olheiros, e sabia o que esses sonhos valiam. A velha guarda sempre repete: “O cara tem um grande físico” ou “Esse cara deve ter o melhor corpo no recrutamento”. E, a cada vez que falam isso, Billy responde: “Não estamos vendendo jeans” e acrescenta à sua lista dos merdas mais um jogador altamente elogiado e apreciado pelos olheiros. Um após o outro, todos os jogadores enaltecidos pelos olheiros desaparecem do quadro até ele ficar vazio. Se o Athletics não vai usar suas sete escolhas de primeira rodada para recrutar os atletas que seus olheiros adoram, quem então o clube vai pegar? A pergunta começa a ser respondida no instante em que Billy Beane, depois de jogar mais um nome nos escombros, acrescenta outro:

TEAHEN

Os olheiros mais velhos se reclinam em suas cadeiras, com escarradeiras na mão. Paul se debruça sobre um laptop e calmamente puxa as estatísticas dos sites universitários. Erik Kubota, diretor dos olheiros, está com uma listagem de classificação de todos os jogadores amadores de beisebol do país. Folheia páginas e mais páginas, passa por centenas e centenas de nomes, até encontrar Teahen.

— Fale de Teahen para nós — pede Billy.

Mark Teahen, diz Erik, é um terceira base do St. Mary’s College, logo adiante em Moraga, na Califórnia.

— Teahen: 1,90 metro, 95 quilos. Rebate com a esquerda, lança com a direita. Boa abordagem no bastão. Não tem muita potência por ora. Nosso tipo de cara. Ele sabe quando não rebater.

— Por que não falamos desse cara antes? — pergunta o velho olheiro.

— Porque Teahen não tem boa projeção — responde Erik. — É um jogador de canto de campo que não rebate muitos home runs.

— Potência é algo que dá para adquirir — diz Billy depressa. — Bons rebatedores desenvolvem potência. Rebatedores potentes não se tornam bons rebatedores.

— Você o vê jogando na terceira base ou interbases? — pergunta outro veterano, como um advogado de acusação conduzindo uma testemunha.

— Vamos esquecer as posições e perguntar uma coisa só: quem é o melhor rebatedor? — diz Billy.

Paul ergue os olhos do laptop.

— Teahen: ,493 em base e ,624 de potência no bastão. Trinta andadas e apenas dezessete eliminações por strikes em 194 idas ao bastão. — Não dá para saber muito bem como os olheiros interpretam esses números. Os olheiros de outros times quase com certeza diriam: e quem se importa com os números de um cara? É beisebol universitário. Você precisa *olhar* o cara. *Imaginar* o que ele pode vir a ser.

Todos ficam olhando o nome de Teahen por uns trinta segundos em silêncio. Erik diz: “Detesto dizer, mas, se vocês quiserem outro Jason Giambi, este pode ser o cara.” Giambi era um rebatedor nato que só desenvolveu potência depois de ser recrutado pelo Athletics. Na segunda rodada. Passando por cima das objeções dos olheiros que diziam que ele não sabia correr, nem arremessar, nem defender, nem rebater com potência. Jason Giambi: escolhido como o Jogador Mais Valioso (MVP, *Most Valuable Player*) da Liga Americana na temporada de 2000.

Mais silêncio. Décadas de prática como olheiros se mostravam sem sentido. “Não quero cortar o barato”, diz por fim um dos olheiros, “mas não ouvi *nem uma única vez* o nome de Teahen durante o ano todo. Não ouvi nenhum outro time falar dele. Não ouvi o nome dele *por aqui* durante o ano inteiro. Não era nenhum 55 que agradasse a todos nós”. Os olheiros dão números aos jogadores. É um daqueles pequenos truques que conferem um ar de precisão à tarefa dos olheiros. O “55” é aquele jogador que os olheiros acham que algum dia poderá estar numa grande liga.

— Quem você prefere? — pergunta Billy.

O olheiro veterano se reclina na cadeira e cruza os braços.

— Que tal Perry? — sugere ele. — Quando você o vê acertar o movimento durante uma rebatida, é impressionante. Precisa de algum trabalho. Precisa ser retrabalhado um pouco.

— Não se muda os caras — diz Billy. — Eles são o que são.

— É só minha opinião — replica o olheiro e cruza os braços.

Depois que Teahen é incluído no alto do Quadro Grande, Billy Beane pega uma caneta e escreve outro nome:

BROWN

Os quatro olheiros na frente dele ou fazem careta ou caem na risada. Brown? *Brown*? Billy não pode estar falando sério.

— Vamos falar de Jeremy Brown — diz Billy.

Ao passar de Mark Teahen, seja ele quem for, para Jeremy Brown, seja *ele* quem for, na cabeça dos olheiros, Billy Beane saiu do remotamente plausível para o ridículo. Jeremy Brown entrou nas listas dos olheiros por pouco. O nome dele consta lá na última página; é um cisquinho na ralé que os olheiros, na

melhor das hipóteses, veem como jogadores de menor nível das ligas menores. É um receptor do último ano na Universidade do Alabama. Apenas três dos olheiros veteranos o viram em jogo e nem de longe pensaram em considerá-lo como eventual jogador da liga principal. Todos têm uns mil jogadores com pontuação acima dele.

— Jeremy Brown é um receptor com físico bem ruim — diz o veterano mais falante.

— Um físico ruim que domina os livros de recordes do Alabama — diz Pitter.

— É o único jogador na história da Southeastern Conference com trezentas rebatidas e duzentas andadas — diz Paul, erguendo os olhos do computador.

Porém, o interessante é o que ele não diz. Ninguém no beisebol das grandes ligas se interessa pelo número de andadas dos jogadores universitários; para Paul, é o que mais interessa. Mas ele não explica por que as andadas são importantes. Não explica que voltou e estudou quais rebatedores amadores chegaram e quais não chegaram às grandes ligas, e qual a razão disso. Não explica que as características importantes num jogador de beisebol não têm, todas elas, a mesma importância. Que a velocidade na corrida, que a habilidade na defesa e mesmo a força bruta tendiam a ser excessivamente superestimadas. Que a habilidade de controlar a zona de strike era o maior indicador de sucesso futuro. Que o número de andadas de um rebatedor era o melhor indicador para mostrar se ele entendia como controlar a zona de strike. Paul não diz que, se um cara tem olho bom para os arremessos durante a universidade, provavelmente manterá esse olho bom no esporte profissional. Não explica que a disciplina no bastão pode ser uma característica inata, e não algo que um amador que rebate toda e qualquer bola possa aprender quando for profissional. Não comenta nenhuma das outras percepções com base nas estatísticas — a importância determinante do aproveitamento do jogador chegando em base, a relevância dos arremessos vistos por passagem no bastão — que ele utiliza para avaliar com precisão a contribuição de um rebatedor para o ataque. Não ressalta a importância de extrair generalizações a partir de um grande, e não de um pequeno, conjunto de informações. Não explica nada disso porque Billy não quer. Billy vivia dizendo a Paul que quando se tenta explicar a teoria da probabilidade ao pessoal do beisebol isso só os deixa mais confusos.

— Esse garoto usa uma cueca muito grande — diz outro olheiro veterano. É a primeira vez em dois dias que ele abre a boca para falar. Aproveita por um instante a atenção especial que se concede a quem mantém o silêncio durante uma reunião importante. Os outros na sala só podem supor que, se o olheiro decidiu falar, deve ser porque tinha algo da maior importância para dizer. Não era o caso.

— E...? — pergunta Billy.

— Tem um corpo mole — diz o velho olheiro mais falante. — Um corpo carnudo.

— Ah, você quer dizer, como Babe Ruth? — retruca Billy. Todo mundo ri, os caras do lado de Billy de forma mais alegre do que os olheiros mais velhos na frente dele.

— Não sei — responde o olheiro. — Um corpo daqueles pode ser de baixa energia.

— Às vezes baixa energia quer dizer que o cara é tranquilo — argumenta Billy.

— É — diz o outro. — Bom, neste caso a baixa energia é porque, quando ele anda, as coxas roçam uma na outra.

— Repito: não estamos vendendo jeans — protesta Billy.

— Ainda bem — afirma o olheiro. — Pois, se você pusesse uma calça cotelê nele, ia pegar fogo.

Pegando a plaquinha amarela de Jeremy Brown, Billy vai em direção ao Quadro Grande dos “Top 60”. Os olheiros se viram e escarram. A principal publicação sobre a descoberta de talentos, a revista *Baseball America*, acaba de lançar seu número especial dedicado ao recrutamento de 2002, com uma lista dos 25 principais receptores amadores do país. O nome de Jeremy Brown não consta da lista. A *Baseball America* chegou a sugerir que já seria muita sorte se Jeremy Brown chegasse a ser recrutado. Billy Beane está colocando Jeremy Brown nas cinco primeiras rodadas do recrutamento.

“Billy, ele pertence mesmo a esse grupo?”, pergunta o veterano em tom queixoso. “Ele foi escolhido na 19ª rodada no ano passado e vai ter sorte se for escolhido este ano.” O Red Sox tinha chamado Brown no ano anterior, mas ele recusou a proposta a preço de banana que lhe fizeram e voltou à Universidade do Alabama para cursar o último ano. Essa decisão começava a parecer sensata.

Os demais olheiros veteranos compartilhavam a incredulidade do companheiro. Um deles, o olheiro gordo, ao voltar da viagem à Universidade do Alabama que fizera por ordem de Billy, ligou para ele e disse que não recomendava recrutar Jeremy Brown. Ponto final. Só na América do Norte, havia uns mil e quinhentos jogadores elegíveis que ele poderia sugerir em vez desse receptor fora de forma. Como todos os olheiros, a principal impressão do veterano gorducho era que Brown era gordo e estava engordando ainda mais. Além disso, tinha também a impressão de que Brown não parecia grande coisa em qualquer outra função que não fosse rebater. “Atrás do home plate, ele não tem mobilidade”, diz agora o olheiro gordo. “Todos os seus lançamentos são de estilingue.” Geralmente, os lançamentos de um receptor com movimento de

estilingue não seguem em linha reta, mas desviam para o lado da segunda base que dá para a primeira base.

Billy avança um passo até o Quadro Grande, prende a plaquinha com o nome de Brown no alto da segunda coluna, o 17º lugar, e diz: “Tudo bem, rapazes, abaixem o lugar dele.” Jeremy Brown agora está sendo posto no começo da segunda rodada, ou até talvez no final da primeira rodada. Se olheiros de beisebol fossem capazes de arfar, esses aqui teriam arfado. Em vez disso, cospem o sumo do tabaco em seus potinhos de escarrar. É nesse instante que eles percebem a que ponto Billy Beane está disposto a levar sua visão supostamente racional e objetiva das coisas.

— Ah, caramba, Billy — protesta o olheiro falante.

— Encontre um receptor que saiba rebater: não há nenhum lá fora que saiba rebater — afirma Billy. — Esse cara sabe.

Do outro lado da mesa, Erik olha e diz:

— Esse cara está no último ano e tem... ora, um histórico e tanto.

Os olheiros não entendem para que isso serve. Para eles, o histórico não é muito relevante quando se está falando de garotos que ainda não são o que virão a ser.

— Pô, pessoal — retoma Erik —, todos vocês jogaram com caras que tinham físico ruim e eram bons jogadores.

— É, joguei com Pitter — diz Billy. Todo mundo ri, inclusive Pitter. — Outra coisa sobre Brown — continua Billy —: ele anda pra cacete.

— É o que tem mais andadas no país — concorda Paul. Andadas!

— Ele prefere andar porque não consegue correr — ironiza um dos olheiros.

— Aquele físico, Billy — alega o olheiro mais falante. — Não é natural. — Agora ele está apelando.

— Tem coxa grossa — diz o gordo, mastigando ruidosa e pensativamente outro biscoito tamanho gigante com gotas de chocolate. — Uma bundona. A bunda dele é *enorme*.

— A cada ano aquele físico só piora, cada vez mais — acrescenta um terceiro.

— Mas ele sabe rebater? — pergunta Billy Beane.

— Querem ouvir uma coisa? — diz Paul olhando o site da Universidade do Alabama na tela do laptop. — Nos últimos dois anos: 390 idas ao bastão, 98 andadas, 38 eliminações por strikes. Esses números são melhores do que *qualquer um* das ligas menores. Ah, sim, e 21 jacks.

“Jacks” são home runs. “Dongs”, “bombs” e “big flies” também. O pessoal do beisebol manifesta sua paixão por alguma coisa inventando vários nomes para ela.

O olheiro gorducho ergue os olhos do biscoito gigante com gotas de chocolate

e tenta encontrar uma forma de mostrar como não está impressionado.

— Beeem — diz ele, falando ainda mais arrastado do que o normal —, vai que subestimei demais a capacidade do Jeremy Brown em rebateer.

— Não consigo ver — insiste o olheiro falante.

— Tudo bem — responde Billy. — Estamos combinando o que vemos, mas não nos permitindo sermos vítimas do que vemos.

Aquela conversa não tinha nenhuma relação com Jeremy Brown. O que estava em questão era como encontrar um jogador das grandes ligas. Segundo os olheiros, encontrava-se um jogador das grandes ligas rodando quase cem mil quilômetros, ficando em cem hotéis vagabundos, comendo sabe-se lá quantas refeições na rede de *fast-food* Denny's, tudo isso para poder assistir a duzentas partidas de beisebol de ensino médio e universitário num período de quatro meses, das quais 199 não serviriam para nada. Grande parte do valor de um olheiro consistia em pertencer à irmandade de veteranos que viviam disso. A parte pequena consistia naquela uma vez entre duzentas quando o olheiro ia até o estádio, encontrava um lugar na prancha de alumínio na quarta fila bem atrás do receptor e via algo que ninguém mais tinha visto — pelo menos ninguém que entendesse o significado daquilo. Bastava ver uma vez só. “Se você vê uma vez, aquilo existe”, diz Erik. “Sempre houve essa certeza em nosso ramo.” E, se o olheiro viu aquilo uma vez, ele, e só ele, sabe o significado daquilo que viu. Ele encontrou o garoto que vai torná-lo famoso.

Billy tinha suas próprias ideias sobre onde encontrar futuros jogadores das grandes ligas: no computador de Paul. Tinha namorado a ideia de despedir todos os olheiros e recrutar os garotos diretamente do laptop de Paul. A internet agora mostrava quase toda estatística que se quisesse sobre todos os jogadores universitários do país, e Paul conhecia todas elas. Seu laptop não tinha um botãozinho vermelho de alarme que girava e apitava a cada vez que o aproveitamento de um jogador em base passasse de ,450, mas era como se tivesse. Do ponto de vista de Paul, esta era a grande característica dos jogadores universitários: tinham estatísticas significativas. Jogavam um número de partidas muito maior, com adversários mais duros, do que os jogadores do ensino médio. O tamanho da amostra das estatísticas pertinentes era maior e, portanto, constituía um reflexo mais preciso de alguma realidade complementar. Era possível fazer projeções para os jogadores universitários com um grau de precisão maior do que nas projeções dos jogadores do ensino médio. As estatísticas permitiam ultrapassar os mais variados tipos de preconceitos derivados da observação dos olheiros: olheiros não gostam de arremessadores destros e baixos, por exemplo, ou desconfiam de magricelas miúdos que chegam bastante em base, ou não gostam de receptores gordos.

Era essa a origem do conflito em curso. Para Billy e Paul — e, em escala um pouco menor, para Erik e Chris —, um jogador jovem não é o que aparenta ser, nem o que pode vir a ser no futuro, mas sim *o que ele fez*. Por mais elementar que isso pareça a quem não conhece o beisebol profissional, ali naquela sala era uma heresia. Os olheiros inclusive têm uma expressão para o que Billy e Paul querem: “análise de desempenho”. “Analisar o desempenho”, nos círculos dos olheiros, é um insulto. Tal ideia bate de frente com a concepção do olheiro de que um jogador jovem é aquilo que ele, o olheiro, pode ver em ação em sua mente. Tal ideia considera que grande parte do que importa num jogador, talvez incluindo até mesmo seu caráter, pode ser encontrada em suas estatísticas.

Depois que Billy disse o que tinha a dizer sobre “ser vítima do que vemos”, ninguém mais sabia o que falar. Ficaram apenas olhando o nome de Jeremy Brown. Foi então, talvez, que todos eles entenderam que não estavam ali para tomar decisões. Estavam ali para aprender como as decisões passariam a ser tomadas a partir daquele momento.

— É uma abordagem muito avançada que estamos adotando este ano — diz Erik, cuja função, como vem ficando cada vez mais claro, é se colocar entre Billy e os velhos olheiros e tentar reconciliá-los. — Daqui a cinco anos, talvez todo mundo esteja fazendo da mesma maneira.

— Espero que não — diz Paul, mas não no sentido que os velhos olheiros gostariam.

— Bogie — chama Erik, invocando a enorme autoridade moral do olheiro mais antigo de todos, Dick Bogard. — Isso faz sentido para você?

Erik adora Bogie, embora, claro, nunca fosse dizer isso nesses termos. Quando Erik anunciou que queria sair do departamento de publicidade do Athletics e ir para a parte do esporte de verdade, mesmo nunca tendo jogado, Bogie não só não riu dele como lhe ofereceu incentivo. “Meu pai no beisebol” era como Erik chamava Bogie.

Além de ser o olheiro mais antigo, Bogie também havia trabalhado para a maioria dos outros times. É um mapa ambulante de seu mundinho próprio. Apesar da idade, ou talvez por causa dela, ele sabe quando algo antigo já chegou ao fim.

— Ah, sem dúvida — responde Bogie indo até o computador de Paul. — É um novo jogo. Anos atrás, não tínhamos essas estatísticas para olhar. Precisávamos nos basear no que víamos.

— Anos atrás, um contrato saía por apenas umas centenas de milhares — diz Erik.

Os outros olheiros não se abalam.

— Olha — continua Erik —, vamos ser nós, Pitter e eu, que as pessoas vão

questionar: “Que porra vocês fizeram? Que porra foi essa de pegarem Brown na primeira rodada?”

Ninguém fala nada.

— O mais difícil — explica Billy — é que é necessário um certo orgulho, ou falta de orgulho, para fazer a coisa direito. Você pega um cara nas primeiras rodadas que ninguém mais quer e isso te deixa numa posição incômoda. Mas, pô, e daí? Lembram o Zito? Todo mundo falou que a gente era doido de pegar Zito na nona escolha do recrutamento. E a gente *sabia* que todo mundo ia dizer isso. Um mês depois, ficou claro que a gente tinha se dado bem. Ninguém lembra mais disso. Mas entendam, quando a gente para de querer imaginar o que os outros vão pensar, a gente se sai melhor.

— Jeremy Brown não é Zito — afirma um dos olheiros. Mas é. Muitos ali na sala esqueceram que o departamento de olheiros não queria pegar Barry Zito porque sua bola rápida era de 140 quilômetros por hora. Preferiam um arremessador de alta velocidade chamado Ben Sheets. Mais tarde, Bogie admitiu: “Billy nos fez pegar Zito.”

— Me deixem perguntar uma coisa — diz Billy. — Se Jeremy Brown ficasse tão bem num uniforme quanto Majewski [defensor externo da Universidade do Texas que era uma verdadeira estátua grega], onde vocês o colocariam aqui neste quadro?

Os olheiros fingem refletir a respeito. Ninguém fala nada, e então Pitter fala por eles:

— Ficaria naquela primeira coluna.

Uma escolha de primeira rodada.

— Vocês estão mesmo tentando vender jeans, não é? — dispara Billy. E, com esse comentário de decepção afável, ele encerra o debate. Pega a plaquinha com o nome de Jeremy Brown e a transfere do alto da segunda coluna para a base da primeira, passando do 17º para o 15º lugar. Jeremy Brown, que por alguma razão não aparecia na lista da *Baseball America* entre os 25 melhores receptores amadores e que olheiros importantes achavam que nunca deveria entrar para o beisebol profissional, agora é uma escolha de primeira rodada para o Athletics.

— Já que estamos falando de Brown — diz Paul, o que não era bem verdade, pois os olheiros agora estavam ostensivamente *não* falando de Brown —, estou aqui com uma lista de rebatedores que quero comentar. Todos eles têm algumas qualidades em comum. São os oito caras que de fato queremos. E queremos *todos* os oito.

Paul lê a lista:

Jeremy Brown
Steve Stanley
John Baker
Mark Kiger
Shaun Larkin
John McCurdy
Brant Colamarino
Brian Stavisky

Os oito são jogadores universitários. São, em sua maioria, caras por quem os olheiros não têm apreço particular ou, em alguns casos, nem conhecem. Um rapaz se levanta para colocar os nomes no quadro. Paul os coloca rapidamente em ordem, como um convidado num jantar que derramou vinho e quer limpar a sujeira antes que o anfitrião perceba. Quando termina parece um quadro da bolsa, mas de um ponto de vista particular, o de um operador que tem, ou julga ter, mais conhecimento.

Com isso, o golpe estava completo. Ficou evidente que os rebatedores da lista de Paul eram caras que os olheiros não descobriram em suas andanças. Eram caras que Paul descobriu navegando na internet. Alguns nomes chegam a ser totalmente desconhecidos para os olheiros mais velhos. A avaliação dos jogadores jovens fora retirada das mãos dos olheiros veteranos do esporte e transferida para as mãos de gente que tinha algo que Billy não tinha e a que ele dava o máximo valor: formação numa área que não era o beisebol.

— Temos boas porcentagens chegando em base aqui nesta lista — afirma Billy. Ninguém comenta nada. A sala fica em completo silêncio.

— Temos três caras no topo do quadro dos quais nunca ninguém ouviu falar — diz Pitter por fim, com um leve traço de orgulho.

— Não existe nenhum quadro no esporte parecido com este — concorda Bogie.

Bogie introduziu na sala de recrutamento algo único: enorme experiência sem nenhum apego visceral a ela. Está no esporte há quase cinquenta anos. Já viu muito, talvez tudo, e está disposto a esquecer, se lhe pedirem. Na verdade, uma das coisas que ele viu, em 1980, foi uma partida do ensino médio em San Diego. Foi o ano em que o Mets pegou Darryl Strawberry na primeira escolha geral do recrutamento. Mas, naquele mesmo ano, havia outro jogador do ensino médio que, na capacidade de despertar grandes sonhos nos olheiros de beisebol, rivalizava com Strawberry. Bogie fora vê-lo a pedido do Houston Astros. Físico excelente, boa corrida, braço forte, bons instintos e capacidade de rebater a bola

passando por cima dos refletores. E a cereja do bolo era que ele tinha recebido as melhores notas nos testes psicológicos. Bogie ligara para o Astros, dizendo aos executivos que havia encontrado um jogador mais promissor do que Darryl Strawberry: Billy Beane.

Quando lhe perguntaram qual jogador, no quadro de recrutamento do Athletics, mais se parecia com o jovem Billy Beane, Bogie respondeu: “Porra, cara. *Não tem* nenhum Billy Beane. Não ali.” Quando lhe perguntaram o motivo, ele falou: “Dava para sonhar com o Billy”, deixando ao ouvinte entender que Billy Beane, o gerente geral do clube, havia eliminado sistematicamente os caras com os quais “dava para sonhar”. Porém, quando lhe indagaram o que tinha acontecido com aqueles sonhos ainda vivos, Bogie hesitou. Deu uma olhada e seu olhar se cruzou com o de Billy Beane adulto.

— Chega! — disse Billy. Estava apenas fingindo que não ouvia. Bogie sorriu, deu de ombros e ficou quieto.

Capítulo três

A REVELAÇÃO

O METS TINHA as maiores expectativas em relação a ele. O clube queria dar uma grande coletiva de imprensa no Dodger Stadium para anunciar sua contratação. Billy pediu que não fizessem isso. Sentia-se claustrofóbico em qualquer cerimônia, e uma coletiva de imprensa não passava de um cerimonial. Ele se sentia preso. Além disso, não queria criar muito alarde sobre sua decisão de entrar no beisebol profissional. Não era um grande motivo de comemoração, mas sim um fato vagamente incômodo que ainda precisava processar. O Mets não levou em consideração as causas ou consequências das reservas dele. Crendo que Billy estava mais preparado para o esporte profissional do que Darryl Strawberry, o clube colocou Strawberry na categoria mais baixa do time de novatos, com os outros garotos do ensino médio, e pôs Billy na categoria mais alta dos novatos, em Little Falls, Nova York, com os jogadores universitários. Little Falls, Nova York, era a coisa mais distante possível de San Diego, Califórnia. Os outros jogadores do time pareciam pertencer a outra espécie, completamente diferentes dos garotos com os quais Billy costumava jogar. Eram barrigudos e tinham pelos nas costas. Fumavam antes do jogo e bebiam depois. Alguns eram casados. E todos os arremessadores lançavam sliders.

O Mets estava apostando que Billy tinha mais preparo do que Strawberry para lidar com as pressões, e inevitáveis frustrações, de enfrentar jogadores muito mais experientes. Roger Jongewaard, o olheiro-chefe do Mets, tinha plena convicção de que Billy ia disparar pelas ligas menores e que entraria nas maiores muito antes de Strawberry. O departamento de olheiros do Mets cometera um tremendo erro de avaliação da natureza de Billy. Pensaram que ele conseguiria encarar o fracasso. Se havia uma coisa para a qual Billy não estava preparado era o fracasso. Não tinha a menor noção do que faria com a folha de estatísticas do final de sua primeira temporada curta na categoria superior dos novatos, mostrando aproveitamento de apenas ,210 no bastão. Não sabia o que pensar de si mesmo se não era bem-sucedido. No fim da temporada, ele voltou para casa,

matriculou-se em cursos na Universidade da Califórnia em San Diego e deixou de lado o fato de que seu trabalho era jogar beisebol. Não pegou num taco nem numa luva até março do ano seguinte, nos treinos de primavera. Isso em si já seria um sinal de mau agouro, mas ninguém estava atrás de sinais de mau agouro.

O ano seguinte transcorreu muito bem para ele — afinal, era Billy Beane — e, no verão de 1982, foi promovido para a categoria Double-A do Mets em Jackson, no Mississippi. Jogava no campo esquerdo, Strawberry no direito, e a equipe inteira fazia a defesa. Para muitos dos jogadores, era o primeiro contato com as garotas do sul — as mais flagrantes trapaceiras no pacto de mútuo desarmamento conhecido como feminismo. Batom! Penteados! Atitudes submissas! Beisebol era esporte, mas arranjar garotas era um negócio no qual Billy Beane tinha sucesso sem nem precisar tentar. Ele tinha a manha. Como disse seu ex-colega de time, J.P. Ricciardi, “era capaz de convencer um cachorro a soltar um bife inteiro”. Billy vivia tendo de explicar a outro companheiro de equipe, Steve Springer, que, na hora em que conhecesse uma garota, não devia de maneira alguma dizer que era jogador profissional. Não era justo com ela — era necessário dar à garota uma chance de dizer não. Billy dava essa chance às garotas dizendo que trabalhava recolhendo cadáveres de animais atropelados nas estradas locais. Springer não tinha a incrível habilidade natural de Billy com as mulheres. Achava que precisava do Mets para ter alguma oportunidade, e essa sua necessidade levou a um daqueles pequenos grandes momentos que transformam até a carreira mais obscura numa liga secundária em algo memorável. Eles estavam saindo de uma das lanchonetes locais quando duas belas meninas quiseram puxar conversa, naquela deliciosa fala arrastada: “Vocês são ianques?” ¹ Springer se virou e disse: “Não, somos Mets.”

Fora do campo, Billy era Billy; dentro do campo, Billy estava desmoronando. A única coisa pior do que um jogador das divisões menores com dúvidas era um jogador das divisões menores com dúvidas e pavor do fracasso, obrigado a se comparar todas as tardes a Darryl Strawberry. “O pessoal olhava Billy e Darryl e pensava no potencial não explorado que podia ser extraído dali”, lembra Jeff Bittiger, que era o ás dos técnicos no mesmo time. “Não se esperava que fossem apenas das grandes ligas. Esperava-se que fossem estrelas das grandes ligas.” Naquele ano, Strawberry seria escolhido como o melhor jogador da Liga do Texas. Billy atingiria apenas ,220. Em geral, ocupavam a terceira e a quarta posição na lista, e assim Billy passava muitas horas no gramado pensando nas proezas de Strawberry e nos próprios fracassos. “Aquele foi o primeiro ano em que realmente me questionei se tinha tomado a decisão certa ao assinar o contrato”, disse Billy.

Darryl Strawberry apresentava um determinado tipo de problema para Billy; Lenny Dykstra apresentava outro, talvez ainda mais sério. Billy e Lenny moraram juntos e jogaram lado a lado no campo externo das ligas menores por quase dois anos, a partir de 1984. Na primavera daquele ano, os dois foram convidados para o campo de treinos da estação com o time principal do Mets. Como Strawberry agora estava fixo no campo direito do Mets, comentava-se nas ligas menores que Billy ia ser treinado para substituir George Foster no esquerdo e que Lenny substituiria Mookie Wilson no centro. Para Lenny, Billy e ele eram dois amigos correndo juntos na mesma raia, mas Billy sentia diferenças fundamentais entre eles. Considerando-se o porte físico, Lenny não era da mesma categoria. Tinha metade do tamanho de Billy e uma fração de seu potencial — e foi por isso que o Mets só o escolheu na 13ª rodada. Mentalmente, Lenny era superior, o que parecia estranho considerando-se que ele não era em si um estudioso do esporte. Billy lembra que estava sentado com ele num abrigo do Mets, observando o aquecimento do arremessador adversário. “Lenny disse: ‘E aí, quem é aquele grande idiota lá no montinho?’ E eu falei: ‘Lenny, você está de sacanagem, né? É Steve Carlton. É talvez o maior arremessador canhoto na história do beisebol.’ Lenny respondeu: ‘Ah, tá, eu sabia.’ Ficou ali mais um minuto e disse: ‘E aí, qual é a dele?’ E eu falei: ‘Lenny, para com isso. *Steve Carlton*. Ele tem velocidade e talvez o slider mais demolidor da história.’ E Lenny continuou lá por mais um tempo, como se estivesse tentando entender. Por fim, falou: ‘Vou acabar com o cara.’ E fiquei ali pensando: lá no montinho está um sujeito que é *capa de revista* e a única coisa que Lenny consegue pensar é que vai acabar com o cara.”

A característica de Lenny, pelo menos para Billy, era clara: ele não se deixava abalar. Os dotes físicos necessários no beisebol profissional eram, em alguns aspectos, menos excepcionais do que os dotes mentais. Só um doido completo era capaz de encarar uma bola a 160 quilômetros por hora, num arremesso direcionado não muito distante de sua cabeça, com absoluta confiança. “Lenny era emocionalmente perfeito para jogar beisebol”, disse Billy. “Conseguia esquecer no mesmo instante qualquer falha e extrair força de qualquer sucesso. Não tinha o conceito de fracasso. E não fazia ideia de onde estava. E eu era o oposto.”

Morando com Lenny, Billy foi se sentindo cada vez mais inseguro quanto ao destino de astro que todos previam para ele. Em seu cassino mental, começou a minimizar os riscos. Disse a colegas que talvez largasse o beisebol e voltasse para a faculdade, jogando futebol americano. Podia entrar na política; todo mundo dizia que ele levava jeito. Começou a dedicar algumas noites à leitura — algo radical para um jogador das divisões menores — para compensar a

educação formal que, percebia agora, não estava obtendo. Lenny chegava em casa e encontrava Billy enrolado, numa poltrona, lendo um livro. “Ele me olhava”, lembra Billy, “e dizia: ‘Cara, você não devia fazer isso. Essa merda vai estragar a sua vista.’ A atitude de Lenny era: não vou fazer nada que me atrapalhe no caminho para as grandes ligas, inclusive aprender.” Talvez ainda mais importante, Lenny — uma escolha de 13ª rodada! — não tinha a menor dúvida de que chegaria ao time principal e em grande estilo. “Comecei a entender o que era um jogador de beisebol”, contou Billy, “e dava para ver que não tinha a ver comigo. Tinha a ver com Lenny.”

Essa percepção levou à outra: *não sei se gosto disso*. Antes de ser devolvido às ligas menores nos primeiros cortes dos treinos da primavera de 1984, ele foi abordado pelo técnico do time principal do Mets, Davey Johnson. Johnson disse a Billy que achava que ele não queria realmente jogar beisebol. “Não tomei como crítica”, comentou Billy. “Tomei como: ‘Acho que ele tem razão.’ Eu estava no caminho para a faculdade. Eu estava meio dentro, meio fora.”

A metade que estava dentro ficou. Ele não largou o beisebol. Continuou lutando para avançar nas ligas menores, movido por seus receios pessoais e pelos sonhos dos outros. Dia a dia, aumentava a diferença entre quem ele era e quem os outros achavam que ele deveria ser. Muitos que observavam o jogo de Billy Beane pensavam o mesmo que J.P. Ricciardi tinha pensado quando jogou com Billy naquele primeiro ano em Little Falls. “Era tão dotado fisicamente que pensei que ele superaria tudo”, disse Ricciardi. “Lembro que voltei para casa depois daquela primeira temporada e comentei com meus amigos: ‘Acabo de jogar com um cara que só vendo para acreditar. É de outro planeta.’” Os colegas de equipe olhavam Billy e viam o futuro do Mets. Os olheiros olhavam Billy e viam o que sempre tinham visto. A mangueira. As rodas. O corpo. A Cara Boa.

Billy tinha inteligência suficiente para continuar encenando o papel que lhe fora atribuído: o de grande jovem promessa. “Billy *nunca* parecia ruim, mesmo quando tinha problemas”, lembra o olheiro que o contratara, Roger Jongewaard. “Foi o jogador mais talentoso com quem joguei na vida”, diz Chris Pittaro, que foi para a liga principal com o Tigers e ganhou um World Series com o Twins. “Ele tinha capacidade de fazer coisas numa partida que 95% dos jogadores das grandes ligas não poderiam fazer na prática por falta de físico. Não me lembro de muitas jogadas de quinze anos atrás, mas me lembro de algumas de Billy. Estávamos em Albuquerque em 1987 [na categoria Triple-A] e Billy fez essa jogada no campo direito. Ele teve de correr e passar por cima do montinho do arremessador na área de aquecimento para apanhar a bola e então fez um lançamento até o outro extremo do campo para eliminar um jogador tentando anotar uma corrida no home plate. Lembro que fiquei atônito — primeiro, que

tivesse chegado na bola. Segundo, que subisse e descesse o montinho a toda velocidade sem diminuir o passo. Terceiro, que tivesse pensado em fazer aquele lançamento. Velocidade. Equilíbrio. Presença de espírito. Acho que o corredor, quando encontrou a bola à sua espera para eliminá-lo, foi quem ficou mais surpreso.”

Billy corria, Billy arremessava, Billy recebia, Billy tinha até presença de espírito em campo. De inteligência rápida, simpático, perspicaz em relação aos outros, talvez até em relação a si mesmo. Tinha um ar de autoconfiança, cada vez mais falso, que ninguém num raio de cem quilômetros jamais conseguiria desvendar. Parecia um superastro mais do que qualquer superastro de verdade. Era um líder nato da juventude. Seu ponto fraco era simples: não sabia rebater.

Ou melhor, às vezes rebatia, às vezes não; quando não rebatia, ficava fora de si. “Billy era da opinião de que nunca podia sofrer uma eliminação”, disse Pittaro. “Os arremessadores no banco costumavam sair da área da reserva para olhar suas rebatidas, só para ver o que ele faria quando fosse eliminado.” Ele bateu tantos tacos contra tantas paredes que os companheiros de equipe perderam a conta. Uma vez, destruiu a privada do vestiário. Outra vez, numa partida da Triple-A em Tacoma, foi atrás de um torcedor na arquibancada e, para a satisfação geral, demonstrou que os torcedores — berrassem o que berrassem na segurança de seus lugares — fariam melhor em não se meter em brigas com jogadores. No momento em que entrava no espaço do rebatedor, Billy começava a se remoer por dentro até que, totalmente consumido, saía em busca de alguma outra coisa ali por perto para alimentar a raiva. “Ele não tinha mentalidade de beisebol”, contou Jeff Bittiger. “Estava mais para um jogador de basquete ou de futebol americano. As emoções sempre tinham um papel enorme em tudo o que fazia. Uma ou duas idas ao bastão que fossem ruins, e ele ficava imprestável para a terceira e a quarta.”

Mas, mesmo no espaço do rebatedor, onde se descontrolava em questão de poucos segundos, Billy tinha um sucesso fenomenal. Em 1983, reagindo à sua grande inconsistência contra arremessos destros, Billy começou a tentar rebater com a mão esquerda também. Quem tentaria rebater do lado contrário pela primeira vez na vida na Double-A? Ninguém. Apesar disso, no meio da temporada da Double-A, contra arremessadores com repertório de divisão principal, Billy estava na marca de ,300 rebatendo com a canhota. Então teve uma queda brusca e perdeu a paciência. Voltou a rebater apenas com a direita.

No fim de 1984, Billy e Lenny tinham sido convocados para passar algumas semanas no time principal ao final da temporada. Billy conseguiu sua primeira rebatida nas grandes ligas contra Jerry Koosman — que logo o eliminou na primeira base. Foi engraçado, mas também foi triste. Na hora em que o jogo

parecia disposto a se curvar ao talento de Billy, recuou e retirou tudo o que acabava de lhe dar. No final de 1985, Lenny subiu definitivamente para o time principal — no qual Darryl Strawberry já rebatera mais de setenta home runs. Lenny jogava no campo central, Strawberry no direito e Billy era o jogador que nunca tinha conseguido chegar no campo esquerdo. No ano seguinte, Lenny rebateu home runs decisivos na liga nacional (NLCS) e na World Series e escreveu um livro sobre isso, no qual afirmava que devia ter sido Billy Beane, e não ele, a se tornar o astro do esporte. (Lenny não lia livros, ele os escrevia.)

Em vez de passar Billy para o time principal, o Mets o trocou com o Minnesota Twins. Em 1986, o Twins estava com um técnico novo, Ray Miller, que anunciou que Billy Beane seria seu titular no campo esquerdo. Billy entrou e logo teve uma contusão nos treinos de primavera, mas, quando voltou, pela primeira vez em sua carreira nas grandes ligas, entrou como titular, e não como substituto, no campo esquerdo. Naquele dia, o Twins enfrentava Ron Guidry no estádio dos Yankees. Billy conseguiu cinco rebatidas em cinco passagens pelo bastão contra Guidry, com um home run. Então ficou sem rebatidas nas duas noites seguintes e foi retirado do time titular do Twins — definitivamente, como se viu depois. Billy entendeu, ou pelo menos disse que entendeu. O time estava perdendo e Ray Miller era novo na função, sofrendo pressão para colocar veteranos em jogo.

Nas três temporadas e meia seguintes, Billy ficou oscilando entre a Triple-A e a divisão principal, com o Minnesota Twins, o Detroit Tigers e, por fim, o Oakland Athletics. Com o bastão na mão, ele se empenhava em se adaptar, porém cada mudança que fazia tinha mais como objetivo evitar constrangimentos do que obter êxito. Para diminuir suas eliminações, encurtou seu movimento de rebatida e trocou a possibilidade de bater um home run pela probabilidade maior de simplesmente colocar a bola em jogo. Agachava-se e se encurvava tentando rebater como um jogador mais baixo. O número de eliminações pode ter diminuído, mas foi ao preço de tolher suas habilidades naturais. Depois de oito anos como jogador profissional, em alguns aspectos, Billy era um rebatedor mais fraco do que aos dezessete anos de idade.

Pelo menos quando importava. Quando não importava — quando ele não pensava no assunto —, qualquer coisa podia acontecer. Certa tarde, durante o mês que esteve com o Detroit Tigers, o gerente geral Bill Lajoie lhe pediu que fosse ao estádio dos Tigers num dia de folga. Lajoie convocou alguns médicos para ajudarem na reabilitação de um arremessador chamado Walt Terrell. Terrell havia sofrido uma contusão e ia voltar ao time principal do Tigers. Antes disso, o treinador de arremesso queria que ele treinasse em um jogo simulado. Billy ficaria na área do rebatedor, como adversário.

Depois de tomarem as posições em campo, todo mundo estava pensando a mesma coisa: *Terrell estava como antes?* Billy sentou e ficou assistindo enquanto o arremessador despachava alguns rebatedores. Estava como antes, sim. Quando chegou a vez de Billy rebater, ninguém estava prestando atenção nele. Todos os olhos se concentravam em Terrell. Ninguém estava preocupado se Billy Beane ia ser eliminado ou se ia rebater a bola lá na lua. Não tinha como ele falhar. Por um instante, era apenas um garoto jogando. Enquanto o gerente geral e os técnicos dedicavam toda a atenção a seu precioso arremessador, Billy pegou o primeiro arremesso que lhe pareceu favorável e deu uma rebatida de craque que foi parar no alto da arquibancada do Tiger Stadium.

Agora todos pensavam outra coisa: *quem diabos fez isso?*

Não havia mais como ignorar Billy. Lajoie, o gerente geral, foi até ele. *Billy, você parecia outro. A postura, a atitude — tudo estava diferente. Por que você não age sempre assim?* A essa altura, todo mundo sabia que Billy era o cara destinado ao Hall da Fama que nunca tinha chegado lá. “Ainda estava numa idade em que dava para se desenvolver mais no jogo”, disse Lajoie. O gerente geral achava que ainda havia esperança, e não entendia de fato. Ninguém entendia. No espaço do rebatedor, durante uma partida, Billy não podia ser quem era. Ele era feito para se manter em movimento: no espaço do rebatedor ele tinha de ficar totalmente imóvel. Sentia ali uma espécie de claustrofobia. Era uma jaula feita para asfixiar sua vitalidade.

Em seus últimos três anos e meio no esporte profissional, Billy observou muito mais do que jogou e demonstrava uma curiosa tendência de estar sempre por perto do centro de ação de outras pessoas. “O Forrest Gump do beisebol”, foi como se definiu mais tarde. Estava no banco quando o Twins ganhou a World Series de 1987, e também quando o A’s ganhou a World Series de 1989. Estava sempre perto daqueles prestes a virar astros. Jogara no campo externo com Lenny Dykstra e Darryl Strawberry. Substituíra Mark McGwire e Jose Canseco. Tinha um armário ao lado de Rickey Henderson no vestiário. Em seus períodos entrecortados nas grandes ligas, durante cinco anos, jogou para quatro gerentes famosos: Sparky Anderson, Tom Kelly, Davey Johnson e Tony La Russa. Porém, no final de 1989, as estatísticas de sua carreira (301 idas ao bastão, média de ,219 rebatidas, ,246 chegando em base, ,296 de potência em bastão e onze andadas contra oitenta eliminações por strikes) constituíam uma crônica eloquente de sofrimento. Não era preciso conhecer Billy Beane — bastava ler suas estatísticas — para perceber que ele já ia com problemas quando se dirigia ao bastão. Que não desenvolvera disciplina nem compostura. Que nunca aprendera a relevar um arremesso ruim. Que era fácil de ser enganado, tão fácil que começou a esperar ser sempre enganado. Que rebatia com medo. Que o

medo vinha disfarçado de agressividade. Que a agressividade lhe permitia sair o mais rápido possível do espaço do rebatedor. Numa temporada nas grandes ligas, ele foi ao bastão 79 vezes e não conseguiu uma única andada. Não há muitos jogadores que fazem isso.

O fracasso de Billy era menos interessante do que as diversas tentativas de explicá-lo. Seu colega e amigo Chris Pittaro disse: “Billy foi o cara mais competitivo e intenso com quem joguei na vida. Nunca deixou o talento falar mais alto. Lutava demais consigo mesmo.” O treinador de Billy no ensino médio, Sam Blalock, afirmou que “ele teria conseguido se tivesse aquelas coisas intangíveis — se tivesse uma imagem melhor de si mesmo. Creio que teria sido um grande astro nas grandes ligas. Ou melhor, *sei* disso. Ele era incrível. Se quisesse, poderia ter sucesso até como arremessador”. Os olheiros que tanto elogiavam Billy aos dezessete anos ainda falavam dele aos 25 anos num tom curioso, como se ele tivesse se tornado exatamente aquilo que todos previam mas, por alguma bruxaria, os números não provassem isso. Paul Weaver: “O cara tinha tudo. Mas alguns nunca conseguem chegar lá. Seja lá o que permite você atuar dia após dia e fazer adaptações, ele não tinha. O jogo é assim.” Roger Jongewaard: “Ele tinha talento para ser um superastro. Um jogador do tipo de Mike Schmidt. Seu problema era a cabeça. Eu achava que Billy tinha uma boa cabeça a seu favor. Mas ele tentava demais. Tentava forçar. Não conseguia relaxar.”

Dentro do beisebol, entre o pessoal mais velho, o consenso geral era que o fiasco de Billy Beane não era físico, mas sim mental. A mente tinha empurrado o talento para o escanteio. Não permitira que a natureza seguisse seu curso. Assim, não é de se surpreender que o pessoal mais velho achasse que o que Billy de fato precisava era de um psicólogo.

Foi, em suma, o que ele teve. Toda a ideia do psicólogo de beisebol fora reinventada pelo Oakland Athletics no começo dos anos 1980.²

O primeiro da nova safra foi um ex-professor de colégio particular, um sujeito carismático com alguma formação acadêmica em psicologia chamado Harvey Dorfman. O coordenador das ligas menores do Athletics, Karl Kuehl, com quem Dorfman escreveu *The Mental Game of Baseball*, livro de grande importância, realmente lhe deu um uniforme e o deixou sentar no banco durante os jogos, para que ele pudesse lidar com as variadas panes mentais dos jogadores em tempo real. Kuehl não tinha tempo para a perda de compostura de um jogador durante uma partida. “Se você jogasse longe algum equipamento ou algo assim, ia passar algum tempo com Harvey, quisesse ou não”, disse Kuehl. Billy, que era um dos mais eficientes destruidores de equipamentos de beisebol que os colegas já tinham visto, estava fadado a passar algum tempo com Harvey. A principal

impressão de Harvey sobre Billy era que ele brincava de esconde-esconde com seus demônios pessoais e que o beisebol profissional o ajudava a ganhar deles. “As organizações de beisebol não entendem que, com um certo tipo de jogador altamente talentoso que tem problemas em lidar com o fracasso, elas precisam engolir e deixar o garoto se desenvolver”, explicou Dorfman. “Você não pode ir depressa demais. Vá com calma, e assim o fracasso dele não se transforma em exposição e humilhação pública. Ensine-o a ter perspectiva — que o beisebol importa, mas não tanto assim. Ensine a ele que o importante não é ser eliminado por strikes. O que importa é se comportar de maneira irrepreensível ao competir. O cara acredita no talento dele. Não acredita é em si mesmo. Ele se enxerga somente em suas estatísticas. Se são ruins, ele acha que não vale nada. Nunca desenvolveu um mecanismo para lidar com isso porque nunca teve nada com que precisasse lidar.”

Billy se via de maneira radicalmente diferente. O beisebol não se rendera à sua personalidade. Ele achava bobagem dizer que era possível mudar sua personalidade — ou melhor, sua predisposição emocional. “Sabe de uma coisa?”, disse ele. “Se não acontece, nunca vai acontecer. Se você nunca conseguiu, era porque não ia conseguir mesmo.” Via todas aquelas tentativas de manipular sua psique como idiotice. “Os psicólogos esportivos são muletas”, afirmou. “Não é uma solução, mas sim uma desculpa quando você não está conseguindo. Se alguém precisa deles, há uma fraqueza que os impede de conseguir. Não é uma falha de caráter; é apenas uma falha de caráter quando se trata de beisebol.” Ele era quem era. O beisebol era o que era. E a combinação não dava certo. “Não era culpa de ninguém”, disse Billy. “Eu só não tinha o que era necessário em mim.”

Nos treinos da primavera de 1990, ele finalmente se rendeu a essa percepção. Não era mais um garoto. Era um homem feito. Tinha se casado com a namorada do ensino médio, e ela estava no sétimo mês de gravidez do primeiro filho. Ele tinha responsabilidades e nenhum futuro concreto para poder atender a elas. Passara de promessa à decepção sem sequer perceber como ou por quê: mas não era cego. Bastava olhar em volta para ver que alguma coisa havia mudado. “O brilho e o esplendor sumiram, pois tinha toda uma nova safra de caras chegando”, disse ele. “Eu estava com 27 anos, e você basicamente é o que é quando está com 27 anos.” Billy tinha se desenvolvido no espécime físico que os olheiros esperavam dele. E, no entanto, de certa forma, o esporte o fizera definir.

O beisebol também o tornara desqualificado para qualquer outra coisa além do próprio esporte. O pessoal da divisão principal imaginava que Billy ia continuar com eles em 1990 e passar mais uma temporada oscilando entre o banco e a

Triple-A. Mas Billy fez algo diferente. Saiu do banco dos jogadores, foi à direção do Athletics e disse que queria trabalhar como olheiro avançado. Um olheiro avançado saía à frente do time principal e analisava os pontos fortes e fracos dos futuros adversários. Aquele devia ser o início de seu melhor período como jogador, mas ele decidiu que preferia assistir a jogar. “Sempre digo que gostava de jogar, mas não sei se era mesmo verdade”, revelou. “Nunca me senti à vontade.”

Quando o quinto defensor externo do A’s apareceu procurando um serviço de escritório, a diretoria do clube não soube o que fazer. Era uma coisa tão despropositada quanto um político de sucesso abandonando a campanha e dizendo que queria trabalhar na equipe de apoio ou um artista de cinema saindo do set e indo trabalhar como assistente de fotografia. Ninguém da comissão técnica tinha jogado beisebol na divisão principal e todos queriam ter jogado. Muitos deles dariam a mão, ou pelo menos alguns dedos, para passar um ano jogando numa grande liga. Sandy Alderson, o gerente geral do Athletics, foi provavelmente quem ficou mais perplexo. “Ninguém faz uma coisa dessas”, comentou ele. “Ninguém diz: ‘Desisto de ser jogador. Quero ser um olheiro avançado.’” Mesmo assim, ele contratou Billy. “Achei que não seria muito arriscado contratá-lo como olheiro avançado porque acreditava que um olheiro avançado não fazia grande coisa”, disse Alderson. Chris Pittaro tinha se tornado olheiro depois que uma lesão encerrara sua carreira de jogador. Quando Billy ligou para lhe contar o que havia feito, Pittaro ficou incrédulo. “Quando você está no jogo, sempre pensa que vai se encaixar em alguma coisa. *Ninguém* desiste por causa disso. Eu não desisti. Fui obrigado a me aposentar. Billy escolheu se aposentar. E era uma coisa que eu não conseguia imaginar.” No fim, Billy Beane provou o que vinha tentando dizer pelo menos desde os dezessete anos de idade: não queria jogar.

Com isso, ele encerrou a discussão infrutífera com seu talento. Decidiu que seu talento não era uma questão: como você podia dizer que era talento, se não levava ao sucesso? O beisebol tinha a ver com habilidade ou talvez manha — fosse o que fosse, Billy não tinha se saído muito bem. Em sua opinião, ele deixou de ser alguém que devia ter conseguido e virou um cara em quem inúmeros sonhos e esperanças irracionais haviam sido depositados. Tinha razão em sentir certa aversão pela natureza mística do beisebol. Logo teria em mãos uma arma para destruí-la.

* * *

SANDY ALDERSON GUARDA uma clara lembrança de ter visto Billy Beane treinando rebatidas um pouco antes, naquela mesma primavera de 1990. Não sabia muito sobre Billy e se perguntava que tipo de jogador ele era. “Era muito indisciplinado com o bastão”, comentou Alderson. “Sem muita potência. Depois de assistir ao treino, lembro que perguntei da maneira mais clara possível: por que esse cara está no time?” Não que isso tivesse alguma importância. O técnico do A’s era Tony La Russa e, na grande tradição dos figurões do beisebol, mal prestava atenção no que um gerente geral tinha a dizer.

Essa era uma das várias coisas do beisebol que Alderson queria mudar. Quando Billy foi trabalhar na diretoria do clube, em 1993, ele entrou nas fases iniciais de uma experiência científica um tanto irregular. Quando Alderson fora contratado como gerente geral do clube, uma década antes, ele era um intruso no mundo do beisebol. Isso era raro. Os gerentes gerais, em sua maioria, começam como olheiros e vão subindo dentro da organização do beisebol. Alderson era um advogado de São Francisco formado em faculdades caras (Dartmouth College, Harvard Law School) sem nenhuma experiência no esporte, afora um breve período nos jogos da escola. Também era ex-oficial do Corpo de Fuzileiros Navais e seu porte pessoal estava muito mais próximo de “ex-fuzileiro naval” do que de “advogado de terno elegante”. “Sandy não sabia porra nenhuma sobre beisebol”, diz Harvey Dorfman, o psicólogo de beisebol mais ou menos inventado por Alderson. “Era um novato. Mas era um pensador progressista. E queria entender como o esporte funcionava. Também tinha a capacidade de inspirar medo nos outros.”

Quando Alderson entrou no beisebol, quis saber como o esporte funcionava, e foi o que fez. Chegou à conclusão de que tudo, desde as estratégias em campo até a avaliação dos jogadores, podia ser mais bem conduzido com uma investigação científica — hipóteses testadas pela análise de dados estatísticos históricos do beisebol — do que com o saber coletivo da velha guarda do esporte. Analisando as estatísticas do beisebol, era possível enxergar por trás de muitos disparates. Por exemplo, quando os técnicos falavam em marcar corridas, a tendência deles era se concentrar na média de rebatidas do time, mas, se você fosse analisar, veria que a quantidade de corridas anotadas pelo time tinha muito pouco a ver com seu aproveitamento no bastão. Havia uma correlação muito mais precisa com suas porcentagens em base e de potência em bastão. Era possível provar que muitas táticas ofensivas que haviam trazido fama aos gerentes — roubos de bases, rebatidas de sacrifício, hit and run — frequentemente tinham sido inúteis ou até prejudiciais. “Imaginei que os técnicos fizessem essa merda toda porque é seguro”, disse Alderson. “Não são

criticados por isso.” Ele não era particularmente bom com os números, mas conseguia entendê-los o suficiente para utilizar suas conclusões. “Eu não sabia fazer uma análise de regressões”, contou ele, “mas sabia o que era uma. E os resultados faziam sentido para mim.”

Alderson não pretendia reexaminar as premissas do beisebol profissional, mas foi o que acabou fazendo. Por um bom tempo, suas investigações foram, em larga medida, teóricas. “É preciso lembrar”, disse ele, “que não havia nenhuma prova de que alguma daquelas porcarias funcionasse. E eu tinha problemas de credibilidade. Não tinha experiência no beisebol.” Os times caríssimos do Athletics treinados por Tony La Russa haviam mostrado, no final dos anos 1980 e no começo dos anos 1990, nível de desempenho suficiente para que Alderson sentisse que devia “se curvar ao sucesso”. Pôde agir assim por mais de uma década. Desde o fim dos anos 1970, o proprietário do Athletics era Walter A. Haas Jr., que tinha mais o instinto de um filantropo do que o de um empresário. Haas via a propriedade de um time profissional como uma espécie de dever público e gastava em consonância com isso. De fato, em 1991, o Athletics tinha a folha de pagamento mais alta de todo o beisebol. Haas estava disposto a perder milhões para pôr em campo um time competitivo, que fosse motivo de orgulho para a cidade, e foi o que ele fez. O time foi para a World Series por três temporadas seguidas, de 1988 a 1990.

A estratégia de se curvar ao sucesso ficou insustentável em 1995, quando Walter Haas morreu. Seu espólio vendeu o time a uma dupla do setor imobiliário da Bay Area, Steve Schott e Ken Hofmann, que tinham mais instinto de empresários do que de filantropos. Schott e Hofmann queriam que Alderson continuasse gerenciando o time, mas com um orçamento muito mais apertado. “Tínhamos novos proprietários que não iam gastar nada”, disse Alderson. “Deixaram claro que o clube tinha que ser um negócio. E assim, de repente, ficamos na seguinte posição: só temos condição de bancar jogadores com uma única habilidade. E que habilidade será essa?” Qual era — e esta era a questão essencial — a maneira eficiente de gastar com jogadores de beisebol? A primeira resposta, curta e simples, segundo um breve estudo encomendado por Alderson, era gastar com bons rebatedores. O estudo foi elaborado por um ex-engenheiro aeroespacial que se tornara escritor de beisebol, Eric Walker. Segundo ele, a defesa era “no máximo 5% do jogo”. O resto era arremesso e ataque, e “os bons arremessadores costumam ser devidamente valorizados, ao passo que muitas vezes os bons rebatedores não são”. Nas palavras de Walker:

A análise do beisebol apresenta muitos números interessantes e valiosos.

Mas o número mais crítico de todo o beisebol é de longe — disparado — o três: as três eliminações que definem uma entrada. Até a terceira eliminação, tudo é possível; depois dela, nada mais é possível. Qualquer coisa que aumente as chances do ataque sofrer uma eliminação é ruim; qualquer coisa que diminua essas chances é boa. E o que é o aproveitamento em base? Dito de maneira simples, porém exata, é a probabilidade de que o rebatedor não sofra uma eliminação, que chegue em base a salvo. Posto desta forma, fica, ou deveria ficar, absolutamente claro que a estatística isolada (unidimensional) do ataque mais importante é o aproveitamento em base. Ela mede a probabilidade de o rebatedor não ser mais um passo para o fim da entrada.

O ponto de referência de Alderson para dirigir um clube era o tempo que ele passou como oficial da Marinha. Ele tratava os times de base do Oakland da mesma forma como o Corpo de Fuzileiros Navais tratava seus recrutas. O astro individual tinha menos importância do que a organização como um todo, e a organização como um todo só funcionava bem se houvesse uma disciplina uniforme. Depois de concluir que a proficiência no bastão era o mais importante e que todo o resto era secundário, Alderson começou a implantar em toda a organização, com o rigor da Fuzilaria Naval, uma abordagem uniforme para rebater. A abordagem tinha três regras:

1. Todo rebatedor precisa se comportar como um primeiro rebatedor e adotar como objetivo principal chegar a salvo em base.
2. Todo rebatedor também deve ter a potência para bater home runs, em parte porque a ameaça de um home run obrigava os arremessadores adversários a arremessar com mais cautela, o que levava a andadas e boas porcentagens em base.
3. Para qualquer jogador com os talentos natos para entrar no beisebol profissional, rebater era uma habilidade mais mental do que física. Ou, pelo menos, os aspectos de rebater que podiam ser ensinados eram mentais.

Em 1995, Alderson havia criado uma nova mentalidade corporativa no beisebol em torno de uma única estatística: a porcentagem em base. Marcar corridas, nessa nova concepção, consistia mais num *processo* do que numa arte ou talento. Quando esse processo se convertia em rotina — se cada jogador fizesse sua parte na linha de produção —, era possível pagar pelas corridas

marcadas muito abaixo do nível de mercado. Alderson estava montando um sistema com a intolerância da Fuzilaria Naval para exceções às regras. “Sandy redigiu esse longo artigo sobre os prós e os contras de uma abordagem seletiva no bastão”, lembrou Karl Kuehl, encarregado de implantar as regras de Alderson. “Ele realmente queria incentivar a garotada nova que subia das ligas menores. Nunca ninguém tinha ouvido falar em aproveitamento em base, porém, quando a chance de ser chamado para os grandes clubes depende do aproveitamento em base, isso chama a atenção.” O postulado central do sistema, nas palavras de Alderson, era o seguinte: “O sistema era o astro. A razão para o sistema funcionar é que todo mundo está fazendo sua parte. Caso contrário, há uma fragilidade no sistema.” O vício inaceitável num jogador das ligas menores era o gosto por tentar arremessar bolas ruins. A virtude mais louvável era a disposição de chegar em base através de bolas foras,³ sem precisar rebater. Nenhum jogador estava habilitado a qualquer prêmio nas ligas menores nem tinha autorização de subir no sistema, a não ser que tivesse pelo menos uma andada a cada dez idas ao bastão.

O efeito das novas regras de Sandy Alderson foi interessante para todos os que acreditavam que o principal responsável pelas andadas por bola fora era o arremessador, não o rebatedor. Quase da noite para o dia, todos os times das ligas menores do Oakland Athletics começaram a liderar suas respectivas ligas em número de andadas. Para garantir que nunca perdessem essa liderança, Alderson tinha como rotina rever as estatísticas de rebatidas dos times e caía em cima dos técnicos dos times que não estivessem conseguindo andadas. Ele notou, por exemplo, que o time da Double-A do Oakland era exceção dentro da organização: seus jogadores não conseguiam andadas no mesmo índice frenético das outras equipes das ligas menores do clube. “Recebi meus relatórios”, contou ele. “Posso ver que não estão andando. Chamei o treinador e disse: ‘Ou as andadas aumentam, ou você está despedido.’ E elas aumentaram. Rapidinho.”

Mesmo depois que o Corpo de Fuzileiros Navais baixou no Oakland Athletics restou uma fragilidade no sistema: o time da liga principal. A mera presença no time principal de um rebatedor sem potência e ousado, como era o caso de Billy Beane, em 1990, demonstrava que as ideias de Alderson não eram predominantes. O gerente geral era mais cauteloso na sede do time principal do que nas sedes dos times das ligas menores. Alderson não entrava no escritório de Tony La Russa para dizer: “Ou as andadas aumentam ou você está despedido.” Ninguém fazia isso. Não havia um bom motivo para tal. Era assim que as coisas eram, porque, de modo geral, o pessoal da diretoria nunca tinha jogado nas grandes ligas.

A necessidade de tratar o time principal como a província sacrossanta

daqueles que *tinham* jogado nas grandes ligas parecia uma espécie de insanidade para Alderson, que gostava da ideia de ordem e disciplina vindo em cascata desde cima, sem impedimentos. “Em que outro ramo”, perguntou ele, “você entrega o destino da organização a um funcionário de nível médio?” Mas era o que o Athletics, assim como todos os outros clubes de liga principal, sempre fizera. Tony La Russa era um técnico de nível médio, com suas próprias ideias sobre a maneira de marcar corridas, e essas ideias guiavam os bastões de seus rebatedores. Um jogador ia subindo pelo sistema de base do Oakland ouvindo que precisava ter paciência, que precisava conseguir andadas; e aí, no momento em que chegava ao time principal, diziam-lhe para soltar toda a sua agressividade natural. Mesmo os jogadores doutrinados pela nova abordagem do sistema de Alderson nas divisões de base eram suscetíveis a tais argumentos. À menor abertura, muitos regrediam e começavam a tentar rebater tudo o que passava pela frente. “Pode ter algo a ver com o perfil dominante que esses jogadores têm quando ascendem”, explicou Alderson. “A paciência e a disciplina no bastão nunca são reforçadas. Eles dizem: ‘Não estão me pagando para andar.’ E assim, se você não pega no pé deles, eles não andam.”

Antes que tivesse ocasião de se converter numa verdadeira briga, o conflito entre a velha guarda e o pessoal novo no beisebol foi resolvido pela crise orçamentária. Tony La Russa saiu quando os novos proprietários renunciaram ao antigo hábito de cobrir o prejuízo de milhões de dólares. Alderson foi procurar um técnico que entendesse que não era o chefe e topou com Art Howe, recém-demitido do Houston Astros. “Art Howe foi contratado para implantar as ideias da diretoria, não as suas”, disse Alderson. “E isso era novidade.”

* * *

BILLY CONTARIA, MAIS tarde, que a esposa o deixou porque ficava transtornada com a intensidade dele — que ela podia notar até em suas mãos enquanto dirigia. De todo modo, ele logo se viu sem uniforme de beisebol e também sem esposa. Os casamentos no esporte eram assim: o momento mais vulnerável vinha logo após a aposentadoria do jogador, quando marido e mulher se davam conta de que de fato passariam tempo juntos. “Eles terminam quando a carreira termina”, disse Billy. “Até lá, dá para aguentar qualquer coisa, pois você sempre vai embora no dia seguinte.” Sua mulher voltou para San Diego e levou com ela a filha pequena Casey. Billy passava os dias úteis como olheiro e os fins de semana na estrada

entre Oakland e San Diego. Não tinha dinheiro para pegar um avião.

Ele ainda era movido não tanto pelo desejo, mas sim pelas ansiedades — e agora tinha duas. Uma era que não conheceria a própria filha. A outra era que não se enquadraria no escritório da direção. “Se o beisebol é a única coisa que você sabe fazer e você sabe disso”, disse ele, “surge um certo desespero criativo.” Quando não estava em alguma estrada da Califórnia, estava percorrendo o país assistindo aos jogos e ouvindo os comentários dos outros olheiros sobre os jogadores. Se ainda tinha alguma dúvida quanto à maioria deles não fazer ideia do que estava falando, ela sumiu de vez.

O que não sumiu foi sua necessidade feroz de vencer. Billy apenas a transferiu de lugar: em vez de jogar, passaria a decidir sobre os jogadores. Mas agora ele dispunha de orientação — de alguém que se formara não em uma, mas em *duas* faculdades da Ivy League — e estava disposto a segui-la. “O que Billy percebeu a certa altura”, recordou Sandy Alderson, “foi que gostaria de se parecer mais comigo do que com Jose Canseco.” Em 1993, impressionado com o entusiasmo criativo que Billy dedicava a cada tarefa recebida, Alderson o levou para a diretoria, tornando-o seu assistente, e lhe deu a missão de ir em busca de jogadores subestimados das ligas menores. E então entregou a Billy o breve estudo que havia encomendado a Eric Walker.

Quando Billy leu o estudo de Walker, ele se sentiu... bem, nem conseguia descrever seu entusiasmo. “Era a primeira coisa que eu lia que tentava adotar uma visão objetiva do beisebol”, disse ele. “Algo que era diferente de um mero amontoado de opiniões subjetivas das pessoas. Eu ainda era muito subjetivo em minhas ideias, mas aquilo fez sentido para mim.” E não só fez sentido para ele: explicava o que acontecera com ele. A nova concepção do beisebol, visto por alguém de fora, consistia em desmascarar as ilusões criadas pelo pessoal de dentro. Billy Beane tinha sido uma dessas ilusões.

Billy não era o tipo de pessoa que perdia um tempo enorme se preocupando em saber se sua motivação era o desejo de sucesso ou a busca da verdade. A seu ver, a questão era acadêmica, visto que a busca da verdade era, de repente, a chave do sucesso. Ele era esperto. Tinha um incrível ceticismo natural em relação à sabedoria tradicional no beisebol. Podia ver que o estudo de Eric Walker era apenas o início de uma abordagem radical e racional do jogo — que concentraria poderes sem precedentes nas mãos do gerente geral. De onde vinha Eric Walker, perguntou-se ele, e haveria mais alguma coisa por trás do que escrevera? “Billy se desfez de todos os seus preconceitos de jogador e se adaptou”, disse Alderson. “A maioria dos caras como ele teria falado: ‘Não era assim que fazíamos quando eu jogava.’” Em resposta à pergunta de Billy, Alderson apontou para uma fileira de livros muito desgastados pelo uso, de um

escritor chamado Bill James, que abrisse seus olhos para uma nova maneira de pensar o beisebol. Ele tinha reunido praticamente todos os escritos de James, inclusive quatro livros que o autor publicara de forma independente entre 1977 e 1980 e que só existiam em edições mimeografadas baratas. Sandy Alderson nunca conhecera nem sequer falara com Bill James. Alderson não era propriamente um sujeito de dentro do beisebol, mas ainda reconhecia a diferença entre pessoas como ele, que *tomava* decisões efetivas no esporte, e pessoas como James, que apenas escrevia sobre elas. Mas a abordagem de James lhe parecera absolutamente persuasiva e ele havia remodelado um clube de beisebol profissional de acordo com as ideias do escritor. Era por isso que tinha contratado Eric Walker, na esperança de “conseguir algum material ao estilo de Bill James que fosse nosso”.

De sua parte, Billy Beane nunca tinha ouvido falar em Bill James. “Mas foi o grande momento”, disse ele, “em que percebi que tudo o que Sandy andava falando era uma simples derivação de Bill James.” Finalmente encontrara uma saída de emergência. Ela levava a um gramado que ficava o mais longe possível do beisebol profissional, mas que mesmo assim estava dentro do campo.

¹ Trocadilho com o nome do time do New York Yankees. (N. da T.)

² No final dos anos 1940, houve algum interesse em usar psicólogos para os jogadores. O antigo Browns de St. Louis contratou um psicólogo chamado David Tracy, especialista em tratamento por hipnose. Tracy relatou sua experiência num livro chamado *Psychologist at Bat*, que, pelo menos, deixa razoavelmente claro por que o beisebol não se apressou em adotar a psiquiatria. Eis Tracy descrevendo sua técnica: “Fiz [um arremessador do Browns] se deitar no divã e fiquei de pé atrás dele. Ergui meu dedo uns quinze centímetros acima dos olhos dele e falei para olhá-lo fixamente enquanto eu dizia: ‘Suas pernas estão ficando pesadas, muuuuuito pesadas. Seus braços estão ficando pesados, muuuuuito pesados. Você está caindo num sono profundo, profuuuuundo.’”

³ Bolas fora são as arremessadas fora da zona de strike, área de um retângulo imaginário cujo vértice superior é o ponto médio entre o ombro e o quadril e o inferior, os joelhos do rebatedor. [N. da T.]

Capítulo quatro

ÁREA DE IGNORÂNCIA

Eu não me preocupava com nenhuma outra estatística. Não prestava e não presto atenção em estatísticas sobre o mercado financeiro, as condições climáticas, os índices de criminalidade, o produto interno bruto, a circulação de revistas, o nível de alfabetização entre os torcedores de futebol americano ou o número de pessoas que morrerão de fome antes de 2050 se eu não começar a adotá-las com uma contribuição de 3,69 dólares mensais — só sobre o beisebol. E por quê? Porque as estatísticas em beisebol, ao contrário das estatísticas em qualquer outra área, adquiriram os poderes da linguagem.

— Bill James, *1985 Baseball Abstract*

EXISTE UM CERTO tipo de escritor cuja motivação é, em última instância, um mistério. O escritor que nasceu numa família de escritores; o escritor cuja obra é uma tentativa de dar sentido a algum trauma pessoal; o escritor que, desde os quatro anos de idade, é capaz e tem coragem de ficar no quarto inventando histórias: cada um deles é uma espécie de estereótipo. Pode escrever coisas boas, mas suas motivações não atizam nossa curiosidade. O caso interessante é o de um escritor como Bill James. Cresceu numa família não infeliz em Mayetta, no Kansas (população: 209 habitantes), e sua experiência mais próxima de algum desenraizamento foi quando se mudou para Lawrence, logo adiante na Interestadual. Lá, na Universidade do Kansas, James estudou economia e literatura. Não conhecia nenhuma figura literária, parecia não ter nenhum exemplo e não recebeu qualquer incentivo para confiar seus pensamentos ao papel. Depois de um episódio meio confuso nas Forças Armadas americanas — foi o último convocado do Kansas para servir no Vietnã, mas nunca chegou a ser enviado para lá — e uma parada infrutífera na pós-graduação, encontrou emprego como vigia noturno da Stokely Van Camp, fábrica de enlatados de carne de porco e feijão.

Foi quando vigiava o feijão e a carne de porco da Stokely Van Camp que James se meteu a anotar seriamente suas reflexões, por sentir necessidade absoluta de dizer algumas coisas, mas ser incapaz de fazê-lo de outra maneira. “Toda forma de força é também uma forma de fraqueza”, escreveu certa vez.

“Garotas bonitas tendem a ser insuportáveis porque, sendo bonitas, seus defeitos são tolerados demais. Os bens materiais prendem os homens e a riqueza os paralisa. Aprendi a escrever porque sou daqueles que não conseguem dominar as formas usuais de comunicação por meio de gestos e sorrisos e precisam de palavras para transmitir coisas que outros nunca precisariam dizer.”

Ainda mais curioso, tudo o que James precisava dizer se referia ao beisebol ou só podia ser dito no contexto de uma discussão sobre beisebol. “Eu provavelmente seria escritor se o beisebol não existisse”, disse ele, “mas, como o beisebol existe, não consigo me imaginar escrevendo sobre outro tema.” De vez em quando, Bill percebia o absurdo de dedicar uma vida adulta inteira a buscar sentido em resumos estatísticos de jogos. Mas, ao que parece, nunca resistiu a esse impulso. “Ora, vejam”, escreveu ele aos leitores depois de se tornar um autor de sucesso, “meus pais morreram de câncer e acredito seriamente que a doença vá me pegar também. Seria muito fácil dizer que a pesquisa sobre o câncer é mais importante para mim do que o beisebol — mas devo admitir que não faço nada em consonância com essa convicção. Penso na pesquisa sobre o câncer algumas vezes por mês; penso no beisebol praticamente durante todas as horas em que estou acordado.”

James lançou seu primeiro livro por conta própria — que ele mesmo fotocopiou e grampeou —, e tinha apenas 68 páginas (custo de produção: 112,73 dólares). O título formal era: *1977 Baseball Abstract: Featuring 18 Categories of Statistical Information That You Just Can't Find Anywhere Else* [Resumo do beisebol de 1977: apresentando dezoito categorias de informações estatísticas que não se encontram em nenhum outro lugar]. Para vendê-lo, James publicou um anúnciozinho de 2,5 centímetros no *Sporting News*. Setenta e cinco pessoas sentiram interesse suficiente para comprar um exemplar. Abrindo a capa azul-clara, encontravam um breve parágrafo explicativo que não explicava muita coisa, ao qual se seguiam dezesseis páginas de estatísticas de beisebol. Parágrafos surpreendentemente breves e bruscos, seguidos por páginas e mais páginas de números: tal era a abordagem quixotesca inicial de James para expor o que tinha a dizer. Não fosse a insistência do autor, não havia nenhuma razão para pensar que o primeiro *Baseball Abstract* era um livro (“Na próxima seção deste livro...”). E, sem dúvida, não havia nenhuma razão para pensar que o autor fosse capaz de dar ao leitor um entendimento totalmente original e radical do assunto. As poucas coisas que James de fato escreveu no primeiro livro pareciam tímidas. As perguntas que colocava — Alguns arremessadores atraem mais público do que outros? Qual é a influência do grupo de árbitros na duração de uma partida? — não interessariam a ninguém, a não ser ao fanático mais fanático por beisebol, e, de qualquer maneira, não poderiam receber nenhuma resposta

confiável a partir dos dados de James, referentes apenas a uma temporada.

Foi só no final do *1977 Baseball Abstract* que James ofereceu a seu pequeno grupo de leitores um vislumbre de seu potencial. O tema que realmente o empolga a ponto de fazê-lo dedicar várias páginas inteiras de texto são as estatísticas de defesa. A maneira como o pessoal do beisebol avalia o desempenho dos jogadores na defesa — somando os erros e aplaudindo o cara com o menor número — lhe parecia um despropósito. “O que é um erro?”, perguntava. “Essa é, sem exceção, a única grande estatística esportiva que consiste no registro daquilo que o observador acha que *devia ter sido feito*. É um juízo moral, na verdade, com o tipo de semimoral peculiar dos vestiários... Os marcadores do basquete contam erros mecânicos, mas são registros de fatos objetivos: o time A está com a bola, daí o time B está com a bola... Mas a essência de um erro em beisebol consiste em não se fazer a única jogada que o marcador considerava certa. É exclusivamente *um registro de opiniões*.”

James então passava a explicar que o conceito de erro, como muitos outros conceitos do beisebol, era talhado para um esporte anterior, muito diferente. Os erros tinham sido inventados no final dos anos 1850, quando os defensores não usavam luvas, o campo externo não tinha a grama aparada e o campo interno não era tratado, e rebatia-se a bola até ela ficar amassada. Em 1860, uma simples pop fly era uma aventura. Qualquer rebatida uns poucos metros além de um defensor em licença da Guerra Civil era indefensável. Naquelas circunstâncias, admitia James, podia existir algum sentido em avaliar um defensor por sua capacidade de enfrentar as bolas rebatidas diretamente para cima dele. Mas, um século depois, continuava-se a usar essa mesma estatística, sem o auxílio de nenhuma outra, quando qualquer um podia ver que as bolas rebatidas para jogadores das grandes ligas eram detalhes triviais num panorama mais amplo. O talento em evitar um fracasso óbvio não era uma grande característica num jogador das grandes ligas; a maneira mais fácil de não errar era, em primeiro lugar, ser lento demais para alcançar a bola. Afinal, escrevia James, “para errar, você precisa fazer alguma coisa *certa*; mesmo que a bola seja rebatida diretamente para você, isso significa que, antes de mais nada, você estava no lugar certo”.

As estatísticas não eram apenas inadequadas — eram mentirosas. E essas mentiras levavam os diretores dos times da divisão principal a avaliar mal seus jogadores e a administrar mal as partidas. Mais tarde, James sintetizou suas críticas em uma frase: as estatísticas de defesa faziam sentido apenas como números, não como linguagem. O que lhe interessava era a linguagem, não os números. As palavras e o sentido que elas deviam transmitir. “Quando os números adquirem o valor de linguagem”, escreveu ele mais tarde, “adquirem o poder de fazer tudo o que a linguagem é capaz de fazer: tornam-se literatura,

dramaturgia, poesia. [...] E não é apenas beisebol o que esses números descrevem, como através de um espelho quebrado. É personalidade. É psicologia, é história, é poder, é graça, glória, estabilidade, sacrifício, coragem, é sucesso e fracasso, é frustração e falta de sorte, é ambição, é superação, é disciplina. E é vitória e derrota, que são as únicas coisas que o subconsciente idiota realmente entende.” O que para a maioria das pessoas era um registro insípido de eventos efêmeros, sem maior valor ou significado, era para James um cofre contendo os segredos da vida.

Beisebol era teatro. Mas podia não ser arte se a realização não fosse devidamente compreendida. O significado dessas realizações dependia da clareza das estatísticas que as mediam; estatísticas defensivas ruins eram como neblina cobrindo o palco. Isso trazia uma pergunta evidente: por que os encarregados permitiam que o beisebol profissional fosse distorcido de forma tão evidente? A resposta também era evidente: eles acreditavam que podiam julgar a atuação de um jogador apenas assistindo a ela. Nisso, afirmava James, eles estavam totalmente enganados.

Esse era o argumento central de James, soterrado sob sua indignação com as estatísticas defensivas: o olho nu era uma ferramenta inadequada para mostrar o que era preciso saber para ser capaz de avaliar os jogos e os jogadores de beisebol:

Pensem nisso. É absolutamente impossível dizer, apenas olhando, a diferença entre um rebatedor com aproveitamento de ,300 das rebatidas e um com ,275. A diferença é de apenas uma rebatida por quinquena. Pode ser que um jornalista, assistindo a todas as partidas do time, consiga sentir essa diferença ao longo do ano inteiro, sem que se faça nenhum registro, mas duvido disso. Sem dúvida, o torcedor médio, vendo talvez um décimo das partidas do time, nunca conseguiria avaliar dois desempenhos com essa precisão — de fato, se você assistir a quinze partidas de cada um deles por ano, há 40% de chance de que o rebatedor com média de ,275 tenha mais rebatidas do que o rebatedor com média de ,300 nas partidas a que você assistir. A diferença entre um bom rebatedor e um rebatedor mediano simplesmente não é visível — é uma questão de registro.

Mas o rebatedor é o centro das atenções. Observamos o que ele faz, nos debruçamos sobre a ficha de pontuação com seu nome em mente. Se ele acerta uma rebatida forte na direção da linha da terceira base e o jogador da terceira base mergulha para fazer a defesa e elimina o corredor, então notamos e aplaudimos o defensor da terceira base. Porém, até haver a

rebatida, quem está observando o jogador da terceira base? Se ele se antecipa, se ele se adapta ao rebatedor e se desloca apenas dois passos, a mesma rebatida vira uma parada de “contramão” de rotina — e ninguém aplaude...

Era o primeiro ataque consistente de James à sabedoria convencional do beisebol. E concluía com uma pergunta:

Assim, se não temos como saber exatamente quem são os bons defensores a partir dos livros de registros e não temos como saber exatamente apenas olhando, como saberemos?

“Contando as coisas”, respondeu ele. E então propôs uma nova estatística, que chamou de “fator de alcance”. O fator de alcance de um jogador era simplesmente a quantidade de jogadas *bem-sucedidas* que ele fazia em campo durante a partida. Também havia problemas evidentes com os fatores de alcance — um defensor externo num time com arremessadores que cediam bolas aéreas tinha mais oportunidades de fazer jogadas bem-sucedidas do que um defensor externo num time com arremessadores que jogavam bolas de efeito que “afundam” (sinker) — mas os detalhes não vinham ao caso. O que importava era a capacidade de James de acender uma lanterna num quarto escuro e lançar uma nova luz sobre um velho problema. Ele fazia as pessoas pensarem. Havia algo envolvente na maneira como conseguia isso — a paixão, o senso de humor, a intolerância a asneiras, a preferência em deixar uma bagunça honesta para os outros arrumarem a oferecer uma mentira bem ajeitadinha para admirarem — que motivava outras pessoas a se juntarem à sua causa. A causa era maior do que as estatísticas de defesa. A causa era a busca sistemática por novos conhecimentos no beisebol.

Não era uma causa inédita. James não foi o primeiro a notar que ainda havia questões no beisebol a serem entendidas, e que as racionalidades ocultas do esporte podiam ser reveladas através da análise estatística. Desde a invenção do resumo estatístico do jogo em 1845 e seu aperfeiçoamento em 1859, por obra de um jornalista britânico chamado Henry Chadwick, inúmeros analistas viam que o beisebol era o esporte que mais permitia a contagem de coisas significativas, e que essa contagem permitia determinar o valor de cada jogador. Mas, muitas vezes, o que se contava era simplesmente aquilo que era mais fácil de contar ou

o que Henry Chadwick, cujo referencial era o críquete, decidira que importava contar.

Chadwick era a figura crítica nessa história. Para quem perguntasse “Como as estatísticas do beisebol podiam ser tão distorcidas?”, a resposta geralmente começava e às vezes terminava com Henry Chadwick. O objetivo explícito de Chadwick em contar os eventos que ocorriam num campo era a reforma: queria que os jogadores fossem julgados por suas contribuições precisas à vitória e à derrota. Ficava tão indignado com a imoralidade que via no campo de beisebol quanto com os jogos de azar e o alcoolismo que via nas ruas da cidade, os quais também nunca cansava de criticar. Ele queria atribuir erros e méritos às partidas de beisebol e, para isso, simplificou as questões ao extremo. Os erros de defesa eram apenas mais um exemplo da mentalidade moralista de Chadwick em ação. Outro exemplo era sua interpretação da andada por bola fora. No críquete não existia a andada: Chadwick teve de adaptar seu raciocínio a uma ideia nova. Mas a ferramenta não se adequava à tarefa: Chadwick era mais eficaz em popularizar as estatísticas de beisebol do que em entender o significado delas. Ele considerava que as andadas eram geradas exclusivamente pelo arremessador — que o rebatedor não tinha nada a ver com elas. Em sua tabela inicial, Chadwick registrava uma andada como erro. Mesmo nas versões posteriores da planilha, depois de ter ouvido — ou pelo menos escutado — as objeções óbvias de outras pessoas, ele nunca deu crédito ao rebatedor. Apenas removeu totalmente a andada dos livros de registros. “Existe somente um critério verdadeiro de habilidade no bastão”, escreveu ele, “e é o número de vezes que as bases são conseguidas em rebatidas válidas.” O que entrou foi a média de rebatidas, que desde então passou a ser o critério principal para medir o valor de ataque de um jogador.¹

Quanto mais se examinavam esses velhos recursos de mensuração, menos adequados eles pareciam. Chadwick, com o auxílio de terceiros, havia criado um sistema de incentivos distorcidos para quem entrasse num campo de beisebol. O fetiche das “corridas impulsionadas” (runs batted in, RBI) era outro bom exemplo dessa sandice geral. O índice de corridas impulsionadas passara a ser tratado no esporte como uma realização individual — havia agentes livres *recebendo* pela fama de serem máquinas de RBI, mesmo que evidentemente não fossem. Era frequente que os jogadores das grandes ligas tentassem rebater bolas que não deviam, só para conseguir engordar sua contagem de RBI. Por que ganhavam tanto crédito por isso? Para impulsionar um jogador que marcasse uma corrida, os corredores precisavam já estar na base na hora da rebatida. Havia um enorme elemento de sorte até em conseguir essa simples oportunidade, e o que não era sorte era, em parte, realização de outros jogadores. “O

problema”, escreveu James, “é que as estatísticas de beisebol não são realizações exclusivas de alguns contra outros, que é como estamos acostumados a vê-las. São realizações de alguns, somadas às circunstâncias em que se encontram.”

A falha do pessoal do beisebol em reconhecer esse fato em suas estatísticas levava exatamente ao mesmo tipo de corrupção moral que Henry Chadwick, ao criá-las, tentara eliminar. As múltiplas pequenas injustiças e incompreensões, embutidas nos registros do esporte, geravam ineficiências impressionantes. As estratégias eram muitas vezes equivocadas e os jogadores, sistematicamente incompreendidos. Chadwick conseguiu criar para a estatística um papel central no beisebol, porém, com isso, criou também o maior escândalo de contabilização nos esportes profissionais.

Entre Chadwick e James, houve algumas tentativas vacilantes de repensar os velhos preconceitos. O lendário gerente geral Branch Rickey empregou um estatístico profissional chamado Allan Roth que em 1954 ajudou a redigir um artigo em nome de Rickey para a revista *Life*, defendendo a importância da porcentagem em base e de potência em bastão sobre a média de rebatidas. Earnshaw Cook, professor de engenharia mecânica na universidade Johns Hopkins, escreveu dois livros pomposos, numa prosa que afastava os convertidos, defendendo a pertinência da análise estatística no beisebol. No começo dos anos 1960, dois irmãos que trabalhavam na IBM usaram os computadores da empresa para analisar estratégias e jogadores do esporte. Mas o desejo de utilizar as estatísticas para deixar o beisebol eficiente — para medir e avaliar com precisão os eventos que se passam num campo, para dar aos números os novos poderes de uma linguagem — só ganhou força quando adquiriu relevância prática.

Quando Bill James publicou seu *1977 Baseball Abstract*, estavam prestes a ocorrer duas mudanças que não só facilitavam as respostas, mas também davam mais valor às perguntas. Primeiro vieram os avanços drásticos na tecnologia de computação: reduziram-se expressivamente os custos de compilar e analisar a imensa quantidade de dados do beisebol. Então veio a explosão nos salários dos jogadores, o que aumentou expressivamente as vantagens de dispor de tais conhecimentos. “Se vamos pagar 150 mil dólares por ano a esses caras”, concluía James em seu ensaio sobre defesa, “devíamos pelo menos saber até que ponto são bons — o que significa saber o quanto produzem na defesa, e não só o quanto criam a cada ida ao bastão”. Se esse argumento já parecia convincente quando os jogadores de beisebol recebiam 150 mil dólares anuais, ficou cem vezes mais convincente quando passaram a receber 15 milhões por ano.

O primeiro ensaio propriamente dito de James foi a amostra inicial de uma carreira literária surpreendente. Ele deixou de fazer apenas uma pergunta, mas

ela ressoava nas entrelinhas: se era possível ocorrerem erros de cálculo grosseiros na avaliação de um indivíduo num campo de beisebol, perante um público de trinta mil espectadores ao vivo e outros milhões de telespectadores, o que isso significava para a mensuração do desempenho profissional em outras atividades? Se era possível subestimar ou superestimar jogadores profissionais de beisebol, quem escaparia? Por piores que fossem, as estatísticas usadas para avaliar os jogadores provavelmente tinham uma precisão muito maior do que qualquer outra ferramenta utilizada para medir o valor de indivíduos que não viviam do beisebol.

Todavia, se tivesse parado de escrever em 1977, James teria sido descartado como mais um excêntrico que não sabia a hora de se calar a respeito dos resumos estatísticos dos jogos. Mas ele não parou em 1977. Não lhe passou pela cabeça desanimar com a venda de 75 exemplares; pelo contrário, sentiu-se encorajado! Nunca nenhum autor se animou com tão pouco. Como sua esposa, Susan McCarthy, disse mais tarde: “Em vez de ter uma página com um estudo sobre roubos de bases por cima de duas outras páginas com dados de arremessadores, trancada durante anos e anos numa caixa de papelão no calabouço da Stokely Van Camp, as ideias e problemas sobre os questionamentos que ele ruminava fazia muito tempo fincaram raízes num clima propício ao crescimento e ao amadurecimento.” ²

Em 1978, James lançou um segundo livro. Desta vez, deixou a modéstia de lado antes de entrar no assunto. O livro se chamava *1978 Baseball Abstract: The 2nd Annual Edition of Baseball's Most Informative and Imaginative Review* [Resumo do Beisebol de 1978: a segunda edição anual da análise mais informativa e imaginativa do beisebol]. “Quero aqui apresentar o quadro mais completo, mais detalhado e mais abrangente do beisebol existente no mundo”, escreveu ele, “e gostaria de evitar repetir qualquer coisa que já tenha sido escrita anteriormente.”

Dessa vez, a notícia correu: foram vendidos 250 exemplares. Para um autor que via a venda de 75 exemplares como incentivo, a venda de 250 exemplares foi um verdadeiro estrondo. A caneta de James agora era uma força irrefreável. Pelos nove anos seguintes, a cada inverno ele escrevia com confiança cada vez maior; a cada primavera, o público crescente de James encontrava cada vez menos espaço dedicado aos números e mais espaço às suas palavras. Elas podiam se estender por muitas páginas a fio, mas vinham tipicamente apresentadas como digressões a partir dos números. Assim, por exemplo, querendo apresentar a história de sua obsessão pelo beisebol, James a inseriu de maneira discreta numa avaliação das estatísticas de final de ano do Kansas City Royals. Incapaz de reprimir sua antipatia pelos ricos que compravam times de

beisebol e gastavam fortunas com jogadores, ele mudou de assunto ao falar dos Atlanta Braves e passou a comentar sobre o novo proprietário do clube. “Ted Turner”, escreveu ele, “parece nunca ter sido tentado pela moderação, pela dignidade ou pelo autocontrole. É um homem que joga pesado num jogo de cavalheiros e, quando perde, reclama que o vencedor não agiu como um cavalheiro. Por mais que corra, será sempre perseguido por um Tremendo Plebeísmo, e é isso que faz dele um vencedor.” (Os torcedores do Yankees logo veriam que James era capaz de um desdém ainda maior: “Turner é o homem que Steinbrenner sonha ser.”)

As edições do *Baseball Abstract* constituíam um longo e elaborado aparte, que levantava novas perguntas das mais estranhas e variadas espécies: se Mike Schmidt rebatesse contra o Cubs o tempo todo, quanto rebateria? Os jovens jogadores negros velozes realmente demoravam mais a perder a velocidade ao longo de suas carreiras, como parecia a James, do que os jovens jogadores brancos velozes? Quais eram os melhores rebatedores mortos? Mesmo as perguntas mais obscuras sobre o beisebol e sua própria história tinham implicações práticas. Para calcular o quanto Mike Schmidt rebateria se só rebatesse contra o Chicago Cubs, era preciso entender como rebater no Wrigley Field era diferente de rebater em outros campos. Para comparar a velocidade de brancos e negros, era preciso encontrar uma maneira de medir a velocidade dos jogadores quando estavam nas bases e na defesa; só depois disso, era possível começar a examinar a importância dessa velocidade. Para determinar os melhores rebatedores mortos, era preciso criar ferramentas para avaliá-los, e essas ferramentas deveriam funcionar igualmente bem para os jogadores vivos.

Esse último problema preocupava bastante James. Desde sua segunda temporada, ele praticamente deixou de lado a defesa e se concentrou no ataque. Explicou aos leitores do segundo *Abstract* que o livro trazia cerca de quarenta mil estatísticas de jogo. Algumas foram fáceis obter, mas “em sua grande maioria foram compiladas uma a uma, escolhidas entre os resumos estatísticos e classificadas cuidadosamente em grupos de trinta, mais ou menos, com títulos como ‘Jogadas duplas convertidas em jogos tendo Nino Espinosa como titular’ e ‘Rebatidas triplas conseguidas por Larry Parrish em julho’”. Ele admitia abertamente que a compilação de estatísticas de beisebol era, à primeira vista, uma maneira esdrúxula de passar o tempo — a menos que o sujeito fosse obcecado pelo ataque em beisebol. “Sou um mecânico com números”, escreveu ele aos leitores do terceiro *Abstract*:

mexendo com os registros das partidas de beisebol para ver como funciona

a máquina do ataque no esporte. Não começo pelos números assim como um mecânico não começa com uma chave-inglesa. Início com a partida, com as coisas que vejo ali e as coisas que as pessoas dizem. E pergunto: é verdade? Você pode provar? Pode medir? Como isso se encaixa no resto da máquina? E, para as respostas, recorro aos livros de registros. (...) O que me admira é estar em companhia tão reduzida. O beisebol mantém uma grande quantidade de registros, as pessoas falam muito, discutem muito e pensam muito sobre eles. Por que ninguém os utiliza? Por que, diante desta ou daquela discordância, ninguém chega e diz, “Prove”?

Por razões que agora parecem evidentes, James considerava o ataque no beisebol mais interessante do que os outros dois campos de pesquisa potencialmente promissores: defesa e arremesso. Havia uma profusão de estatísticas de rebatidas, portadoras, segundo James, dos poderes da linguagem. Eram, no termo que ele cunhou ao estilo teutônico, “imagenúmeros”. Material literário. Elas evocavam imagens mentais. “Começamos pelo número 191 na coluna de rebatidas”, escreveu:

e com a asserção de que não é possível que um aloprado³ (espero que nenhum leitor deste livro desconheça esse termo) consiga 191 rebatidas durante uma temporada. Um calhorda consegue. Uma anta consegue. Muitos caras que você não aceitaria como marido da sua irmã conseguem. Mas manter 191 rebatidas durante uma temporada exige (ou parece exigir, o que, para todos os fins, é a mesma coisa) uma constância, uma dedicação diária, uma autodisciplina, uma disposição de jogar com dor e (até certo ponto) uma predisposição para um jogo de equipe que é totalmente incompatível com o alopramento. Por outro lado, é plenamente possível que um aloprado rebata 48 home runs. Quem rebate 48 home runs é aquela figura lerda e robusta bastante teatral...

James era um esteta. Mas também um pragmático: tinha topado com uma coisa quebrada e queria consertar. Mas só poderia consertar se tivesse as ferramentas adequadas. O poder da análise estatística depende do tamanho da amostragem: quanto maior o volume de dados à disposição do analista, maior o grau de confiabilidade das conclusões específicas que poderá extrair deles. A previsão de que um rebatedor destro que acertou duas em dez contra

arremessadores canhotos rebaterá ,200 contra canhotos não é tão confiável quanto a previsão sobre um rebatedor que acertou duzentas em mil. As estatísticas de ataque disponíveis para James, em 1978, tinham abrangência suficiente para se chegar a conclusões específicas e significativas. O ataque ele podia consertar. Não podia consertar a defesa porque, como havia explicado em seu primeiro *Abstract*, os dados disponíveis não eram suficientes para fazer uma avaliação significativa. E o arremesso não precisava de conserto. Ou, pelo menos, assim ele pensava.

Em 1979, no terceiro *Baseball Abstract*, agora anual, James escreveu: “Um rebatedor deveria ser medido pelo êxito no que está tentando fazer, e o que está tentando fazer é criar corridas. Quando se pensa nisso, é espantoso o nível de confusão que há em torno da questão. Acho surpreendente que, ao listar os ataques, a liga coloque em primeiro lugar — significando o melhor — não o time que anotou o maior número de corridas, mas aquele com a média mais alta de rebatidas. Deveria ser evidente que o objetivo do ataque não é atingir uma média alta de rebatidas.” Mas, como não era evidente, pelo menos para os dirigentes do beisebol, James viu aí uma enorme oportunidade. Como se *marcavam* realmente as corridas? “Não podemos ver diretamente quantas corridas cada jogador cria”, escreveu ele, “mas podemos ver quantas corridas cada time cria.”

James começou a construir um modelo para prever quantas corridas um time marcaria, em vista do número de andadas, rebatidas, bases roubadas etc. Pegou os números para, digamos, o Red Sox em 1975. (Por causa de Henry Chadwick, em 1975 ainda era difícil obter o número de andadas por jogador, mas havia os totais por time.) Também conseguiu descobrir a quantidade de corridas que o Red Sox marcou em 1975. O que ele precisava determinar era a importância relativa das várias coisas que os jogadores do Red Sox faziam no bastão e nos caminhos entre as bases — ou seja, atribuir pesos às eliminações, às andadas, aos roubos de bases, às rebatidas simples, às duplas etc. Não havia nada elegante ou organizado em seu processo de resolver o problema. Foi experimentando várias equações no lado direito do sinal de igual, até encontrar uma que batia com o total de corridas do time no lado esquerdo. A primeira versão da fórmula de James, a que ele deu o nome de “Corridas criadas”, era assim:

$$\text{Corridas criadas} = (\text{Rebatidas} + \text{Andadas}) \times \text{Total de bases} / (\text{Veze no bastão} + \text{Andadas})$$

Mesmo simples, a equação podia ser considerada uma hipótese científica: um modelo capaz de prever o número de corridas que um time anotaria em função das andadas, dos roubos de bases, das rebatidas simples, das duplas etc. Era possível colocar números reais de temporadas anteriores no lado direito e ver se eles resultavam nas corridas que o time marcara naquela temporada. Em certo sentido, James estava tentando prever o passado. Se o número efetivo de corridas marcadas pelo Boston Red Sox em 1975 fosse muito diferente do número previsto, o modelo dele seria flagrantemente falso. Se fossem iguais, James teria descoberto algo importante. Como constatou-se, ele descobriu mesmo algo importante. Seu modelo chegava muito mais perto de descrever os totais de corridas de todos os times da liga principal, ano após ano, do que qualquer outra coisa que os próprios times haviam criado.

Isso, por sua vez, significava que o pessoal do beisebol profissional tinha uma concepção falsa de seus ataques. Significava, mais especificamente, que não tinham dado valor suficiente às andadas e às rebatidas multibase, que ocupavam lugar de destaque no modelo de “Corridas criadas”, e haviam atribuído valor excessivo à média de rebatidas e ao roubo de bases, que James nem se dera ao trabalho de incluir em sua equação. Significava que as rebatidas de sacrifício, quaisquer que fossem, mereciam mesmo o nome de sacrifício, pois não traziam absolutamente nenhuma contribuição. Ou seja: as eliminações eram mais preciosas do que o pessoal do beisebol acreditava ou parecia acreditar. Nem todo o pessoal, claro. A análise jamesiana era compatível com uma abordagem defendida com a mais categórica veemência pelo ex-técnico do Baltimore Orioles, Earl Weaver. Weaver construía seus ataques de forma a maximizar as chances de um home run com dois jogadores em base. Não fazia bunts e tinha apreço especial pelos jogadores que chegavam com bom aproveitamento em base e pelos que rebatiam home runs. Jogar grande, não pequeno.

Porém, novamente os detalhes da equação de James nem vinham muito ao caso. Ele estava criando oportunidades para outros cientistas, além de estar fazendo ciência por conta própria. Outros, com mais habilidade técnica, logo gerariam aproximações maiores da realidade. O importante era: (a) tratava-se de uma hipótese racional e verificável; (b) a formulação de James era tão clara e interessante que atraiu a participação de muita gente inteligente. “O fato de as fórmulas funcionarem com a precisão que funcionam é uma maneira de dizer que existem relações essencialmente constantes entre a média de rebatidas, home runs, andadas, outros elementos de ataque — e as corridas”, escreveu James.

Esse tipo de conversa era o canto da sereia para aqueles que dedicavam a vida a descobrir relações estáveis num mundo aparentemente instável: físicos, biólogos, economistas. Havia um jovem estatístico na RAND Corporation,

futuro docente no departamento de estatística de Harvard, chamado Carl Morris. “Eu vinha refletindo sobre ideias avançadas na análise do beisebol”, disse Morris, “e fiquei impressionado ao ver que havia outra pessoa escrevendo sobre o tema de maneira muito interessante.” Morris contava os dias até o lançamento do próximo *Baseball Abstract*. James apontava o caminho para grandes questões que Morris podia abordar com um rigor maior do que James conseguiria.

Havia também um jovem economista brilhante, funcionário do Departamento de Gestão e Orçamento, chamado Eddie Epstein. Ele se deparou com o *Abstract* e concluiu que trabalhava no lugar errado. “Li o *Abstract*”, disse ele, “e me acendeu uma luzinha: eu posso fazer isso! A forma como Bill expunha muito claramente o que se poderia colher entre essas montanhas de dados de beisebol. No passado, julgava-se impossível conhecer muitas daquelas coisas.” Epstein começou a azucrinar Edward Bennet Williams, o dono do Orioles, por um emprego.

E havia também aqueles poucos que se dedicavam ao passatempo antes que James começasse a escrever as edições do *Baseball Abstract*. Dick Cramer era cientista pesquisador na empresa farmacêutica SmithKline French (atualmente GlaxoSmithKline), e por isso tinha acesso a um computador. Durante o dia, ele usava os computadores da SmithKline para descobrir novos medicamentos e, à noite, usava-os para testar suas teorias sobre beisebol. Por exemplo, Cramer tinha uma hipótese sobre as rebatidas em momentos decisivos (clutch hitting): elas não existiam. A despeito do que os locutores dissessem e os técnicos acreditassem, os jogadores das grandes ligas não tinham um desempenho especialmente bom — ou especialmente ruim — em situações críticas. Por um lado, isso fazia sentido, de forma um tanto cômica: ninguém que variasse seu comportamento sob pressão chegaria às grandes ligas. Por outro lado, contrariava a sacrossanta sabedoria tradicional dentro do beisebol. A ideia, pelo simples fato de ser contraintuitiva, deliciava Cramer. “Contraria a experiência pessoal de pressão de todos e como lidam com ela”, disse Cramer. E, no entanto, era verdade, ou pelo menos impossível de refutar. Ele testara a ideia e não encontrara nenhuma indicação de que os jogadores rebatessem assim ou assado em tal situação — com duas exceções. Alguns rebatedores canhotos se saíam pior contra arremessadores canhotos do que contra destros, e alguns rebatedores destros se saíam pior contra destros do que contra canhotos.

Mais tarde, o trabalho de Cramer veio a enfrentar e a sobreviver a exames críticos intensos e constantes, mas, até o surgimento de Bill James, ninguém prestara qualquer atenção nele. “Até Bill aparecer”, diz Cramer, “éramos apenas três ou quatro trocando cartas. Até minha família dizia: ‘Que maneira doida de passar o tempo.’”

Cramer, como James, entendia que a busca por conhecimentos no beisebol ficava limitada pelas estatísticas brutas, e começou a pensar seriamente em criar uma empresa para coletar dados melhores sobre as partidas da MLB do que a própria MLB. Um dos indivíduos com quem Cramer se correspondia a respeito do assunto era Pete Palmer. Palmer trabalhava como engenheiro na Raytheon, no desenvolvimento do software que atendia à estação de radar nas Ilhas Aleutas que monitorava os mísseis de teste russos. Pelo menos era o que fazia por dinheiro; por amor, ele se sentava com seus resumos estatísticos e régua de cálculo e analisava estratégias de beisebol. Palmer e Cramer haviam criado seus modelos em separado, abordando o ataque no beisebol, com diferenças ínfimas em relação ao modelo de James. (Mais tarde, os dois conceberam juntos a estatística agora amplamente utilizada para captar a importância fundamental do aproveitamento em base e da potência no bastão para o ataque: OPS, sigla de *on-base Plus Slugging*.) Palmer tinha realmente uma grande inteligência estatística e havia trabalhado muito, só por gosto pela coisa, para demonstrar o disparate de muitas estratégias convencionais do beisebol. Bunts, roubos de bases, hit and runs — todas essas estratégias eram essencialmente contraproducentes e tinham um tema em comum: o medo da humilhação pública.

“Os técnicos tendem a adotar uma estratégia com menos probabilidade de falhar do que uma estratégia com maior grau de eficiência”, disse Palmer. “O ônus de fazer feio é pior do que o bônus de fazer a melhor jogada.” Palmer escrevera um livro nos anos 1960 apontando tudo isso. O manuscrito ainda estava acumulando poeira em sua escrivaninha quando Bill James apareceu e criou um mercado para ele. Em 1984, na esteira do sucesso de Bill James, Palmer pôde publicá-lo: *The Hidden Game of Baseball* [O jogo oculto do beisebol]. “Bill provou que havia público para esse tipo de coisa”, diz Palmer. “Do contrário, não sei se eu teria lançado o livro.”

Os poderes literários de James se somavam à sua disposição em responder às cartas para criar um movimento. Cientistas pesquisadores em grandes empresas, professores universitários de física, economia e ciências naturais, estatísticos profissionais, analistas financeiros, advogados entediados, gênios da matemática incapazes de manter um emprego estável — todo esse pessoal logo passou a escrever a James, apresentando ideias, críticas, modelos e perguntas. Seus leitores deviam formar um dos grupos mais estranhos que já se reuniu em torno de uma ideia. Antes que encontrasse editora, James tinha quatro leitores que considerava “celebridades”. Eram eles:

Norman Mailer

O escritor especializado em beisebol Dan Okrent

O roteirista William Goldman (*Butch Cassidy*)

O sujeito que fazia o papel de “Squiggy” no seriado de TV *Laverne & Shirley*

Os leitores de James eram de difícil classificação porque ele mesmo era difícil de classificar. A simples quantidade de energia mental que se investia voluntariamente, de modo um tanto quixotesco, nessa busca por novos conhecimentos no beisebol era emocionante ou deprimente, dependendo dos sentimentos do observador em relação ao esporte. Os mesmos recursos intelectuais poderiam ter curado a gripe ou levado o homem a Plutão; em vez disso, eram usados para adivinhar a lógica oculta de uma partida de beisebol e para criar formas totalmente novas de questionar as decisões do técnico.

Depois de quatro anos de experimentos, James continuava a publicar as edições do *Baseball Abstract* por conta própria, mas vivia soterrado pela correspondência dos leitores. O que começara como um monólogo interior se converteu, de início, numa conversa entre dezenas de pessoas com desenvoltura no tema e, depois, numa sucessão de discussões em que não se admitiam idiotas. (James era o mais incisivo: “O beisebol consiste realmente em 75% de arremesso? James J. Skipper procurou responder a essa pergunta no *Baseball Research Journal* de 1980, com o engenhoso método de perguntar para as pessoas ao redor qual a porcentagem de beisebol que consistia em arremesso, depois somar as respostas e dividir pelo número de pessoas consultadas...”)

Em 1981, em resposta a uma pilha de cartas perguntando-lhe sua opinião sobre o novo modelo de ataque no beisebol criado pelo jornalista esportivo Thomas Boswell, James não hesitou em escrever que “o mundo precisa tanto de outro sistema de classificação do ataque quanto Custer precisaria de mais índios (ou, melhor, quanto os índios precisariam de outro Custer). (...) Aquilo de que realmente precisamos é que os amadores saiam do caminho”. Agora existiam analistas de beisebol com rigor intelectual. James deu um nome ao novo campo de estudos: *sabermetria*.⁴

O número crescente de discípulos e correspondentes fortaleceu o movimento de James de duas maneiras. Uma delas era que, agora, havia uma espécie de revisão por pares: no começo dos anos 1980, todo o trabalho estatístico estava sendo analisado por pessoas que, ao contrário de James, tinham profundo conhecimento e interesse pela teoria estatística. Os estudos de beisebol, que antes constituíam um passatempo excêntrico, ganharam uma formalização nos moldes de uma disciplina acadêmica. Em certo sentido, era um instrumento de

avanço ainda mais eficiente: todos esses cientistas e matemáticos de excelente formação e grande sucesso estavam trabalhando por amor, não por dinheiro. E, para certos perfis de inteligência analítica hipercinética, geralmente masculina, não havia prazer maior do que procurar novas verdades sobre o beisebol. “O beisebol é uma telenovela que se presta ao pensamento probabilístico”, foi como Dick Cramer definiu esse prazer.

A outra vantagem era que a legião cada vez maior de analistas de beisebol tinha competência e vontade de gerar novos dados para o esporte. James vivia reclamando da escassez de informações mantidas pelos times das grandes ligas. Numa edição do *Baseball Abstract*, ele já explicara aos leitores que “as respostas a que eu chego — e, portanto, os métodos que escolhi — nunca são totalmente satisfatórias e quase nunca totalmente decepcionantes. Os problemas mais constantes que enfrento decorrem das limitações de minhas fontes de informação. Só disponho dos resumos estatísticos dos jogos”. Ele não conseguia ter acesso a outras fontes de dados porque a empresa que mantinha as estatísticas oficiais para a MLB, o Elias Sports Bureau, foi de uma inutilidade incrível quando James pediu acesso a elas. “O problema do Elias Bureau”, escreveu ele, “é que ele nunca libera uma estatística a menos que receba um dólar por ela. A grande preocupação da vida deles é conseguir o máximo de dólares possível de você e, em troca, entregar o mínimo possível — como muitas outras empresas, imagino, só que com uma ganância mais explícita do que o habitual.”

James ficou chocado com a indiferença do pessoal do beisebol com os torcedores que tinham um maior interesse pelo esporte. A MLB não enxergava os torcedores como clientes e, dessa forma, não tinha a mínima ideia do que os clientes queriam. Eles queriam estatísticas, e a MLB se empenhava ao máximo para não fornecê-las. As pessoas dentro da MLB eram, para dizer o mínimo, hostis às pessoas de fora da MLB que queriam estudar o esporte. Para James, que agora já se aperfeiçoara na arte de parecer sensato num mundo insensato, aquilo parecia loucura. “Toda a base do esporte profissional é o interesse do público pelo que acontece”, escreveu ele. “Negar ao público o acesso a informações que lhe interessam é o equivalente lógico a fechar os estádios e jogar as partidas em particular, para que ninguém veja o que está acontecendo.”

Em 1984, James escreveu para aquele grupo de fanáticos por beisebol que agora crescia rapidamente e propôs uma ideia radical: tirar o acúmulo de estatísticas das mãos do pessoal oficial do beisebol. Montar uma organização de centenas de registradores voluntários que coletariam os dados necessários para converter o beisebol em ciência. “O que proponho aqui, e até onde sei pela primeira vez em cem anos, é recomeçar. (...) Proponho reconstruir o resumo estatístico do jogo, não a partir do antigo, mas a partir da ferramenta com que ele

é montado: a folha de registro completa.” Então explicou que grande parte dos dados coletados pelos times de beisebol profissional — por exemplo, como se saíam os rebatedores destros contra arremessos de canhotos — não estava disponível ao público. E, pior ainda, os times não tinham noção do que deviam coletar e, assim, uma quantidade enorme de dados fundamentais simplesmente nem era registrada: como os rebatedores se saíam em diferentes contagens e em diversas situações do jogo; quem era o arremessador quando uma base era roubada; como diferentes defensores externos afetavam a agressividade dos corredores nos caminhos entre as bases; onde caíam as rebatidas e com que força eram feitas; quantos arremessos um arremessador lançava numa partida. A inexistência de dados fundamentais significa que “nós, como analistas do esporte, somos afastados da fonte básica das informações de que precisamos para empreender uma variedade incalculável de estudos investigativos”.

O movimento para tomar dos profissionais do beisebol o entendimento do beisebol profissional, ao qual James deu o nome de “Scoresheet Project” [Projeto folha de registros], logo se juntou à STATS Inc., uma pequena empresa em dificuldades que fora criada por Dick Cramer para fazer algo muito semelhante. O objetivo da STATS Inc. tinha sido, nas palavras de Cramer, “registrar os eventos principais que ocorriam num jogo de beisebol da maneira mais completa possível”. Já em 1980, a STATS Inc. tentara vender esse tipo de informação aos times, mas eles não demonstraram o menor interesse. Cramer persistiu: enviou seus próprios registradores para os jogos da liga principal, começando na primavera de 1981 com um amistoso entre o Chicago Cubs e o Oakland Athletics (Matt Keough, futuro olheiro do A’s, ficou com a vitória). Além de todos os dados usuais, esses indivíduos mal remunerados registravam, jogada por jogada, dados que até então nunca haviam sido coletados de maneira sistemática: a contagem de arremessos ao final da vez ao bastão, tipos e localizações dos arremessos, direção e distância das bolas que eram rebatidas. Dividiram o campo em 26 fatias, traçando as linhas a partir da base inicial. A distância de uma bola aérea era julgada pelo ponto onde caía; a de uma bola rasteira, pelo ponto onde era recebida. Se um jogador dava uma rebatida simples e avançava para a segunda base por um erro do defensor direito, a jogada era registrada como dois eventos separados. Tudo isso era novidade e, para os analistas do movimento, fundamental para chegar à essência do jogo.

Os contratados para dirigir as equipes profissionais não enxergavam a razão para isso. Sequer haviam se dado ao trabalho de compilar os dados de que precisavam para analisar suas ações de maneira fundamentada. Diante das novas informações apresentadas pela STATS Inc., não demonstraram grande interesse, nem mesmo quando foram oferecidas gratuitamente. O diretor executivo da

STATS Inc., John Dewan, disse: “Você tinha técnicos e gerentes gerais que haviam sido jogadores. Como alguém que só entendia de computadores poderia lhes ensinar *qualquer coisa* para terem mais sucesso? Lembro que liguei para o White Sox, quase como uma questão de cortesia, e falei: ‘Ei, quando Frank Thomas joga na primeira base, ele rebate com um índice de aproveitamento com setenta pontos a mais do que quando joga como rebatedor designado.’ Ninguém deu a menor bola.” A cada dezoito meses, a STATS Inc. contratava outro rapaz inteligente e de boa formação, que simplesmente não conseguia acreditar que os times da liga principal não queriam saber de coisas que podiam ajudá-los a vencer. Então o rapaz se empenhava em tentar vender a STATS Inc. aos times de beisebol. E sempre acabava pedindo demissão, desiludido. “Quem dirige o beisebol vive cercado por gente querendo dar conselhos”, disse James. “Assim, eles criam barreiras muito sólidas para manter tudo à distância.”

A coisa não se resumia ao desconforto dos atletas na presença de nerds. O beisebol profissional gostava de ter intelectuais ali pela sede do clube, no escritório do comissário e na sala do gerente geral. Bom, talvez não gostasse, mas não se incomodava, desde que os intelectuais não tivessem nenhuma contribuição prática no modo de jogar ou em quem jogava. O beisebol oferecia uma cadeira confortável para os garotos-prodígio que falavam difícil, citavam autores mortos e discorriam sobre a poesia do movimento. Eles conferiam dignidade ao esporte, tal como uma gravata-borboleta. Eram inofensivos. Ameaçador era o conhecimento frio e objetivo.

O fundador da STATS Inc., Dick Cramer, contou um episódio que retratava o problema mais profundo. Nos primeiros tempos da empresa, meio por acaso, Cramer vendera seu conjunto de dados e serviços de análise para o Houston Astros. O gerente geral do clube, Al Rosen, queria saber qual seria o efeito sobre o time se as cercas do Astrodome, que delimitavam a área do campo, se fechassem um pouco em si. O time, tal como era composto na época, se sairia melhor ou pior numa área menor, mais propícia para o rebatedor? Cramer avaliou os números — mostrando a relativa propensão do Astros a rebater pop flies diante dos adversários — e disse a Rosen: “Desculpe, mas, se você fizer isso, vai perder mais jogos.” Em vez de deixar as cercas como estavam, Rosen decidiu que a informação nunca poderia vir a público. “De repente virou uma informação confidencial”, contou Cramer. “Era: ‘Não podemos dizer a ninguém! Meu Deus, não podemos deixar essa informação vaziar! Imaginem o efeito em nossos arremessadores!’” Eles não queriam a informação para tomar a decisão. A decisão já estava tomada. (Acreditavam que home runs vendiam ingressos.) Queriam a informação, em certo sentido, para não precisar lidar com as consequências.

Em 1985, o STATS Inc. desistiu de tentar vender aos clubes seus dados de qualidade superior e começou a vendê-los aos fãs. O momento não podia ter sido melhor: o torcedor de beisebol estava passando por um tipo de mudança que o convertia em cliente natural da STATS Inc. Inventara-se um novo tipo de fã, com interesse quase prático nas estatísticas de beisebol. Em 1980, um grupo de amigos, liderado por Dan Okrent da *Sports Illustrated*, se reuniu no La Rotisserie Française, um restaurante em Manhattan, e criou o que veio a ser conhecido, confundindo toda uma nação, como Beisebol Rotisserie. Pode-se dizer que Okrent foi quem “descobriu” Bill James. Okrent estava entre os 75 sujeitos que, em 1977, viram o anúncio de 2,5 centímetros que James publicara no *Sporting News*, e enviou um cheque para Lawrence, no Kansas. Recebeu uma brochura mimeografada aparentando ser pouco promissora. E então leu. “Fiquei absolutamente embasbacado”, disse ele. “Não conseguia acreditar (a) que esse cara existia, (b) que não tinha sido descoberto.”

Okrent pegou um avião até Lawrence para se certificar da existência real de James e então escreveu uma matéria sobre ele para a *Sports Illustrated*. A matéria foi cortada: o ingresso de James na cena esportiva nacional foi adiado por um ano, depois que a checadora da revista censurou a matéria. “Ela leu linha por linha”, relembrou Okrent, “dizendo: ‘Todo mundo sabe que isso não é verdade. Todo mundo sabe que Nolan Ryan atraía um público maior quando arremessava, que Gene Tenace era mau rebatedor, que...’” As opiniões convencionais sobre os jogadores e as estratégias do esporte tinham adquirido a autoridade de fatos, e o departamento de checagem da *Sports Illustrated* não ia deixar que qualquer evidência contrária fosse impressa. No ano seguinte, um editor que não conseguira tirar da cabeça a matéria de Okrent pediu que ele tentasse outra vez. Okrent tentou, a matéria saiu, e Bill James foi apresentado a um público mais amplo. No outro ano, 1982, uma editora de Nova York, a Ballantine Books, lançou o *Baseball Abstract* e o transformou num best-seller nacional.

Muitos dos novos leitores de James eram fãs do Beisebol Rotisserie. No jogo, que pretendia ser uma simulação do beisebol de verdade, o participante desempenhava o papel de gerente geral de um time de jogadores existentes na vida real, que escolhia pessoalmente entre os times de verdade. Toda manhã, ele acordava e ia ver as estatísticas no jornal, para calcular como seu “time” tinha se saído. Na década seguinte, uma quantidade incalculável, porém vasta, de americanos — milhões, com certeza — se dedicou ao jogo, muitos com verdadeira obsessão. Era um pouco estranho, em certo sentido, que tivessem desenvolvido um interesse especial por Bill James. Os fantasy games tomavam como base as estatísticas antiquadas, com o entendimento pré-jamesiano do

beisebol. O gerente geral de um time Rotisserie calculava seu sucesso usando médias de rebatida, RBIs, roubos de bases etc. Para vencer numa Liga Rotisserie, era preciso se comportar basicamente como um daqueles gerentes gerais cabeça-dura. Era necessário pagar em excesso pelos RBIs, médias de rebatidas e bases roubadas; não se via a menor serventia para porcentagens em base e de potência em bastão. E certamente não era preciso ter qualquer contato com o volume crescente de novos conhecimentos em beisebol. O Beisebol Rotisserie era, para dizer o mínimo, uma atividade que reforçava a concepção convencional do esporte.

Entretanto! Os fãs tinham um interesse pelos dados necessários para tomar decisões fundamentadas — mesmo que, pessoalmente, não tirassem nenhum proveito direto de tais decisões — muito maior do que os técnicos e dirigentes dos times de verdade. Os fãs precisavam ou achavam que precisavam desses dados para vencer em seus fantasy games. Como James admitiu mais tarde, a vontade de ganhar esses jogos tinha sido uma de suas principais motivações para começar a repensar o esporte. Antes das sofisticadas fantasy leagues de beisebol, existiam sofisticados jogos de tabuleiro de beisebol. “Eu fazia parte de uma liga de jogos de tabuleiro”, confessou aos leitores uma década mais tarde. “Isso foi dez, doze anos atrás... Foi naquela época, tentando vencer na liga, que fiquei obcecado em entender o funcionamento do ataque e por que às vezes ele não funciona... em descobrir quais dados você precisa ter para simular o beisebol com mais precisão. Eu já tinha pensado nessas coisas antes, claro, mas, para vencer aquele maldito [campeonato], eu precisava saber.”

James sabia melhor do que ninguém quanta gente se empolgava com esses jogos, como era generalizada a vontade de jogar como gerente geral de um time de beisebol das grandes ligas e, portanto, como era grande o interesse por estatísticas do esporte. Tornou-se sócio-investidor e diretor de criação da STATS Inc., agora em nova fase. A empresa cresceu rápido — a ESPN era cliente desde o começo e logo o *USA Today* também passou a ser. A STATS se tornou a principal fonte de informações para os fãs de beisebol, até ser vendida em 1999 à Fox News Corporation, por 45 milhões de dólares.

A empresa foi um sucesso, mas de um tipo curioso: o que deveria ter acontecido não aconteceu. O que deveria ter acontecido era o seguinte: os gerentes gerais, não de mentirinha, mas de verdade, iriam se interessar por esse novo corpo crescente de conhecimento. O movimento jamesiano montou o cenário para que os *geeks* chegassem e assumissem a gerência geral do esporte. Em todos os setores dos mercados competitivos, a tecnologia era um trunfo para quem a dominava. O que estava acontecendo com o capitalismo deveria ter acontecido com o beisebol: o cara técnico e sua mágica analítica devia estar

ganhando notoriedade na gestão do esporte, assim como estar ganhando notoriedade, por exemplo, em Wall Street.

O que os profissionais do beisebol de vez em quando faziam, desde o começo dos anos 1980, era contratar alguém que sabia como ligar o computador. No entanto, faziam isso não por curiosidade sincera, mas no espírito de um turista assediado ao contratar um guia no Marrocos: pague a um deles para que os outros 75 parem de tentar convencê-lo a trocar sua esposa por camelos. A quem ele paga, pouco importa. Na cabeça de um gerente geral, um estatístico era um cara que lidava com números e ficava numa salinha dos fundos.

Essa falta de discernimento dos raros gerentes gerais do beisebol que contratavam algum falso James levava ao que podemos chamar de “momento *Homem Elefante*”. Era aquele momento em que o repórter que fazia a cobertura do time local abria a cortina da diretoria e revelava o sujeito todo encurvado, com uns pelos esquisitos na cara, batendo uns números num Mac. O cérebro das operações! Invariavelmente, a multidão recuava soltando gritinhos. É provável que o momento *Homem Elefante* mais dramático tenha sido quando um excêntrico chamado Mike Gimbel, contratado pelo Red Sox, não esperou ser revelado, mas se atirou de corpo inteiro nas páginas de esportes de Boston, se dizendo responsável pelas manobras perspicazes do gerente geral do time, Dan Duquette. O *Boston Globe* explicou aos torcedores do Red Sox que essa nova força intelectual por trás do time era “um estudante que largou a Faculdade Comunitária do Queens, um programador autodidata e fanático da Liga Rotisserie cujo loft no Brooklyn tinha sido alvo da polícia três anos antes por causa dos seis caimões — jacarés da América do Sul — de estimação que ele mantinha numa piscina dentro de casa. Os policiais também confiscaram cinco tartarugas e uma iguana”. O *New England Sport Service* publicou a mesma matéria com a manchete: *Maluco por estatísticas influencia Duquette*. “Durante o dia, Gimbel mora no Brooklyn e trabalha no Departamento de Abastecimento de Água em Nova York”, começava a matéria, escolhendo cuidadosamente a combinação certa de palavras e imagens para enfiar quem tivesse em mãos ingressos para a temporada do Red Sox. “É como se um Ed Norton que entendesse de computação tivesse se tornado a arma secreta do Red Sox. Gimbel foge à ortodoxia em quase todos os aspectos. Ontem, num calor de mais de 26 graus, Gimbel apareceu pronto para uma viagem à Sibéria, de calça, camisa de manga comprida e jaqueta. Sua abordagem para a avaliação do beisebol é ainda mais extraordinária. Aconselha a não assistir a jogos demais...”

Duquette esperou até o final da temporada e então avisou a Gimbel que não renovaria seu contrato — demonstrando ao mundo o quanto era essencial para o Red Sox.

No começo dos anos 1990, estava claro que a “sabermetria”, a busca de novos conhecimentos sobre beisebol, era uma atividade que transcorria principalmente fora do beisebol. Dava para contar nos dedos de uma só mão o número de “sabermetristas” dentro do esporte, e nenhum deles parece ter feito grande diferença. Depois de algum tempo, esses analistas mais pareciam torcedores questionando o gerente geral do que consultores com peso nas decisões. Viviam brandindo alguma folha impressa para mostrar como o gerente geral tinha sido tolo em não aceitar seus conselhos. Um sujeito chamado Craig Wright passou muitos anos frustrados como sabermetrista do Texas Rangers e depois muitos outros anos como consultor de outros times da liga principal. Acabou abandonando a profissão. “Para que meu material viesse a ser usado algum dia, o gerente geral teria de ser eu”, disse ele. “E nunca sequer me chamaram para uma entrevista de emprego para gerente geral.” Eddie Epstein — o jovem economista do serviço público cujo interesse pela análise de beisebol se avivara ao ler os escritos de James — conseguiu ser contratado pelo Baltimore Orioles e pelo San Diego Padres, mas também acabou largando a profissão num acesso de ira. Larry Lucchino, o executivo do Padres responsável por sua contratação, foi franco em admitir que o pequeno grupo dentro do beisebol que procurava novos conhecimentos no esporte “era uma seita. A condição de seita significava que ela podia ser facilmente descartada. Havia uma enorme quantidade de novos conhecimentos que era ignorada”.

Mesmo no fim dos anos 1990, não era preciso um exame muito atento para ver que o beisebol das grandes ligas resistia ferozmente a repensar o que quer que fosse. Era como se tivesse sido vacinado contra ideias vindas de fora. Por exemplo, em janeiro de 1999, o Florida Marlins foi comprado por John Henry, uma nova espécie de ricoço. A maioria dos donos dos clubes era constituída de herdeiros, construtores de algum tipo de império ou as duas coisas ao mesmo tempo. Henry ganhara fortunas na ponta analítica dos mercados financeiros. Tinha um gosto instintivo pela forma como a análise estatística podia revelar as ineficiências nos assuntos humanos. As ineficiências nos mercados financeiros fizeram de Henry um bilionário — e ele reconhecia algumas imbelicidades parecidas no mercado de jogadores de beisebol. Como escreveu mais tarde, numa carta a Rob Neyer, da ESPN:

Nas duas áreas, as pessoas operam com crenças e tendências. Na medida em que consegue eliminá-las e substituí-las por dados, você obtém uma nítida vantagem. Muitos acham que são mais espertos do que outros no mercado de ações e que o próprio mercado não tem uma inteligência

intrínseca — como se fosse inerte. Muitos acham que são mais espertos do que outros no beisebol e que o jogo em campo é simplesmente o que eles pensam, com seu conjunto de imagens / crenças. Os dados reais do mercado significam mais do que a crença / percepção individual. O mesmo vale para o beisebol.

Henry era um leitor de Bill James de longa data, o que não é de admirar. Mesmo depois de comprar um time de verdade das grandes ligas, Henry continuou a jogar numa sofisticada fantasy league, onde empregava ferramentas jamesianas e, como disse, “recolhia tudo. Ganhava todos os anos”. Mas o time de verdade de que era dono continuava a ser dirigido como se Bill James jamais tivesse existido e não recolhia nada a não ser os cacos de seu orgulho estilhaçado após 98 derrotas.

O problema enfrentado por Henry era social e político. Um indivíduo que nunca jogou beisebol profissional que tentasse impor, mesmo numa patética franquia da liga principal, uma maneira totalmente nova de fazer as coisas, conquistaria a antipatia dos homens de dentro do esporte que empregava: o técnico, os olheiros, os jogadores. Acabaria no ostracismo dentro de sua própria organização. E qual era o sentido de estar no beisebol se você não estivesse *dentro do beisebol*?

Desde o começo, Bill James partiu do pressuposto de que escrevia não para o grande público, mas para um pequeno grupo de fervorosos interessados em beisebol. Acabou tendo um grande público e foi praticamente ignorado pelos mais fervorosos interessados no esporte: os gerentes gerais dos times. James passou os anos 1980 e 1990 recebendo apenas duas reações a seu trabalho por parte dos profissionais do beisebol. A primeira era o oportunismo dos agentes dos jogadores, que queriam que ele ajudasse a demonstrar, nas reuniões de definição salarial com os clubes, que seus clientes estavam recebendo pouco. A outra era a hostilidade das empresas terceirizadas que cuidavam das estatísticas para a MLB.

Quando o movimento jamesiano começou a tomar forma, a atitude da empresa encarregada de manter as estatísticas oficiais para a MLB perante aquelas novas estatísticas do beisebol foi uma curiosa mescla de possessividade e indiferença. No final dos anos 1970, o escritor de beisebol Dan Okrent, com dois colegas da área editorial, foi apresentar uma ideia ao diretor executivo do Elias Sports Bureau, Seymour Siwoff. A ideia, lembrou Okrent, “era tentar convencê-lo a colaborar conosco num livro de estatísticas de beisebol minuciosamente detalhado, com aquelas coisas muito miúdas que ninguém sabia sobre as

estatísticas do esporte. A imagem é inesquecível: estamos sentados ali com esse cara que parece um investigador velho e sem jeito, os braços pálidos e finos para fora das mangas curtas e frouxas da camisa brilhando de tão branca, e ele nos dispensa com um gesto desdenhoso da mão. ‘Rapazes’, diz ele, ‘ninguém dá a mínima para essas coisas.’”

Em 1985, o Elias Bureau finalmente acordou e publicou um livro que na aparência era quase gêmeo do *1985 Baseball Abstract*, chamado *1985 Elias Baseball Analyst*. (O investigador velho e sem jeito era coautor.) Embora finalmente a empresa estivesse divulgando algumas estatísticas que retivera por tanto tempo, negando acesso a James e a outros analistas, não conseguiu fazer grande coisa com elas. Os autores imitavam o estilo da prosa de James, mas, não tendo nada de interessante a dizer, acabavam soando vagos e pomposos. James ficou contente em confirmar a impressão do leitor informal de que o Elias Bureau tinha umas pitadas de Salieri. “Quando o *Baseball Abstract* entrou na lista dos mais vendidos”, escreveu James em seu último *Abstract*:

o [Elias Bureau] lançou seu produto concorrente, cujas finalidades principais eram:

- a) faturar;
- b) roubar todas as minhas ideias;
- c) fazer o máximo de comentários depreciativos a meu respeito.

Então foi muito divertido.

O fato de ser ignorado pelas pessoas que mais se beneficiariam com seu trabalho levou James a se distanciar ainda mais delas. Em seus primeiros textos, ele tentou várias vezes explicar o que pretendia, de uma maneira que pudesse despertar a atenção dos profissionais do beisebol. Imaginara de início que quem realmente dirigia um time de beisebol tinha bons motivos para fazer o que fazia, mesmo que para James parecessem estúpidos. Alguns anos depois, ele concluiu que os profissionais do beisebol só teriam a ganhar levando umas boas pauladas na cabeça. Ao comentar sobre o Cleveland Indians naquele ano, por exemplo, ele escreveu que, “durante o inverno, me disseram uma coisa sobre a diretoria do Indians que realmente me espantou. São burros. Não inteligentes, lerdos, entendem?”. E passou a explicar que, no começo, não aceitou a burrice como

explicação para a incompetência do Indians, pois “há tanta esperança depositada num clube esportivo, há tanta gente que se preocupa com o destino até mesmo do Indians e que fica realmente triste, mesmo apenas de passagem (mas todos nós só estamos mesmo de passagem) que parece inconcebível que esse destino seja confiado a alguém incapaz de cuidar dele. As crianças podem brincar de bobinho usando as joias da família? (...) Troco correspondência com um professor de matemática de uma ótima universidade, que é torcedor fanático do Indians. Ele entende o que precisa ser feito. Por que não o contratam?”.

Depois de sete anos de carreira literária, James renunciou formalmente, no *1984 Baseball Abstract*, a qualquer esperança de que o pessoal interno do beisebol tivesse alguma sensatez. “Quando comecei a escrever, pensei que, se eu provasse que fazer X era uma idiotice, as pessoas parariam de fazer X”, disse ele. “Estava enganado.” James começou o ensaio introdutório de 1984 de forma mal-agourada, apontando a grande explosão no jornalismo esportivo que prometia levar o leitor para “dentro do esporte”. A mídia estava firmemente decidida a induzir o torcedor a crer que ela lhe oferecia um vislumbre do cerne de todas as questões. Ao ver os títulos nos programas de TV e nos artigos de revista, a pessoa podia até achar que não havia mais nada a descobrir nas matérias em si.

Era tudo mentira. “O que realmente tem acontecido”, escreveu James, “é que os muros entre o público e os participantes dos esportes estão aumentando cada vez mais, ficando mais altos, mais grossos e impenetráveis, e a mídia está fomentando o sentimento de desespero sobre a coisa toda.” O que acontecia no beisebol também estava acontecendo em outras esferas da vida pública americana e, para James, a única atitude sensata era abandonar as aparências e abraçar a condição de observador externo. “Isso é beisebol *externo*”, escreveu ele. “Este é um livro sobre o que o beisebol aparenta ser quando a pessoa dá um passo para trás e o estuda de forma intensa e minuciosa, mas à distância.” Não que ser observador externo fosse melhor; era *necessário*. “Já que somos externos”, escreveu ele, “já que os jogadores vão erguer muros para nos manter aqui fora, aproveitemos ao máximo nossa posição de observadores externos.”

A partir daí, e até o último número do *Baseball Abstract*, quatro anos depois, era como se James tivesse declarado aberta a temporada de caça aos profissionais do beisebol. Passou a relutar ainda mais em admitir que eles podiam ter alguma razão. Há uma frase que resume bem a atitude de James em relação ao mundo interno do esporte: “Penso, de verdade, que uma razão para tanta gente inteligente se afastar do beisebol (chegando à idade adulta) é que, se você se importa minimamente com o esporte, tem de reconhecer, tão logo adquira gosto pelo pensamento independente, que uma grande parte do

conhecimento tradicional em beisebol não passa de uma lenga-lenga ridícula.”

Como principal analista do beisebol, James era difícil de ser classificado. Aqueles que estavam dentro do esporte o viam como uma espécie de jornalista excêntrico que não tinha nada a ver com eles. Aqueles que estavam fora do esporte o viam como um estatístico com conhecimentos técnicos de beisebol. Uma máquina de calcular. Um nerd alucinado. Mesmo depois de ganhar fama com os livros — mesmo depois de mudar a forma como muitos leitores pensavam não só sobre o beisebol, mas também sobre outras coisas —, James nunca foi visto como “escritor”.⁵ É uma pena. Máquina de calcular é exatamente o que James nunca foi. Seu trabalho pôs à prova muitas hipóteses sobre o beisebol, testando-as diretamente com dados objetivos — às vezes violando as leis da estatística. Mas também pôs à prova, de forma não tão intencional, uma hipótese sobre a literatura: se você escreve bem sobre um único tema, mesmo um tema aparentemente tão trivial quanto as estatísticas do beisebol, não precisa escrever sobre mais nada.

O problema era que os leitores de beisebol não estavam prontos para o que ele tinha a dizer. Os que achavam que valia a pena ler seus textos pareciam a James cada vez mais tolos. Seu ceticismo e afastamento do mundo ao seu redor contribuíram para que se tornasse escritor, mas não o prepararam para ser um sucesso de vendas. “Odeio dizer isso e espero que você não seja um deles”, escreveu James no *1988 Baseball Abstract*, o último volume da série, “mas tenho encontrado um número cada vez maior de meus próprios leitores dos quais nem gosto, uns palermas que se detêm em algo superficial no livro e não entendem a mensagem por trás dele. [...] Se antes eu escrevia uma carta por ano ao ‘Prezado Imbecil’, agora escrevo umas trinta.” A seu ver, esse desentendimento crescente entre ele e os leitores não ajudava a aumentar o prazer ou o interesse pelo universo do beisebol. “Não tenho mais certeza se os efeitos de fazer esse tipo de pesquisa são bons para o torcedor médio do beisebol”, explicou ele. “Gostaria de fazer de conta que a invasão de monstros estatísticos rastejando aqui e ali durante toda a transmissão de quase todos os malditos jogos de beisebol pela televisão não me diz respeito e que não tenho nada a ver com isso. [...] Mas sei que não é verdade. Não fui eu que criei essa bagunça, mas contribuí.”

A informação sobre o beisebol, na mentalidade do público, tinha virado sinônimo de habilidade em recitar estatísticas beisebolísticas arcanas. O que o público geral de James não havia entendido era que as estatísticas nem vinham ao caso. A questão principal era entender; a questão era tornar a vida na terra um pouco mais inteligível, e essa questão, de certa forma, fora perdida. “Eu me pergunto”, escreveu James, “se não ficamos tão embotados com todos esses

números que nem somos mais capazes de assimilar efetivamente qualquer conhecimento que pudesse derivar deles.”

James deu ao ensaio que fecha seu último *Baseball Abstract* o título de “Quebrando a varinha de condão”. “Sem dúvida, a maioria das pessoas achava que eu estava escrevendo sobre estatística”, disse ele, “mas não, nunca, em todos os anos em que redigi estes livros, escrevi mais do que uns dois artigos sobre estatísticas de beisebol. O segredo do sucesso destes livros é que eu estava bem no centro da discussão. Estava escrevendo exatamente sobre as mesmas questões que todos os outros comentavam, só que de outra maneira.”

Com isso, ele parou. Disse que estava cansado de ser sabermetrista. “É uma coisa maravilhosa saber que você está certo e que o mundo está errado”, concluiu. “Queira Deus que eu possa ter novamente essa sensação antes de morrer.” Ele nunca soube — nem na época nem depois — que nem todo o mundo estava errado. Ninguém telefonou para lhe contar que um time de beisebol da liga principal lera atentamente seus textos, entendera tudo o que ele tinha dito dentro do espírito em que disse e se pusera a descobrir outros novos conhecimentos, com os quais arrasaria os palermas que nunca entenderam nada sobre Bill James.

¹ Para uma apresentação mais completa e mais embasada da história do resumo estatístico, ver Jules Tygiel, *Past Time: Baseball As History* (2000).

² Uma subtrama invisível no fanatismo pelo beisebol é seu efeito sobre as esposas dos fanáticos. “Bill escondeu seu interesse pelo beisebol quando começamos a namorar”, disse sua mulher. “Se eu soubesse até que ponto chegava, não sei se teríamos ido tão longe.”

³ *Flake*: gíria específica do beisebol que designa um jogador de comportamento irregular e instável. Em 26 de abril de 1964, o *New York Times* expôs a definição daquele termo então recente, cunhado em 1959: “Não significa nada tão grosseiro como ‘louco’, é mais algo como ‘perturbado’.” Por isso o comentário de Bill James, esperando que seus leitores soubessem o que é um *flake*. (N. da T.)

⁴ O nome deriva de SABR, sigla da Society for American Baseball Research. Em 2002, a associação tinha cerca de sete mil filiados.

⁵ Quando a Library of America publicou sua magnífica antologia de grandes textos americanos sobre o beisebol, em 2001, incluiu escritos de Robert Frost, John Updike e outras figuras literárias famosas, nenhum dos quais jamais disse algo sobre o beisebol que fosse tão interessante quanto os textos de Bill James, e mesmo assim, inexplicavelmente, não incluiu nada dele.

Capítulo cinco

JEREMY BROWN, O PRATO DA CASA

O que procuro fazer com meu trabalho
é tornar o beisebol mais divertido.

— *The Bill James Newsletter*, 1985

QUANDO PENSAMOS EM intelectuais que exercem influência sobre o curso das relações humanas, pensamos em física, em economia ou em teoria política. Pensamos na postura condescendente de John Maynard Keynes em relação aos homens de ação — como eles se creem guiados por suas próprias ideias, mesmo quando inconscientemente são influenciados por algum economista do passado. Não pensamos no beisebol, pois não acreditamos que ele tenha uma base intelectual. Mas tem; só que nunca havia sido examinado a sério, questionado a fundo nem apresentado num tipo de texto com uma redação capaz de atrair a atenção de quem realmente jogava beisebol. Quando isso aconteceu, foi apenas questão de tempo — bastante tempo — até que alguns homens de ação aproveitassem essas verdades recentemente reveladas para obter uma vantagem competitiva.

Quando se tornou o gerente geral do Athletics, em 1997, Billy Beane tinha lido as doze edições do *Baseball Abstracts* de Bill James. James tinha algo muito específico a dizer a Billy: você está na ponta receptora de uma falsa ideia sobre as características que fazem um jogador bem-sucedido. James também tinha algo mais geral a dizer a Billy ou a qualquer outro gerente geral de um time de beisebol que tivesse a coragem ou a necessidade de ouvir: se você desafiar o saber convencional, encontrará maneiras muito melhores de fazer as coisas em comparação ao que se faz hoje. Passada uma década inteira desde que James parou de escrever o *Baseball Abstract*, ainda havia duas oportunidades inéditas para um clube disposto a levá-los a sério. Uma era simplesmente adotar os conhecimentos desenvolvidos por James e outros analistas externos e implantá-los no esporte. A outra era aprofundar e ampliar esses conhecimentos. O Athletics tinha feito as duas coisas, embora seja incorreto dizer que, usando tais ideias, o clube teria imitado James. Como o Elias Sports Bureau demonstrou ao

tentar plagiar o *Baseball Abstract*, era impossível imitar James. Toda a sua questão era justamente essa: não seja um imitador! Pense por si mesmo seguindo linhas racionais. Formule hipóteses, teste contra as evidências, nunca aceite que uma pergunta foi respondida tão bem quanto será um dia. Não acredite que algo é verdade só porque algum jogador famoso diz que é. “Quem acha que está me imitando não está”, disse James.

Mesmo em 4 de junho de 2002, o dia do recrutamento de jogadores amadores daquele ano, ainda havia grandes perguntas no beisebol clamando por respostas — um campo de beisebol ainda era uma área de ignorância. Ninguém havia definido a maneira mais eficiente de usar arremessadores reserva. Ninguém havia definido com precisão satisfatória para os intelectuais do beisebol até que ponto o arremessador fazia parte da defesa e qual era a função dos defensores distribuídos pelo campo, e assim ninguém sabia dizer precisamente qual a importância deles. Ninguém havia solucionado o problema das estatísticas defensivas. E ninguém havia descoberto uma maneira de tirar o recrutamento amador da sandice em que sempre vivera. James não se preocupava muito com o recrutamento amador — provavelmente porque, antes da internet, ele não tinha acesso às estatísticas dos jogadores para analisá-las. Porém, num boletim que manteve durante dezoito meses nos meados dos anos 1980, destinado a um pequeno número de assinantes, ele argumentou de maneira bastante convincente que o Sul atraía um excesso de olheiros, enquanto na região dos Grandes Lagos havia poucos. Também examinou a história do recrutamento e descobriu que “os jogadores universitários são um investimento melhor do que os do ensino médio por uma margem enorme, imensa, ridiculamente gigantesca”. A sabedoria convencional dos velhos olheiros do beisebol — a de que os jogadores do ensino médio tinham maior chance de se tornarem superastros — também era sem dúvida falsa. O que James não conseguia entender era por que os clubes teimavam em não reconhecer esse fato. “O ressentimento anti-intelectualista é comum em toda a vida norte-americana e se expressa de muitas maneiras diferentes”, escreveu ele, adiantando uma teoria. “Uma delas talvez seja essa recusa em recrutar jogadores universitários.”

Apesar disso, James nunca tentara mostrar como as estatísticas de um jogador universitário ou do ensino médio poderiam ser usadas para julgar seu futuro profissional. O desempenho universitário se traduzia numa carreira profissional? Essa questão nunca fora respondida; pelo menos não publicamente. Em particular, Paul DePodesta, o chefe de pesquisa e desenvolvimento do Oakland, tinha feito seus próprios estudos sobre o assunto.

Em decorrência desses estudos, a diretoria do A’s, passando por cima dos protestos silenciosos de seus olheiros mais antigos, estava prestes a implantar

uma nova ideia radical a respeito dos jovens e do esporte. Essa iniciativa logo mudaria a vida de muita gente, de pessoas que não tinham a menor noção de que eram meros receptores de uma ideia. Enquanto os olheiros entravam na sala de recrutamento e enchiam a boca com tabaco para mascar, um receptor com um físico que todos dentro do beisebol julgavam inadequado para o esporte estava à espera em Tuscaloosa, no Alabama. Jeremy Brown não fazia ideia de por que ia lhe acontecer o que lhe aconteceria em seguida.

Na manhã do recrutamento, Billy Beane chegou ao estádio mais cedo que o habitual e tomou o lugar que ocupara nos últimos sete dias. Ao amanhecer, a sala parecia perceptivelmente mais impessoal do que de costume; as paredes de bloco de concreto tinham a alvura das celas de um hospício. O único sinal de uma realidade exterior eram os quatro cartazes em molduras simples de ex-astros do A's: Rickey Henderson, Mark McGwire, Dennis Eckersley e Walt Weiss.

Era cedo, faltava ainda uma hora para a reunião começar, e os olheiros mais jovens chegavam aos poucos para comunicar as somas que tinham conseguido economizar. Na verdade, negociar com os jogadores antes do recrutamento fere as regras da MLB, mas mesmo assim todo clube faz isso, embora talvez não com o entusiasmo do Athletics. Um dos primeiros olheiros a chegar foi Rich Sparks ("Sparky"), que cobre a região dos Grandes Lagos para o A's. Sparky acabara de conversar com Steve Stanley, um defensor central da Universidade Notre Dame, e estava satisfeito. Steve Stanley era mais um exemplo dos resultados surpreendentes que se pode obter quando se deixa de prejudicar um jogador por sua aparência física e estatísticas menos significativas e examina o que ele realizou considerando suas estatísticas significativas. O departamento de olheiros da MLB registra Stanley com 1,70 metro de altura e 70 quilos, mas é um franco exagero. Apesar do tamanho — ou talvez por causa dele —, Stanley leva muito jeito para chegar bem em base. Em termos simples, a olho nu, ele já defende no campo central melhor do que Terrence Long, defensor central do time principal do A's. E, apesar disso, tempos atrás os olheiros decidiram que Stanley não tinha porte suficiente para jogar.

Stanley dissera a Sparky que achava que ficaria para a décima quinta rodada do recrutamento. Em outras palavras, ele esperava ser escolhido por um clube apenas para preencher seu elenco nas ligas menores, e não porque julgasse que teria chance de passar para as grandes ligas. Sparky acabara de informar a Stanley que o Athletics gostaria de escolhê-lo na segunda rodada — o que o tornaria uma forte promessa para as ligas maiores — sob a condição de que assinasse o contrato por 200 mil dólares, ou cerca de 500 mil dólares abaixo dos valores de qualquer outro jogador escolhido na segunda rodada. Outros clubes vão supor que Billy Beane está interessado em todos esses esquisitões porque

não pode se dar ao luxo de pagar jogadores normais, e Billy incentiva essa interpretação. E é verdade que não pode mesmo. Na longa mesa de refeitório diante de Billy havia uma caixa registradora invisível contendo os 9,4 milhões de dólares que o dono do clube lhe dera para contratar cerca de 35 jogadores. Só as sete escolhas de primeira rodada do A's, se recebessem o que seus equivalentes haviam recebido no ano anterior, sairiam por mais de 11 milhões. Billy utiliza sua escassez de recursos para camuflar outro fato: que prefere mesmo esses esquisitões aos belos espécimes que ele não tem como pagar. Para ele, Stanley é de fato uma legítima escolha de segunda rodada. Como ninguém mais pensa assim, a contratação vai sair em conta.

— Sparky, tudo certo? — pergunta Billy.

— Ah, sim — responde Sparky. — Achei que ele fosse pular pelo telefone quando falei.

Billy ri.

— Animadão?

— Acho que ele jogaria de graça — diz Sparky.

Depois de Sparky vem Billy Owens (“Billy O”), o jovem olheiro que cobre o Deep South e, assim, é responsável por todos os contatos com o receptor da Universidade do Alabama, Jeremy Brown. “Billy O parece um chefe do tráfico jamaicano, não parece?”, exclama Beane enquanto Billy O entra devagar na sala. Ele nem se incomoda em sorrir. Daria trabalho demais. De certa forma, já transmite a impressão de um sorriso sem mover nenhum músculo.

— Tudo certo, então? — pergunta Billy.

— Tudo certo, sim — responde Billy O.

— Ele entendeu?

— Ah, entendeu.

Billy O é o que teríamos como resultado se usássemos um bate-estaca na cabeça de Shaquille O’Neal até reduzi-lo a 1,88 metro. É grandalhão, robusto, e só faz algum movimento quando tem certeza de que é absolutamente indispensável para sua sobrevivência. É perspicaz também e percebe o que você quer mesmo quando nem você mesmo sabe. Nos últimos dias, Billy O percebeu que tem uma tarefa inédita: dar a Jeremy Brown uma nova opinião sobre si mesmo. Foi aos poucos, pois não queria assustar o rapaz. “Aquele garoto me falou que ficaria contente em ser escolhido até a décima nona rodada”, diz Billy O. “Falei pra ele: ‘Pense nas dez primeiras.’ Te digo uma coisa: o garoto ficou pra lá de feliz quando falei isso. No dia seguinte, liguei de novo e disse: ‘Reduza para cinco.’ Não sei se ele acreditou. Ontem, liguei e falei: ‘Você tem chances de receber na faixa dos seis dígitos e o primeiro número não é um 1.’ O garoto precisou se sentar.”

Mas o que realmente surpreendeu Billy O foi o que aconteceu tarde da noite anterior. Ele tinha ligado para Jeremy Brown para lhe dizer que o Athletics estava pensando em pegá-lo na quinta das sete escolhas do time na primeira rodada, ou seja, a 35ª escolha geral. Brown não disse quase nada. Só falou: “Muito obrigado, mas ligo de volta.” Alguns instantes depois, ele retornou a ligação. Tinha pensado que o cara que acabara de telefonar não era Billy Owens, olheiro do A’s, mas um colega de faculdade querendo pregar uma peça nele. “Achou que era trote”, conta Billy O. “Disse que queria conferir se era eu mesmo, e se eu estava falando sério.”

Jeremy Brown, recordista nos livros de registros de ataque da Universidade do Alabama na posição de *receptor*, estava tão condicionado pela avaliação convencional dos olheiros que não acreditava que algum clube da divisão principal do beisebol pudesse estar tão interessado nele. Enquanto tentava se acostumar com essa avaliação totalmente inédita de seus talentos, ia ouvindo as condições postas por Billy O. Eram duas. Uma seria aceitar o contrato de 350 mil dólares ao ano que o clube oferecia, quase 1 milhão de dólares abaixo do que uma 35ª escolha geral esperaria receber. A outra era que precisava perder peso. “Nós somos o Oakland Athletics, e o Athletics faz as coisas de maneira diferente”, disse Billy O, encerrando a conversa de pré-recrutamento mais estranha que já tivera com um jogador amador. “Implorei qual era o valor e que era o máximo que ele ia conseguir e não era negociável. Falei: ‘O Athletics está se comprometendo com você, e você tem de se comprometer com a gente, com o seu físico.’”

Esse tinha que ser o comercial de emagrecimento mais motivador do mundo, mesmo que apresentado por um garoto-propaganda bastante improvável. No fim da conversa, Brown parecia disposto a aceitar qualquer coisa. Ao mesmo tempo, ele ainda não acreditava muito no que estava acontecendo. E Billy Beane fica preocupado com isso.

— Quer ir pra casa hoje à noite? — pergunta então a Billy O. O que ele está perguntando de fato é: você acha melhor estar lá em pessoa, para Jeremy Brown não surtar? Para lembrá-lo de que o A’s acabou de aumentar radicalmente seu valor de mercado e que sua gratidão deveria durar tempo suficiente para assinar o contrato. Uma vez que Jeremy Brown se torna uma escolha de primeira rodada, os agentes, que até então nem sabiam de sua existência, vão cair todos em cima dele, tentando convencê-lo a romper o acordo verbal ilícito que fez com o clube.

— Não — responde Billy O, tomando assento no círculo de olheiros. — Avisei a ele que esses agentes vão ficar ligando e dizendo um monte de merda. O garoto entendeu.

— Ei — diz Sparky a Billy O, com entusiasmo —, seu garoto pode traçar o meu no jantar.

— E traça mesmo — retrucou Billy O. E então fica quieto, retornando à imobilidade absoluta.

Toca o telefone de Billy Beane.

“Oi, Kenny”, diz. É Kenny Williams, gerente geral do Chicago White Sox. Ele tem ligado bastante nos últimos tempos. Quer oferecer uma troca por Cory Lidle, um dos arremessadores titulares do Athletics. Mas nessa manhã não é de Lidle que ele quer falar. Está ligando porque o White Sox ficou com a décima oitava escolha, duas depois da primeira escolha do Athletics, e quer saber quem o A’s pretende recrutar. Não diz logo de cara, vai jogando alguns nomes para Billy, achando que pode enganá-lo e fazê-lo mostrar suas cartas. “A gente está na frente de vocês, então nem venha dar uma de espião pra cima de mim”, diz Billy, finalmente. “Não se preocupe, Blanton deve ficar pra vocês.” Joe Blanton é um arremessador da Universidade de Kentucky. Billy também gosta dele.

Billy desliga. “Ele vai ficar com Blanton”, comenta. Uma dica útil. Blanton entra no espaço em branco entre a primeira e a segunda escolha do Oakland, a 24ª geral.

Mas ninguém está pensando na 24ª escolha geral. Parece muito distante e irrelevante no momento. Com a 24ª escolha e todas as outras que o clube tem depois dela, o A’s vai procurar jogadores cujas qualidades não chamaram a atenção de mais ninguém. Jeremy Brown é o exemplo extremo desse fenômeno, mas há muitos outros.

Nick Swisher é um caso diferente — muitos clubes o querem. Ninguém menciona o nome dele, mas todos sabem que Billy está vidrado no rapaz. Aqui, nessa cela de hospício, Swisher já parece *deles*. Os olheiros já trocavam suas anedotas favoritas sobre Swisher. Um dia, o gerente geral do Indians, Mark Shapiro, foi ver o garoto jogar e, em vez de seguir o roteiro de jovem jogador intimidado sob inspeção de um figurão das grandes ligas, Swisher foi até ele e disse: “E aí, que porra de história é essa com a mulher do Finley?” (Chuck Finley é um arremessador do Indians que tinha prestado queixa de agressão da esposa contra ele.) Que história! O garoto tem atitude.

Billy precisa se esforçar para disfarçar quanto esse substantivo lhe agrada. Atitude é “uma coisa subjetiva”. Billy tem como meta se manter “objetivo”. Mesmo assim, ele continua a soltar todas essas afirmações tremendamente subjetivas sobre Swisher. Swisher tem atitude. Swisher é valente. Swisher “não vai deixar que nada atrapalhe seu caminho até as grandes ligas”. Swisher tem “presença”. Quanto mais se ouve Billy falar de Swisher, mais claro fica que não é dele que Billy está falando. É de Lenny Dykstra. Swisher é um personagem

igual àquele que fizera Billy reconhecer suas próprias deficiências — que lhe deixara claro que nunca viria a ser o sucesso que todos diziam que estava destinado a ser. Que teria que descobrir sozinho como ser outra coisa. Não admira que, quando o assunto é Nick Swisher, Billy não soe muito “objetivo”. Ele está falando de um fantasma.

No começo, parece não haver nenhum problema. Os olheiros andaram ligando para muita gente e têm uma boa ideia de quem vai recrutar quem nas quinze primeiras escolhas. Parece estar tudo certo para que o A's fique com Nick Swisher na décima sexta. É J.P. Ricciardi, o melhor amigo de Billy no beisebol e gerente geral do Blue Jays, que, vinte minutos antes do recrutamento, liga para avisar que as coisas não estão mais tão certas assim. Ao ouvir a voz de J.P., no começo Billy fica animado, mas logo a seguir exclama: “Merda! Preciso desligar.” Ele desliga o celular com força e o joga na mesa.

“Span ferrou com a gente”, diz Billy. “O agente dele acabou de pedir 2,6 milhões, e a porra do Rockies não consegue fechar o contrato.” Denard Span é um defensor central do ensino médio, que seria recrutado pelo Colorado Rockies na nona escolha. Agora, pelo jeito, não será mais.

Quando Denard Span, rapaz de dezessete anos, anuncia que não aceitará um centavo abaixo de 2,6 milhões de dólares, seu valor no recrutamento despenca. Ninguém quer chegar perto dele, por medo de não conseguir persuadi-lo a assinar um contrato por um preço sensato. O nome dele cai vertiginosamente para os últimos lugares da primeira rodada e gera uma reação em cadeia bastante complicada no topo. O Mets, com direito de escolha logo antes do Oakland, a décima quinta geral, iria escolher um entre quatro arremessadores: Jeff Francis, que também estava na lista de favoritos de Billy, e três estudantes do ensino médio, Clinton Everts, Chris Gruler e Zack Greinke. Estes três últimos provavelmente já estavam garantidos para o Expos, o Reds e o Royals. Com isso, restava Francis, livre e disponível para chegar ao Mets na décima quinta escolha. O estrago nas negociações do Colorado Rockies com sua primeira escolha tinha ferrado com todo o esquema. Agora o Rockies ia pegar Francis. Era o que J.P. tinha acabado de dizer a Billy. Ele sabe disso porque a opção seguinte do Mets, após os quatro arremessadores, era Russ Adams, que o Blue Jays pretendia levar na décima quarta escolha. Depois de Adams, a escolha do Mets era Nick Swisher. Swisher — como Lenny! — ia ser um Met.

Billy liga para Steve Phillips, gerente geral do Mets, com uma vaga esperança de convencê-lo a não pegar Swisher. É algo tão improvável quanto Kenny Williams achar que conseguiria fazer Billy lhe mostrar suas cartas. Faz parte da natureza da função de gerente geral de um clube de beisebol se manter em termos amigáveis com as pessoas que se está sempre tentando passar para trás.

Em seus seis anos de trabalho, Billy tem mostrado enorme talento para fazer acordos incrivelmente bons — descobrindo o que os outros querem, mesmo quando não deviam querer, e dando a eles em troca de algo muito melhor — que acha que talvez consiga aqui também. Mas não consegue, pois não dispõe de nada para negociar. É contra as regras trocar as posições na ordem do recrutamento. Os cerca de trinta homens presentes na sala ouvem apenas um lado naquela conversa desconfortável de Billy:

— E Everts, você sabe de alguma coisa? — pergunta ele em tom provocador.

Pausa. Phillips conta a ele que o Montreal Expos pretende ficar com Everts.

— E Greinke ou Gruler?

Pausa. Phillips responde que o Royals e o Reds vão ficar com eles.

— É. Estou tão puto quanto você.

Ele desliga, deixa de fingir que não é o único a sofrer no universo e exclama:

— Caralho!

Quem entrasse naquele minuto e tentasse entender o que estava acontecendo iria ficar completamente atordoado. Trinta homens estão sentados, em silêncio, estarecidos, observando um outro tendo um acesso de raiva. Por fim, Billy diz: “Eles vão pegar o Swisher.” Na hipótese de alguém na sala não se incomodar com a perda, Billy se levanta e atira a cadeira longe. Estamos ali há mais de uma hora, pensando apenas em Nick Swisher e, até agora, ninguém havia mencionado o nome dele.

— A gente vai ficar bem — arrisca um mais imprudente.

— Não. A gente não vai ficar bem — responde Billy. Não está a fim de ser consolado. — Greinke, Gruler e Everts não vão estar lá. A porra do Rockies está pegando Francis. J.P. vai pegar Adams e, com isso, estamos fodidos.

Nick Swisher é, na melhor das hipóteses, a sexta opção do Mets: o clube nem sabe o que está pegando. O Mets vai escolher Swisher de forma *relutante*. Se Billy tivesse a primeira escolha de todo o recrutamento, ficaria com Swisher. É ele quem mais gosta de Swisher em todo o planeta e Swisher... devia... ser... dele! E vai ser um Met, quase que por definição.

“Caralho!”, exclama outra vez. Pega o fumo de mascar. Faz dois dias que não dorme. É uma tradição dele: nunca dorme na véspera do recrutamento. Fica agitado demais. O dia do recrutamento, segundo ele, é o dia do calendário do beisebol que lhe dá o mais puro prazer.

Exceto quando dá errado. Billy pega uma pitada de fumo e põe na boca. O rosto cora um pouco. A sala, nessas alturas, está num clima de tudo ou nada. Se o A's conseguir Nick Swisher, nada poderá estragar o encanto do dia. Se não conseguir, não haverá nada que faça a vida valer a pena depois disso.

Qualquer grandalhão com raiva pode perturbar uma sala, mesmo cheia de

outros grandalhões, mas Billy tem um talento especial para isso. Já faz cinco minutos que falou com Phillips, mas continua tão furioso que ninguém dá um pio, com medo de estourar a bomba. O clima é exatamente como se cada um ali estivesse com seu próprio frasquinho de nitroglicerina. Dá para entender por que o pessoal costumava sair da área de aquecimento quando Billy Beane rebatia só para ver o que ele ia fazer se fosse eliminado. É pouco dizer que se trata de raiva. É uma fúria que exclui todo o resto: ele acredita, talvez até queira acreditar, que o problema seja só dele e que ninguém possa ajudá-lo. Que ninguém *deva* ajudá-lo.

O espaço em torno da raiva de Billy está em absoluta imobilidade. Paul DePodesta, quieto, mantém os olhos grudados na tela do computador. Paul já viu Billy nesse estado vezes o suficiente para saber que é o tipo de coisa na qual é melhor não se meter. Sabe que Billy, para ser Billy, precisa ficar exaltado.

— Acredito que Swisher vá ficar conosco — diz Paul, baixinho —, mas não vou comentar isso agora.

Por fim, o silêncio sepulcral é interrompido pelo toque do celular de Erik Kubota, o diretor do departamento de olheiros — só que o toque do celular é, absurdamente, o “Cânone de Pachelbel”. Erik pega depressa o celular na mesa. “Hum, então é assim?”, responde de forma rápida e seca e desliga. A sala de recrutamento se transformou numa peça de teatro simbolista.

Toca o telefone de Billy. É Kenny Williams outra vez. Williams, no momento, não é de nenhum interesse para Billy. Nada que o White Sox faça vai alterar as chances de Billy ficar com Swisher.

“E aí, Kenny”, diz Billy, em tom mais afirmativo do que interrogativo.

E aí que Kenny acabou de saber que Billy não vai pegar Swisher e está com medo de que pegue *sua* primeira escolha. Billy agora não tem tempo para se preocupar com os receios dos outros. Se é para se sentir infeliz, então todos os outros vão se sentir infelizes também. “Vocês iam pegar Blanton”, diz ele. “Mas agora não vão mais.”

Desliga e liga outra vez para Steve Phillips. Este é o estilo dele: se não consegue a resposta que quer na primeira vez, fica ligando até conseguir. Pôr-se entre Billy e o que ele queria naquele momento seria tão insensato quanto armar uma barraca entre uma mãe urso e sua cria. Phillips atende ao primeiro toque.

— Soube de alguma coisa? — pergunta Billy.

Pausa. Phillips diz que não.

— Tá — responde Billy de modo carrancudo. Começa a *se solidarizar* com Phillips por estar empacado com Swisher. Aí Phillips diz outra coisa e o humor de Billy muda. A frustração é substituída pela curiosidade.

— É mesmo?

Pausa.

— *Pô, é uma luz no final dessa porra de túnel.*

Billy desliga e se vira para Paul:

— Ele falou que, se Kazmir chegar até a vez dele, vai pegá-lo. — Scott Kazmir é mais um arremessador do ensino médio pelo qual o A's não tem o mínimo interesse. Billy está tão animado que nem se incomoda em comentar a idiotice que é pegar um arremessador do ensino médio na escolha de primeira rodada. Todos olham o quadro branco e tentam imaginar se Kazmir, a nova sexta opção do Mets, vai chegar ao Mets. Pode ser; nenhum outro clube afirmou taxativamente que iria ficar com ele. Mas ninguém faz a menor ideia do que o Detroit Tigers e o Milwaukee Brewers, que estão com a sétima e a oitava, pretendem fazer. Era de se imaginar que não seria nada muito esperto se continuassem a fazer o que vinham fazendo. E aí estava o problema: escolher um arremessador do ensino médio como Kazmir é exatamente o tipo de decisão não muito esperta que as duas franquias tendiam a tomar.

— Fielder pode nos ajudar nisso — diz Chris Pittaro finalmente.

Fielder é Prince Fielder, de nome não totalmente apropriado, filho de Cecil Fielder, que em 1990 rebateu 51 home runs para o Tigers e que no final da carreira mal conseguia se locomover cambaleante de uma base até a outra depois de suas rebatidas colossais para a arquibancada superior, e menos ainda se colocar na frente de uma bola rasteira. “Cecil Fielder declara 118 quilos”, escreveu Bill James certa vez, “deixando em aberto a questão do quanto pesaria se pusesse o outro pé na balança.” Cecil Fielder podia engolir Jeremy Brown inteiro e ainda sobraria espaço para a sobremesa, e o filho aparentemente tem um problema de peso ainda mais complicado do que o pai. O fato é espantoso: Prince Fielder é gordo demais até para o Athletics. Não se pode dizer isso de nenhum outro jogador de beisebol em toda a América do Norte. Pittaro parece pensar que o Tigers pegaria Fielder mesmo assim, por razões sentimentais. E, se o Tigers ficar com ele, pode-se iniciar uma reação em cadeia que terminaria com o Mets pegando uma de suas seis primeiras opções.

Antes que alguém consiga descobrir se Kazmir vai chegar até o Mets, começa o recrutamento. O dono do Athletics, Steve Schott, entra na sala, seguido pelo técnico, Art Howe. Howe fica no fundo da sala com o maxilar projetado e uma expressão filosófica no rosto, como costuma fazer no banco durante os jogos. Um dos mistérios do beisebol é que o pessoal de fora pensa que as decisões importantes sobre as contratações cabem ao técnico. Howe ficou totalmente no escuro do início ao fim desse processo, como sempre fica em todas as decisões de contratação.

O diretor dos olheiros do A's, Erik Kubota, toma posição na frente do viva-

voz e diz para os outros ficarem quietos. Agora todos na sala vão ver as diferenças e novidades da seleção científica de jogadores amadores adotada pelo Athletics. O escritório do A's tem uma lista, nunca redigida formalmente, com os vinte jogadores que eles recrutariam num mundo ideal. Isto é, se dinheiro não fosse problema e não houvesse outros 29 clubes disputando os melhores amadores do país. A lista é uma expressão cabal da nova concepção de jogador amador. Contém oito arremessadores e doze rebatedores — todos, por ora, meros nomes.

Arremessadores:

Jeremy Guthrie

Joe Blanton

Jeff Francis

Luke Hagerty

Ben Fritz

Robert Brownlie

Stephen Obenchain

Bill Murphy

Jogadores de posição:

Nick Swisher

Russ Adams

Khalil Greene

John McCurdy

Mark Teahen

Jeremy Brown

Steve Stanley

John Baker

Mark Kiger

Brian Stavisky

Shaun Larkin

Brant Colamarino

Billy já sabia que dois dos jogadores de posição — Khalil Greene e Russ Adams — não estariam mais disponíveis na hora da escolha do A's e, assim, nem tinha se preocupado em comentar sobre eles durante as reuniões. Seu grande amigo J.P. Ricciardi ia ficar com Adams, e outro amigo próximo, Kevin Towers, o gerente geral do San Diego Padres, ia ficar com Greene. Dois arremessadores — Robert Brownlie e Jeremy Guthrie — eram representados pelo agente Scott Boras. Boras era famoso por ser o agente que mais arrancava dinheiro para seus clientes amadores. Se o clube não pagasse o que ele pedia, Boras aconselhava o cliente a se afastar do beisebol durante um ano e a reingressar no recrutamento do ano seguinte, quando poderia ser escolhido por um clube com grana de verdade. Essa tática de Boras tinha um efeito incrível sobre os times ricos. Em 2001, o agente conseguiu extrair de Tom Hicks, o dono do Rangers, um pacote de 9,5 milhões de dólares para um terceiro base universitário chamado Mark Teixeira. O cara que foi escolhido antes de Teixeira assinou por 4,2 milhões e o

escolhido depois dele assinou por 2,65 milhões e, ainda assim, Boras conseguiu 9,5 milhões entre um e outro. Encontrando no pré-recrutamento os clubes que dariam os maiores lances por seus jogadores e assustando todos os outros para que mantivessem distância, Boras estava transformando o recrutamento em um autêntico leilão.

Billy não podia se dar ao luxo de participar de leilões. Sua verba era de 9,5 milhões de dólares, e Boras deixara claro para todos que o time que quisesse Jeremy Guthrie teria de pagar um pacote de 20 milhões — senão Guthrie voltaria a Stanford para o último ano da faculdade. O Cleveland Indians concordara em pagar aquele valor e pegaria Guthrie na 22ª escolha.

Dos dezesseis jogadores na lista do A's que o time poderia pagar e ter alguma chance de conseguir, Billy achava que podia conseguir uns seis. Mas não tinha certeza. Podia ser que conseguisse só um. Quando chegasse o momento da segunda escolha do A's, que era a 24ª geral, podia ser que todos já tivessem sido chamados. Se conseguissem pegar seis, disse Paul, entrariam em êxtase. Nunca time nenhum ficou com seis jogadores entre seus vinte favoritos.

A sala continua em silêncio. O recrutamento inteiro se dá pelo viva-voz, longe dos torcedores. A MLB, no recrutamento, pôs em prática a distopia de Bill James, fechando o estádio para a torcida e jogando em particular. No futebol e no basquete profissionais, o recrutamento é um grande evento público. Os times reúnem seus técnicos e jogadores famosos num estúdio de TV e lhes entregam placas com números bem grandes com as quais acenar. As torcidas podem ver o futuro de seus times se desenrolando na frente delas. O recrutamento da Major League Baseball se faz por teleconferência — agora transmitida pela web.

O Pittsburgh Pirates, que teve a pior campanha da temporada regular de 2001, fica com a primeira escolha geral. Uma voz de Pittsburgh estala no viva-voz:

“Reconvocado número 0090. Bullington, Bryan. Arremessador destro. Universidade Estadual de Ball. Fishers, Indiana.”

E assim se vão os primeiros 4 milhões de dólares, mas pelo menos é para pagar um jogador universitário. (“Reconvocado” significa que ele já tinha sido recrutado anteriormente.) Os cinco clubes seguintes, entre as organizações mais patéticas do beisebol profissional, escolhem jogadores do ensino médio. O Tampa Bay Devil Rays fica com um interbases do ensino médio chamado Melvin Upton; em sequência o Cincinnati Reds escolhe o arremessador do ensino médio Chris Gruler; o Orioles vem a seguir com um arremessador do ensino médio chamado Adam Loewen; então o Expos, com outro arremessador do ensino médio, Clinton Everts. Do ponto de vista do Athletics, todas as escolhas são deliciosamente insanas. Entre os primeiros nove clubes, oito escolheram alunos do ensino médio. Os piores times do beisebol, os times que

menos podem se permitir erros no recrutamento, entraram no cassino, ignoraram as probabilidades e foram direto para a mesa de dados.

Billy e Paul não veem mais o recrutamento como um jogo de dados. São contadores de cartas em mesas de vinte e um; julgam ter descoberto uma maneira de virar o jogo dentro do cassino. Pensam que podem ganhar da banca. A cada vez que um clube rola o dado apostando em um jogador do ensino médio, Billy comemora com um soco no ar: a cada vez que pegam um jogador que ele não quer, aumentam suas chances de pegar o que quer. Quando o Milwaukee Brewers fica com Prince Fielder na oitava escolha, a sala explode. Significa que provavelmente Scott Kazmir ficará disponível para o Mets. E fica mesmo. E o Mets pega Kazmir. (E paga 2,15 milhões por ele.) Aos dezesseis minutos do recrutamento, Erik Kubota se inclina para o viva-voz, tentando e quase conseguindo manter um tom de voz tranquilo e comedido.

— O Oakland Athletics escolhe Swisher, Nicholas. Primeira base / defensor central. Universidade Estadual de Ohio. Parkersburg, West Virginia. Filho do ex-jogador da divisão principal Steve Swisher.

— Prince Fielder salvou a nossa pele — diz um olheiro da velha guarda. Mesmo os gordos que não jogam no A's fazem o jogo do A's.

Billy agora está se sentindo melhor. Embolsou Swisher: quem mais ele vai conseguir embolsar? Billy emana uma nova energia e tem uma expressão descontraída no rosto. É como um operador de títulos financeiros que conseguiu um excelente negócio de manhã e chega à tarde sem receio algum. Sentindo-se ganancioso. Na certeza de que o medo no mercado vai lhe oferecer outras oportunidades para explorar. O que quer que aconteça agora não será ruim. Até que ponto pode ficar bom? A raiva sumiu, restando apenas como resquício na lembrança das outras pessoas. Ele não está mais no espaço do rebatedor. Está no campo central, pronto para defender uma bola num lance espetacular que ninguém esperava. “Billy é um cobra”, disse J.P. Ricciardi certa vez, explicando a diferença entre Billy e todos os outros gerentes gerais do esporte. “Não é só por ser mais inteligente do que o gerentão médio. Ele é implacável — o sujeito mais implacável que já vi na vida.”

Billy divide a atenção entre a lista, Paul e Erik. Vai a Paul para que ele cheque suas avaliações e vai a Erik para que ele execute suas vontades. Como qualquer bom operador de títulos financeiros, Billy adora tomar decisões. Quanto mais rápido, melhor. Olha os nomes dos jogadores no quadro branco e ouve os estalidos do viva-voz. Três arremessadores de sua lista (Francis, Brownlie e Guthrie) logo saem. Ainda restam dezesseis jogadores que ele está doido para pegar. A segunda escolha de primeira rodada do A's é a 24ª geral (que o Yankees cedeu a eles em troca do direito de contratar Jason Giambi), seguindo-se

rapidamente a 26ª, a 30ª, a 35ª, a 37ª e a 39ª. Billy combinou com Erik e Paul que usaria a 24ª para ficar com John McCurdy, um interbases da Universidade de Maryland, o segundo rebatedor em sua lista de favoritos. McCurdy era um defensor feio, com a porcentagem de potência no bastão mais alta dos Estados Unidos. Iriam transformá-lo num segunda base, onde sua defesa não teria tanta importância. Billy achava que McCurdy poderia ser o próximo Jeff Kent.

O White Sox entra na linha.

— Aí vai Blanton — diz Billy.

Quando Kenny Williams lhe disse, uma hora antes, que o White Sox ia ficar com Blanton, Billy só pôde concordar que isso mostrava um bom discernimento perturbador. Blanton era o segundo melhor arremessador no recrutamento, segundo Billy, ficando atrás apenas de Jeremy Guthrie, arremessador de Stanford.

Uma voz do White Sox estaleja no viva-voz: “O White Sox escolhe o reconvocato número 0103, Ring, Roger. Arremessador canhoto. Universidade Estadual de San Diego. La Mesa, Califórnia.”

— Porra, vocês tão brincando! — exclama Billy, esfuziante. Nem se detém para reclamar que Kenny Williams tinha dito a ele que ia pegar Blanton. (Será que ele estava com medo de que Billy pegasse Ring?) — Ring em vez de Blanton? Um reserva em vez de um titular? — Então se dá conta: — Blanton vai estar disponível na nossa vez. — O segundo melhor arremessador destro do recrutamento. Ele fala, mas nem consegue acreditar direito. Olha o quadro e recalcula o que os gerentes gerais vão fazer nas próximas cinco escolhas.

— Sabem de uma coisa? — diz Billy com mais segurança na voz. — Blanton vai estar lá na 24ª.

— Blanton e Swisher — concorda Erik. — É um home run.

— O Giants não vai pegar McCurdy, certo? — comenta Billy. O San Francisco Giants estava com a 25ª escolha, a única entre as duas seguintes do Athletics. — Pegamos Blanton na 24ª e McCurdy na 26ª.

— Swisher, Blanton e McCurdy — diz Erik. — É até covardia. — Ele aperta o botão do viva-voz e, com a voz trêmula de alguém ligando para contar que ganhou na loteria, fica com Blanton na 24ª escolha, hesita enquanto o Giants escolhe seu jogador e então pega McCurdy na 26ª.

Todo mundo na sala, inclusive o pessoal nos fundos que não entende o que se passa, entre eles o técnico e o dono do Athletics, bate palmas e comemora. A sala inteira toma como pressuposto que, se Billy conseguir o que quer, só pode ser bom para o futuro da franquia. Agora é a hora do Show de Billy Beane, e ainda não acabou.

Billy fita o quadro.

— Fritz — diz ele. — Seria incrível se a gente também conseguisse Fritz. — Benjamin Fritz, arremessador destro da Estadual de Fresno. Terceiro melhor arremessador destro no recrutamento, segundo o computador de Paul DePodesta.

— Não há chance de Teahen sair antes da 39ª, certo? — pergunta Paul depressa. Ele entende o que Billy está fazendo.

Como Billy percebeu que pode ficar com a maioria dos melhores rebatedores, agora está vendo se consegue os melhores arremessadores também. Na visão de Paul — a visão “objetiva” —, rebatedores são uma aposta muito melhor do que arremessadores. Ele julga que o melhor é recrutar arremessadores em bloco, mais no final. Não quer correr o risco de perder seus rebatedores.

— Teahen vai estar na 39ª — responde Billy.

Na sala, mais ninguém se dispõe a confirmar.

— Pegamos Fritz na 30ª, Brown na 35ª e Teahen na 37ª — diz Billy. Erik se inclina para o viva-voz e escuta. O Arizona Diamondbacks pega mais um jogador do ensino médio na 27ª escolha e o Seattle Mariners pega outro na 28ª. O Astros, na 29ª, fica com um jogador universitário, não Fritz. Erik pega Fritz na 30ª.

— Estamos com dois dos três melhores arremessadores destros do país e dois dos quatro melhores jogadores de posição — diz Paul.

— Isso não acontece — comenta Billy. — Não é normal.

Quando a 35ª escolha se aproxima, Erik se inclina outra vez para o viva-voz. Caso se inclinasse mais um pouco, conseguiria ouvir os outros clubes desligando o botão de seus aparelhos para rirem sem serem ouvidos. E riem mesmo. Vão dar risada do que o A's está prestes a fazer; e há aí uma lição a ser aprendida. A incapacidade de visualizar certo tipo de pessoa fazendo certo tipo de coisa porque nunca se viu alguém assim fazendo isso antes não é apenas um mau hábito. É um luxo. O que começa como falha da imaginação acaba sendo uma ineficiência do mercado: quando se exclui de determinada função uma categoria inteira de pessoas só com base na aparência delas, diminuem-se as probabilidades de encontrar os melhores para aquela função.

Quando lhe perguntaram a que jogador ou ex-jogador da divisão principal Paul compararia Jeremy Brown, ele ficou pensando durante dois dias e, por fim, declarou: “Ele não tem equivalente.” O garoto está lá em Tuscaloosa, ouvindo a transmissão da teleconferência pela internet, roendo as unhas porque *ainda* não acredita muito que o A's vai escolhê-lo na primeira rodada. Não contou a ninguém, a não ser aos pais e à namorada, e fez com que prometessem que não diriam nada a mais ninguém, caso a coisa não rolasse. Uma parte dele ainda acha que é armação para rirem da sua cara. Essa parte dele morre no instante em que ouve seu nome ser chamado.

“O Oakland Athletics escolhe o reconvocado número 1172. Brown, Jeremy. Receptor. Universidade do Alabama. Hueytown, Alabama.”

Poucos minutos depois de Erik anunciar seu nome, o telefone de Jeremy Brown começa a tocar. Primeiro são os parentes e amigos, depois os agentes. Todos esses agentes dos quais nunca ouviu falar agora querem fazer parte de sua vida. De repente, o próprio *Scott Boras* quer representar Jeremy Brown. Os agentes vão lhe dizer que podem conseguir pelo menos 500 mil dólares a mais do que o A's prometeu. Terá de lhes dizer que fez pessoalmente um trato com o A's e pretende cumpri-lo. E cumpre.

As duas horas seguintes são uma revelação para Billy Beane. Quando a poeira se assenta após as sete primeiras rodadas, o A's tem entre suas aquisições mais cinco rebatedores da lista de favoritos de Billy e Paul: Teahen, Baker, Kiger, Stavisky e Colamarino. Quando Erik, na sétima rodada, se inclina para o viva-voz e escolhe Brant Colamarino, um primeira base ambidestro da Universidade de Pittsburgh, Paul tem no rosto uma expressão de puro êxtase.

— Ninguém mais no beisebol concordaria — diz ele —, mas Colamarino deve ser o melhor rebatedor do país. Isso mostrava como os mecanismos de mensuração do A's seguiam na contramão: conseguiram recrutar possivelmente o melhor rebatedor do país na 218ª escolha do recrutamento. Então Paul continua: — Sabem o que me empolga num cara? Me empolgo quando ele tem alguma coisa que faz todo mundo deixá-lo de lado e eu sei que é algo que não tem a menor importância. — Quando Brant Colamarino tirou a camiseta no vestiário de uma liga secundária do A's pela primeira vez, os técnicos foram informar Billy que “Colamarino tem peitinho”. Tal como Jeremy Brown, ele não tem o físico que se espera de um jogador jovem. Peitinho é uma dessas coisas que não têm nenhuma importância num jogador. Billy só perguntou aos técnicos se um sutiã masculino se chamava “machã” ou “sutiã” mesmo.

Quase todos os outros times veem o mercado mais ou menos da mesma maneira, ou pelo menos agem como se o enxergassem assim. A maioria deles, tendo uma lista de vinte favoritos, se sentiria no paraíso ao obter três deles. Essa combinação de sete escolhas de primeira rodada, uma visão extremamente peculiar a respeito dos jogadores e um gerente geral decidido a impor essa visão em seu departamento de olheiros, criou uma espécie de mercado paralelo no Athletics. Inacreditavelmente, da lista de seus vinte desejados, o clube arrematou treze: quatro arremessadores e nove rebatedores. Recrutaram jogadores que seus próprios olheiros tinham descartado por serem baixos demais, magros demais, gordos demais ou lentos demais. Recrutaram arremessadores que não lançavam com força suficiente para os olheiros e rebatedores que não tinham potência suficiente. Recrutaram na primeira rodada garotos que achavam que só seriam

chamados a partir da 15ª, e garotos em rodadas mais adiantadas que nem achavam que seriam chamados. Recrutaram *jogadores de verdade*.

Era como se tivesse surgido de repente um grande administrador financeiro em Wall Street, capaz de agitar todo o mercado, comprando ações apenas de restaurantes vegetarianos ou de fabricantes de carros elétricos. Com uma diferença. Uma reavaliação dos valores no mercado de ações traz consequências para as empresas e para os administradores financeiros. Os pedaços de papel não se importam muito com o que você pensa sobre o valor intrínseco deles. Já no beisebol, uma reavaliação no mercado de jogadores repercute na vida dos jovens envolvidos. Era como se tivessem lançado um sinal na sala de recrutamento do Athletics, que se propagava e se dirigia como um raio laser até aqueles jovens cujo desempenho, durante toda a carreira, viera acompanhado de um asterisco. A nota de rodapé dizia: “Nunca vai chegar a lugar algum porque não *parece* um jogador de liga principal.”

Billy Beane era um arsenal humano inadvertidamente construído pelo beisebol profissional para atacar os costumes e rituais do esporte. Via-se travando uma guerra contra os juízos subjetivos, mas também estava fazendo outra coisa. Certa vez, Chris Pittaro falou que o que o impressionava em Billy — que o diferenciava da maioria do pessoal do beisebol — era seu desejo de encontrar jogadores diferentes dele mesmo. Billy Beane procurara — e encontrara — suas antíteses. Rapazes reprovados no teste inicial que avaliava se ficavam bem num uniforme. Rapazes que só sabiam jogar beisebol. Rapazes que cursavam a faculdade.

O olheiro gordo entra devagar. É um dos olheiros mais velhos e, como a maioria dos demais, sairá do Athletics no fim da temporada e vai procurar um time que dê valor ao que ele sabe. A chegada de todos esses jogadores de corpo disforme expulsará todos os olheiros antigos. Mas, por enquanto, de modo geral, eles acham graça.

— Acabei de falar com Kiger — diz o olheiro gordo, lacônico. Mark Kiger é interbases na Universidade da Flórida. Uma máquina de desgastar os arremessadores adversários e de chegar em base. Franzino demais para o esporte profissional, ou assim dizem. Agora uma escolha de quinta rodada do Athletics.

— O que ele falou? — pergunta Billy.

— Obrigado, obrigado, obrigado — responde o gorducho e então dá risada. — Ele só queria ser chamado.

Para Billy Beane, foi um dos dias mais felizes de sua carreira. Ele não tem como saber se descobriu um novo modo de consertar as esperanças irracionais que eram postas sobre um rapaz ou se, como esperava, conseguiu eliminar da equação o fator esperança. Mas achava que sabia. No fim do dia, com um grande

sorriso estampado no rosto, ele disse:

— Este talvez seja o dia mais divertido da minha vida no beisebol. — Então saiu pela porta de trás da sala e entrou no estádio. Tinha outro míssil, ainda mais potente, para desferir contra o saber convencional da MLB. Chamava-se Oakland Athletics.

Capítulo seis

A CIÊNCIA DE VENCER NUM JOGO DESIGUAL

NÃO HAVIA MANEIRA simples de abordar o problema que Billy Beane tentava resolver. Era como uma pergunta valendo pontos extra numa prova de álgebra: você tem 40 milhões de dólares para gastar com 25 jogadores. O adversário já gastou 126 milhões nos 25 jogadores dele e talvez tenha mais uns 100 milhões de reserva. O que você faz com seus 40 milhões para evitar uma derrota humilhante? “O que você não faz”, disse Billy, “é o que o Yankees faz. Se fizermos o que eles fazem, vamos perder todas as vezes, pois eles têm o triplo do dinheiro que nós temos.” Um time pobre não tem condições de sair contratando astros de grandes ligas no auge da carreira. Não tem condições sequer de contratar jogadores de preço médio. O salário médio das grandes ligas era de 2,3 milhões de dólares. O salário médio do A’s no início da temporada ficava um pouco abaixo de 1,5 milhão. O time pobre era obrigado a procurar pechinchas: atletas jovens e os mais velhos desvalorizados no mercado. Parecia altamente improvável, em vista da inflação salarial no beisebol profissional nos últimos 25 anos, que houvesse algum jogador de liga principal, já estabelecido, valendo um preço inferior ao normal. Se o mercado operasse com alguma racionalidade, todos os talentos efetivos já teriam sido comprados pelos times ricos, e o Athletics não teria nenhuma chance. E, no entanto, teve. Por quê?

Curiosamente, a MLB havia perguntado a mesma coisa, com sua usual displicência e negligência. Após a temporada de 1999, a MLB criou algo chamado Commissioner’s Blue Ribbon Panel on Baseball Economics [Painel Especial do Comissariado sobre a Economia do Beisebol], cuja função era criar um documento chamado *The Blue Ribbon Panel Report* [Relatório do Painel Especial]. Seu objetivo expresso era examinar “se o atual sistema econômico do beisebol criou um problema de desequilíbrio competitivo no esporte”. O comissário Bud Selig convidara quatro homens de sólido renome — o ex-senador George Mitchell, o reitor da Universidade Yale Richard Levin, o

colunista George Will e o ex-diretor do Banco Central dos Estados Unidos Paul Volcker — para redigirem um relatório sobre as desigualdades econômicas no beisebol. Selig era dono do Milwaukee Brewers, talvez o time mais pateticamente pobre do beisebol. Ele queria acreditar, sem dúvida, que o problema do Brewers era a falta de recursos e não de inteligência. Era evidente seu interesse financeiro em que a comissão concluísse que os salários dos jogadores precisariam de um teto máximo e que os times ricos deviam subsidiar os pobres. Ele manifestou esse interesse tentando recheiar os assentos da Comissão Especial com outros donos de times pobres e patéticos. Mas as quatro entidades protestaram contra essa tentativa explícita de minar sua autoridade, e Selig concordou que os donos ficariam apenas assistindo enquanto as entidades deliberavam.

Não adiantou muito. Em julho de 2000, a comissão fez praticamente aquilo que Bud Selig queria: concluiu que os times pobres não tinham chance, que essa desesperança era Ruim para o beisebol e que era preciso encontrar uma maneira de diminuir a desigualdade entre times ricos e pobres. George Will, o colunista conservador, era curiosamente o defensor mais enfático do socialismo beisebolístico. Um dado drástico que Will utilizava para alarmar era a razão entre as folhas salariais dos sete clubes mais ricos e dos sete mais pobres no beisebol: 4:1, enquanto no basquete profissional era de 1,75:1 e no futebol americano profissional, de 1,5:1. O beisebol era o único entre os principais esportes americanos em que o dinheiro comprava o sucesso, dizia ele, e isso era um crime contra o esporte. No momento em que os torcedores do Brewers, do Royals e do Devil Rays entendessem que seus times só existiam para receber as surras sistemáticas que levavam do Yankees, iriam abandonar totalmente o esporte. O que estava em jogo era nada mais nada menos que o futuro do beisebol profissional.

Havia fatos em favor desses argumentos, mas também havia alguns elementos contrários, e, segundo dois observadores dos trabalhos, apenas um integrante da comissão se dispunha a apresentá-los: Paul Volcker. Volcker era também o único integrante com histórico na área financeira. Para o desconforto crescente dos demais, ele não abria mão de duas perguntas incômodas:

1. Se os times pobres estavam em condições financeiras tão ruins, por que os caras endinheirados continuavam a pagar preços cada vez mais altos para comprá-los?
2. Se não havia esperança para os times pobres, como o Oakland Athletics,

com a segunda folha salarial mais baixa de todo o beisebol, conseguia tantas vitórias?

Os donos dos clubes não dispunham de nenhuma boa resposta à primeira pergunta, mas, para responder à segunda, convocaram Billy Beane para se explicar pessoalmente. O estranho era que, na temporada anterior, de 1999, o Athletics tinha terminado o ano com uma campanha de 87 vitórias e 75 derrotas, ficando fora dos play-offs. Mesmo assim, haviam melhorado muitíssimo em relação a 1998, o primeiro ano de Billy no cargo, quando tinham terminado com uma campanha de 74 vitórias e 88 derrotas. E estavam parecendo ainda mais fortes em 2000. Volcker suspeitava de alguma tramoia. Se os resultados no beisebol profissional eram tão visivelmente determinados pelos recursos financeiros, como podia haver uma única exceção que fosse? Como um time pobre podia melhorar de maneira tão acentuada? Paul DePodesta redigiu a apresentação de Billy Beane e Billy foi até Nova York explicar a Volcker as razões de tanta sorte. Ficou contente com a oportunidade. Ele não tinha nenhum interesse em impedir que o Painel Especial chegasse à conclusão de que a vida dele era injusta. Estava encantado com a ideia de um teto limitando os preços dos jogadores ou, ainda melhor, de que o Yankees fosse obrigado a lhe ceder uma parte de sua renda. Quando se levantou diante da comissão, Billy projetou um slide que dizia:

GARRA DE CAMPEÕES

*Filme sobre o desafortunado Cleveland Indians

Para montar um time perdedor, a dona do time distribui uma lista de jogadores a serem convidados para os treinos de primavera. Os executivos do beisebol dizem que esses jogadores, na maioria, já passaram do auge faz muito tempo. Os torcedores veem a lista no jornal e comentam: “Nunca ouvi falar nem da metade desses caras.”

Nossa situação é muito parecida com a do filme.

Quando isso servia a seus propósitos, Billy era capaz de armar o maior festival de lamentações desde a última ceia. Declarou aos integrantes da comissão que a

falta de condições do Athletics para contratar astros famosos significava que, por melhor que fosse seu desempenho, o time não atraía torcida — o que não era nem um pouco verdade. Todos os estudos de marketing do Athletics mostravam que o que mais interessava aos torcedores era a vitória. Ganhe com zés-ninguéns e os fãs aparecerão e os zés-ninguéns *se transformarão* em astros; perca com astros e os fãs ficarão em casa, e os astros se transformarão em zés-ninguéns. Juntar zés-ninguéns, montar uma máquina de eficiência implacável para vencer as partidas e ficar assistindo enquanto eles se transformam em astros era um dos grandes prazeres de comandar um time pobre de beisebol.

Billy também declarou ao Painel Especial que sua falta de condições de pagar os jogadores de acordo com os níveis do mercado da época significava que o sucesso do time provavelmente seria efêmero. Isso até podia ser o que a comissão queria ouvir, mas não era o que Billy pensava. O que ele pensava era o mesmo que Paul Volcker suspeitava, ou seja, que o mercado de jogadores de beisebol era tão ineficiente e que a percepção geral de uma estratégia sólida no beisebol era tão deficiente que gerir um time com competência ainda superaria pilhas de dinheiro. Então Billy saiu a campo e criou novas evidências que provavam suas ideias. Depois de vencer 87 jogos em 1999, o Athletics venceu 91 em 2000 e teve um total espantoso de 102 vitórias em 2001, passando para os play-offs em ambos os anos.

Não estavam piorando: estavam melhorando. A diferença cada vez maior entre o orçamento do Athletics e o de todos os demais não provocava nenhum efeito visível. A cada ano, o A's parecia mais prejudicado do ponto de vista financeiro e, a cada ano, suas vitórias aumentavam. Talvez fosse mera sorte. Ou talvez o A's soubesse de algo que os outros não sabiam. Talvez, e era isso o que o Athletics secretamente pensava, o time estivesse se tornando mais *eficiente*. Quando o clube, em 2001 e pelo segundo ano consecutivo, perdeu para o Yankees na quinta e decisiva partida dos play-offs, a diretoria do A's tinha certeza de que possuía o melhor time e que o Yankees é que tivera sorte — e que a diretoria do Yankees sabia disso. E que uma parcela dos 120 milhões que o Yankees pagara a Jason Giambi depois dos play-offs de 2001, tirando-o do Athletics, era para impedir que ele um dia voltasse a jogar pelo time.

Em todo caso, no começo da temporada de 2002, o Athletics, vencendo tanto com tão pouco, criou certo constrangimento para Bud Selig e, por extensão, para a MLB. “Uma aberração” era como o comissário do esporte e sua equipe se referiam ao time. Se você perguntasse o que queriam dizer com esse termo nebuloso, respondiam sem dar nomes: “Eles têm tido sorte.” Naquele ano, a sorte do A's devia acabar. A diminuta folha salarial do clube tinha encolhido uma vez mais. A *diferença* entre as folhas do Yankees e do Athletics na abertura da

temporada tinha disparado de 62 milhões em 1999 para 90 milhões em 2002. O cenário de pesadelo que o Painel Especial previra para os times pobres se transformara em realidade para o A's de 2002. O clube perdera para os agentes livres — e, portanto, para times mais ricos — três de seus astros comprovados: Jason Isringhausen, Johnny Damon e Giambi.

Para um determinista financeiro como Bud Selig, decerto o assombroso era que não tivessem pura e simplesmente desistido. Claro, ninguém no esporte profissional jamais admite que está desistindo. Mas era bastante possível abandonar qualquer esperança de vitória e, ao mesmo tempo, continuar comparecendo todos os dias ao serviço para receber o salário no fim do mês. O esporte profissional tinha um termo para isso, “reconstrução”. Era o que meia dúzia de times da liga principal fazia praticamente o tempo todo. O Kansas City Royals andara se reconstruindo nos últimos quatro ou cinco anos. O Brewers de Bud Selig andava por baixo fazia pelo menos uma década. Não foi o que o Athletics fez, pela simples razão de que acreditava de fato que ia continuar vencendo — talvez não o mesmo número de jogos de 2001, mas o suficiente para voltarem às finais.

Antes da temporada de 2002, Paul DePodesta reduzira o semestre seguinte a um problema matemático. Avaliou quantas vitórias seriam necessárias para chegar aos play-offs: 95. Então calculou quantas corridas o Athletics precisaria marcar a mais do que cederia para vencer 95 jogos: 135. (A ideia de que existia uma relação constante entre os totais de corridas e as vitórias na temporada era outra descoberta jamesiana.) Em seguida, tomando como base o desempenho anterior dos jogadores do A's, ele chegou a uma estimativa razoável sobre o número de corridas que realmente anotariam e cederiam no ano. Se não sofressem um número anormal de lesões, disse ele, o time marcaria entre 800 e 820 corridas e sofreria de 650 a 670 corridas.¹ A partir disso, ele previu que o time venceria de 93 a 97 jogos e provavelmente chegaria aos play-offs. “Não existem muitos times que vencem 95 jogos e não avançam para os play-offs”, disse ele. “Se vencermos 95 jogos e não formos para os play-offs, tudo bem.”

O Athletics de 2001 tinha vencido 102 jogos da temporada regular. O Athletics de 2002 iniciou a temporada sem os três nomes que o mercado, de modo geral, considerava entre seus melhores jogadores, e o resultado esperado era uma perda líquida de sete vitórias. Como isso era possível? A única maneira de entender os cálculos era examinar um pouco melhor o que precisamente o clube perdeu, ou julgou perder, quando outros clubes mais ricos contrataram seus três astros.

O primeiro caso, e o mais fácil de entender, foi o do ex-arremessador fechador da casa, um autêntico lança-mísseis, Jason Isringhausen. Quando Billy Beane

negociou sua troca no meio da temporada de 1999, Isringhausen arremessava nas ligas menores pelo Mets. Para obter Jason e um arremessador mais caro chamado Greg McMichael e, *além disso*, o dinheiro para pagar o salário de McMichael, a única coisa que Billy Beane precisou fazer foi ceder seu próprio arremessador fechador já estabelecido, Billy Taylor. Taylor, que deixou de ser eficiente logo depois de ir para o Mets, tinha sido retirado uns anos antes das ligas menores pelo próprio Billy, ao preço de alguns milhares de dólares.

A principal percepção que levava Billy a converter os zés-ninguéns das ligas menores em bons arremessadores fechadores do time principal e, depois que se tornavam agentes livres, a se recusar a lhes pagar os muitos milhões de dólares que pediam era que formar um arremessador fechador era bem mais eficiente do que comprar um pronto. Os já estabelecidos tinham salários sistematicamente supervalorizados, em larga medida por causa da estatística usada para avaliar os arremessadores fechadores no mercado: os “salvamentos”. A própria palavra conferia uma aura de importância vital ao sujeito que a colocava em prática. Mas a situação em geral descrita pelo salvamento — as bases vazias na nona entrada com o time à frente no placar — era visivelmente muito menos crítica do que várias outras situações enfrentadas pelos arremessadores. A estatística do arremessador fechador não tinha força de linguagem; era apenas um número. Era possível pegar um arremessador um pouco acima da média, colocá-lo no papel de arremessador fechador, deixar que acumulasse uma pomposa quantidade de salvamentos e depois vendê-lo. Em suma, era possível comprar uma ação, inflá-la com falsa propaganda e revendê-la por um preço muito mais alto do que o efetivamente pago. Billy Beane já tinha feito isso duas vezes e imaginava que podia continuar a fazer por várias outras.

A saída de Jason Isringhausen não foi uma perda para o Oakland Athletics, mas uma feliz consequência de uma máquina de fazer dinheiro conhecida como “Vender o Arremessador Fechador”. Como recompensa pela perda de Isringhausen para o St. Louis Cardinals, o A’s tinha recebido duas novas vantagens: a escolha de primeira rodada do Cardinals e uma escolha compensatória também na primeira rodada. Usaram a primeira para recrutar Benjamin Fritz, um arremessador que julgavam ter um futuro mais brilhante e mais barato do que Isringhausen, e a segunda para adquirir Jeremy Brown.

O Painel Especial tinha feito a pergunta errada. A pergunta não era se um time de beisebol conseguiria manter seus astros mesmo depois de terem terminado seus seis anos de servidão contratual e se tornado agentes livres. A pergunta era: como um time de beisebol descobria astros, em primeiro lugar, e como encontrava outros para substituir os que saíam? Até que ponto os jogadores de beisebol eram substituíveis? A resposta resumida era: são muito mais

substituíveis do que os dirigentes dos times imaginavam.

Encontrar arremessadores capazes de se tornar bons arremessadores fechadores não era muito difícil. Para preencher essa vaga entre os reservas, Billy havia trocado com o Toronto Blue Jays um terceira base das divisões menores, Eric Hinske, por Billy Koch, outro verdadeiro lança-mísseis. Ele sabia que Hinske era muito bom — em 2002, acabou sendo escolhido como o Novato do Ano na Liga Americana —, mas o Athletics já tinha um terceira base ainda melhor, Eric Chavez. Além disso, Billy sabia que, salvo alguma calamidade, Koch também ganharia muito valor como ativo do clube. Koch faria seus salvamentos e seria visto pelos outros clubes como um elemento muito mais importante para o sucesso do time do que realmente era e, com isso, o A's poderia trocá-lo por alguém mais barato, mais jovem e talvez ainda melhor.

A saída de Johnny Damon, ex-defensor central do Athletics, apresentava outro tipo de problema. Quando Damon assinou com o Boston, o A's ficou com a escolha do Red Sox na primeira rodada (e selecionou Nick Swisher) e uma escolha compensatória. Mas Damon deixou duas lacunas flagrantes: na defesa, no campo central; no ataque, como primeiro rebatedor. Entre esses dois casos, o do ataque era mais fácil de entender e esquecer. Quando a torcida assistia a Damon, via o próprio tipo entusiasmante de rebatedor de largada que era simplesmente *indispensável* para que um time fosse competitivo. Quando a diretoria do A's assistia a Damon, via outra coisa: um entendimento falho de onde nascem as corridas.

Paul DePodesta fora contratado por Billy Beane antes da temporada de 1999, mas muito antes disso já estudava o motivo das vitórias dos times. Pouco tempo depois de se formar em Harvard, em meados dos anos 1990, ele colocou as estatísticas de todos os times de beisebol do século XX numa equação e testou quais delas mostravam a correlação mais próxima com a porcentagem de vitórias. Encontrou apenas duas estatísticas, ambas de ataque, indissociavelmente ligadas ao sucesso no beisebol: a porcentagem em base e a porcentagem de potência no bastão. Todo o resto tinha muito menos importância.

Pouco tempo depois de chegar ao Oakland, Paul fez uma pergunta a si mesmo: qual era a importância relativa do aproveitamento em base e da porcentagem de potência no bastão? Sua resposta começou com uma experiência mental: se um time tivesse um aproveitamento em base de 1,000 (dito “um milhar”) — ou seja, se todo rebatedor chegasse a salvo em base — quantas corridas marcaria? ² Um número infinito, pois o time nunca sofreria uma eliminação. Se um time tivesse uma porcentagem de potência no bastão de 1,000 — quer dizer, se ganhasse uma base para cada rebatedor indo ao bastão — quantas corridas marcaria? Dependia de como fizesse, mas tipicamente seria

muito abaixo de um número infinito. Um time podia mandar quatro rebatedores ao bastão numa entrada, por exemplo. O primeiro rebate um home run, os três seguintes são eliminados. Quatro passagens no bastão geraram quatro bases totais e, portanto, uma porcentagem de potência de 1,000, e apesar disso marcaram apenas uma corrida na entrada.

Só então os torcedores e locutores de beisebol estavam se familiarizando com a obsessão jamesiana pelo aproveitamento em base e pela porcentagem de potência no bastão. O esporte, aos poucos, estava voltando a atenção para a nova estatística, o OPS (*on-base plus slugging*). O OPS era a simples soma das duas porcentagens. Mesmo sendo muito rudimentar, era um indicador muito melhor do que qualquer outra estatística de ataque para o número de corridas que um time marcaria. A simples soma das duas estatísticas, porém, dava a entender que ambas tinham o mesmo peso. Se o objetivo era aumentar o OPS de um time, tanto fazia ter um ponto percentual a mais de aproveitamento em base ou de potência no bastão.

Antes de sua experiência mental, Paul ficara incomodado com esse pressuposto simplista; agora, ele via que o pressuposto era absurdo. Um ponto a mais na porcentagem de chegada em base tinha um valor visivelmente maior do que um ponto a mais na porcentagem de potência no bastão: mas de quanto? Ele passou a ajustar sua versão pessoal da fórmula jamesiana das “Corridas criadas”. Quando acabou, tinha em mãos um modelo para prever a criação de corridas mais exato do que qualquer outro que conhecia. No modelo de Paul, um ponto a mais na porcentagem chegando em base valia o triplo de um ponto a mais na porcentagem de potência no bastão.

O argumento de Paul era radical mesmo para os padrões da sabermetria. Bill James e outros haviam ressaltado a importância do aproveitamento em base, mas nem mesmo eles julgavam que valeria o triplo da potência no bastão. Os modelos de ataque, em sua maioria, supunham que um ponto adicional na porcentagem da chegada em base valia, no máximo, uma vez e meia um ponto adicional na porcentagem de potência no bastão. Na própria divisão principal, que nem de longe valorizava tanto o aproveitamento em base quanto os sabermetristas, o argumento de Paul soava quase como uma heresia.

Paul saiu de seu escritório, atravessou o corredor e expôs seu raciocínio a Billy Beane, que achou que era o melhor argumento que ouvira em muito tempo. Heresia era uma boa coisa: heresia significava oportunidade. A capacidade de um jogador de chegar em base — principalmente quando fazia de maneira discreta — tendia a ser muito subestimada em comparação a outras habilidades. Não era preciso nem pensar nas habilidades em defesa ou na velocidade individual. A capacidade de chegar em base — de evitar sofrer eliminações —

era subestimada mesmo em comparação à capacidade de rebater com potência. O atributo mais crucial para o êxito de um time de beisebol era um atributo que eles podiam pagar. Naquele momento, o interesse já incomum pela capacidade de um jogador de chegar em base se converteu numa obsessão para a diretoria do A's.

Para a maioria do pessoal do beisebol, Johnny Damon, no ataque, era um rebatedor de largada excepcionalmente valioso, com talento para roubar bases. Para Billy Beane e Paul DePodesta, Damon era um ser humano muito agradável, uma companhia muito simpática, mas um atacante facilmente substituível. Em 2001, seu aproveitamento em base foi de ,324, cerca de dez pontos abaixo da média da liga. Era verdade que ele roubava algumas bases, mas o roubo de bases envolvia correr um risco que a diretoria do A's não confiaria nem mesmo a Johnny Damon. A matemática da coisa variava com a situação, mas, em termos gerais, a tentativa de roubo tinha de dar certo 70% das vezes antes de render uma contribuição positiva para o total de corridas.

Era fácil substituir o ataque de Damon pelos A's em 2001; já a defesa, não. A questão era como calcular as perdas do Athletics quando Terrence Long, e não Johnny Damon, jogava no campo central. Resumindo, não havia como calcular, pelo menos não com precisão. Mas poderiam — ou pensavam que poderiam — se aproximar de uma resposta mais exata do que os outros. Algo havia mudado desde a primeira vez em que Bill James reclamara da falta de significado das estatísticas de defesa. A mudança consistia em novas informações e numa nova maneira de pensar um velho problema. O estranho é que o impulso para essa reflexão nasceu em Wall Street.

* * *

NO COMEÇO DOS anos 1980, os mercados financeiros americanos passaram por uma transformação assombrosa. A informática se somou ao progresso intelectual e levou à criação de novos mercados em opções e futuros financeiros. Na verdade, opções e futuros eram apenas segmentos de ações e títulos, mas logo esses segmentos se tornaram tão misteriosos e inexplicáveis que Wall Street criou uma palavra para abarcar todos eles, “derivativos”. Essas novas apólices se diferenciavam das ações e títulos tradicionais num aspecto importante: elas tinham um determinado valor, quantificável com precisão. Era impossível dizer quanto valia uma ação ou um título. O valor deles era uma questão de opinião

financeira; valiam o que o mercado dizia. Mas os *segmentos* de uma ação ou de um título, quando fossem remontados, deviam resultar exatamente no mesmo valor da ação ou do título. Se valessem menos ou mais do que o artigo original, falava-se em “ineficiência” do mercado, e um operador podia fazer fortunas negociando os segmentos contra o original.

Durante boa parte da década, houve ali lucros gigantescos, a risco praticamente zero, para quem tivesse percebido isso. Quem logo captou a matemática da coisa não foi o operador típico. Foram matemáticos, estatísticos e cientistas altamente qualificados que haviam largado suas atividades em Harvard, em Stanford ou no MIT para arrasar em Wall Street. As cifras fantásticas embolsadas por esses corretores sofisticados transformaram a mentalidade de Wall Street e converteram a análise quantitativa na maneira respeitável de apostar no mercado, no lugar do palpite ou da intuição. A principal consequência econômica da criação dos derivativos foi precificar o risco de modo mais exato e distribuí-lo com mais eficiência do que jamais ocorrera na longa história de um mundo financeiro obcecado por riscos. A principal consequência social foi inculcar na cabeça de uma geração extremamente ambiciosa uma nova relação entre “ineficiência” e “oportunidade” e reforçar uma relação mais antiga entre “cérebro” e “dinheiro”.

Ken Mauriello e Jack Armbruster pertenciam àquela geração. Ken analisava o valor dos derivativos e Jack os negociava para uma das empresas de negociação mais lucrativas de Chicago. A firma deles precificava o risco financeiro com uma precisão inédita. “No fim dos anos 1980, Kenny começou a adotar a mesma abordagem com os jogadores de beisebol das grandes ligas”, disse Armbruster. “Examinando os pontos onde as estatísticas não revelam toda a verdade — ou até mesmo mentem sobre a situação.” O objetivo de Mauriello e Armbruster era avaliar os eventos que ocorriam num campo de beisebol com uma precisão maior do que se tinha até então. Em 1994, deixaram de analisar derivativos e criaram uma empresa para analisar jogadores de beisebol, chamada AVM Systems.

Ken Mauriello vira um elemento em comum entre os novos mercados financeiros complexos e o beisebol: “a ineficiência gerada por dados falhos”. Como Bill James havia demonstrado, os dados do beisebol misturavam sorte e destreza e simplesmente ignoravam muito do que acontecia durante uma partida. Com duas eliminações e um corredor na segunda base, um arremessador faz um grande arremesso: o rebatedor bate uma bola sem qualquer força para o campo esquerdo que teria sido apanhada se o defensor esquerdo não fosse Albert Belle. O corredor esperto na segunda base, sabendo que Albert Belle é lento não só para chegar à bola mas também ao home plate, corre para chegar à quarta base.

Na contabilidade da partida, o rebatedor aparecia como tendo sucesso, o arremessador como tendo falhado, e o corredor e o defensor esquerdo como estando apenas presentes na cena. Era uma injustiça grotesca. O arremessador e o corredor mereciam registro na coluna de créditos, o rebatedor e o defensor esquerdo mereciam registro na coluna de débitos (o primeiro devia ter sido eliminado; o segundo, de certa forma, evitara cometer um “erro” e, ao mesmo tempo, ceder a corridas para o outro time).

Não existia quase nenhuma jogada no beisebol que, para uma avaliação mais exata, não precisasse de ajustes em função dos jogadores envolvidos ou do estádio onde ela ocorria. O que o sistema da AVM realmente queria saber era o seguinte: em cada acontecimento num campo de beisebol, como — e o quanto — os jogadores envolvidos devem ser considerados responsáveis e, conseqüentemente, debitados e creditados? Responda a essa pergunta e poderá responder a muitas outras também. Por exemplo: quantas rebatidas duplas Albert Belle precisa acertar para compensar as bolas aéreas que ele não apanha?

Como contabilizar os desempenhos de um jogador era óbvio: com as corridas. A corrida era a moeda do beisebol, o denominador comum de tudo o que acontecia num campo. Uma questão mais complicada era *quanto* valia cada minúsculo acontecimento em campo. A AVM tratou dessa questão reunindo dez anos de dados das partidas da MLB, de cada bola posta em jogo. O sistema fazia comparações entre cada evento depois que a bola era colocada em jogo e as ocorrências típicas nos dez anos anteriores. “Não importa o que aconteça numa partida de beisebol”, disse Armbruster, “já aconteceu milhares de vezes antes.” O desempenho dos jogadores envolvidos era sempre avaliado de acordo com a média.

Grande parte dessa abordagem não era diferente do que Bill James e Dick Cramer tinham começado a fazer dez anos antes, quando criaram a STATS Inc. A contribuição original da AVM Systems para os novos conhecimentos no beisebol era o maior grau de precisão na análise dos dados e de exatidão na avaliação do desempenho dos jogadores. Mauriello e Armbruster começaram por converter todos os campos da divisão principal numa matriz matemática de pontos de localização. Cada ponto recebeu um número. Então reclassificaram cada bola rebatida. A rebatida dupla não existia na marcação deles: isso seria descuido. Tampouco existiam coisas como pop flies, rebatidas em linha reta e bolas rasteiras: era necessário refinar as distinções. Uma bola era rebatida a certa velocidade e em determinada trajetória para determinado quadrante do campo. Nos registros de um jogo na AVM, num determinado jogo, uma rebatida dupla em linha reta entre os defensores de centro e esquerda se convertia numa bola rebatida com força x que aterrissava no ponto #643.

O sistema então dividia tudo o que acontecia em cada jogada em inúmeros fragmentos minúsculos providos de significado. Derivativos. “Existem coisas dos mais variados tipos acontecendo no contexto de uma jogada no beisebol”, disse Armbruster, “que simplesmente nunca foram registradas.” Um exemplo: depois de uma rebatida simples para o campo direito, um corredor que estava na primeira base, vendo que Raul Mondesi é o defensor direito, parava na segunda base em vez de disparar para a terceira. Os corredores raramente tentavam ir da primeira até a terceira base nas rebatidas para o campo direito quando era Raul Mondesi que estava jogando lá. É certo que isso valia alguma coisa, mas o quê? Assim como nunca ocorreu a ninguém em Wall Street pensar sobre o valor dos fragmentos de uma ação ou de um título até o momento em que se percebeu que tal exercício poderia gerar fortunas, também nunca ocorreu a ninguém no mercado de jogadores de beisebol atribuir valores aos pequenos componentes do desempenho deles — até o momento em que o valor dos jogadores se tornaram absurdamente alto.

Todo o trabalho de Bill James consistira em contestar o entendimento tradicional do jogo, questionando o sentido de suas estatísticas. Os especialistas financeiros da AVM levaram essa ideia ainda mais longe, registrando os eventos que ocorriam no campo sem absolutamente nenhuma referência às estatísticas tradicionais. Não foram apenas estatísticas circunstanciais como “RBIs” e “salvamentos” que o modelo da AVM ignorou. Ele ignorou *todas* as estatísticas convencionais do beisebol. O sistema substituiu o jogo visto pelo torcedor comum por uma abstração. Nos computadores da AVM, o jogo se tornou uma coletânea de derivativos, um mundo paralelo onde os jogadores podiam ser avaliados com maior precisão do que no mundo real.

Paul DePodesta era estagiário no Cleveland Indians quando conheceu os ex-operadores de Wall Street e então analistas de beisebol, em sua primeira expedição de vendas pela MLB. Ele lembra a reação que teve à apresentação que fizeram: *Ah, meu Deus*. “Aquilo me abriu os olhos”, contou Paul. “A coisa mais importante que a AVM faz é extrair o elemento de sorte. Todo mundo no beisebol sabe que há muita sorte envolvida no esporte, mas todos dizem: ‘A sorte acaba se equilibrando.’ A AVM afirmava que não. Não basta dizer: ‘Ah, ela acaba se equilibrando.’”

Uma percepção nascida nos mercados financeiros se enraizou na mente de um rapaz que logo teria condições de colocá-la em prática dentro da MLB. Pouco tempo depois de ter sido contratado por Billy Beane, em 1998, Paul o persuadiu a contratar os serviços da AVM Systems. “Ainda me interessavam”, explicou Paul, “porque não estavam lidando com estatísticas convencionais de maneira não convencional, que é o que todos os outros fazem.” A AVM Systems era um

luxo que apenas um time rico podia se permitir, mas que só um time pobre, desesperado para conseguir uma margem de vantagem, pensaria em usar. Billy e Paul utilizaram o sistema da AVM durante uns dois anos e, então, por motivo de economia, copiaram o que a AVM fazia. Depois que Paul acabasse de reproduzir o mundo paralelo de derivativos, ele e Billy poderiam começar a responder com mais precisão à pergunta sobre a defesa de Johnny Damon.

Todo evento num campo de beisebol, para Paul, tinha um “valor de corrida esperada”. Não é preciso saber calcular os valores de corridas esperadas para entendê-los. Tudo o que acontece num campo de beisebol altera, em geral de maneira muito sutil, as chances do time de anotar corridas. Todo evento em campo muda, muitas vezes imperceptivelmente, o estado geral do jogo. Por exemplo, o valor de não ter nenhum corredor em base, nenhum jogador eliminado e nenhuma contagem no rebatedor é de cerca de ,55 corridas, pois é isso o que um time de beisebol, em média, vai marcar nessa situação. Se o rebatedor acerta uma rebatida dupla, ele muda o “estado” do jogo: agora ninguém está eliminado e tem um corredor na segunda base. O valor de corrida esperada desse novo “estado” é 1,1 corridas. Segue-se que a contribuição de uma rebatida dupla inicial para as corridas esperadas de um time é de ,55 corridas (1,1 menos ,55). Se o rebatedor, em vez de acertar uma rebatida dupla, é eliminado por strikes, ele reduz o valor de corrida esperada do time para cerca de ,30. O custo de sofrer essa eliminação foi, portanto, de ,25 corridas — a diferença entre o valor do estado original do jogo e o estado em que o rebatedor o deixou.

Mas esses cálculos apenas arranham a superfície do problema. Se você quiser eliminar o elemento de sorte e entender mais a fundo o valor do desempenho de um jogador, terá de fazer perguntas beisebolísticas de fundo existencialista. Por exemplo: o que é uma rebatida dupla? De fato, não basta responder que uma rebatida dupla é quando um jogador rebate uma bola e alcança a segunda base sem o erro de um defensor. Qualquer um que assiste a jogos de beisebol sabe que as rebatidas duplas não são todas iguais. Existem as que deviam ter sido apanhadas — assim como há outras que deveriam ter sido duplas, mas que foram agarradas no ar por defensores de dotes sobrenaturais. Existem rebatidas duplas sortudas e eliminações azaradas. Para eliminar a sorte, você precisa, na verdade, de uma espécie de ideia platônica da rebatida dupla.

Um dos presentes que os operadores de Wall Street deram a Paul DePodesta foi justamente um conjunto de ideias platônicas. A precisão do sistema da AVM, copiado por Paul, lhe permitia pensar sobre cada evento ocorrido em campo de uma maneira inédita e mais satisfatória. Qualquer bola rebatida em qualquer lugar num campo de beisebol já tinha sido rebatida exatamente da mesma

maneira milhares de vezes antes: a média de todas essas rebatidas era a ideia platônica. Digamos, uma rebatida em linha reta numa trajetória x e velocidade y até o ponto #968. De acordo com os dados de dez anos, é possível ver que ocorreram 8.642 rebatidas quase idênticas. É possível ver que a rebatida foi dupla em 92% das vezes, foi simples em 4% delas e foi apanhada no ar também 4% das vezes. Suponha-se que o valor médio desse evento é ,50 de uma corrida. *A despeito do que tenha acontecido de fato*, o sistema credita ao rebatedor a criação de ,50 de uma corrida e ao arremessador a entrega de ,50 de uma corrida. Se, por acaso, Johnny Damon dá um daqueles saltos que são sua marca registrada e apanha a bola com um mergulho, ele é creditado por salvar para seu time ,50 de uma corrida.

A beleza do valor daquela rebatida (ou daquela apanhada) era que ele era demonstrado pelo próprio jogo; era o jogo que *dizia* o valor de cada evento, ao revelar qual tinha sido seu valor médio nos últimos dez anos. Ouvindo o que o jogo lhe dizia sobre o valor dos eventos, Paul podia pegar cada rebatida para a área amplamente definida como campo central e determinar seu “valor de corrida esperada”.

Com isso, voltamos a Johnny Damon. Ao longo da temporada de 2001, os adversários do Athletics tinham rebatido muitas centenas de bolas na área normalmente coberta pelo defensor central. Somando os resultados das partidas que tinham Johnny Damon em campo e comparando com a média, Paul podia ver quantas corridas Damon tinha salvado para o time. Também podia estimar quantas corridas o provável substituto de Damon, Terrence Long, custaria ao time. Uma parte disso era possível ver a olho nu, é claro. Podia-se ver Johnny Damon disparando no instante em que a bola era rebatida. Podia-se ver Terrence Long paralisado ou até disparando na direção errada, com a bola já em pleno voo. Realmente não era necessário que um operador de Wall Street dissesse qual dos dois era o melhor defensor central. O sistema nascido em Wall Street apenas ajudava Paul a colocar um preço na diferença entre eles. Não era mais preciso adivinhar. Não era mais preciso recorrer à intuição ou às estatísticas convencionais. O custo total de ter Terrence Long no campo central, em vez de Johnny Damon, era de quinze corridas ou cerca de uma corrida a cada dez partidas.

Quinze corridas não eram pouca coisa. No fim das contas, Paul concluiu que a defesa de Johnny Damon era mais importante do que Billy Beane julgava — o primeiro breve estudo que Billy lera sobre o assunto dizia que a defesa constituía “no máximo 5%” do beisebol —, mas não tão mais importante que valesse a pena pagar os 8 milhões anuais que o agente de Johnny Damon estava pedindo. E, na verdade, ainda não era possível afirmar nada de definitivo a respeito da

defesa. “Ainda não existiam números exatos”, explicou Paul, “porque o sistema não mede de onde parte o jogador da defesa. Não diz a distância que o cara teve de percorrer para apanhar a bola.” O que parecia ser uma ótima defesa podia ser um excelente posicionamento defensivo feito pelo técnico no banco.

Havia outra grande falha: tais tipos de cálculos só conseguiam avaliar o desempenho passado. Por mais precisa que fosse essa avaliação, ainda era uma diretriz incerta para o desempenho futuro. Johnny Damon (ou Terrence Long) podia perder a agilidade. Johnny Damon (ou Terrence Long) podia começar a beber ou se divorciar. Johnny Damon (ou Terrence Long) podia concluir que já faturara o suficiente e perder seu entusiasmo de classe média em correr atrás de bolas aéreas. Sempre havia riscos e incertezas no comportamento humano. O objetivo da direção do Athletics era apenas minimizar os riscos. A solução não era perfeita, era apenas melhor do que a alternativa antiga, a de tomar decisões baseadas na intuição.

De uma coisa eles tinham certeza: o sistema permitia que se aproximassem bem mais do valor real dos desempenhos de um jogador do que qualquer outra abordagem. E reforçava a hipótese de trabalho do A's de que a habilidade de um jogador no bastão tinha um efeito muito maior sobre o desempenho geral de um time do que sua habilidade na defesa. Albert Belle perdia mais bolas aéreas que qualquer outro defensor esquerdo em todo o beisebol, mas o sistema provava que ele havia mais do que compensado esse fato dando um maior número de rebatidas duplas. Ou, como disse Paul: “A variação entre os melhores e os piores defensores é muito menor no resultado de uma partida do que a variação entre os melhores e os piores rebatedores.” O mercado como um todo não percebia isso e assim colocava nas habilidades defensivas preços mais altos do que devia. Eis, então, a resposta prática à pergunta sobre a defesa de Johnny Damon: substituí-la provavelmente custaria mais do que ela valia. Qualquer jogador que fosse tão bom quanto Damon no campo central seria muito pior do que ele no ataque ou teria um preço exorbitante. A maneira mais eficiente de compensar a perda da defesa de Johnny Damon era reforçar o ataque.

O Relatório do Painel Especial julgava que um time pobre jamais conseguiria sobreviver à perda de seus astros comprovados para o mercado, como agentes livres. Mas a situação era mais complicada do que isso. A saída de Johnny Damon e Jason Isringhausen, ambos astros comprovados, não foi um grande golpe para o Athletics. A perda de Isringhausen, na verdade, nem foi uma perda, e sim um lucro inclemente. Já a de Damon foi realmente uma perda, mas nada que se aproximasse dos 32 milhões por quatro anos que o Red Sox lhe assegurara. Se o A's só tivesse perdido esses dois jogadores, o computador de Paul talvez previsse que o time teria, em 2002, o mesmo número de vitórias de

2001. Mas o A's também perdera Jason Giambi, e aí a história era outra. Giambi era talvez o pior primeira base defensivo das grandes ligas, mas era uma máquina de criar corridas, um dos jogadores de ataque mais *eficientes* no esporte. E, pior, Giambi estava de volta a Oakland, jogando pelo time adversário.

¹ Acabaram marcando 800 e cedendo 653.

² Essas “porcentagens” são de enlouquecer qualquer um que pense duas vezes nelas. Uma coisa é dar 110% pelo time, mas outra coisa é chegar em base 1.000% das vezes. A “porcentagem” da chegada em base é, na verdade, uma “por milhar”. Um rebatedor que chega em base quatro vezes a cada dez tem uma “porcentagem” em base de quatrocentos (,400). A “porcentagem” de potência no bastão é ainda mais confusa, pois consiste, na verdade, em “por quatro mil”. Uma “porcentagem” ideal de potência no bastão — que se tem rebatendo um home run todas as vezes — é de quatro mil: quatro bases para cada passagem no bastão. Mas, por questões práticas, considera-se que o aproveitamento em base e a potência no bastão são mensurados na mesma escala. De todo modo, a maioria dos jogadores de liga principal tem percentuais chegando em base entre trezentos (,300) e quatrocentos (,400) e porcentagens de potência no bastão de 350 (,350) a 550 (,550).

Capítulo sete

A LACUNA DE GIAMBI

Vamos dirigir a organização de cima para baixo. Controlamos o elenco de jogadores. Esse é o nosso trabalho. Não me desculpo por isso. Existe essa crença de que um time de beisebol começa primeiro pelo técnico. Não, não é verdade.

— Billy Beane, citado no *Boston Herald*, 16 de janeiro de 2003

A SEDE DO Oakland Athletics tinha a fama de ser a construção mais barata e menos atraente do beisebol profissional, e a sala de vídeo era seu pior cômodo. Fechada aos repórteres e a poucos metros dos chuveiros, era lá que os jogadores iam se esconder dos jornalistas e estudar seu desempenho. Uma das paredes estava tomada de prateleiras com fitas antigas dos jogos do A's, e outra, abarrotada com equipamentos de vídeo decrépitos. Mesas de fórmica manchadas, com dois monitores velhos em cada uma, ocupavam as duas pontas da sala. Os únicos enfeites eram um mapa plastificado dos Estados Unidos — pois de vez em quando os jogadores queriam ver quais estados sobrevoariam na próxima viagem — e um bastão que Matt Stairs, ex-defensor externo do A's, arrebentara numa das mesas e partira em dois. Ali dentro cabiam seis jogadores, e muitas vezes a sala ficava lotada.

Entre o bastão quebrado de Matt Stairs e o mapa dos Estados Unidos, costumava se sentar um rapaz chamado Dan Feinstein — mais conhecido como Feiny. Vinte minutos antes do início do jogo, a única coisa dos atletas que ficava na sala de vídeo eram as embalagens vazias dos biscoitos Fig Newton de Miguel Tejada. Feiny as via e balançava a cabeça em reprovação. O interbases do A's era do tipo que precisava ser repreendido para limpar sua bagunça, e Feiny era do tipo que não hesitava em manter tudo em ordem.

Feiny tirava proveito de sua formação em história medieval europeia preparando videoteipes para o Athletics. Orgulhava-se de seu lugarzinho decrépito. Dizia que os times ricos tinham instalações muito mais espaçosas e refinadas, porém pagavam um preço pelo luxo: os jogadores nunca precisavam dividir espaços pequenos. Não eram obrigados a conhecer o cheiro dos outros. Feiny veio a conhecer todos os atletas do seu time pelo cheiro e pelos

movimentos em campo, e achava que eles também deviam conhecer a si mesmos. Na noite em que cheguei, o A's ia enfrentar o New York Yankees, e David Wells estava escalado para ser o arremessador do time da casa. Ao lado de Feiny, havia algumas fitas de vídeo enfileiradas: Tejada x Wells; Menechino x Wells; Chavez x Wells. Olhei para elas, depois para Feiny, que disse:

— Não estou com um bom pressentimento sobre hoje à noite.

— Por que não? — perguntei.

— Eles são melhores do que nós — respondeu ele.

Perto de Feiny, num dos cantos da sala, estava David Forst, de 25 anos, ex-interbases de Harvard. Dois anos antes, após se formar com louvor em sociologia, Forst fora convidado para o campo de treinos de primavera do Red Sox. Dispensado nos últimos cortes do elenco, ele enviou seu currículo às diretorias das grandes ligas e chamou a atenção de Paul DePodesta. E assim, certamente pela primeira vez desde a Era da Bola Morta, o início do século XX, alguém de Harvard chegava ao beisebol. O próprio Paul estava à mesa na outra ponta da sala. Perguntei a eles se algum dia chegaram a se sentir incomodados por dedicarem a vida, bem como a dispendiosa formação que tinham, a um jogo trivial. Eles me olharam como se eu tivesse um parafuso a menos e Paul deu uma risada. “Ah, você quer dizer, em vez de trabalhar em um emprego profundamente significativo em Wall Street?”, perguntou ele.

Não era difícil perceber o que Billy vira em Paul quando o contratou: um antídoto para si mesmo. Billy era um onívoro indisciplinado. Absorvia tudo e deixava para se preocupar com as consequências mais tarde. Comia diariamente umas dez mil calorias em porcarias, achando que sempre poderia queimá-las depois. Consumia ideias de forma indiscriminada e com a mesma rapidez com que engolia salgadinhos de queijo. Tinha vindo ao mundo para devorar tudo. Paul, por outro lado, parecia empenhado em estabelecer algum tipo de recorde em eficiência do consumo. Ele tratava a comida com desconfiança, como se os chefs do planeta fizessem parte de uma conspiração para envenená-lo. Passara por uma escola preparatória particular e pela faculdade sem jamais se permitir uma gota de álcool, não porque tivesse alguma objeção moral contra a bebida, mas porque pesquisas haviam demonstrado que o álcool matava os neurônios. Era fantasticamente ponderado quanto à sua carreira. Já tinha declinado uma proposta lucrativa do Toronto Blue Jays de se tornar, aos 28 anos, o gerente geral mais jovem da história do beisebol e estava preparado para recusar outras mais até que aparecesse a proposta certa. Paul também era muito seletivo em relação a ideias, mas uma ele acatara: a de que ainda existiam novos conhecimentos em beisebol.

Paul claramente era um ser racional, mas, sob a razão, permeavam-se outras

qualidades. Praticara esportes no ensino médio e depois provou que um rapaz com o físico de São Francisco de Assis podia ser o *wide receiver* da equipe principal de futebol americano de Harvard. (“Ele era muito generoso”, disse seu ex-treinador Mac Singleton.) Paul não tinha o perfil de quem sobe ao poder dentro de um grande clube, mas mesmo assim o fez. Era um intruso que havia encontrado uma maneira de entrar num lugar concebido para manter os de fora longe. Billy Beane se transformara numa ponte humana entre dois territórios em guerra — o Feudo do Esporte Profissional e a República da Reflexão Sobre a Prática do Esporte Profissional — e Paul estava se lançando a toda por ela, com a caixa de ferramentas e o espírito de Bill James debaixo do braço. “O que Bill James fez e nós tentamos fazer”, disse Paul, “é questionar *por quê*.”

A pergunta que Paul poderia estar se fazendo naquela noite no começo da temporada de 2002 era: por que raios deixamos Jason Giambi ir embora? Mas a que ele de fato fez foi: por que importa termos deixado Jason Giambi ir embora?

É claro que a direção do Athletics entendeu na hora que não teria como substituir Jason Giambi por outro primeira base igual a ele. Simplesmente não existia outro primeira base igual a ele e, se existisse, não teriam como pagá-lo. Em todo caso, não era assim que eles pensavam sobre as lacunas que precisavam preencher. “O importante não é recriar o individual”, diria Billy Beane mais tarde. “O importante é recriar o *conjunto*.” Não poderia nem iria encontrar outro Jason Giambi, mas podia encontrar as peças dele que lhe fariam mais falta e comprá-las por uma fração ínfima do custo total de Giambi.

A direção do Athletics tinha subdividido Giambi em suas estatísticas de ataque mais evidentes — andadas, rebatidas simples, rebatidas duplas, home runs —, junto com outras menos óbvias — arremessos vistos por passagem no bastão, razão entre andadas e eliminações por strikes —, e perguntou: quais delas temos condições de substituir? E perceberam que teriam como substituir, indiretamente, sua característica de ataque mais importante, que era seu aproveitamento chegando em base, e várias outras menos evidentes.

A porcentagem em base de Giambi na última temporada tinha sido de ,477, a mais alta da Liga Americana, com uma dianteira de cinquenta pontos. (Edgar Martinez, do Seattle Mariners, ficou em segundo lugar, com ,423; a porcentagem média em base na Liga Americana foi de ,334). Não havia nenhum jogador capaz de chegar em base na metade de suas idas ao bastão cujo preço pudesse ser pago pelo A’s. Por outro lado, Jason Giambi não era o único atleta no time titular do A’s que precisava ser substituído. Johnny Damon (aproveitamento em base de ,324) tinha deixado o campo central e o rebatedor designado Olmedo Saenz (,291) estava no banco. Era a porcentagem média em base desses três jogadores (,364) que Billy e Paul tinham decidido substituir. Procuraram três

jogadores que jogassem na primeira base, no campo externo e como rebatedor designado e que tivessem em comum a capacidade de chegar em base a um nível trinta pontos acima do jogador médio das grandes ligas. O espantoso, em vista da importância que a chegada em base a salvo tinha, pelo menos para a diretoria do A's, era o seu baixo custo. Para comprá-la, precisavam apenas se dispor a sacrificar outras qualidades num jogador — como a habilidade de ultrapassar um carrinho de cachorro-quente numa corrida de sessenta jardas. “Não pegamos os caras perfeitos”, explicou Paul. “Precisa ter algo de errado com eles para virem para cá.” Para preencher a lacuna deixada por Giambi, o Athletics comprou ou promoveu dentro do próprio clube três jogadores que a maioria dos times não queria ver nem de longe: David Justice, ex-defensor externo do Yankees; Scott Hatteberg, ex-receptor do Red Sox; e Jeremy Giambi, irmão mais novo de Jason Giambi. Só tinham condições de contratá-los, contou Paul, porque eram considerados pelos executivos da MLB jogadores defeituosos.

Enquanto os jogadores do Athletics vão para suas posições no campo, Paul ocupa seu lugar habitual em frente a uma das telas de vídeo. A câmera se move para o campo esquerdo. Lá está Jeremy Giambi, andando de um lado para o outro com ar infeliz, como quem espera um telefonema desagradável. Decerto sabe que está num lugar onde será quase inevitável passar por uma humilhação pública. Paul pode imaginar o que ele está pensando: *Por favor, não rebata para mim.* Ou talvez: *Se rebater para mim, por favor, tenha a gentileza de rebater em mim.*

No segundo arremesso da partida, não é o que Alfonso Soriano faz. O segunda base do Yankees acerta uma bola rápida no meio da zona, lançada pelo arremessador Eric Hiljus do A's, e manda um foguete para o fundo do campo esquerdo. Jeremy corre freneticamente para o muro do campo esquerdo, como um carteiro tentando fugir de um cão raivoso. Ele é o sujeito mais lento no time mais lento do beisebol profissional. Quando corre, transmite de alguma maneira uma sensação de constrangimento pessoal. Agora está ocupado demais para se perguntar o que, afinal, está fazendo ali no campo esquerdo, mas bem que poderia. Está jogando no campo esquerdo não porque tem um talento especial para pegar bolas no ar, mas porque sua falta de habilidade para apanhá-las do chão é ainda mais célebre. Jeremy Giambi está no campo esquerdo, para se ser exato, porque a distribuição mais eficiente dos recursos do A's incluía colocá-lo ali.

Jeremy acha que alcançou o muro antes de chegar nele. Tateia o ar atrás dele com a mão livre e então olha para cima. Em algum ponto do céu noturno há uma bola — pelo jeito, ele não sabe muito bem onde. Ele salta ou, pelo menos, simula o movimento de saltar. A bola passa voando por baixo de sua luva e bate

no muro para uma rebatida dupla. Enquanto Soriano dispara pela primeira base, grito diante da tela — não vim aqui para assistir ao azarão ser derrotado — e me controlo para não dizer que os torcedores deviam processá-lo por negligência. Seria meio indecoroso xingar os defensores do Athletics, quase como ofender um aleijado. Não era culpa deles que tivessem caído no meio de uma experiência científica. Jeremy Giambi nunca *pediu* para jogar como defensor esquerdo.

Paul DePodesta mal pisca. A vida com poucos recursos era cheia de pequenas concessões embaraçosas. O truque era saber claramente que concessões eram feitas. Uma farsa no campo esquerdo é apenas o preço de se fechar negócio com o bastão de Jeremy Giambi. Mas é uma transação complexa. A partida está apenas no segundo arremesso e o custo já pode ser sentido.

Soriano está na terceira base e Derek Jeter, na primeira (uma rebatida simples no campo interno) quando Jason Giambi sobe ao bastão pela primeira vez. Os três Yankees em campo receberão nesse ano quase o mesmo que todo o elenco de 25 jogadores do A's. Giambi — o dinheiro de Giambi — transforma a arena. Se fosse feito um buraco no teto ou na parede da frente da sala de vídeo, logo se veria o maior público na história do Oakland Athletics: havia 54.513 pessoas presentes naquela noite, e não só porque o New York Yankees iria jogar. Tinham comparecido porque nos dois últimos anos o A's por pouco não eliminou o Yankees dos play-offs. Foram ver a última reviravolta numa das maiores histórias de Davi e Golias no esporte profissional: Golias, insatisfeito com a vantagem do tamanho, tinha comprado a funda de Davi. A torcida do Athletics agita cartazes para Jason Giambi: TRAIADOR, VENDIDO, MERCENÁRIO. Grita coisas ainda piores. Mas aqui, na sala de vídeo, ainda não dá para ouvir as vozes. Seis monitores de TV mostram um frenesi silencioso. Na sala de vídeo mal se suspira. Não se tem interesse em fábulas sobre moralidade. A moral fica para a torcida.

Quando Jason Giambi entra no espaço do rebatedor, as câmeras de TV vão dele para o irmão mais novo no campo esquerdo. Os locutores querem fazer algumas comparações. Pobre Jeremy. Ele ainda precisava de um gênio do beisebol que enxergasse seu verdadeiro valor, mas qualquer idiota podia ver o do irmão mais velho com o bastão. Em todo o beisebol dos últimos anos, existira apenas um rebatedor mais útil para um ataque: Barry Bonds. Jason Giambi tem todas as qualidades brutas de um atacante: home runs, média alta de rebatidas, um número sempre elevado de corridas impulsioneadas. Também tem as qualidades mais sutis. Por exemplo, o adversário é obrigado a lançar muito mais arremessos quando ele está em campo. Quanto mais lançamentos o arremessador titular adversário fizer, mais cedo será substituído. Ocorre que os arremessadores suplentes não são titulares por um simples motivo: não são tão bons. Quando um

time ataca o banco do adversário no primeiro jogo de uma série, ele se esbalda no segundo e no terceiro jogos, com arremessadores não só inferiores, mas também exaustos. “O beisebol é uma guerra de desgaste”, Billy Beane gostava de dizer, “e o que vai se desgastando é o braço do arremessador.”

Um rebatedor como Giambi prestava inúmeros serviços imperceptíveis para sua equipe. Sua habilidade de esgotar os excelentes arremessadores dava a todos os outros jogadores do time mais chances de rebater contra os reservas. Essa habilidade, como todas as demais, era consequência direta de seu pleno entendimento da zona de strike, a área imaginária onde os arremessadores precisavam acertar seus lançamentos. A rebatida de Giambi era o equivalente do arremesso perfeito, e os rapazes na sala de vídeo estavam de acordo quanto ao valor dela.

“Observe”, diz Paul, quando o rebatedor de 17 milhões anuais vai ao bastão e encara de forma inexpressiva o arremessador de 237.500 dólares. “Giambi corta a zona de strike exatamente ao meio.” Não são as qualidades óbvias dele que empolgam Paul. É seu autocontrole e o efeito que exerce sobre os arremessadores. Giambi praticamente impossibilita que mesmo um arremessador muito bom faça o que costuma fazer com rebatedores inferiores: controlar o embate. E Eric Hiljus, essa noite, não é um arremessador muito bom.

David aponta a tela e me mostra a porção da zona de strike por cima da qual o arremesso precisa passar para que Giambi tente a rebatida. A linha que ele traça omite uma parte da metade mais interna da zona. “Ele tem uma brecha no interior onde não pode fazer muita coisa e por isso deixa passar”, explica David.

Todo rebatedor tem uma brecha. “A zona de strike é grande demais para ser totalmente coberta”, segundo Paul. Ted Williams escreveu um livro chamado *The Science of Hitting* no qual concebeu a zona de strike como uma grade de 77 bolas e depois imaginou o que conseguiria e o que não conseguiria fazer com uma bola lançada a cada um dos 77 pontos. Havia onze pontos, todos baixos e mais afastados, nos quais, se o arremesso fosse lançado para algum deles e Ted Williams estivesse no bastão, ele rebateria menos de ,270. Barry Bonds, durante os treinos de primavera, dera uma entrevista à ESPN em que chegou a dizer: “Se você faz o arremesso certo, consegue me eliminar.” A questão não era se um rebatedor tinha um ponto fraco, mas sim qual era. Todos os arremessadores nas grandes ligas sabiam que a brecha de Giambi era na altura da cintura, no canto interno da zona. Era do tamanho de uma garrafa de leite, com duas bolas de altura e uma de largura.

Isso suscitava uma pergunta evidente: por que os arremessadores simplesmente não miram na garrafa de leite? Quando questiono isso, Feiny sorri e faz que não com a cabeça. “Eles miram”, responde David. “Mas ele é tão bom

que recua um passo e manda a bola para fora, e ela vai parar no alto da arquibancada. Depois disso, o arremessador nunca mais vai tentar lançar na parte de dentro.”

“E o ponto fraco dele fica exatamente ao lado do ponto mais forte”, explica Paul. “Se eles errarem por cinco centímetros, a bola vai para fora do estádio. O arremessador fica lá pensando: ‘Posso eliminá-lo naquele ponto. Porém, se eu errar nem que seja por muito pouco, ele vai acabar comigo.’”

O que Eric Hiljus está pensando não fica muito claro — exceto que ele não tem nenhum interesse em flertar com a parte interna da zona. Seu primeiro arremesso é uma bola que por pouco passa fora do canto externo; o segundo, uma bola rápida, se aproxima mais do centro. Giambi a manda para o campo direito numa rebatida simples que impulsiona Soriano para marcar uma corrida.

Os rebatedores do Athletics não fazem nada na primeira entrada. No topo da segunda, Eric Hiljus continua a presentear os rebatedores do Yankees com bolas rápidas bem no meio da zona, que são rebatidas para mais quatro corridas, três num home run de Derek Jeter. Na terceira vez em que solto um grito enquanto o resto do pessoal na sala de vídeo se mantém em silêncio, percebo que não só estou assistindo ao jogo de outra maneira, como estou assistindo a outro jogo. Continuo volta e meia olhando para a única tela que, quase num pedido de desculpas, exhibe os comerciais. Os demais se concentram em outra tela — uma transmissão interna que vem diretamente da câmera do campo central —, que lhes fornece a visão mais clara da zona de strike. Estou assistindo à partida inteira e reagindo como um torcedor normal. Estou em busca de enredos, eventos dramáticos e outros estímulos para as minhas emoções. Eles estão observando fragmentos — não o jogo em si, mas derivativos dele — e, até onde posso perceber, não demonstram qualquer reação. Por fim, faço um comentário a respeito.

— É olhar mais o processo do que os resultados — explica Paul. — Muita gente toma decisões com base nos resultados e não no processo.

— A trajetória de arremesso até a luva do receptor é um resultado — retruco. — É apenas mais sutil.

— A questão não é o que aconteceu — diz Paul. — É como nosso cara fez a coisa.

Das arquibancadas, do abrigo dos jogadores, dos camarotes ou mesmo das salas de transmissão comercial, é impossível determinar se uma bola a 145 quilômetros por hora passou 1 centímetro fora ou 1 centímetro dentro da zona de strike. Apenas aqui, na sala de vídeo, eles podem ver o detalhe mais importante que julgam necessário saber para avaliar seus jogadores: se um arremesso foi fora ou dentro da zona. “A zona de strike é o coração do jogo”, escrevera Bill

James, e o comportamento deles ressaltava esse fato.

Quando o Yankees acaba de dar uma surra em Eric Hiljus e é a vez do Athletics no bastão, David estende uma folha escrita de forma muito organizada que mostra o que Paul quer dizer. Ali consta:

Tejada: 38%
Chavez: 34%
Long: 31%
Hernandez: 29%
Pena: 27%
Menechino: 19%
Justice: 18%
Giambi: 17%
Hatteberg: 14%

O pessoal da diretoria registra todos os arremessos lançados aos rebatedores da equipe por tipo e localização. Elaboraram esses números para determinar a porcentagem de arremessos fora da zona de strike que cada atleta tentou rebater. Eles entendem cada passagem no bastão como uma miniatura do jogo em si, em que as probabilidades variam constantemente. Claro que elas dependem de quem arremessa e de quem rebate, mas também são influenciadas pelos pequenos eventos dentro do evento maior. Cada passagem no bastão era como uma mão de vinte e um — o tom mudava a cada carta. Um strike no primeiro arremesso, por exemplo, reduzia a média de um rebatedor em cerca de 75 pontos; já uma bola fora elevava sua média pelo mesmo valor. Porém, o primeiro arremesso não era o fator mais dramático para os entendedores — era o terceiro. “A diferença entre uma contagem 1-2 e uma 2-1, em termos de resultados esperados, é simplesmente enorme”, explica Paul. “É a maior variação de resultados esperados de todos os arremessos. Com 2-1, a maioria dos rebatedores médios das grandes ligas se torna um grande astro, mas em 1-2 eles se tornam os últimos rebatedores desinteressantes. O pessoal fala em strikes no primeiro arremesso. Mas, na verdade, são os dois primeiros em três.”

Toda bola fora da zona de strike era uma oportunidade para o rebatedor virar as probabilidades ao seu favor. Ele só precisava fazer uma coisa: não tentar rebater! A parte de baixo da lista de escalação de rebatedores do A's estava metódica e deliberadamente virando as probabilidades a favor dos arremessadores. “Tenho inveja dos gerentes de cassino”, diz Paul. “Pelo menos

eles sabem que seus crupiês de vinte e um não vão arriscar com dezenove.”

Toda a parte de baixo da lista de escalação do Athletics — Miguel Tejada, Eric Chavez, Ramon Hernandez, Carlos Pena e Terrence Long — está jogando outro jogo, diferente e mais relapso do que o da metade superior — Jeremy Giambi, Scott Hatteberg, David Justice, Frank Menechino. A metade superior rebate com disciplina e não tenta acertar bolas ruins. A metade inferior tenta rebater tudo. O estranho nisso é que a metade superior foi adquirida de outros clubes, enquanto que a metade inferior, à exceção de Terrence Long e Carlos Pena, é prata da casa.

Os caras que não estão se comportando como deveriam no bastão são justamente os que foram doutrinados nessa abordagem pelos treinadores de rebatidas do A's desde o instante em que entraram no beisebol profissional. A correlação em princípio inversa entre o grau de disciplina mostrado por um rebatedor das grandes ligas e a quantidade de tempo que o time gastou tentando lhe *ensinar* disciplina levou Billy Beane à conclusão de que disciplina não se ensina. (Na verdade, o que ele diz é: “Ela pode ser ensinada, mas a gente teria que pegar um cara ainda nas fraldas.”) Com apenas uma olhada na lista de David já dava para entender por que Billy achou que precisava tirar dos olheiros e tomar para si o controle do recrutamento de amadores. Aquilo que a maioria dos olheiros julgava uma habilidade adquirida e de importância secundária, a diretoria do A's tinha passado a considerar, após duras experiências, quase como um traço genético, fundamental para alcançar o sucesso no beisebol.

Isso suscita mais uma pergunta óbvia: se Miguel Tejada, Ramon Hernandez e Eric Chavez ainda tentam rebater arremessos ruins, depois de anos de recomendações para fazerem o contrário, que diferença uma lista pode fazer? Dessa vez, quando pergunto, Feiny não sorri com a minha obtusidade. “Eles passaram cinco anos aqui com Miggy [como todos eles chamam Tejada] tentando ensinar a ele quais bolas não deveria rebater, e Miggy ainda continua tentando rebater todas”, responde.

“Quando se coloca isso no papel, serve de prova”, diz David. “Eles dizem que não acreditam em você, mas aí você mostra que estão rebatendo ,140 quando rebatem no primeiro arremesso e aí eles prestam atenção. Às vezes.”

David Justice interrompe a conversa. Poucos segundos depois de o A's voltar para o banco, Justice, que estava jogando no campo direito, entra na sala de vídeo. “Feiny, posso ver minhas rebatidas?”, pede ele. Nem está arfando. O legal nos jogadores de beisebol, do ponto de vista da higiene pessoal, é que quase nunca chegam a suar.

Justice senta e assiste a um replay em que ele é eliminado por strikes. O terceiro strike estava claramente fora da zona por uns 7,5 centímetros. Ele passa

rápido pelos primeiros arremessos até chegar ao erro do árbitro. “O juiz tinha se posicionado no lado de dentro”, diz Justice, quando chega ao arremesso final. “Ele nem vê aquele arremesso fora da zona.”

Ele tem razão: o árbitro precisa escolher por cima de qual ombro do receptor vai olhar e resolveu olhar para a parte interna da zona. Justice quer voltar a fita e provar seu argumento mais uma vez, porém os rebatedores menos disciplinados do A’s estão entrando e saindo de campo numa rapidez surpreendente. A guerra de desgaste está virando um tropel em debandada. Eric Hiljus lançou 54 arremessos nas duas primeiras entradas. David Wells lança doze arremessos na primeira e só mais seis — dois para cada um: Tejada, Chavez e Long — na segunda antes de voltar para o abrigo. Justice nem consegue acabar de reclamar antes de ter que sair correndo para jogar no campo direito.

Justice era a segunda das três partes defeituosas que a diretoria do A’s contratara para substituir o bastão de Jason Giambi. A palavra usada por Paul não foi bem “defeito”. Foi “verrugas”. Como: “O que realmente me empolga num cara é quando ele tem verrugas, todo mundo sabe que ele tem verrugas e as verrugas simplesmente não têm importância alguma.” Para entender o que Paul queria dizer com as tais verrugas, bastava andar pelo vestiário do Athletics quando os atletas saíam do chuveiro: não era algo bonito de se ver. Mas Justice era exceção. Ainda tinha um bom físico. Continuava bonito, em forma e convencido como sempre. Verrugas? Pelo amor de Deus, pensei, é o *David Justice*. Tem mais rebatidas em pós-temporada do que qualquer jogador na história. Já namorou a Halle Berry. Fosse lá o que tivesse acontecido entre ele e a atriz, era difícil perceber qualquer defeito evidente em David Justice.

— O que há de errado com ele? — pergunto depois que ele sai.

— Está com 36 anos — responde Paul.

No ano anterior, Justice começara a dar sinais da idade. Tentou algumas rebatidas na World Series que pareciam amadoras. No entanto, tinha jogado contundido durante a maior parte do ano, e era difícil saber até que ponto seu drástico declínio resultava da lesão ou da idade. Um jogador de beisebol em geral atinge o auge no fim da casa dos vinte; quando chega aos trinta e poucos, é tratado como culpado até que prove o contrário. No último ano, Justice confessara ao beisebol o crime de estar envelhecendo. E foi assim que se tornou atleta do A’s. No auge, ele fora o tipo de rebatedor espetacular que o Athletics jamais teria condições de comprar no mercado livre. Só puderam adquiri-lo agora porque ninguém mais o queria: o restante do beisebol via nele um sujeito acabado. Billy Beane tinha feito um acordo com o Yankees, ficando com Justice por um ano pelo salário de 3,5 milhões de dólares, metade do que o time nova-iorquino lhe pagara no ano anterior. O Yankees ficou com a outra metade — na

verdade, estava pagando David Justice para jogar contra o próprio clube. Digo a Paul que não parece uma forma muito boa de derrotar o Yankees.

“Ele é um experimento para nós”, explica Paul. “Vemos isso como um jogo de habilidades, não como um evento atlético. O que queremos saber é: numa idade de declínio físico, o nível de habilidade é mantido mesmo quando um jogador não tem mais a capacidade física de explorá-la?”

Era uma maneira engraçada de chamar a coisa: um experimento. Que verdade geral se poderia extrair do estudo de apenas um indivíduo?

“Justice não é apenas um indivíduo”, argumenta Paul. Ele constitui um tipo: um rebatedor de potência de determinada espécie envelhecido. Paul fez outro estudo. Descobriu que uma capacidade extraordinária de chegar em base tinha mais probabilidade de ser mantida por um jogador até o final da carreira do que, digamos, uma capacidade extraordinária de rebater home runs. Na verdade, atletas que conseguiam muitas andadas tinham a tendência de marcar ainda mais quando envelheciam, e Justice marcava muitas andadas. Até poucos anos antes, a capacidade dele de aguardar arremessos que pudesse aproveitar — de não se deixar eliminar ao tentar acertar arremessos desfavoráveis — também lhe permitira rebater inúmeros home runs. Agora ele tinha perdido grande parte da potência. Seus novos colegas de time no Athletics testemunharam de perto a perda de suas forças. Depois de rebater uma bola aérea longa, ele voltava ao abrigo do A’s e dizia, em tom muito prosaico: “Essa costumava sair do campo.” Havia certa morbidez naquilo, como assistir a uma morte, lance a lance.

A diretoria do Athletics não se importava. Queria apenas explorar o último restinho do alto aproveitamento em base de David Justice antes que ele acabasse.

— Justice faz alguma ideia de que é isso o que vocês pensam dele? — perguntei.

— Não.

Ele não fazia ideia. Nenhum deles fazia. Em momento algum os ratos de laboratório eram informados sobre os detalhes da experiência. Eram elogiados pelas andadas e criticados por tentar rebater arremessos fora da zona de strike. Mas nunca eram informados de que o pessoal da direção convertera, ou achava que convertera, o ataque a uma ciência. Não sabiam que a diretoria os reduzira a seus ingredientes beisebolísticos essenciais, entre os quais não se incluíam a coragem, a dedicação ou a determinação, de qualquer das coisas que lhes valiam o amor de suas mães ou dos torcedores comuns. Só sabiam que suas ações eram guiadas por algum poder superior. Também estavam cientes de que esse poder superior, ao contrário do que acontecia na maioria das equipes, não era o técnico de campo. Terrence Long reclamava que a diretoria do A’s não deixava que ele roubasse bases. Miguel Tejada contou que sabia que Billy Beane queria que ele

tivesse mais paciência no bastão. “Se eu não conseguir vinte andadas”, disse ele, “Billy Beane me manda pro México.” Eric Chavez, numa entrevista ao *Baseball America*, comentou como fora estranho o treinamento recebido nas bases do sistema do Athletics, presidido por Billy. “O A’s começava me mostrando esses números”, revelou Chavez, “como os aproveitamentos em base dos caras são importantes. Era como se não quisessem que eu rebatesse para a média ou para home runs, mas sim que as andadas me levariam às grandes ligas.” Billy Beane era um personagem excêntrico na imaginação de seus jogadores — embora de traços não muito claros.

O Athletics marcou uma corrida na parte baixa da terceira entrada. Golias 5, Davi 1. Enfim, perguntei:

— Onde está Billy?

— Na sala de musculação — responde Paul, sem erguer os olhos.

Sala de musculação?

— Billy fica um pouco estranho durante as partidas — explica David.

* * *

QUANDO UM JOGADOR era emprestado para o Athletics, não demorava muito para perceber que seu novo time era comandado de outra maneira, diferente de todos os clubes que conhecia, embora em geral levasse algum tempo para entender o motivo. Em algum momento, dava-se conta de que seu novo chefe não era como o anterior. Os gerentes gerais normalmente apertam a mão do atleta ao assinar o contrato e telefonam quando querem se livrar dele. Entre a chegada e a saída, um jogador até pode ver o chefe de relance, por exemplo, em seu camarote, mas ele costuma ser uma figura distante. Esse gerente geral não era assim. Até onde se sabia, ele nunca botou o pé em seu camarote.

Era isso que o novo jogador logo percebia: Billy Beane ficava no clube mais do que qualquer outro gerente geral. David Justice, que passara catorze anos com o Braves, o Indians e o Yankees, dizia que, só na primeira metade da temporada de 2002, tinha visto Billy mais vezes do que jamais vira todos os outros gerentes gerais juntos. O novo integrante da equipe via Billy no vestiário perguntando a algum arremessador traumatizado por que tinha feito tal arremesso em tal contagem. Ou o via no corredor da sede pisando duro atrás do rebatedor substituto panamenho, atormentando-o por causa de algum comentário depreciativo dele sobre as andadas. Ou saía do abrigo e corria pelo túnel de

acesso no meio do jogo para assistir à gravação de sua ida anterior ao bastão e topava com Billy de short e camiseta na outra ponta, suando em bicas depois de malhar. E, se a partida não estivesse indo bem, podia encontrá-lo atirando coisas pelo clube. *Quebrando coisas*.

Era difícil saber qual das qualidades de Billy era mais importante para o sucesso do time: a energia, a desenvoltura, a inteligência ou a capacidade de despertar o maior medo até nos jogadores profissionais mais grandalhões. A maioria dos gerentes gerais nunca jogara beisebol e eles tendiam a se intimidar fisicamente na presença dos jogadores das grandes ligas. Billy não só tinha jogado como parecia usar um cartaz no peito dizendo: *Eu já estive no seu lugar, então não venha com essa lenga-lenga de grande liga pra cima de mim*. Não queria autógrafos. Não queria ser amiguinho de ninguém. Raramente um jogador esbarrava com ele fora do clube. Billy mantinha distância, mesmo quando estava bem na frente do atleta. Ainda assim, ele estava presente.

Depois de algum tempo, o novo membro da equipe começava a imaginar se havia algum lugar até então reservado aos jogadores que Billy não invadisse. Havia, e apenas um. O banco de reservas. As regras da MLB proíbem o gerente geral de se sentar no banco. Mas mesmo assim ele nunca ficava muito longe, pois o técnico Art Howe andava por ali com um Billy Beane em miniatura encarapitado no ombro, gritando em seu ouvido. No banco de reservas do Oakland Athletics ocorriam as mais extraordinárias demonstrações de controle da mente — se Art tivesse uma colher na cabeça, Billy conseguiria entortá-la com suas vibrações mentais. Certa vez, Adam Piatt, o defensor externo reserva, tinha ido ao bastão num jogo acirrado com um corredor na primeira base e um eliminado e fez uma rebatida de sacrifício para impulsionar o companheiro até a segunda base. Como se esperaria que fizesse. Como qualquer um no beisebol faria. Art não reprovou de todo a jogada — no fundo, era um cara das antigas. O incrível foi que ele se dirigiu até Piatt no banco de reservas e falou: “Você fez isso por conta própria, entendido?”

Os telespectadores viram apenas o velho técnico experiente confabulando com o jovem jogador. Provavelmente imaginaram que o treinador estava fazendo algum comentário arguto sobre a arte das rebatidas de sacrifício. Na verdade, ele estava mais preocupado com o aspecto político de tais rebatidas: Art Howe queria garantir que não seria ele a levar bronca do gerente geral depois da partida. Claro que nos jornais do dia seguinte Piatt confessou que tinha feito a rebatida de sacrifício por iniciativa própria e que Art não lhe dera o sinal. O técnico, por seu lado, ofereceu aos repórteres uma palestra improvisada que podia ter sido escrita pelo próprio gerente geral, explicando por que a rebatida de sacrifício era uma jogada ruim. (Os treinadores e jogadores de beisebol

costumavam usar os jornais para enviar recados aos seus gerentes gerais.)

Não tardava muito, o novo integrante do A's percebia que Billy Beane comandava todo o espetáculo. Era como um produtor de Hollywood que insistia em se intrometer não só no roteiro, mas também na iluminação, nos enquadramentos, nos cenários e nos figurinos. Não se limitava às trocas de atletas e negociações, a supervisionar os olheiros, a sair nos jornais e revistas e todas essas coisas que um gerente geral fazia. Era ele quem decidia se sacrificavam ou roubavam base, quem jogava e quem ficava no banco, a ordem dos rebatedores titulares, como o banco era usado e até as sutis táticas psicológicas do técnico. Quem prestasse atenção nas partidas, perceberia que, no banco de reservas, Art Howe sempre ficava nos degraus acima dos jogadores, de queixo erguido e expressão filosófica no rosto. Ele tinha um queixo e tanto. Quando ficava de pé e projetava o queixo, parecia George Washington atravessando o Delaware. Nenhum técnico de beisebol transmitia tão bem a impressão de estar no total controle de qualquer situação como ele com aquele queixo. Passavam na TV a imagem estoica de Art pelo menos umas dez vezes por partida, e em algum momento os locutores se sentiam induzidos a comentar o efeito tranquilizador de Art sobre os jogadores jovens. Ele ficou conhecido em todo o beisebol como a mão firme no comando. Por quê? Porque encenava bem o papel!

A coisa toda era uma encenação. Foi Billy quem disse a Art como e onde devia ficar durante a partida, para que os jogadores fossem obrigados a respeitá-lo e a retirar força de sua fisionomia, porque quando ele ficava sentado no banco, como preferia, mais parecia um prisioneiro de guerra.

Em Oakland, o cenário era outro, e alguns jogadores gostavam mais do que outros. O versátil defensor interno Randy Velarde, de 39 anos, costumava se queixar aos repórteres que o time era comandado pela diretoria e que esta não deixava ninguém roubar bases nem fazer rebatidas de sacrifício. O astro dos arremessadores Barry Zito, de 23 anos, declarou que tanto fazia quem jogava no A's ou quanta verba o clube tinha: enquanto Billy Beane comandasse o time, ele teria chance nos campeonatos. Ao perguntarem como a equipe seria afetada se Art Howe fosse demitido, um jogador que preferiu manter o anonimato respondeu que não via nenhuma diferença, pois "é Billy quem comanda o time da sala de musculação". E era verdade: antes de cada jogo em casa, Billy vestia o uniforme e ia malhar. Nas duas primeiras entradas, corria alguns quilômetros, levantava alguns pesos e costumava lembrar a qualquer arremessador e reserva que tivesse saído sorrateiramente do banco para se exercitar que eles atuavam no único time da história do beisebol em que o gerente geral era também o melhor atleta. Depois disso, o que ele fazia dependia da situação.

O que não fazia era assistir aos jogos. Quando assistia ao time ao vivo, ficava tão nervoso que se tornava um perigo para a ciência beisebolística. Ficava, como ele dizia, “subjetivo”. A raiva podia levá-lo a tomar atitudes impensadas. A hipótese de se aconchegar no camarote com amigos, parentes e dignitários em visita... bom, isso simplesmente não ia acontecer. Quando algum dignitário de fora sugeria que gostaria de assistir a uma partida no camarote de Billy, este respondia: “Tudo bem, mas não pense que vou assistir com você.” O convidado achava que era brincadeira, até descobrir que tinha o camarote inteiro só para si.

Billy não suportava ver as partidas. Por outro lado, não suportava *não* ver. Andava com uma caixinha branca no bolso, como um *pager*, que recebia por satélite os placares dos jogos ao vivo. A caixinha era sua principal fonte de informação em tempo real a respeito do time sob seu comando. Entrava em seu SUV e ficava dando voltas no estádio, espiando a caixinha de dois em dois minutos. Ou se instalava em algum lugar na sede, com a caixinha na mão. Parecia um personagem trágico da mitologia grega cujas ofensas aos deuses tinham levado o Olimpo a inventar para ele essa tortura requintada: ter uma necessidade desesperada de assistir a algo que não suporta ver.

Apenas de vez em quando ele de fato assistia. Permitia-se uns relances furtivos da ação transmitida ao vivo pela TV, trancado na sala de Art Howe. E, quando fazia isso, costumava sentir vontade de reclamar com alguém, e então ia encontrar Paul e David na sala de vídeo.

Por acaso, hoje é uma noite dessas. No meio da quarta entrada, com o Athletics ainda lá atrás por 5 a 1, Billy surge à porta da sala de vídeo. Está de short e camiseta empapada de suor. O rosto vermelho. Na mão, a caixinha branca. Não está propriamente assistindo ao jogo, mas deduziu sua essência através da tal caixinha.

— Maldito Hiljus — xinga Billy. — Por que ele não manda logo um bilheteinho para eles dizendo que vai lançar sempre no meio da zona?

Na verdade, ele não quer falar sobre o jogo. Quer encontrar um assunto que desvie sua atenção da partida. Vira-se para mim. Ele soube que acabei de voltar de Paris, onde morava. Ele nunca esteve em Paris.

— A Bastilha ainda está lá? — pergunta. — Ou a derrubaram depois da Revolução?

— Ainda está lá — respondo, distraído. Estou assistindo a David Justice, que começa sua segunda passagem pelo bastão. Quero ver o que ele fará depois de saber, assistindo a si mesmo no vídeo, que o árbitro o roubou. Quem se importa com a Bastilha?

Billy Beane se importa. Está extremamente curioso a respeito dela. Estava agora mesmo ouvindo um programa interminável de história da Europa,

enquanto ia e voltava do estádio.

Justice logo fica atrás na contagem e Wells ataca o canto externo da zona. Wells sabe o mesmo que Justice: que o juiz vai dar ao arremessador um strike fora da zona que ele não merece. Não estão mais disputando uma partida, estão jogando a teoria dos jogos. Dessa vez, Justice não aceita os arremessos fora da zona como as bolas fora que de fato são. Ele se estica para alcançá-las e manda todas para fora, evitando a eliminação. Finalmente, Wells comete um erro, deixando um lançamento pendurado no meio da zona, e Justice dá uma rebatida simples em linha para o campo oposto.

— E como ela é?

— O quê?

— Como é a Bastilha?

— Imagino que um amontoado de pedras — respondo.

— Você nunca foi lá?

Confesso que nunca fui de fato à Bastilha. Isso mata o interesse de Billy. Sou uma fraude em termos de Bastilha. Sua atenção, não tendo mais para onde ir, volta à ação nas telas de vídeo. Justice está na primeira base sem ninguém eliminado e Miguel Tejada se dirige ao bastão. Esse simples fato, nessa altura tão inicial da temporada, basta para irritar Billy.

“Maravilha”, diz ele, contrariado de verdade. “Aí vem o sr. Rebate-Tudo.”

Olho a planilha de David. Sr. Rebate-Tudo é mesmo o que Tejada, nessa noite no início da temporada de 2002, parece ser. Quando ergo os olhos, Billy Beane já foi embora. De vez. Foi para o carro com sua caixa branca e fará o longo percurso até sua casa, ouvindo o programa sobre a história da Europa, para ter certeza de que o jogo terminou antes de haver algum aparelho de TV por perto.

O sr. Rebate-Tudo, até essa altura da partida, faz jus ao apelido. Miguel Tejada foi criado na República Dominicana, e lá eles tinham um ditado: “Não se sai da ilha andando.” Os rebatedores dominicanos eram notórios pelo uso indiscriminado do bastão, pois lhes era dito que deviam agir assim para sobreviver. Fazia anos que o Athletics tentava tirar a mania de Tejada de rebater a torto e a direito e conseguiram uma leve melhora, mas não tanto quanto esperavam. Mesmo assim, as ideias do A’s martelavam na cabeça dele. “Maldito arremesso!”, grita para si mesmo e para as câmeras de TV a cada vez que tenta rebater algum slider no chão ou alguma bola rápida na altura dos olhos. Ele já foi eliminado duas vezes na partida e talvez esteja farto da experiência, pois fica apenas olhando quando o primeiro arremesso de Wells atravessa o centro da zona. Wells, talvez concluindo que Tejada está começando a se preocupar com aquela passagem só de ida para o México, tenta arremessar de novo no mesmo lugar, o que não devia fazer. Tejada rebate o arremesso com uma tacada bruta e

rápida e lança a bola na área descoberta da arquibancada no campo esquerdo. Yankees 5, Athletics 3. Golias, apresento-lhe Davi.

Duas entradas depois, na parte baixa da sexta, David Justice começa rebatendo de novo e dessa vez consegue uma andada de Wells. Alguns minutos depois, ele completa a volta para marcar a corrida, o placar está 5-4 e as bases estão cheias e há dois eliminados. O rebatedor inicial da escalação do Athletics, Jeremy Giambi, toma sua posição no bastão. O único talento que todos os torcedores e técnicos no esporte associavam a um rebatedor inicial era o que mais evidentemente faltava a Giambi. “Sou o único técnico de beisebol”, queixava-se Art Howe, “que tem de usar como rebatedor inicial um corredor vindo do banco.” Colocar aquela carroça no primeiro lugar da escalação de rebatedores fora outra manobra quixotesca da diretoria. O que Jeremy tinha de fato era uma capacidade fenomenal de desgastar os arremessadores e chegar em base. No primeiro quesito, ele chegava a superar o irmão. Consegue uma andada de Mike Stanton e empata o jogo em 5-5.

Na sala de vídeo, pela primeira vez podemos ouvir o público. Os 55 mil torcedores estão fora de si. O prazer de torcer por Golias é que se pode esperar a vitória. O prazer de torcer por Davi é que, embora não se saiba o que esperar, pelo menos há a chance de se surpreender.

No topo da sétima entrada, o arremessador substituto Mike Magnante, do Athletics, não colabora em nada. Entrega uma rebatida dupla a Bernie Williams. Derek Jeter vai para o bastão, Jason Giambi se prepara para entrar a seguir e Art Howe coloca Jim Mecir. Este não sai trotando, mas sim mancando, da área de aquecimento. Na verdade, não parece um jogador profissional — o que, como estou começando a entender, quer dizer que ele parece pertencer ao Athletics. O time de Oakland é a versão beisebolística da ilha dos brinquedos rejeitados.

— O que há de errado com ele? — pergunto.

— Tem pé torto — responde Paul.

Acho que é brincadeira dele, mas não é. Mecir nasceu com os pés tortos. Quando criança, passou por algumas cirurgias para corrigi-los, porém ainda mancava ao andar. De alguma maneira, ele tinha convertido a deformidade numa vantagem. Sua mecânica esquisita de arremesso — ele não conseguia gerar impulso com o pé direito — fazia a bola girar violentamente, dando um efeito de curva reversa excepcional. O arremesso se mostrara de uma eficiência implacável contra rebatedores canhotos.

Mecir cede uma andada para Jeter. Entra Giambi. Mecir logo ataca a brecha no movimento de Giambi, o arremesso na parte mais interna na altura da cintura. Uma depois da outra, as bolas curvas mergulham na parte interna da zona. A primeira fica fora, mas a segunda atinge a zona de strike e o rebatedor nem pensa

em tentar acertá-las. A contagem está 1-1. No terceiro arremesso, Giambi deixa passar uma bola fora. As probabilidades tendem a mudar perigosamente a seu favor. Mecir as desafia: mais um strike no canto interno. Seu quinto arremesso devia ser o último. É pura beleza: Giambi hesita quando a bola passa por ele no canto interno da zona. Terceiro strike. Gritos de alegria explodem na sala de vídeo.

O árbitro diz que foi bola fora.

É uma decisão terrível, numa situação crítica, ruim a ponto de fazer o próprio Paul perder a cabeça. “Estou cansado dos malditos Yankees sempre terem as marcações a seu favor!”, grita e então, procurando algo para esmurrar, acerta a parede. Sai da sala de vídeo. Nem ele quer ver o que acontece em seguida: não tem como dar quatro strikes para Jason Giambi e viver para contar a história. O rebatedor manda o arremesso seguinte para fora e então lança o sétimo no campo direito para uma rebatida dupla, marcando duas corridas.

O time da casa não consegue pontuar de novo. Alguns minutos depois de ter encarnado o chefe, Paul volta para assistir à derrota de seu time, usando uma máscara de racionalidade. Afinal, era apenas um jogo. Não acontecera nada que o convencesse de que sua previsão original para a temporada do A’s (95 vitórias e uma vaga nos play-offs) estava errada. Noventa e cinco vitórias significavam 67 derrotas, e esta era apenas uma delas. Pelo menos é o que ele diz.

Enquanto isso, Scott Hatteberg entra na sala de vídeo. Ele é a terceira e última parte defeituosa adquirida pela direção do A’s para substituir Jason Giambi. Quer ver sua fita de vídeo.

Hatteberg havia passado os seis primeiros anos da carreira como receptor no Boston Red Sox. Tornara-se agente livre no fim da temporada de 2001 e sua equipe não se interessou em renovar contrato. Quando assinou com Billy Beane, ele era um receptor reserva, acabado. E ali estava ele: a última peça de um quebra-cabeça confuso. Observo-o com atenção enquanto ele revê a fita, porém não identifico deformidade alguma. Tem 1,85 metro de altura e 97,5 quilos, que parecem ser mais massa muscular do que gordura. Ainda tem os dois braços, os cinco dedos em cada mão. Não parece deformado. O sorriso fácil revela uma bela dentição. Sua audição também é acima da média. Ele me ouve perguntar a Paul por que Billy tinha eliminado a curiosa função criada por Sandy Alderson: o psicólogo do time. “Algumas equipes precisam de psiquiatras mais do que outras”, diz Hatteberg. “Em Boston, tínhamos uma equipe inteira.”

Perspicácia acima da média, também.

— Então o que *ele* tem de errado? — pergunto depois que o jogador vai embora.

— Sua carreira de receptor acabou — responde Paul. — Ele se contundiu e

não consegue mais lançar a bola.

Depois eu soube que Scott Hatteberg esteve na lista de atletas desejados do A's por muitos anos. Nunca tinha feito nada deslumbrante ou sensacional. Não tinha um número expressivo de home runs. Nunca rebateu muito acima ou abaixo de ,270. Tinha as mesmas virtudes sem graça de David Justice e Jeremy Giambi: disciplina no bastão e habilidade de chegar em base. Como os outros dois, ele era um crupiê de vinte e um que entendia que nunca devia arriscar com dezenove. O restante do beisebol via Hatteberg como um receptor que podia rebater um pouco, e não como um recurso eficiente para criar corridas capaz também de atuar como receptor. Quando rompeu um nervo no cotovelo do braço com que arremessava, seus dias de receptor e, aos olhos de grande parte do beisebol, ele próprio chegaram ao fim. Portanto, ficou barato.

Para o Athletics, pouco importava que ele tivesse perdido sua posição na defesa, pois o clube sempre estava atrás de uma pechincha, topando uma defesa ruim desde que houvesse uma boa habilidade de chegar em base. Um dos truques deles era cair em cima de um jogador logo depois de ter sofrido uma lesão que parecesse ameaçar sua carreira. Billy Beane tinha uma frase favorita, que tomara emprestada de Warren Buffett, o investidor de Wall Street: a coisa mais difícil de encontrar é um bom investimento. Hatteberg não era como Jeremy Giambi, um atleta das ligas menores que eles acreditavam que chegaria às grandes ligas. Não era como David Justice, um astro envelhecido e em rápido declínio. Hatteberg era uma *commodity* que nem deveria existir: um jogador das grandes ligas em seu auge, com estatísticas provando que tinha uma capacidade incomum de criar corridas, agora disponível por menos de 1 milhão de dólares ao ano. A única dúvida de Billy e Paul era onde o colocariam no campo. Além de Justice, que não conseguia jogar todos os dias na defesa e manter a saúde física, e Jeremy Giambi, que não conseguia jogar todos os dias e manter a sanidade, eles já tinham um rebatedor designado em tempo integral. Hatteberg, para rebater, precisaria ocupar alguma posição na defesa. Mas qual?

Capítulo oito

SCOTT HATTEBERG, SUPERPEGADOR

AS LUZES NA árvore de Natal estavam desligadas, as filhas na cama, a mulher dormindo — e ele acordado, andando por ali. Sua mão direita ainda parecia pertencer a outra pessoa. Tinha jogado meia temporada para o Red Sox com um nervo rompido no cotovelo, que repuxava a cada vez que ele estendia o braço que usava para lançar. Finalmente cedera, e colocaram o nervo de volta no lugar; porém, depois da operação, ele não conseguia segurar e muito menos arremessar uma bola. Precisava reensinar a mão a ser parte do corpo de um receptor. Precisava reaprender a fazer uma coisa simples que havia feito durante toda a vida — e que agora era sua profissão.

O Boston Red Sox desistira dele — na semana anterior, trocara-o com o Colorado Rockies pelo defensor interno Pokey Reese. Era seu sexto ano nas grandes ligas, e ele estava liberado para a arbitragem salarial. O Rockies logo deixou bem claro que não ia correr o risco de que algum arbitrador dissesse que teriam de pagar 1,5 milhão de dólares a Scott Hatteberg. Nem era um valor muito alto para um cara que estava nas grandes ligas fazia cinco anos, mas o Rockies achava que era o triplo do que ele valia. Pensando que ninguém mais ia se interessar por um receptor incapaz de lançar uma bola, prontamente liberaram Hatteberg como agente livre. Então fizeram uma proposta: 500 mil dólares por um ano. Era praticamente metade dos 950 mil que ele recebera no Red Sox no ano anterior. Hatteberg recusou. À meia-noite de 20 de dezembro de 2001, os direitos do Rockies sobre Scott Hatteberg expiraram. Um minuto depois, à 0h01, Paul DePodesta, assistente do gerente geral do Oakland Athletics, telefonou para o agente de Hatteberg.

Foi uma coisa realmente estranha. Hatteberg não tinha a menor ideia de por que o Athletics estava tão interessado nele. A única coisa que via era um time das ligas principais que o tratava feito tapete velho num mercado de pulgas, outros 28 times que não tinham o mais remoto interesse nele e um tão

freneticamente entusiasmado que nem esperou amanhecer para lhe fazer uma proposta. Foram importunar seu agente no dia de Natal! O Rockies, quando soube que o Athletics ligara para o agente de Hatteberg dando início a uma disputa de lances, melhorou sua proposta. Acabou quase igualando os valores oferecidos pelo A's. E daí? Queriam Hatteberg apenas para alguma eventualidade. Caso acontecesse algo com outro jogador. Já Billy Beane queria Hatteberg para jogar. Billy Beane o queria para *rebater*. Hatteberg disse a seu agente que fechasse negócio com o A's: um ano com opção por parte do clube para mais um ano, com salário base de 950 mil dólares e algumas cláusulas de incentivo. No momento em que assinou, alguns dias depois do Natal, Hatteberg recebeu um telefonema de Billy Beane dizendo que estava muito contente em tê-lo no time.

Ah, sim, e ele ia jogar como primeira base.

Jogadores de beisebol e pilotos aéreos, quando não estão trabalhando, têm em comum a mesma vontade de ficar numa câmara de privação sensorial. Entre as temporadas, podem ser vistos aos montes no centro da Flórida ou nos subúrbios de Phoenix. Hatteberg e sua esposa, Bitsy, tinham comprado uma casa num campo de golfe logo ao sul de Tacoma, no estado de Washington. Não era a casa dos sonhos deles — somente quando Hatteberg deixasse o esporte é que iriam para um lugar à beira d'água. Era um antídoto imobiliário para o beisebol profissional. Não se desvalorizaria e seria fácil e indolor de vender. Quando Hatteberg estava fora, sabia que suas garotas estavam em segurança. Ali, um cão latindo era um crime.

Tarde da noite, os cachorros sabiam ficar quietos. Zanzando por ali, rodeado por muros de silêncio, tentando em vão absorver o que Billy Beane acabara de lhe dizer, Hatteberg ia topando com relíquias de sua carreira. Luvas velhas de receptor, bastões velhos com seu nome gravado na madeira. Fotos suas na Universidade Estadual de Washington, onde foi receptor durante três anos. Um uniforme emoldurado, que tinha usado como receptor na equipe americana durante os Jogos da Amizade de 1990. Outra que tinha usado quando fora receptor do Boston Red Sox. Receptor. Ele era um receptor. Tinha sido receptor desde os dez anos de idade. Duas semanas antes, tinha completado 32 anos. Vinte e dois anos atrás do home plate.

A janela da sala dava para um campo verde-azulado, recém-aberto numa irrepreensível floresta típica de Washington. A maioria dos caras jogava golfe entre as temporadas; ele preferia pesca com mosca. O sereno na grama cintilava à luz artificial. Nessa época do ano, quase metade do tempo era escuro, e, quando não estava escuro, estava chovendo.

Primeira base!

Billy Beane prometera não contar à imprensa que havia contratado Scott Hatteberg para substituir Jason Giambi. Ele não seria capaz de substituir Giambi. Nem dois caras seriam... Primeira base!

Scott Hatteberg percebeu que teria de tomar alguma providência. Estava entrando em parafuso. Lembrou-se das duas quadras de tênis de cimento mais adiante, construídas como consolo para os raros prisioneiros dessa comunidade fechada que não jogavam golfe. Alguns dias depois do Natal, afivelou o cinto de segurança nas filhas no banco do carro, a esposa ao lado, e pegou seu suporte de bolas para treino, um balde de bolas velhas e uma luva de primeira base novinha em folha. As meninas, ele deixou na caixa de areia ao lado das quadras. Para Bitsy, pediu que lhe batesse bolas rasteiras a partir do suporte. A sra. Scott Hatteberg tinha 1,55 metro de altura e pesava 45 quilos. Não tinha propriamente o perfil de um rebatedor das grandes ligas. Não parecia capaz sequer de bater uma bola até a primeira base.

Bitsy havia percebido uma coisa no marido. Mesmo tendo jogado por cinco anos nas grandes ligas, mesmo tendo sido o receptor titular do Red Sox, nunca se considerara de fato um jogador das grandes ligas. Os outros jogadores davam autógrafos aos torcedores antes da partida. Ele, não — não porque não quisesse, mas porque temia que não soubessem quem ele era. Hatteberg não admite, mas Bitsy sente que é verdade. E ela não gostava muito disso. Não que quisesse que os torcedores soubessem quem é seu marido. Ela queria que *ele* soubesse que os torcedores sabiam quem ele é. E assim, do final de dezembro até o início dos treinos de primavera, debaixo de garoa, com as filhas choramingando porque queriam ir para casa, ela aplicou toda a sua força para mandar as bolas rasteiras dignas das grandes ligas para o marido.

* * *

RON WASHINGTON ERA o treinador dos defensores internos do Athletics. Na verdade, havia jogado com Billy Beane quando Billy estava no Minnesota Twins, mas não é por isso que era agora o treinador de campo interno. Estava na função porque tinha o dom de fazer com que os jogadores quisessem melhorar — embora nunca se permitisse um pensamento tão pretensioso. A tarefa de Wash era pegar o caos que Billy Beane lhe enviava nos treinos de primavera e garantir que não passassem vergonha quando a temporada comesse. O que Billy Beane lhe enviava — bom, Wash tinha umas histórias e tanto para contar. Era o único

treinador de campo interno do beisebol que podia ter certeza de que seu gerente geral não ia desperdiçar nenhum tostão em habilidades defensivas. Quando você perguntava a Wash como era ser treinador dos defensores internos de um time que colocaria um cego como titular se tivesse talento para chegar em base, ele fazia uma careta e dizia: “Tenho visto umas porcarias que nem te conto.” Às vezes, Wash achava que os jogadores enviados por Billy nem deviam se dar ao trabalho de levar as luvas. Bastaria levar o bastão e *rebater* a bola para o arremessador.

Wash tinha cerca de seis semanas para transformar Scott Hatteberg no primeira base titular do Athletics. Levou Hatty para o campo de treinos no Arizona, encheu-o de bolas rasteiras e tentou lhe ensinar como mexer os pés. Meses depois, refletindo sobre aquele período difícil, Wash disse: “Dava para ver que ele não devia estar ali. Estava se debatendo. Não sabia aonde ir, o que nem como fazer. Por dentro devia estar dizendo: ‘Tomara que não aconteça *nada* na minha área.’ Fazia tudo aquilo que leva um torcedor na arquibancada a dizer: ‘Aquele moleque é um bosta.’ E o que ele sabe? O que esse torcedor sabe? Não sabe *nada*! Mas teria razão. Teria razão quanto a Hatty. Aquele moleque era um bosta.”

Wash jamais contou nem sequer fez a mais leve insinuação não verbal a Scott Hatteberg sobre os impropérios que poderiam passar pela cabeça do torcedor típico que o visse jogando na primeira base. A primeira coisa de que Hatty precisava era um pouco de confiança, mesmo que não tivesse nenhum direito a ela. Mas, nas grandes reuniões no final dos treinos de primavera, quando a diretoria e os técnicos colegas perguntaram a Wash se Hatty estava pronto para ser um primeira base na liga principal, ele respondeu: “Até podem colocá-lo lá a cada três ou quatro dias, mas nem pensem que vão poder colocá-lo diariamente.”

Desde o primeiro dia nos treinos de primavera, a vida na primeira base para Hatty foi uma sucessão de ataques de pânico. “Tem uma coisa a respeito da primeira base”, contou ele. “Você não pode deixar as bolas caírem, *nenhuma delas*.” Era desgastante, em parte porque Hatty não tinha a menor ideia do que fazer, mas também porque havia coisas demais em jogo. “Imaginei que, se eu fosse péssimo no começo, eles me dispensariam”, disse Hatty. Ele foi péssimo, mas não o dispensaram. Quando a temporada começou, tinha surgido uma vaga temporária para ele na ordem dos rebatedores, como rebatedor designado. O defensor direito titular do A’s, Jermaine Dye, estava levando mais tempo do que o esperado para se recuperar de uma fratura na perna que sofrera no ano anterior numa partida dos play-offs. Com isso, David Justice foi para o campo direito, Jeremy Giambi, para o esquerdo, e a vaga de rebatedor designado ficou para Hatteberg. Para preencher a lacuna na primeira base, Billy Beane tinha feito uma

troca para ficar com Carlos Pena, um rapaz sensacional das ligas menores que parecia pronto para arrasar nas grandes ligas. “Todo mundo dizia que Carlos ia ser o próximo Alex Rodriguez”, comentou Hatteberg, “e assim, quando ele chegou, imaginei que eu não ficaria como primeira base.” E, quando Dye voltou, Hatty imaginou também que ia retornar ao banco de reserva.

Nada disso. O que aconteceu foi que, depois de um começo muito bom, o time começou a desandar. Quando o Yankees chegou à cidade no fim de abril, o Athletics estava com 11-8. Três semanas depois, estava quatro jogos abaixo de ,500 e continuava caindo depressa. Em meados de maio, o A’s jogou em Toronto, onde foi massacrado pelo Blue Jays. O Blue Jays. Hatteberg achava que já tinha visto de tudo enquanto estava no Red Sox, mas o que aconteceu logo depois que o A’s foi varrido pelo Blue Jays era algo inédito em sua experiência nas grandes ligas.

Como os demais jogadores, Hatteberg percebia que o Athletics era dirigido de uma maneira inusitada para os padrões das grandes ligas. Mesmo quando estava em campo, o time parecia ser comandado não pelo técnico, mas pela diretoria. E a diretoria, pelo visto, estava furiosa. Num verdadeiro expurgo, Billy Beane devolveu para as ligas menores Carlos Pena, o primeira base titular, Frankie Menechino, o segunda base titular, Eric Hiljus, arremessador titular, e Jeff Tam, um arremessador reserva destro. Trocou Jeremy Giambi, defensor esquerdo titular, por um reserva chamado John Mabry do Phillies. Em questão de horas, a diretoria do A’s se livrou de três de seus oito titulares, inclusive um que todos previam que seria o Novato do Ano (Pena) e outro que todos achavam que era o queridinho da diretoria (Giambi). Essa foi a primeira experiência real de Scott Hatteberg com Billy Beane. A primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi: *Ah, meu Deus, esse cara é capaz de qualquer coisa.* Mais uma vez, o time estava sem um primeira base fixo. Na falta de outras opções, a função coube a ele.

No começo, faltava elegância a seu desempenho. Ele sofria até na tarefa mais rudimentar: ficar em posição para receber os lançamentos dos outros defensores internos. “Parece fácil quando os caras fazem”, contou Hatteberg, “mas não é. Acredite em mim.” Na primeira base, o jogo parecia mais rápido do que jamais lhe parecera quando era receptor. Uma bola rasteira era rebatida bruscamente entre as segunda e terceira bases ou para a terceira base e o lançamento chegava nele antes que estivesse preparado. Onde estava seu pé de trás? Onde estava a base? Já tem alguém rindo? Ele perdia pop flies simples no ar e elas caíam a quase dez metros dele, na enorme área fora de jogo do estádio. “Em várias bolas altas que perdi, nem parecia um erro”, disse ele, “pois eu nem sequer chegava perto da bola.”

E aí aconteceu uma coisa: quanto mais ele jogava na primeira base, mais à

vontade se sentia. No fim de junho, podia afirmar com um sorriso no rosto: “A diferença entre os treinos de primavera e agora é que, quando uma bola rasteira vem em minha direção, minha pressão não sobe desenfreadamente.” A mudança se devia, em grande parte, a Wash. Wash entrava na cabeça do cara porque — bom, porque o cara queria que Wash entrasse na cabeça dele. A cada jogada que fazia, inclusive os lançamentos que recebia de outros defensores internos, Hatty voltava ao banco de reservas e conversava com Wash. Seu treinador estava criando outra escala pela qual Hatty podia avaliar seu desempenho. Podia ser um nota quatro, mas, na curva de Wash, ele se sentia como um oito, e subindo. “Ele sabia que o que parecia uma jogada de rotina não era rotina para mim”, explicou Hatty. Wash o ajudava a enganar a si mesmo para se sentir melhor do que era, até que realmente ficou melhor. No estádio, era longa a distância entre o banco de reservas do A’s e a primeira base, mas toda vez que Hatty apanhava um lançamento no chão — jogada que normalmente um primeira base faria de olhos fechados — ele ouvia Wash gritando lá do banco: “Superpegador!”

Olhava para cima e via Wash com sua expressão combativa, exclamando: “*Superpegador!*”

Hatty sentia que era naturalmente mais atlético do que a maioria dos caras que a diretoria escondia na primeira base, e tinha razão. Começou a relaxar e a querer que rebatessem a bola para ele. Começou a se sentir à vontade, a se sentir ele mesmo. Uma das coisas que sempre tinham agradado Hatty como receptor era a chance de conversar com os jogadores dos outros times. A primeira base era um evento social muito mais movimentado. Comparada à primeira base, a posição de receptor era como uma festa chata — com o juiz por trás do ombro e todos os torcedores e câmeras encarando você fixamente. Na primeira base, dava de fato para *conversar*. No quadro de avisos da sede do A’s, havia um memorando da MLB, assinado por Bob Watson:

Os jogadores dos times adversários não devem confraternizar em momento nenhum durante os jogos.

— Regra Oficial de Beisebol 3.09

No verão de 2002, esse memorando parecia dirigido expressamente a Scott Hatteberg. A primeira base, tal como ele jogava, se convertia num evento social constante. “Os caras chegam na primeira base”, disse ele, “e entram em meu pequeno escritório. E eu realmente gosto de conversar.” Rafael Palmeiro consegue uma andada e Hatty lhe pergunta qual canhoto do A’s é mais difícil de

rebater, Mark Mulder ou Barry Zito (Mulder, responde Raffy.) Jeff Cirillo dá uma rebatida simples e, ao menor incentivo, começa a reclamar por ser o nono na ordem de rebatedores do Seattle Mariners. Jeff Bagwell chega na base por um erro da defesa e Hatty comenta que é um grande fã dele, ao que Bagwell entra numa cantilena lamentando que, na verdade, não passa de um rebatedor naturalmente medíocre. “Ele fica dizendo: ‘Odeio meus *swings*, odeio meus *swings*.’ E eu tipo: ‘Cara, você é demais.’” Hatty incentivava tudo isso e ainda mais. “A parte engraçada é a etiqueta”, contou ele. “Saber o momento de quebrar o gelo quando um cara chega em base. Tento ser cortês. Se um cara conseguiu uma rebatida, digo: ‘Boa rebatida aquela.’ Antes que a gente se dê conta, eles já estão conversando à vontade.”

Hatty estava se divertindo. Começou a fazer jogadas que ninguém esperava; começou a fazer jogadas que *nem Wash* esperava. Ainda achava a experiência toda do A’s mais do que um pouco heterodoxa. “Acho esquisito”, disse ele, “como eles empurram os caras para a defesa, de todo jeito que dá.” Mas, no meio do verão, já entreouvava os outros se referindo a ele como um primeira base “acima da média”. No fim de julho, quando perguntavam a Wash como ele tinha transformado Scott Hatteberg num primeira base acima da média, ele apenas balançava a cabeça e sorria. “Ele é que me transformou num mentiroso”, respondeu Wash. “Agora ele vai, faz o que faz e é um jogador reagindo.” Então pensou um pouco e disse: “São os tipos de caras com os quais você vai para a guerra. Os Scott Hattebergs.”

Mas, se Hatty levava jeito como primeira base, isso tinha pouco a ver com o interesse do A’s nele. Se havia desenvolvido suas qualidades nessa posição, isso vinha como bônus, mas, se não jogasse tão bem, em nada prejudicaria sua situação. Hatty esteve em rota de colisão com o Athletics desde o momento em que Paul DePodesta e Billy Beane haviam concluído que o aproveitamento em base era três vezes mais importante do que a porcentagem de potência no bastão, e que determinadas características secundárias num rebatedor, amplamente ignoradas pelo resto do beisebol, também eram de importância crucial para o sucesso da equipe. Hatty tinha alguma potência, mas o que de fato contava era sua abordagem no bastão, que ajudava o ataque a criar corridas. Quando estava no Red Sox, ele havia chegado em base num nível 25 pontos acima da média da liga, e isso: (a) sem jogar regularmente, (b) exausto por jogar como receptor. Descansado e jogando de forma regular, seu aproveitamento chegando em base só iria aumentar.¹

E ele também fazia outra coisa: esgotava os arremessadores adversários. Suas passagens pelo bastão eram intermináveis, e os arremessadores ficavam quase tão exaustos com Hatteberg quanto com Jason Giambi — e isso mesmo que os

arremessadores não tivessem tanto motivo para temê-lo quanto para temer Giambi.² A força de Hatteberg era mais sutil, menos visível. Não tinha medo de ser eliminado por strikes e esse destemor se mostrava na frequência com que rebatia mesmo estando com dois strikes. A razão desse destemor era que raramente sofria uma eliminação. Ele chegava de forma sistemática a contagens bem avançadas e, mesmo assim, apesar de rebater muitas vezes com dois strikes, colocava a bola em jogo com frequência. A razão entre suas andadas e seus strikeouts era uma das mais altas na liga.³

O talento para evitar a eliminação por strikes era mais uma de suas características secundárias que, nos cálculos do A's, agregavam sutilmente valor a Scott Hatteberg. A eliminação por strikes era a coisa mais cara que um rebatedor podia conseguir de forma corriqueira. Havia uma mentira no cerne do sistema para treinar os rebatedores das divisões menores do A's. Para persuadir os jovens a ter paciência, a trabalhar a contagem, a conseguir andadas, a esperar o arremessador cometer um erro para que pudessem mandar a bola fora do campo, os treinadores de rebatidas do Athletics tinham de enfiar na cabeça dos rebatedores a ideia de que não havia nada particularmente ruim em ser eliminado por strikes. “Acho que por muito tempo eles acreditaram que não havia nenhuma diferença entre uma eliminação por strikes e qualquer outra eliminação”, disse Paul. “Mas há.”

Em termos ideais, o que você queria era que o rebatedor não fosse eliminado por strikes, nem que adaptasse sua abordagem só para evitar o strikeout. Era difícil encontrar esse ponto ideal. Os rebatedores, em sua maioria, tinham brechas e sabiam disso; em sua maioria, odiavam rebater com dois strikes. Sabiam que, se sofressem dois strikes, ficavam especialmente vulneráveis. Paul havia feito algumas observações avançadas dos times das grandes ligas. A maioria dos rebatedores das grandes ligas, mesmo os melhores, costumava ter algum ponto fraco bastante perceptível. Em geral, Paul logo enxergava como um arremessador devia arremessar contra qualquer rebatedor das grandes ligas e como conseguiria eliminá-lo. Com Hatty, não conseguia. A ação de Hatty no bastão normalmente só começava quando já estava com dois strikes. Hatty não tinha medo de rebater com dois strikes; até parecia gostar dessa situação. Era porque ele não tinha nenhuma brecha. Claro que não podia ser verdade: todo rebatedor tinha uma brecha. Mas Paul assistira a ele jogar inúmeras vezes e não conseguira encontrar o ponto fraco de Hatteberg.

Essas características secundárias num rebatedor, em especial nessa forma extrema em que se apresentavam em Scott Hatteberg, tinham um grande valor para um ataque no beisebol. E, apesar disso, o mercado as avaliava como se não tivessem valor nenhum.

De onde vinham tais características? Era uma grande pergunta que a diretoria do A's já havia levantado. Eram habilidades adquiridas ou faziam parte da personalidade do cara? Natureza ou prática? Se fosse por natureza, como o A's estava começando a crer, era um dote físico ou uma predisposição mental? Scott Hatteberg tinha algo a dizer sobre o assunto.

Até onde Hatteberg podia lembrar — e suas lembranças recuavam até a Liga Infantil —, duas coisas eram verdade sobre ele como rebatedor. A primeira era sua capacidade sobrenatural de tocar a bola com o bastão. Não necessariamente rebater a bola fora do estádio; apenas fazer contato. (“Mover o bastão e não tocar na bola é, para mim, algo tipo ‘Nossa, o que foi que aconteceu?’.”) A segunda era que se incomodava muito menos em receber um strike do que em tentar acertar um arremesso desfavorável e rebater alguma bola aérea lenta ou uma bola rasteira fraca. Não se sentia especialmente empolgado com andadas, mas achava muito melhor do que a alternativa habitual. “Não havia nada que eu odiasse tanto quanto tentar a rebatida no primeiro arremesso e ser eliminado por bola rasteira”, disse ele. “Me parecia uma experiência totalmente insignificante.”

Também era verdade que, quando menino, havia procurado e encontrado modelos que incentivavam suas tendências naturais. O primeiro e mais importante deles foi Don Mattingly. A parede de seu quarto era decorada com pôsteres de Mattingly. Guardava recortes de matérias antigas sobre Don Mattingly. Numa viagem à Flórida, ele foi às instalações do Yankees e passou por baixo de uma corda de segurança para dar uma espiada no grande Mattingly. Os seguranças o apanharam e expulsaram do campo de treinos de primavera do time — mas só depois de ter dado uma boa olhada em seu herói no espaço dos rebatedores. Sempre que o Yankees jogava com o Mariners, ele saía de Yakima — onde passou a maior parte da infância e adolescência — e dirigia duas horas e meia até Seattle só para ver Mattingly jogar. “Ele era um cara pequeno”, explica Hatteberg, “e eu era um *miúdo* crescendo. Então me identificava com ele. E adorava ver como rebatia. Era pura poesia. Era parecido com o movimento que eu fazia — ou queria fazer. Nós dois nos agachávamos um pouco.” E, como ele, Mattingly também era um rebatedor seletivo: dava mais atenção do que os outros a quais arremessos tentaria rebater.

Hatteberg se identificava com essa característica específica de Mattingly, embora fosse difícil resumir numa palavra. No beisebol, diriam que era “paciência”, mas era mais parecido com “ponderação”. Mattingly, como ele, mas ao contrário de muitos outros jogadores que conhecia, não tratava a rebatida como mera reação física. Era uma coisa que se fazia melhor quando se pensava nela. Hatty tinha uma gravação de Mattingly falando sobre rebater. Chamava-se *The Art of Hitting* .300 [A arte da rebatida ,300]. Ele ouvira dezenas de vezes.

“Uma coisa que Mattingly dizia”, lembrou Hatteberg, “era que você podia olhar as eliminações por strike e as andadas de um cara e dizer como tinha sido a temporada dele. Aquilo ficou na minha cabeça.” (O estranho no discurso de Mattingly era que ele próprio nunca conseguiu muitas andadas.)

O problema de Billy Beane era que ele jamais conseguira descobrir uma maneira de se encaixar por inteiro no espaço do rebatedor. Scott Hatteberg não conseguia ficar de fora. Os componentes de sua personalidade se encaixavam bem demais ali dentro para que um deles saísse daquele espaço. O mundo exterior não entendia plenamente essa questão e tentava muitas vezes transformá-lo em algo que ele não era. O Phillies o recrutara do ensino médio na oitava rodada, por exemplo, quando ele mesmo não se considerava pronto. Os olheiros o pressionaram para que assinasse o contrato, disseram que era para seu próprio bem. Hatteberg sempre foi franzino, principalmente para um receptor, e quando terminou o ensino médio tinha apenas 1,77 metro de altura e 72 quilos. “Eu parecia alguém com pneumonia”, disse ele. O Phillies ignorou seus argumentos. Seu próprio treinador do ensino médio — recebendo uma comissão do Phillies — alertou que ele cometeria o maior erro da sua vida se recusasse os 85 mil dólares do clube e fosse para a faculdade. Ele recusou e foi para a faculdade. “Se eu não conseguisse jogar na faculdade”, disse ele, “não ia mesmo conseguir de jeito nenhum.”

Ele conseguiu e foi escolhido pelo Red Sox na primeira rodada do recrutamento de 1991. Nas divisões de base, sua capacidade natural o levou até a Double-A. Lá, ele se deparou com os dois obstáculos que costumavam pôr fim à carreira de um rebatedor profissional: arremessadores que tinham não só habilidade, mas também controle nos arremessos, e a teoria dos jogos. Na Double-A, como nas grandes ligas, um rebatedor via várias vezes os mesmos arremessadores. Ou, mais precisamente, os arremessadores viam o rebatedor várias vezes e investiam alguma energia em tentar aproveitar o que descobriam sobre ele. Hatteberg começou a manter registros de suas passagens pelo bastão: o que os arremessadores lançavam contra ele e como ele reagia. Manter registros por escrito, assim como ver vários arremessos durante cada ida ao bastão, era uma maneira de reunir informações. Quanto mais informações tinha sobre um arremessador, melhor rebatia contra ele. Não dispunha do luxo de poder crescer pelo talento bruto; raríssimos dispunham disso. Claro, era possível chegar às grandes ligas e até ter um ou dois meses sensacionais, mas, se tivesse alguma falha fatal, logo era exposto. Kevin Maas! Maas aparece em 1990 com o Yankees e rebate dez home runs em suas primeiras 77 idas ao bastão. Se tivesse continuado a rebater nesse ritmo durante uma temporada completa, teria quebrado o recorde de Roger Maris de home runs numa única temporada como

novato. Porém não continuou. Parou de rebater home runs; parou de rebater, e ponto. Depois de algumas temporadas frustrantes, Kevin Maas deixou o beisebol.

Por que isso aconteceu? Hatteberg sabia, ou achava que sabia: porque o mundo das grandes ligas era um ecossistema de uma eficiência impiedosa. Todo rebatedor tinha um ponto fraco. Quando ele chegava às grandes ligas, os times o viam com frequência suficiente para descobrir e explorar esse ponto fraco. “Depois que sua brecha for descoberta”, explicou Hatteberg, “você precisa fazer algum ajuste ou a liga inteira vai eliminá-lo. Um arremessador que não consegue aproveitar essa brecha não chega às grandes ligas.” Se você fosse incapaz de se adaptar, estaria condenado. Se tivesse uma fraqueza por rebater arremessos fora da zona de strike, sem algum extraordinário talento para compensá-la, estaria condenado. Hatteberg levou essa lógica um passo a frente: acreditava que, se tentasse acertar *qualquer coisa* que não pudesse rebater com força, mesmo que o arremesso estivesse dentro da zona de strike, estaria condenado. “Se eu só fosse lá e tentasse rebater qualquer coisa”, disse ele, “estaria fora do beisebol muito antes de chegar às grandes ligas.” Ele se obrigou a procurar determinado arremesso de cada arremessador e depois treinou para enxergar aquele arremesso. Sabia não só o que conseguia, mas também o que não conseguia. Sabia quais arremessos não conseguiria rebater bem.

Billy Beane se imaginava fora das grandes ligas. Scott Hatteberg se imaginava dentro. Sua primeira convocação para o time principal fora no período final da temporada de 1995. Com o título da divisão já garantido, o time foi para o estádio dos Yankees para um jogo sem importância — se é que algum jogo entre o Red Sox e o Yankees pode ser considerado sem importância. Hatty tinha sido designado para ficar como receptor dos arremessadores reservas durante o aquecimento e não esperava entrar em campo. Mesmo assim, chegou cedo ao estádio, porque não queria perder a chance de ver o primeira base do Yankees, Don Mattingly, treinar rebatidas. O jogo em si foi um desastre. O Red Sox logo ficou muito atrás no placar. No topo da oitava entrada, David Cone, arremessador do Yankees, caminhava para terminar o jogo com duas rebatidas e sem ceder corridas. Com o placar a 9-0 para o Yankees, o técnico do Red Sox foi até a área de aquecimento e mandou Hatteberg entrar como rebatedor substituto. Hatteberg desceu de lá, entrou no espaço do rebatedor e encarou a linha da primeira base. Don Mattingly o encarava também.

Hatty deixou passar o primeiro arremesso, como quase sempre fazia, para se pôr à vontade. Primeira bola fora. O segundo arremesso foi a segunda bola fora. Cone estava inspirado naquele dia. Hatteberg sabia no terceiro arremesso que ele veria algo dentro da zona de strike, e viu mesmo. “Quase perdi o tênis”, disse

ele. Rebatida para fora. Cone errou a zona por pouco no arremesso seguinte, e a contagem foi para 3-1. Uma contagem favorável ao rebatedor. Hatteberg pensou: *Se eu conseguir uma rebatida, ganho a bola*. Eles sempre davam ao jogador a bola de sua primeira rebatida nas grandes ligas. Então outro pensamento lhe ocorreu: *Estou a um arremesso fora da zona de conhecer Don Mattingly*. Era a primeira aparição de Scott Hatteberg como rebatedor das grandes ligas, e ele estava tentando conseguir uma andata.

David Cone não ia deixar. O arremesso seguinte de Cone foi não tanto um arremesso, mas um convite, uma bola rápida na parte de dentro, na “zona feliz” de Hatteberg, como a chamava, e ele a mandou paralela à linha do campo direito. A bola bateu na parede do campo direito, a poucos centímetros do topo e, num ricochete maluco, retornou para dentro do campo. O defensor direito do Yankees, Paul O’Neill, viu que era uma clara rebatida dupla e nem tentou fazer a defesa. A toda velocidade, Hatteberg contornou a primeira base, viu O’Neill correndo até a bola, e... Don Mattingly. Mattingly estava bem na frente de sua linha de visão. Um rapaz de 25 anos estreando na liga principal talvez fosse perdoado por ter uma trilha sonora mental repetindo: *Minha primeira rebatida numa grande liga! Minha primeira rebatida numa grande liga!* Mas Hatteberg ouviu outra voz, que perguntava: *Aonde estou indo?* Na metade do caminho até a segunda base, ele se levantou e correu de volta para sua infância. “Ei, Don, como vai?”, perguntou.

Os locutores da TV, Bob Costas e Bob Uecker, comentaram seu espanto diante do que acabavam de ver — aquele novato que preferiu uma rebatida simples em vez de uma dupla. Concordearam que os novatos sempre precisavam aprender uma ou duas coisinhas antes de se integrarem realmente às grandes ligas. Mattingly só o olhou com estranheza e disse: “Ei, novato, alguém te mostrou onde fica a segunda base?” Os breves momentos seguintes, antes de disparar pelas bases e anotar a única corrida do Red Sox na partida, ficaram gravados na memória de Hatteberg com detalhes dignos de um Van Eyck. Mattingly de pé, atrás dele. Mattingly assumindo posição atrás dele, fingindo se importar se ele ia correr ou não. Mattingly caçoando dele. “Ei, novato, você é quase tão rápido quanto eu. Ei, novato, melhor checar esses seus freios.” Mattingly se aposentou poucas semanas depois. Hatteberg nunca mais o viu.

Mesmo em situações novas e estressantes, a qualidade central de Scott Hatteberg — a compulsão de se sentir à vontade no jogo, de desacelerar o jogo, de fazer o jogo ir até ele, de convertê-lo em *seu* jogo — se fazia evidente. Era uma daquelas figuras cuja personalidade era indissociável de seu desempenho. Melhor: cuja personalidade era *necessária* para seu desempenho. O engraçado é que o beisebol profissional dava uma rápida olhada nessa personalidade e

decidia que era preciso eliminá-la.

No fim de 1996, Hatty foi para as grandes ligas para ficar. Mas, ao chegar, enfrentou outro desafio: a burrice do Red Sox de Boston. O clube via sua abordagem refinada no bastão — a ponderação, a paciência, a necessidade de fundamentar suas decisões em vez de agir precipitadamente — como uma deficiência. O Red Sox incentivava a veia mística de seus jogadores. Levavam ao clube uma procissão de psicólogos e palestrantes motivacionais para ensinar os jogadores a utilizar a agressividade. Sejam homens! Hatteberg se lembra de um em especial, que disse ao time que todo homem tinha uma glândula no peito chamada timo. “Você deve bater no peito antes de rebater”, lembrava Hatteberg, “para soltar toda aquela energia e agressividade guardadas.” (Um ex-jogador do Red Sox, Bill Selby, ainda faz isso.) Quando viu como os técnicos tratavam Wade Boggs, Hatty sentiu que enfrentaria alguns problemas. Passara bastante tempo com Boggs no espaço dos rebatedores durante os treinos de primavera, tentando aprender o máximo possível com o mestre. Era notório que Boggs, um eterno jogador All-Star, nunca tentava rebater o primeiro arremesso — nem nenhum outro que não lhe agradasse. Boggs era a máquina mais eficiente do mundo para obter informação sobre os arremessadores adversários. Quando Wade Boggs terminava sua primeira passagem pelo bastão, seu time já vira tudo o que o rebatedor adversário tinha em seu arsenal.

A recusa em exibir a agressividade necessária levou Boggs ao ostracismo no Red Sox. “Brigavam com ele por conseguir uma andada quando havia um cara na segunda base”, lembrou Hatteberg. “Diziam que era um *egoísta* por causa disso.”

Se não aceitavam a paciência de Wade Boggs, Hatteberg presumiu que também não aceitariam a sua. Quando deixava passar um strike — por ser uma bola com a qual não poderia fazer muita coisa —, os técnicos do Red Sox berravam do banco de reservas. Os treinadores tentavam lhe explicar que prejudicaria o time se não tentasse rebater mais com homens em base, ou em contagens 2-0. Jim Rice, treinador de rebatidas e ex-rebatedor potente do Red Sox, não dava descanso a Hatty. Gritava com ele no vestiário, na frente dos colegas, e o ridicularizava por ter uma média de rebatidas na casa de ,270, sendo que tinha ,500 quando rebatia no primeiro arremesso. “Jim Rice era um monstro rebatendo por causa de seu talento natural e queria que todo mundo rebatesse como ele”, contou Hatteberg. “Ele não entendia que eu rebatia ,500 no primeiro arremesso porque só ia atrás de primeiros arremessos que fossem bons demais para deixar passar.” Hatty tinha uma habilidade para ajustar o jogo aos seus talentos. Isso era totalmente ignorado. O efeito de Jim Rice em Scott Hatteberg foi convencê-lo de que “é por isso que os rebatedores medíocres se tornam os

melhores treinadores de rebatidas. Não tentam transformar você neles, pois eram muito ruins”.

Toda vez que Scott Hatteberg ia ao bastão pelo Red Sox, precisava de fato tomar uma posição intelectual contra seu próprio clube a fim de fazer o que era correto para o time. Rebater, para ele, era um ato ponderado. Não sabia rebater sem refletir e, assim, continuava refletindo. Olhando em retrospecto, foi uma atitude notável de autodeterminação, mas na época parecia apenas uma experiência desagradável. Nenhuma vez, em seus dez anos no Red Sox, alguém em Boston sugeriu que havia qualquer valor em sua abordagem no bastão — em trabalhar a contagem, limitar a zona de strike, conseguir andadas, chegar em base, *não* ser eliminado. “Nunca”, revelou ele. “Nenhum treinador nunca disse nada. Era mais tipo: vá lá e use toda a sua força. A filosofia deles era comprar os melhores rebatedores que o dinheiro permitia e deixá-los à solta.” O Red Sox não estava nem aí se Hatteberg travava um longo duelo no bastão. Se, digamos, ele resistia a oito arremessos seguidos antes de ser eliminado por uma rebatida em linha reta pega pela defesa. A única coisa que importava era que tinha sido eliminado. Ao mesmo tempo, recebia elogios quando não merecia. “Havia jogos em que eu conseguia duas rebatidas, mas não tinha dado uma boa tacada na partida inteira”, confessou ele, “e vinham com ‘Ótimo jogo, Hatty’.”

O beisebol profissional nunca fez a mais leve tentativa de encorajar o que ele fazia de melhor: medir com precisão a zona de strike e adequar seus talentos a ela. O Red Sox tinha obsessão por resultados; ele, pelo processo. Era o que mantinha sua sanidade. Não era assim que formulava em termos mentais, mas o que vinha tentando fazer aquele tempo todo era domar com a razão uma experiência caótica. E conseguira a um grau realmente espantoso.

Para a diretoria do Oakland Athletics, Hatteberg era uma descoberta científica profundamente satisfatória. As coisas que ele fazia com uma qualidade tão peculiar no bastão eram as coisas que somente a ciência — ou, pelo menos, um exame mais atento do que o normal — podia revelar. Hatty, em sua abordagem no bastão, era o oposto de Billy Beane, mas era também sua criação. No instante em que chegou no A’s, o atrito em sua vida de rebatedor desapareceu. No Athletics, ele viveu quase a experiência contrária da que teve no Red Sox. “Aqui eu termino o jogo zero de três com duas eliminações em rebatidas em linha pegadas pela defesa e uma andada, e o próprio *gerente geral* vem até meu armário e diz: ‘Ei, ótimas passagens pelo bastão.’ Pela primeira vez em minha carreira, tinha alguém me dizendo ‘Adoro sua abordagem no bastão’. Eu sabia como era minha abordagem nas rebatidas, mas nunca pensei que outra pessoa fosse se interessar em pensar nela.” Tudo aquilo que Hatty fazia pelo simples fato de ser assim que precisava fazer para ter algum sucesso era encorajado no A’s. O clube

formulara em palavras algo que Hatty até então apenas sentira. “Quando você vai ao bastão”, explicou ele, “trata-se da única coisa que você faz que é individual ou que parece individual. Quando você vai ao bastão, trata-se da única coisa que faz sozinho no beisebol. Aqui, eles a transformaram numa coisa de equipe.”

Era um efeito colateral do experimento do Athletics. O clube estava tentando subordinar o interesse do rebatedor individual àqueles do time. Alguns rebatedores reagiam melhor do que outros a tal abordagem. Reação de Hatteberg: “Não me divirto tanto desde a Triple-A.”

* * *

ANTES E DEPOIS das partidas, Hatteberg ia até a sala de vídeo para estudar os arremessadores adversários e a si mesmo. Numa dessas noites, o A’s ia jogar contra o Seattle Mariners. O canhoto Jamie Moyer estava escalado para arremessar pelo Mariners. Ele tinha sido um arremessador de enorme sucesso nas grandes ligas, apesar de não ter o repertório convencional. Quando apareceu pela primeira vez, com o Chicago Cubs, Moyer arremessava com tanta força quanto qualquer outro arremessador. Mas se contundira e precisou se adaptar. Agora, alguns meses antes de completar quarenta anos, ele sobrevivia graças a seu domínio da zona de strike e seu conhecimento dos rebatedores adversários. Era o equivalente de Scott Hatteberg entre os arremessadores. Se ambos tivessem adotado outra abordagem, nenhum dos dois teria durado muito tempo nas grandes ligas.

Hatteberg não tivera muitas oportunidades de ver Moyer, por isso a fita era ainda mais importante do que o habitual.

— Acho que não me saí muito bem contra esse cara — comenta enquanto colocava a fita no aparelho. — Feiny, como é meu histórico contra Moyer?

Feiny, no centro da sala de vídeo, responde, sem erguer os olhos:

— Zero de nove, nenhuma rebatida em nove passagens pelo bastão.

— Estou com zero de nove — diz Hatteberg jovialmente e dá um soco na mesa diante dele. — Não é muito promissor, não é?

Feiny não responde nada. Está ocupado editando a fita do Rangers, próximo adversário do A’s. Na tela, Alex Rodriguez, o A-Rod, aguarda um arremesso.

— Ele está trapaceando — afirma Hatty. Feiny olha para ele, atraído pela vontade de Hatteberg de conversar. — Olha ali.

Todos nós olhamos para a tela de Feiny, com a imagem congelada de A-Rod. Sem dúvida, logo antes que o arremesso chegue até ele, A-Rod, imóvel, apenas olha para trás para ver onde o receptor se posicionou atrás dele.

— Quando eu era receptor, detestava quando os caras faziam isso — comenta Hatty. — Eu dizia: "Cara, vão acertar um arremesso em você."

Feiny concorda:

— Outro que não fosse A-Rod levaria uma bolada.

Hatty volta às fitas de Jamie Moyer. Moyer já derrotara o A's várias vezes naquela temporada. Hatteberg rebateu entre os titulares em apenas uma delas. Ele era um enredo paralelo numa disputa em andamento entre a diretoria e Art Howe. A diretoria quer Hatteberg como titular o tempo inteiro. Art Howe quer fazer do jeito tradicional e manter os rebatedores canhotos fora da escalação contra arremessadores canhotos. Nas duas últimas vezes em que o A's enfrentou Moyer, Hatteberg não estava na escalação dos rebatedores. Nas duas vezes, Moyer impediu que o A's pontuasse e cedeu um total de apenas seis rebatidas. Agora ia ser do jeito da diretoria. (O surpreendente foi o tempo que demorou.) Tudo isso Hatteberg sabe. Não diz nada, mas está doido para provar que seu técnico está errado e a diretoria está certa.

Ele observa Jamie Moyer arremessar contra uma sequência de rebatedores canhotos. Moyer não chega a 1,80 de altura e tem ombros estreitos, parece um contador. Quando sua bola rápida registra 132 quilômetros por hora no sensor do radar, está num dia bom. "No ensino médio, enfrentei caras que arremessavam mais forte", conta Hatteberg. "Esse cara nem seria recrutado. Ele iria participar de um teste para um clube agora e se não soubessem quem ele era, não seria contratado."

O fato de um dos melhores arremessadores das grandes ligas não conseguir passar por um teste mostra bem o que são as grandes ligas. Também mostra algo a respeito dos arremessadores. Como Hatteberg explicou, um bom arremessador cria uma espécie de universo paralelo. Não importa a força com que arremessa, em termos absolutos, desde que consiga distorcer a percepção dos rebatedores. As reações dos rebatedores na fita mostram que, quando Moyer está no monte, o espaço do rebatedor fica parecendo o seriado *Além da Imaginação*. Assistimos a Moyer deixar John Vander Wal, o defensor externo do Yankees, sem ação. Ele realmente acaba por superá-lo com uma bola rápida — isto é, Vander Wal não consegue girar o bastão com rapidez suficiente para atingi-la em cheio.

"Sabem quantas vezes Moyer arrasa os caras com uma bola rápida de 130 quilômetros por hora?", pergunta Hatteberg. "*O tempo todo*. É porque ele a prepara com um change-up de 110 quilômetros por hora." Ele avança a fita de vídeo até uma bola de curva lenta e depois até um change-up ainda mais lento.

“Viu”, continua Hatty, “são essas coisas aí que fazem com que a bola rápida dele pareça estar a 150 quilômetros por hora.” Ele assiste enquanto Moyer supera mais dois rebatedores canhotos com bolas rápidas a 130 quilômetros por hora e diz: “Ele vai fazer isso comigo também. Se conseguir dois strikes em mim, vai tentar me eliminar arremessando na parte de dentro.” Então reconsidera, sorri e se corrige: “A menos que ele pense que estou de olho na parte de dentro.”

Moyer era um dos poucos arremessadores no beisebol que pensava em Scott Hatteberg tanto quanto Hatteberg pensava nele. Moyer sabia que Hatteberg nunca tentava rebater o primeiro arremesso — a não ser para fazer o arremessador ficar esperto — e assim Moyer podia simplesmente lançar um strike no primeiro arremesso. Mas Moyer também sabia que Hatteberg sabia que ele sabia. E com isso voltava-se à estaca zero.

Hatty estava muito envolvido em teoria dos jogos e dispunha de apenas uma hora antes de entrar em campo. Uma das grandes razões pelas quais ele assistia às fitas era para ver se um arremessador “tinha um padrão” — isto é, se era possível contar que ele faria determinado arremesso em determinada contagem. Moyer revezava tão cuidadosamente seus arremessos que era uma perda de tempo procurar padrões. Hatty observava Moyer apenas para imaginar por onde a coisa podia ir.

Então John Mabry entra na sala de vídeo.

— Oi, Hatty.

Hatty abre lugar para Mabry na frente da tela. Hatty relanceia para Feiny e diz:

— Ouvi dizer que aconteceu uma leitura labial por aqui.

— Ah, é? — responde Mabry.

Feiny enrubesce, e Mabry sorri — mais ou menos. Mabry e Feiny estão envolvidos numa espécie de discussão sobre o motivo pelo qual Mabry não joga mais vezes. Logo depois que veio do Phillies, em troca de Jeremy Giambi, Mabry estava a toda. Durante várias semanas, jogando irregularmente, tinha rebatido mais de ,400, com meia dúzia de home runs, mas mesmo assim o técnico parecia relutante em incluí-lo entre os titulares. Ele perguntou o motivo a Feiny, que explicou que o técnico não ia colocá-lo na escalação titular porque a diretoria não queria.

Billy Beane ficava incomodado com a abordagem de Mabry no bastão porque era o oposto da abordagem de Scott Hatteberg. Quando Mabry entrava no espaço do rebatedor, queria ir com tudo no primeiro arremesso que lhe parecesse bonito. Mabry era um adepto entusiástico da ideia de que um rebatedor substituto, para ter sucesso, precisa ser extremamente agressivo, mas é o tipo de ideia que não faz a cabeça de Billy. Por razões que não se dispõe a explicar, Billy quer ter John

Mabry num uniforme do A's, mas não quer chegar ao ponto de ter Mabry *jogando*. Quando Art Howe o colocou em algumas partidas, para dar descanso aos outros caras, e Mabry começou a rebater home runs, Billy e Paul reagiram como se tivessem entrado no cassino, enfiado uma moeda num caça-níqueis e ganhado o prêmio. Tiveram sorte; agora era hora de pegar o prêmio e ir embora. “Mabry é um cara legal”, Billy dissera na noite anterior, “porém, mais cedo ou mais tarde, Tattoo vai aparecer e tirá-lo da Ilha da Fantasia.”

Alguns dias antes, Mabry tinha se queixado com Feiny sobre sua pouca participação nos jogos e Feiny tentou ajudá-lo. “Sabe, John”, falou, “talvez você precise tentar escolher as bolas que rebate.”

Naquela noite, Mabry jogou ouvindo mentalmente a voz de Feiny. Na primeira ida ao bastão, não rebateu os cinco primeiros arremessos que viu — até completar a contagem: 3-2. No arremesso seguinte, tentou acertar a bola com força e foi eliminado por strikes. A câmera de TV leu os lábios de Mabry enquanto ele voltava para o banco. “Maldito Feinstein”, resmungou ele. Mabry acabou andando duas vezes e uma dessas levou a uma corrida que decidiu a partida. Apesar disso, não ficou muito claro se ele perdoou Feiny — ou se sequer considerou que Feiny precisava de perdão.

Mabry também vai jogar esta noite. Vê a fita de Moyer, e quer comentar sobre ele:

— É difícil se preparar para esse cara. Ele acaba com a rapaziada porque se aproveita da agressividade deles.

— Ele é totalmente diferente dos outros — responde Hatty. — Você se calibra para velocidades mais altas. Quase precisa relembrar a velha rebatida do ensino médio.

— Ele se alimenta da agressividade — acrescenta Mabry, fazendo qualquer atitude de Moyer parecer levemente vampiresca. — Ele faz pensar que vamos conseguir rebater arremessos que não conseguimos sequer alcançar.

— Se não é um strike, qual é a dificuldade em deixar passar? — pergunta Feiny. Ainda está olhando fixo a tela, observando Alex Rodriguez no bastão.

— Ah, é bem difícil — diz Mabry. Na tela, Moyer nem parece estar arremessando, e sim jogando a bola para o alto. Já vi arremessos iniciais de cerimônia com arcos menores.

— Deixe passar os arremessos ruins, John — sugere Feiny, provocando.

— Feiny — responde Mabry, irritado. — Você já esteve alguma vez como rebatedor numa grande liga?

Feiny não responde.

— Estou te dizendo — insiste Mabry, se virando. Ele aponta para a tela, onde Moyer lança ao ar outra bola que parece vir de bandeja. — Você vê a bola vindo

e acha que vai conseguir rebater a uns cinco quilômetros de distância.

— Então não tente rebater, John — diz Feiny.

— Tá — responde Mabry, se virando outra vez para encarar Feiny. — Bom, a hora em que você não rebate é a hora em que ele te acerta três strikes.

— O cara é realmente esperto — concorda Hatty, procurando encerrar o bate-boca. — É difícil se preparar para ele.

Mas Mabry continua encarando Feiny, que se recusa a encará-lo também.

— Feiny, alguma vez na vida você enfrentou um arremessador das grandes ligas?

— Não, John — responde Feiny, em tom enfadado —, nunca enfrentei um arremessador das grandes ligas.

— É, bem que eu achava — retruca Mabry. — Bem que eu achava que Feiny nunca tinha enfrentado um arremessador das grandes ligas.

Parecia que a conversa ia parar por ali. Então entra David Justice. Ele vê que os outros estão assistindo à fita de Moyer e entende na hora o que estão discutindo: o preço da ganância no espaço do rebatedor. A única esperança contra um arremessador com o domínio da zona de strike de Moyer, diz Justice, é desistir da ideia de que vai ficar rico e se contentar com o suficiente para viver.

— Você pensa que consegue rebater pra fora do estádio — comenta Justice —, mas não consegue nem acertar a bola.

— Exatamente — concorda Mabry.

— E é por isso que não se tenta rebater — repete Feiny.

Mabry simplesmente levanta e sai. Depois que ele vai embora, Hatteberg avalia por que ninguém se prepara para Jamie Moyer como ele faz — assistindo às fitas, imaginando o que vai acontecer, decidindo o que procurar, decidindo o que *nunca* vai tentar rebater.

— Alguns dos melhores são os mais tapados — diz ele. — Não quero dizer tapados. Quero dizer que não pensam. Não têm nenhum sistema.

A burrice é uma vantagem?

— Com certeza. Os caras não conseguem te enganar. Você não tem um padrão. Nem consegue lembrar sua última ida ao bastão. — Dá risada. — A arrogância é uma vantagem também. Burrice e arrogância: não tenho nenhuma das duas. *E isso me incomoda.*

Hatty logo precisa parar de pensar nas jogadas e jogar de verdade. Durante a partida, ele é meticulosamente seletivo como sempre. Espera os arremessos como alguém escolhendo uma maçã numa caixa de uma mercearia, procurando a mais madura. Da primeira vez, a fruta não está boa. Ele apenas observa fixamente os quatro primeiros arremessos, todos a milímetros da zona de strike, e anda até a primeira base. Na segunda vez, Moyer lança strikes. Hatteberg

observa o primeiro passar e manda o segundo para fora. Com dois strikes, ele pensou que Moyer iria arremessar no canto interno, e é o que Moyer faz. Hatteberg manda a bola em linha para o campo direito numa rebatida simples e impulsiona aquela que seria a única corrida do jogo. Na terceira passagem no bastão, rebate para o fundo do campo esquerdo que, por um instante, pareceu que ia virar um home run, porém acabou sendo apanhada a poucos metros da parede.

Mas nenhuma dessas três primeiras passagens pelo bastão ficou gravada na mente de Hatty como a quarta. Na quarta e última vez que foi ao bastão, Moyer o provocou com arremessos no limite da zona de strike e logo ficou em vantagem na contagem 0-2. Os quatro arremessos seguintes foram ou bolas fora que Hatty deixou passar ou strikes que rebateu para fora da área de jogo, porque não tinha mais nada a fazer com elas. Depois de seis arremessos naquele duelo, com a contagem 2-2, Jamie Moyer desce do montinho. Na verdade, ele diz alguma coisa a Hatty e fica ali, como que esperando resposta.

Isso é novidade. As idas de Hatty ao bastão são, inevitavelmente, conversas, mas não do tipo verbal. Não se espera que o arremessador pare no meio do jogo para bater papo. “Nunca me aconteceu que um arremessador falasse comigo quando eu estava no bastão”, diz ele. Com Moyer apenas parado ali, recusando-se a se mexer, Hatteberg sai do espaço do rebatedor.

— O quê? — pergunta, gritando.

— Me diga logo o que você quer — fala Moyer, num tom cansado.

Hatty dá de ombros, pois não sabe o que responder.

— Me diga o que você quer e eu arremesso para você — fala Moyer.

Hatty sempre estava tendo de adivinhar o que vinha pela frente. Sua capacidade de acertar dependia de saber que o arremessador estava tentando enganá-lo. Essa abordagem mais direta o desconcertou. Estragava seus cálculos interiores, quebrava seu ritmo. Não se sentia à vontade. Dessa vez não conseguiu pensar em nada para dizer. E então não disse nada. Ele não queria saber. Preferia manter sua abordagem.

No arremesso seguinte, Moyer lança uma change-up e Hatteberg rebate para ele. Só mais uma eliminação — e, no entanto, não era. Ele fazia o que fazia de maneira tão discreta que o mercado em geral nunca percebeu o valor disso. Scott Hatteberg terminará a temporada no topo ou quase no topo de umas duas categorias estatísticas esdrúxulas e de outra não tão esdrúxula. Será o primeiro em toda a Liga Americana em não tentar rebater os primeiros arremessos e o terceiro na porcentagem de arremessos que não tenta rebater (64,5%). Realizações triviais, se não levassem a uma outra, bem menos trivial. No fim da temporada, Paul DePodesta calculará o desempenho de todos os rebatedores do

A's. Quer saber a eficiência de cada um em suas oportunidades no bastão. Responderá a essa pergunta de maneira pouco ortodoxa, indagando: quantas corridas anotará uma escalação constituída por nove réplicas perfeitas daquele rebatedor? Se Scott Hatteberg, por exemplo, tivesse ocupado todas as idas ao bastão do Athletics em 2002, quantas corridas ele teria criado? Nove Scott Hattebergs criam entre 940 e 950 corridas, empatando na liderança do time com Miguel Tejada e Eric Chavez, rebatedores que são evidentemente muito mais vistosos. Em termos comparativos, o explosivo ataque do Yankees de 2002 anotou 897 corridas. Nove Scott Hattebergs são, em certa medida, o melhor ataque no beisebol.

[1](#) Apesar de rebater num pitcher's park, campo menos favorável a rebatedores, Hatteberg terminaria a temporada de 2002 empatado com seu colega no Athletics, Ray Durham, no 13º lugar de aproveitamento em bases na Liga Americana. Atrás dele, além do resto do A's, vinham vários multimilionários que você não esperaria encontrar ali: Derek Jeter, Johnny Damon, Nomar Garciaparra.

[2](#) Hatteberg iria terminar a temporada de 2002 em terceiro lugar na liga em arremessos vistos por passagem no bastão, atrás de Frank Thomas e Jason Giambi.

[3](#) A razão entre andadas e eliminações por strikes de Hatteberg na temporada de 2002 foi a quarta na Liga Americana, atrás de John Olerud, Mike Sweeney e Scott Spezio.

Capítulo nove

A MESA DE OPERAÇÕES

Não é como se eu estivesse fazendo mudanças no arremesso durante o jogo.

— Billy Beane, citado no *Boston Herald*, 16 de janeiro de 2003

ERA FIM DE julho, o que significa que Mike Magnante tinha escolhido uma má hora para fazer arremessos medíocres. “Mags”, como todos o chamavam, entrara em campo contra o Cleveland Indians no topo da sétima entrada com dois corredores em base e uma vantagem de três corridas no placar. A primeira coisa que ele fez foi ceder uma andada a Jim Thome — ninguém poderia culpá-lo por isso. Então entregou uma rebatida simples sem força a Milton Bradley e os corredores que já estavam em base anotaram corrida — essa foi só mera falta de sorte. Mas aí ele arremessou para Lee Stevens três bolas seguidas fora da zona de strike. Stevens aceitou devidamente um strike e então esperou Mags em seu quinto arremesso.

A primeira pergunta que Billy fará a Art Howe depois do jogo é por que merda de razão ele tinha colocado Magnante num jogo apertado. Em situações como essa, Art devia usar Chad Bradford. Era o ás do banco. Para que isso ficasse claro na cabeça de Art, Billy lhe recomendara que pensasse em Bradford como “o arremessador fechador antes da nona entrada”. A primeira resposta de Art para justificar a entrada de Magnante foi que ele tinha pensado que, contra um rebatedor canhoto de grande potência como Thome, Mags, sendo canhoto, seria mais eficaz do que Bradford, destro. O que é besteira, pois Mags não eliminava ninguém há semanas e Bradford tem se mostrado bom contra canhotos. A segunda resposta de Art é que Billy pôs Mags no time e, se um cara está no time, é preciso usá-lo. Art não dirá isso diretamente a Billy, mas é o que pensa. Os treinadores estavam cansados de ouvir Billy gritar com eles por usarem Magnante. “O cara tem as duas pernas engessadas”, diz o treinador de arremesso Rick Peterson. “Não vamos usá-lo como corredor substituto. Se você não quer que ele seja usado, troque com outro time.”

Mike Magnante entra em posição e procura o sinal. Acabou de fazer 37 anos

no mês anterior, e faltam apenas quatro dias para completar os dez anos de serviço nas grandes ligas que lhe garantem a pensão integral. Não é difícil ver o que há de errado com ele, perceber o defeito que o torna disponível para o Athletics. Tem ombros estreitos e quadris largos, a boca mole e semiaberta, e até os jornalistas esportivos que cobrem o time parecem mais jogadores profissionais de beisebol do que ele. Mas Magnante tem razões para ter esperança: seu histórico de arremessar melhor na segunda metade da temporada do que na primeira. O time iniciou a temporada com três arremessadores canhotos no banco, dois a mais do que a maioria dos outros clubes. Um mês antes, dispensaram um deles, Mike Holtz, e há dois dias devolveram o outro, Mike Venafro, para as ligas menores. A justificativa que Mike Magnante dava a si mesmo na véspera de 29 de julho de 2002 era que ainda não tinha arremessado com frequência suficiente para pegar o ritmo. Tinha passado uma semana com apenas três arremessos numa partida. Com a saída dos outros dois Mikes, finalmente tinha chance de encontrar seu ritmo.

Ele faz um arremesso quase perfeito para Lee Stevens, uma bola rápida baixa e longe do rebatedor. O receptor está em posição na parte baixa e no canto externo. Quando você assiste ao replay, percebe que ele acertou o ponto que devia. Se errou, foi apenas por um centímetro. É o arremesso que Mike Magnante queria fazer. Bom arremesso, contagem ruim. A bola pega na parte grossa do bastão. Sobe e continua a subir e os dois corredores começam a percorrer as bases na frente do rebatedor. Mags não pode fazer nada além de ficar parado olhando: uma pancada para o campo oposto à noite, em Oakland, é um espetáculo raro, impressionante. É o primeiro home run de Lee Stevens no Cleveland Indians. Na hora em que a bola aterrissa, o primeira e o terceira bases parecem guardas cercando o monte do arremessador, e Art Howe está de pé no alto dos degraus do banco de reservas. Ele cedeu cinco corridas e não conseguiu eliminar ninguém. Não era a primeira vez que seria tirado do jogo, mas não era muito frequente que fosse por causa de seu arremesso. É isso o que acontece quando você tem 37 anos: faz as coisas que sempre fez, mas o resultado é um pouco diferente.

O jogo, na verdade, está encerrado. Chad Bradford entra e consegue três eliminações rápidas — tarde demais. Ricardo Rincon, o arremessador canhoto reserva do Indians, elimina David Justice por strikes em três arremessos e induz Eric Chavez a ser eliminado por bola aérea pega pela defesa em quatro. O contraste lança uma luz desfavorável sobre Mags. O A's estava com os arremessadores canhotos de reserva mais fracos da liga e o Indians tinha alguns dos mais fortes. Billy Beane nem precisava assistir ao jogo para ver a diferença.

* * *

TENDO ACABADO DE encenar uma entusiástica personificação de um dono de clube apanhando feito cachorro, Billy Beane voltou para sua escrivaninha e aguardou com impaciência a ligação de Mark Shapiro. Shapiro era o gerente geral do Cleveland Indians.

Quando se sentou em seu escritório, a poucos metros do estádio, Billy ficou de frente para uma parede totalmente coberta por um quadro branco com os nomes das várias centenas de jogadores controlados pelo Athletics. Mike Magnante estava entre eles. Girando a poltrona, ele ficou de frente para outro quadro branco com os nomes dos quase 1.200 jogadores no elenco dos outros clubes da liga principal. Ricardo Rincon estava entre eles. Nessa altura do ano, na verdade, Billy não precisava olhar os quadros para fazer as conexões; sabia quais eram todos os jogadores de outros times que ele queria e todos os jogadores em sua equipe que não queria. A questão era convencer os outros times a comprar os jogadores do A's por mais do que valiam e a vender seus próprios jogadores por menos do que valiam. Billy tivera tanto sucesso nisso nos últimos anos que agora os outros times estavam menos inclinados a fazer negócios com ele. O Indians ainda não era um deles.

Enquanto esperava o telefonema de Shapiro, Billy se distraía prestando atenção a várias coisas ao mesmo tempo. Na escrivaninha estava o último número da *Harvard Magazine*, com um artigo sobre um professor de estatística de Harvard chamado Carl Morris (o fã de Bill James). O artigo explicava como Morris havia usado a teoria estatística para determinar o número de corridas que um time podia esperar marcar nas diversas situações de uma partida de beisebol. Nenhum eliminado sem ninguém em base: 55. Nenhum eliminado com um corredor na primeira base: 90. E assim por diante, cobrindo as 24 situações possíveis de uma partida. “Sabíamos disso há três anos”, diz Billy, “e Harvard acha que é original.”

Enfia um chumaço de tabaco sob o lábio superior, então volta à tela do computador, que está na página inicial da Amazon. Billy tem na mão uma resenha que arrancou da revista *Time*, sobre um romance chamado *O sonho de Cipião*, de Iain Pears, um suspense com pretensões intelectuais. Ele lê a frase da resenha que o motivou a comprar o livro: “A civilização os fizera homens de conhecimento, mas, para salvá-la, eles precisam deixar seus estudos de lado e se tornar homens de ação.” Enquanto digita no teclado, a televisão acima dele reprisa a jogada do home run da noite anterior sobre Mike Magnante. Os

locutores tentam explicar por que o Oakland Athletics ainda está atrás do Anaheim Angels e do Seattle Mariners na classificação da divisão. “A razão principal para este time estar atrás na Divisão Oeste da Liga Americana”, afirma um locutor, “é porque não conseguem rebatidas nos momentos decisivos, não rebatem com caras em posição de anotar corrida.” Billy larga a resenha do livro, esquece a Amazon e pega o controle remoto da TV. Entre as várias falsas ideias propagadas pelos locutores, essa fixação pela “rebatida decisiva” era talvez a que mais irritava Billy Beane. “É sorte, porra”, ele diz e vai mudando de canal até encontrar *Moneyline*, com Lou Dobbs. De qualquer modo, prefere assistir a programas financeiros a ver partidas de beisebol.

Na véspera do encerramento da janela de trocas, 30 de julho, ele ainda estava atrás de dois jogadores e um deles era o canhoto Ricardo Rincon, do Cleveland Indians. Naquele exato momento, Rincon está a poucos metros dali, no vestiário do time visitante, preparando-se para jogar a segunda partida, da série de três, contra o Athletics. Na noite anterior, ele lançara apenas sete arremessos. O braço, sem dúvida, estava bom. O Indians tinha renunciado a qualquer esperança de vencer nesta temporada, e agora estava ocupado vendendo as peças de sua equipe. “Um arremessador canhoto de alto nível é um luxo que não podemos continuar pagando”, comentou Shapiro, o gerente geral do Indians. Shapiro tem oferecido Rincon pela liga e disse a Billy que havia pelo menos mais um interessado. Billy descobriu — mas não diz como — que o outro interessado é o San Francisco Giants e que a proposta do Giants talvez seja melhor do que a sua. Billy oferece ao Indians apenas um segunda base das ligas menores chamado Marshall MacDougal. MacDougal até que é razoável.

Quem quisesse entender como esse time sem dinheiro continuava aumentando seu número de vitórias faria bem em perceber sua capacidade fenomenal de melhorar no meio da temporada. Desde 1999, o Athletics jogava depois do intervalo do All-Star Game como se fosse outro time, diferente da primeira parte da temporada. No ano anterior, eles foram quase bizarramente melhores: 44-43 antes e 58-17 depois do intervalo. Desde a criação do All-Star Game, em 1933, nenhum outro time ganhara tantos dos 75 jogos finais.¹

O Athletics, comandado por Billy Beane, jogava como se fosse outro time na segunda metade da temporada porque *era* de fato outro time. Quando a primavera cedia lugar ao verão, o mercado permitia que Billy fizesse coisas que não poderia fazer em nenhuma outra época do ano. Os times ruins perdiam as esperanças. Com o fim das esperanças, vinha uma vontade de cortar custos. Com a vontade de cortar custos, vinha o descarte de jogadores. Aumentando a oferta de jogadores, seus preços caíam. Em meados do verão, Billy Beane podia adquirir jogadores que jamais teria conseguido no começo da temporada. Na

metade de junho, seis semanas antes da data limite para trocas, ele entrou no escritório de Paul DePodesta em frente ao dele e disse: “Agora é hora de fechar um negócio Maldito A’s.” Quando lhe perguntaram o que era um “negócio Maldito A’s”, ele respondeu: “Um negócio Maldito A’s é aquele que faz todos os outros do setor dizerem ‘Maldito A’s’.”

Na segunda quinzena de julho — o prazo final de trocas era dia 31 —, as antenas de Billy para detectar bons negócios vibravam. Sair para comprar jogadores logo antes do prazo final era como ir comprar vestidos de grife usados logo depois da entrega do Oscar ou anéis de noivado de segunda mão em Reno. Seu objetivo no início da temporada tinha sido montar um time capaz de se manter na disputa até o fim de junho. Em 1º de julho, a Divisão Oeste da Liga Americana estava assim:

	<i>Vitórias</i>	<i>Derrotas</i>	<i>Desvantagem</i>
Seattle	52	30	—
Anaheim	47	33	4
Oakland	46	36	6
Texas	35	45	16

Tendo mantido o time com uma campanha boa o suficiente para ter esperanças, agora Billy podia comprar o que precisasse para chegar aos playoffs. Quando saía para as compras, tinha em mente cinco regras simples:

1. “Por mais bem-sucedido que você seja, mudar sempre é bom. Nunca pode existir um *status quo*. Quando você não tem dinheiro, não pode se permitir soluções de longo prazo, só de curto prazo. Precisa estar sempre progredindo. Do contrário, você está fodido.”
2. “No dia em que você diz que tem de fazer alguma coisa, você está ferrado. Porque vai fazer um mau negócio. Sempre é possível se recuperar do jogador que você não contratou. Mas pode nunca se recuperar do jogador que contratou ao preço errado.”
3. “Saiba exatamente o quanto cada jogador vale para você. Pode botar uma cifra em dólares nele.”
4. “Saiba exatamente quem você quer e vá atrás dele.” (Não interessa quem eles dizem que querem negociar.)
5. “Todo negócio que você fizer será publicamente examinado pela opinião subjetiva. Se eu sou Lou Gerstner [presidente executivo da IBM], não vou me preocupar se cada decisão minha sobre os funcionários da empresa vai

aparecer na primeira página do caderno de negócios. Nem todo mundo acha que conhece tudo sobre PCs. Mas todo mundo que já pegou em um bastão alguma vez na vida acha que conhece beisebol. Para se sair bem, você precisa ignorar os jornais.”

Billy compensava sua total incapacidade de atender à Regra nº 5 seguindo cegamente as outras quatro. Sua abordagem do mercado de jogadores de beisebol era, por sua própria natureza, assistemática. Assistemática — e, mesmo assim, muito eficaz.

A falta de dinheiro é sempre um problema quando se vai às compras. Ricardo Rincon receberia 508 mil dólares pelo restante da temporada, e era um valor que os donos do Athletics não estariam dispostos a pagar. Para pegar Rincon, Billy precisa não só convencer Shapiro, o gerente geral do Indians, de que a melhor oferta é a sua, mas também precisa descolar a verba para pagar o salário de Rincon. Onde? Se ele pegar Rincon, não vai precisar de Mike Magnante. Mas ninguém mais precisa dele, de modo que é improvável que Billy consiga economizar algum dinheiro aí. Faça o que fizer, o A's terá de arcar com o salário de Magnante. Mas Billy poderia trazer Mike Venafro, o reserva canhoto de baixo custo que acabou de mandar de volta para a Triple-A. Venafro é muito mais novo do que Magnante. Outros times talvez se interessem por ele.

Com isso, Billy tem uma ideia: leiloar Mike Venafro entre os times que estariam disputando Ricardo Rincon com ele.

Ele sabe que o San Francisco Giants está atrás de Rincon. Sabe também que o Giants não tem muita verba para gastar e, se tivesse uma opção mais em conta, talvez ficassem menos inclinados a fazer o esforço por Rincon. “Vamos enfraquecê-los um pouco”, diz ele pegando o telefone para ligar para Brian Sabeen, o gerente geral do Giants. Vai oferecer Venafro ao Giants por quase nada. Numa tacada só, ele levantará o dinheiro necessário para pagar por Rincon (porque não precisará pagar o salário de Venafro) e provavelmente reduzirá também o interesse do concorrente por Rincon, ao ver que agora tem em Venafro uma alternativa.

Brian Sabeen ouve a oferta magnânima de Billy sobre Mike Venafro; ele quer em troca um jogador das ligas menores. Sabeen fala que está interessado. “Sabeen”, diz Billy depois de apresentar sua proposta, “não estou pedindo muito aqui. Pense no caso e me retorne.”

Depois de desligar, telefona para Mark Shapiro, atual dono de Ricardo Rincon, e fala que está com a impressão de que o mercado para Rincon está esfriando. Seja quem for o outro interessado, diz ele, seria melhor que Shapiro conferisse se a proposta está de pé.

Quando desliga, Paul enfia a cabeça pela porta do escritório. “Billy, que tal o Mets para Venafro? Só para ter opções.” Sabeen é o mestre da enrolação. Sempre manifesta um interesse aparentemente sério por um jogador, mas, na hora do vamos ver, fica bem menos sério.

“O Mets pode estar a fim de Rincon”, sugere Billy.

O telefone toca. É Mark Shapiro, retornando a ligação. Conta a Billy que, numa curiosa coincidência, o outro comprador de Rincon acabou de ligar para diminuir a oferta. Billy se inclina para a frente, o tabaco comprimido no lábio superior, como que esperando para ver se uma bola aérea rebatida por um A’s vai passar pela parede. Dá um soco no ar na hora em que chega lá. “Só preciso falar com meu proprietário”, responde. “Obrigado, Mark.”

Billy desliga o telefone.

— Temos um prazo de duas horas para Rincon — diz ele.

Agora tem uma missão: duas horas para conseguir 508 mil dólares de outro time ou conseguir que seu proprietário tope bancar o negócio. Billy pouco se importa que o proprietário, Steve Schott, já tenha dito que não vai gastar esse dinheiro para comprar Rincon. Ele grita para o outro lado do corredor:

— Paul! O que sobrou no contrato de Venafro?

— Duzentos e setenta mil oitocentos e trinta e três dólares.

Ele faz as contas. Caso se desfaça de Venafro, ainda precisará encontrar mais 233 mil dólares para cobrir o salário de Rincon, mas não é nisso que está pensando no momento. Seus proprietários disseram apenas que não iam arcar com 508 mil; não falaram nada sobre 233 mil. Tem duas horas para encontrar alguém que fique com Venafro. O Mets é uma boa ideia. Billy pega o telefone e discar para Steve Phillips, o gerente geral do Mets. Uma secretária atende.

“Denise”, diz Billy, “é Billy Beane, vice-presidente e gerente geral do Oakland Athletics. Denise, quem é o gerente geral mais bonitão do esporte?” Pausa. “Exatamente, Denise! Steve está aí?”

Steve não está, mas alguém chamado Jimmy sim. “Jimmy”, começa Billy. “Tudo bem? Quero te perguntar uma coisa. Vocês estão procurando um reserva canhoto?”

Dá mais um soco no ar. Sim! Comenta com Jimmy sobre Venafro: “Posso fazer bem rapidinho pra vocês”, diz ele. Billy sabe que quer trocar Venafro, mas não sabe quem quer em troca.

Rapidinho quanto?

“Quinze minutos?”

Tudo bem.

“Posso te dar os nomes em quinze minutos”, diz Billy. “É, olha, se eu fosse você, toparia. E não estou te enrolando, Jimmy. Estou sendo honesto.”

Paul percebe o que está acontecendo e sai antes que Billy termine. “Vou achar mais alguns jogadores jovens”, avisa Paul. Precisa descobrir qual jogador do Mets eles querem em troca de Venafro.

Billy desliga. “Paul! Temos quinze minutos para pegar os nomes.” Encontra Paul no escritório já folheando vários livros que listam todos os jogadores do Mets. Senta-se na frente dele, pega um dos livros e, juntos, passam por todo o sistema das divisões de base do Mets, estatística por estatística. É um novo jogo: maximizar o que você pega do sistema de base do Mets em quinze minutos. Parecem dois clientes que tiveram permissão de entrar no Costco antes do horário oficial de abertura e foram informados de que podem levar de graça tudo o que conseguirem botar no carrinho e passar pela porta em quinze minutos. O presidente do A’s, Mike Crowley, passa por ali e ri. “Por que tanta pressa?”, pergunta ele. “Não precisamos de Rincon até a sexta ou a sétima entrada.”

— Que tal Bennett? — pergunta Paul.

— Quantos anos? — quer saber Billy.

— Vinte e seis.

— Porra, 26 e está na Double-A. Esquece.

Billy se detém num nome e ri.

— Virgil Chevalier? Quem é esse?

— E Eckert? — pergunta Paul. — Mas tem 25.

— E esse cara? — comenta Billy, rindo. — Só por causa do nome. *Furbush!*

Qualquer um com mais de 23 anos que seja desejável será desejável de maneira óbvia demais para que o Mets abra mão dele. Estão procurando um jogador que julguem mais promissor do que o Mets julga. Alguém muito jovem. Será alguém que não conhecem, nunca viram e que pesquisaram por apenas trinta segundos.

— Que tal Garcia? — finalmente pergunta Paul.

— Quantos anos ele tem? Vinte e dois?

— Vinte e dois — confirma Paul.

Ele mostra as estatísticas de Garcia a Billy, que diz:

— Garcia está bom. Vou pedir o Garcia. — Levanta-se e volta para seu escritório. — Pô, já sei o que vou fazer — comenta, a caminho. — A gente liga de volta e diz “E queremos dinheiro também!”. Qual é a diferença entre Rincon e Venafro?

Paul digita os números na calculadora: 232.923.

— Vou pedir 233 mil dólares *mais* o jogador — afirma Billy. — Dinheiro não é nada para o Mets.

Ser pobre significa tratar os clubes ricos como um caixa eletrônico: 233 mil dólares é a diferença entre os salários de Venafro e Rincon pelo resto da

temporada. Se ele conseguir que o Mets lhe dê esse valor, nem vai precisar telefonar para seu proprietário. Pode fechar a negociação sozinho.

Billy faz uma pausa antes de pegar o telefone. “Será que ligo para Sabeen antes?”, ele se pergunta. A resposta também é ele mesmo quem dá: não. Quando Billy está ligando para Steve Phillips, Paul reaparece.

— Billy — diz ele —, você também pode pedir Duncan. O que podem dizer? Ele está com ,217 de rebatidas.

— Quem seria melhor para nós, Garcia ou Duncan? — pergunta Billy.

A secretária do Mets atende antes de Paul responder. Billy se reclina na cadeira e sorri. “Denise”, diz ele, “é Billy Beane, vice-presidente e gerente geral do Oakland Athletics. Denise, quem é o gerente geral *mais legal* do esporte?” Pausa. “Acertou de novo, Denise.” A risada da secretária ressoa na outra extremidade do escritório de Billy. “Billy tem o dom de fazer as pessoas gostarem dele”, disse o sujeito que o colocou como gerente geral, Sandy Alderson. “É um dom perigoso de se ter.”

Dessa vez Steve Phillips está e atende à ligação. “Olha, não vou te pedir muito”, diz Billy, muito generoso, como se a coisa toda fosse ideia de Phillips. “Preciso de um jogador e de 233 mil dólares. Nem vou pedir ninguém muito bom. Tenho aqui uns dois nomes que quero ver com você. Garcia, o segunda base, e Duncan, o defensor externo que rebateu ,217 no ano passado.”

Phillips, como os demais gerentes gerais que acabaram de receber um telefonema de Billy Beane, supõe que deve ter alguma coisa ali que não está enxergando. Pergunta por que Billy devolveu Venafró para a Triple-A. Está preocupado com a saúde física de Venafró. E quer saber por que Billy agora também está pedindo dinheiro.

“Venafró está ótimo, Steve”, diz Billy. Voltou a ser vendedor de carros usados. “É só uma situação em que nos metemos. Preciso do dinheiro para... outra coisa que quero fazer depois.”

Phillips diz que ainda quer entender o que há com Venafró. Nas últimas vezes que arremessou, ele foi massacrado. Billy solta um suspiro: está mais difícil transformar Mike Venafró num Met do que imaginava. “Steve, nós dois sabemos que não se julga um arremessador pelas últimas nove entradas que realizou. Art não soube usá-lo. Você devia usá-lo para uma entrada inteira. Ele é bom contra destros também!”

Por alguma razão, o peixe não morde a isca. Naquele instante, Billy entende: o Mets está titubeando sobre ter Venafró porque acha que *eles* vão pegar Rincon. “Olha”, diz Billy. “O negócio é o seguinte, Steve.” Agora não está mais vendendo carros usados. Está organizando um treinamento de evacuação em caso de incêndio numa escola de ensino médio e não vai admitir brincadeiras.

“Vou pegar Rincon. Já está fechado. É. Está *fechado*. O Giants quer Venafro. Falei pra eles que podem ficar com Venafro em troca de um jogador, Luke Robertson.”

— Anderson — sussurra Paul.

“Luke Anderson”, corrige Billy, pegando mais leve. “Gostamos de Anderson. Achamos que vai chegar às grandes ligas. Mas prefiro negociar com você porque Sabeen está sem grana. Você pode levar essa porque tem condições de me dar 233 mil em dinheiro vivo e ele não. Não preciso dos 233 mil em dinheiro vivo. Mas faz diferença para mim que vou negociar com você.” Deixou de ser o instrutor do treinamento de incêndio e se tornou o motivador pessoal. Vamos, você consegue, Steve! Você pode ganhar!

Seja lá a que ponto chegaram na conversa, Billy gosta. “Isso”, diz ele. “Não precisa ser Garcia ou Duncan. Encontro um jogador com você. Se preferir assim.” (*Quero que você, e só você, fique com Venafro.*) “Certo, Steve. Quem me retornar primeiro leva Venafro.” (*Mas, se você demorar, vai se arrepender pelo resto da vida.*)

A secretária de Billy avisa que Peter Gammons, jornalista da ESPN, está na linha. Nas horas imediatamente anteriores ao prazo final das negociações, Billy não atende a nenhuma ligação dos vários repórteres. Ai dela se, por acaso, deixar chegar alguma ligação até ele. Segundo a experiência de Billy, os repórteres, em sua maioria, querem apenas descobrir antes dos outros alguma coisa que logo todos vão ficar sabendo, antes do fechamento da edição. “Todos querem algum furo”, reclama Billy. “Não existem furos. Qualquer coisa que fizermos vai aparecer em todos os jornais amanhã. Nenhum jornal sai em uma hora.”

Mas, quando Peter Gammons liga, é diferente. A diferença com os outros jornalistas é que Gammons pode contar a Billy algo que ele não sabe. “Vamos descobrir algumas informações”, diz ele, atendendo à linha. Gammon pergunta sobre Rincon, e Billy diz, em tom displicente: “É, estou acabando de negociar Rincon”, como se já tivesse fechado negócio, o que é evidente que ainda não aconteceu. Billy sabe que Gammons vai contar aos outros o que está ouvindo. Então vem a troca: Gammons conta a Billy que o Montreal Expos resolveu negociar Cliff Floyd, seu defensor externo com boa potência no bastão, com o Boston Red Sox. Billy promete rapidamente que Gammons será o primeiro a saber o que ele fizer, então desliga e diz: “Merda.”

Cliff Floyd era o outro jogador que Billy estava tentando pegar. Ele costumava afirmar: “Não existe apenas uma temporada.” O que realmente queria dizer era que, ao longo de uma mesma temporada, não havia só um time chamado Oakland Athletics. Havia, para começar, o time que abrisse a temporada e que Billy, em 23 de maio, tinha chutado para fora da cidade. Três oitavos da ordem

inicial de rebatedores e uma tropa de arremessadores. Descartou jogadores pelos quais colocava a mão no fogo dois meses antes, sem nem mesmo se despedir. Jeremy Giambi, por exemplo. Em abril, Jeremy tinha sido a Prova A na palestra de Billy Beane sobre A Forma Nova e Melhor de Pensar a Formação de um Time de Beisebol. Jeremy demonstrava o argumento de Billy de que um desconhecido lento e gorducho podia ser o melhor primeiro rebatedor da liga. A única coisa que agora Billy tinha a dizer sobre Jeremy era que ir ao estádio avisá-lo de que estava despedido foi “como atirar em Old Yeller”, o cão do filme *O meu melhor companheiro*.

Havia uma história menos sentimental sobre Old Yeller, mas que nunca foi contada. Em meados de maio, quando o A's estava sendo varrido em Toronto pelo Blue Jays, Billy começou a se comportar de maneira estranha. Indo para casa à noite, perdia a saída da estrada e só ia se dar conta uns quinze quilômetros depois. Telefonava a qualquer hora da noite para Paul DePodesta e dizia: “Não pense que eu vou aguentar essa merda. Não pense que não vou reagir.” Quando o time voltou a Oakland, Billy sentiu na sede um clima que lhe pareceu meio alegre demais. Disse aos treinadores: “Perder não deveria ter graça nenhuma. Para mim, não tem graça nenhuma. Se eu ficar arrasado, vocês vão ficar arrasados.”

Logo antes da série em Toronto, o time estivera em Boston, onde Jeremy Giambi cometera o erro de ser visto por um jornalista num clube de *striptease*. Vale dizer que Giambi já tinha uma fama e tanto. Antes dos treinos de primavera, fora flagrado com maconha pela polícia de Las Vegas. Treinadores relatavam que Jeremy bebia demais nos voos do time. Quando os relatórios de Boston chegaram a Billy Beane, Jeremy deixou de ser uma máquina de chegar em base e eficiente arma de ataque. Virou um jogador profissional de 27 anos de idade se divertindo demais num time perdedor. Com uma fúria silenciosa, Billy ligou para outros times para ver quem tiraria Jeremy dele. Não importava o que receberia em troca. Mas não era totalmente verdade: em troca, ele precisava de algo para dizer à imprensa. “Trocamos Jeremy por X porque pensamos que X nos ajudará na defesa” ou alguma bobagem assim. O Phillies ofereceu John Mabry. Billy mal sabia quem era Mabry.

A caminho de avisar Jeremy Giambi sobre sua demissão, Billy tentou convencer Paul DePodesta sobre o que estava fazendo. “É a pior decisão de beisebol que já tomei”, disse ele, “mas é a melhor decisão que tomei como gerente geral.” Paul sabia que era besteira e foi o que disse. Durante o caminho todo até a sede, procurou demover Billy e acalmar sua indignação. Tentou explicar ao chefe que ele estava se comportando de maneira irracional. Não estava pensando de maneira lógica. Estava apenas procurando alguém em quem

descontar sua raiva.

Billy não lhe deu ouvidos. Depois de fechar o negócio, falou aos repórteres que trocara Jeremy Giambi pois estava “preocupado porque ele era unidimensional demais” e que John Mabry ajudaria na defesa. Então confiou em Art Howe para manter Mabry fora da escalação. E Art o ignorou algumas vezes. E Mabry se pôs a marcar uma sucessão de home runs e rebatidas que decidiam o jogo a um ritmo que nunca fizera antes, em toda a sua carreira profissional. E o Athletics começou a ganhar. Quando Billy trocou Jeremy Giambi, o A’s estava a 20-25; tinham perdido 14 dos 17 jogos anteriores. Dois meses depois, estavam com 60-46. Todo mundo agora comentava que Billy Beane era um gênio por ter enxergado o talento oculto de John Mabry. Valera a pena atirar no Old Yeller.

Nem a troca de Jeremy Giambi, nem as outras atitudes que Billy tomara tinham as características de um cuidadoso experimento em laboratório. Era mais como se o cientista, tomado por um acesso de fúria porque o experimento meticuloso não vinha mostrando os resultados esperados, irrompesse no laboratório e começasse a quebrar os tubos de ensaio. E isso tornava ainda mais assombroso o que aconteceu a seguir: sentado em seu escritório em julho, poucos meses depois de ter dispensado três oitavos da rotação titular inicial, Billy insistiu que a reorganização não tinha feito a menor diferença. Entre um e outro telefonema a outros gerentes gerais, ele explicou por que o expurgo feito em maio, no qual se livrou de vários jogadores, “provavelmente não tivera nenhum efeito. Estávamos a 21-26 na época. É uma amostragem reduzida. Estaríamos bem se eu não tivesse feito nada”. O máximo que ele admitiu foi que talvez suas ações tivessem resultado num “efeito placebo”. E o mais espantoso de tudo é que Billy quase acredita nisso.

Dois meses depois, ele ainda não queria falar sobre Jeremy Giambi. A única coisa que importava era que o A’s tinha voltado a ganhar. Mas ainda estavam em terceiro lugar na Divisão Oeste da Liga Americana, incrivelmente forte, e a preocupação de Billy era que, neste ano, ser bom não bastaria. “Podemos vencer noventa jogos e fazer uma temporadazinha boa”, disse ele. “Mas às vezes é preciso dizer ‘foda-se’ e apostar alto.”

E assim ele começou a se agitar de um lado para o outro, de forma aparentemente aleatória, ligando para os gerentes gerais, propondo tal ou tal negociação, tentando fechar algum negócio do tipo Maldito A’s. “Fazer um arrastão”: era como ele chamava a atividade. Com suas conversas constantes, Billy podia ficar de olho no conjunto de informações cruciais para seu sucesso nas negociações: o valor que os outros gerentes gerais estavam atribuindo a cada jogador. Não havia diferença entre negociar jogadores e negociar ações e títulos. Um corretor com informações melhores podia acabar com os outros, e Billy

tinha bastante certeza de que suas informações eram melhores. Sem dúvida, tinha informações diferentes. Em apenas dois meses com o A's, por exemplo, Carlos Pena, que antes era o jogador mais cobiçado por Billy Beane nas divisões de base, se tornara um jogador que todos valorizavam mais do que Billy. Ele sabia — ou achava que sabia — que Carlos era supervalorizado. A única pergunta era: quanto podia conseguir por ele?

Usando Carlos como isca, Billy tentou atrair o Pittsburgh Pirates para lhe ceder Brian Giles, seu defensor externo de grande potência. Diante da resistência do Pirates, ofereceu Carlos e Adam Piatt, seu quarto defensor externo, ao Red Sox em troca do defensor externo Trot Nixon, e então enviaria Trot Nixon e Franklyn German, um reserva que era um verdadeiro lança-mísseis da Triple-A do Athletics, para o Pirates em troca de Giles. De novo, nada feito. Então desistiu de Giles e tentou sem sucesso convencer Shapiro, gerente geral do Cleveland Indians, a ceder seu ás Bartolo Colon e seu melhor rebatedor, Jim Thome, em troca de Cory Lidle e Carlos Pena.

Todas essas tentativas estavam muito mais propensas a falhar do que a dar certo, mas Billy pouco se importava! O fracasso não vinha a público, ao passo que o eventual sucesso viria. Jogando seu arrastão no fim de junho, usando Carlos Pena como isca, ele se deparou com uma nova disposição do Detroit Tigers em negociar seu jovem porém oneroso ás, Jeff Weaver. Billy não tinha muito interesse em Jeff Weaver (a 2,4 milhões de dólares ao ano, caro), mas sabia que o Yankees se interessaria, e fazia muito tempo que ele cobiçava o único arremessador titular jovem e barato do Yankees, Ted Lilly (tão bom quanto Weaver, segundo Billy, e pela pechincha de 237 mil dólares). Ele enviou Carlos Pena para o Tigers em troca de Weaver, então repassou Weaver para o Yankees em troca de Lilly e outros dois jogadores dos mais promissores do Yankees. E de alguma maneira ainda conseguiu extrair 600 mil dólares do Tigers na negociação. Quando Brian Cashman, gerente geral do Yankees, lhe perguntou como tinha conseguido aquilo, Billy respondeu que era “minha comissão de corretagem”.

Isso foi em 5 de julho. Billy não terminara — na verdade, estava apenas começando. Fez uma tentativa com Randy Winn, defensor central do Tampa Bay, Devil Rays, e a diretoria do clube, embora estivesse disposta a conversar com Billy, tinha muito medo de negociar com ele. Um ex-executivo do clube diz que, “depois do jeito como Billy pegou [o arremessador titular Cory] Lidle deles, nunca mais vão querer negociar com ele. Morrem de medo”. Billy quase conseguiu pegar Raul Ibanez, defensor externo do Royals, mas aí Ibanez entrou numa fase tão incrível no bastão que o clube resolveu reavaliar seus méritos e concluiu que Billy Beane estava prestes a levá-los na conversa mais uma vez.

(No ano anterior, no prazo final das negociações, Billy não dera nada de muito útil ao Royals em troca de Jermaine Dye, assim como, no ano anterior, dera-lhes quase nada em troca de Johnny Damon.)

Com a saída de Carlos Pena, Billy preparou de novo seu anzol com Cory Lidle de isca. Lidle tinha arremessado mal durante a primeira metade da temporada, mas começava a melhorar. Quando Lidle ia arremessar, Billy torcia para ele como nunca torcera antes — não simplesmente para que Lidle ganhasse, mas para que seu valor aumentasse. Kenny Williams, gerente geral do Chicago White Sox, mostrou interesse. Billy propôs um pacote que lhe renderia em troca o defensor externo de potência do White Sox, Magglio Ordonez. O White Sox recusou, mas uma conversa levou a outra e Billy ficou sabendo que o White Sox estava disposto a se desfazer de Ray Durham, primeiro rebatedor e segunda base All-Star do clube. Para ficar com Durham e o dinheiro para pagar o restante do salário dele em 2002, bastaria que Billy cedesse um arremessador de boa potência da Triple-A chamado Jon Adkins. Nos últimos dezoito meses, Billy havia negociado todos os arremessadores do sistema de base do A's cuja bola rápida fosse superior a 150 quilômetros por hora — exceto Adkins.

Ray Durham, adquirido em 15 de julho, foi um típico negócio Maldito A's. (Logo inspirou um artigo no baseballprospectus.com, o principal site de sabermetria, com o título: “Kenny Williams, fã do A's”.) Ao pegá-lo, Billy ganhou muito mais do que meia temporada de um excelente jogador. Ele seria declarado agente livre Tipo A no fim da temporada. (Agente livre é o atleta com contrato expirado e por isso livre.) Perder um agente livre Tipo A significava receber uma escolha na primeira rodada e uma escolha compensatória no final dela durante o recrutamento. Se Kenny Williams desse o devido valor a essas escolhas no recrutamento, teria ficado com Durham até o fim da temporada e o liberaria depois. Só pelo direito a essas duas escolhas no recrutamento já valeria a pena pagar Durham para jogar meia temporada; e, com certeza, elas valiam mais do que o arremessador das divisões de base que o White Sox adquirira em troca dele.

Essa estratégia de negociação, porém, trazia um novo risco. No final de julho, os proprietários e os jogadores dos times estavam às voltas com a formulação de um novo acordo trabalhista. Os jogadores ameaçavam entrar em greve; os proprietários ameaçavam deixá-los. O Relatório do Painel Especial dera reforço a um movimento, liderado por Bud Selig, dono do Milwaukee Brewers e comissário da MLB, para estipular um teto máximo para os salários dos jogadores e dividir as receitas entre os times. Uma das propostas de Selig — que o sindicato dos jogadores aprovara em caráter experimental — era eliminar a compensação aos times pela perda de agentes livres. Não haveria mais escolhas

no recrutamento. Billy Beane estava apostando que isso não seria aprovado. A única maneira de chegar a um novo acordo trabalhista, segundo ele, seria os jogadores concordarem com algum tipo de restrição nas forças do mercado, fosse com a divisão das receitas entre os clubes, fosse criando algum teto salarial. E, se concordassem, os proprietários sentiriam tanto alívio que dariam aos jogadores o que eles quisessem em qualquer outra questão menor.² “Essa é uma questão menor no quadro geral”, ele dizia. “A história das negociações sindicais mostra que eles nunca vão concordar em todos os mínimos detalhes. Se os proprietários realmente tiverem divisão das receitas, vai ser ‘Prepare-se’. Vai ser ‘Faça o que quiser. Me espanque feito um cachorro’.”³

Então ele se encurvou para ilustrar como ficaria o dono de um time, se fizesse o papel do cachorro.

Cliff Floyd era um repeteco de Ray Durham. Floyd ia se tornar agente livre no fim da temporada e assim, tal como Durham, era um passaporte para mais duas escolhas de primeira rodada no recrutamento. O problema com Floyd, do ponto de vista de um time desprovido querendo adquiri-lo, era o fato de ser o único grande astro ainda disponível no mercado. “O valor dele só vai diminuir até certo ponto”, disse Billy.

No tempo que passou tentando arrebanhar Rincon, Billy perdera Floyd. Ou assim parecia. Agora ele percebe que recebeu uma mensagem de voz. Enquanto falava com Gammons, alguém ligou. Ele acha que pode ser Sabeen ou Phillips, ligando para aliviá-lo dos 270 mil de Venafro. É de dinheiro que Billy precisa e ele bate na teclinha do telefone como se tivesse dinheiro ali dentro. Não tem. “Billy”, diz a voz suave e agradável na gravação. “É Omar Minaya. Ligue pra mim.” Omar Minaya é o gerente geral do Montreal Expos. Omar Minaya controla o destino de Cliff Floyd.

Billy apoia a cabeça nas mãos e diz: “Deixa eu pensar.” Pensa por dez segundos e liga para Omar Minaya. Ouve enquanto Minaya fala o que ele já sabia por intermédio de Peter Gammons: que sua proposta por Cliff Floyd não passa nem perto da do Red Sox. Em troca de um dos melhores rebatedores canhotos do jogo, Billy Beane tinha oferecido um arremessador Double-A que era promissor, mas não exatamente uma posse cobiçada. O surpreendente era que o Red Sox concordara em cobrir o restante do contrato de Floyd, cerca de dois milhões de dólares, e oferecera ao Expos escolher sua contrapartida entre um amplo leque de jogadores das divisões de base e da divisão principal — entre eles seu arremessador Rolando Arrojo e um arremessador sul-coreano chamado Seung-jun Song. Além disso, segundo o agente de Cliff Floyd, de repente o sonho de Floyd é jogar pelo Red Sox (o qual provavelmente lhe pagará ainda mais do que vale no fim do ano, quando se tornar agente livre) e seu desejo

expresso é não jogar pelo Athletics (que cobrará pelas bebidas que Floyd consumir no vestiário). O contrato de Floyd traz uma cláusula que lhe permite vetar uma troca do A's.

Billy escuta as várias razões convincentes pelas quais Omar está prestes a trocar Cliff Floyd para o Red Sox e então pergunta, naquele tom muito educado que se usa para disfarçar a impressão de que acha o outro um idiota: “Você quer mesmo fazer isso, Omar?”

Omar diz que sim.

“Quer dizer, você realmente *gosta* desses caras que está pegando do Red Sox?”

Omar, um pouco menos seguro, diz que gosta.

“Você gosta do Arrojo tanto assim, então?” Embute no nome de Arrojo um tom interrogativo. Arrojo? O gerente geral do Toronto Blue Jays, J.P. Ricciardi, dizia que presenciar uma negociação de Billy era “como assistir ao Lobo Mau conversando com a Chapeuzinho Vermelho”.

Omar leva vinte segundos inteiros justificando seu interesse em Rolando Arrojo.

“E quem é esse outro cara?”, pergunta Billy. “Esse arremessador *coreano*. Como é mesmo o nome dele? Song Song?”

Omar sabe pronunciar o nome direito.

“Tá, tudo bem”, responde Billy. Mais uma mudança no tom. Agora é um transeunte inocente e bem-intencionado, que se detém para oferecer ajuda na beira da estrada. “Se você vai mandar Floyd para Boston”, diz ele, “por que não o manda por meu intermédio?”

E agora Billy Beane tenta fazer o que fez tantas vezes no passado: entrar no meio de uma negociação que não lhe diz respeito.

“Omar”, diz ele. “Você está com a faca e o queijo na mão. Agora é só esperar que o mercado venha até você.”

E então explica: Omar pode ficar com o dinheiro e os jogadores do Red Sox e *mais* outro jogador das divisões de base do A's. Qualquer um que queira, dentro do razoável. Basta ceder Cliff Floyd por alguns minutos a Billy Beane e deixá-lo negociar com o Red Sox. Explica, sem entrar em muitos detalhes, que Omar não está conseguindo por Cliff Floyd tudo o que poderia obter do Red Sox.

O Red Sox estava naquela sua indigna fissura habitual de chegar aos play-offs. O clube se colocara mentalmente numa posição em que não podia *não* pegar Cliff Floyd. Era um dos vários times tolos que achavam que um único jogador resolveria todos os seus problemas. Cliff Floyd era a solução. Cliff Floyd era a aquisição que arrancaria elogios dos jornais de Boston ao clube. Cliff Floyd traria falsas esperanças ao Fenway Park. Cliff Floyd, em suma, era um jogador

que o Red Sox simplesmente precisava comprar, mesmo acima do preço. E, se Omar Minaya não tinha estômago para arrancar até o último naco de carne que o Red Sox estava disposto a ceder em troca de Floyd, Billy faria isso por ele. E depois daria a Omar os jogadores que ele iria pegar de qualquer maneira, *mais* um jogador das divisões de base do A's.

Billy Beane nunca teve grandes esperanças de chegar a Cliff Floyd. Para Floyd se tornar um A's, o Montreal Expos teria de concordar em pagar o restante de seu salário de 2002. No presente momento, o Expos é uma empresa oficialmente falida, pertencente e operada pela MLB. Por Bud Selig. Não há a mais remota hipótese de que Bud Selig pague um astro para jogar por um time lutando por um lugar nos play-offs. Billy sem dúvida sabia disso; o que estava fazendo, naquele tempo todo, era se introduzir nas conversas sobre Cliff Floyd. Todos os outros naquela conversa tinham dinheiro. Ele só tinha cara de pau.

Omar agora fica curioso. Quer saber como seria esse novo acordo. Billy explica: você me dá Floyd e te entrego Arrojo e Song Song — ou seja lá qual for o nome dele — e mais um. Alguém das divisões de base do A's.

Omar ainda não entende direito: como ele vai fazer isso? Billy explica que vai usar Floyd para conseguir Arrojo, Song Song e umas outras coisinhas a mais do Red Sox. Não é preciso dizer que ele ficará com essas coisinhas a mais.

Agora Omar entende. Diz que parece complicado.

“Tá bom, Omar”, diz Billy. “Vamos fazer o seguinte. Você liga para eles e diz que quer mais um jogador além de Arrojo e Song Song. O nome dele é Youkilis.”

Euclis.

O deus grego das andadas.

Youkilis, escolha de oitava rodada no ano anterior. Youkilis, o primeiro jogador universitário a aparecer no computador de Paul DePodesta e ignorado pelo departamento de olheiros do Athletics. Youkilis, o sujeito que, não fossem os últimos resquícios da velha sabedoria no departamento de olheiros de Billy, teria sido escolhido pelo A's na terceira rodada do recrutamento de 2001. Youkilis era o Jeremy Brown do recrutamento de 2001. Estava arrasando na Double-A e se encaminhando rapidamente para as grandes ligas. Jogava como se quisesse quebrar o recorde mundial de andadas e cansar o braço dos arremessadores do time adversário.

Desde o momento em que começou a falar com Omar Minaya sobre Cliff Floyd, Billy Beane estava atrás de Youkilis.

Omar não faz ideia de quem seja Youkilis. “Kevin Youkilis”, diz Billy, como se isso ajudasse. “Omar, ele não é ninguém. É só um terceira base gordo da Double-A.” Um terceira base gordo da Double-A que é o *deus grego das*

andadas. Que por acaso veio a adquirir alguma potência no bastão no ano passado. Sim: o deus grego das andadas agora estava rebatendo mais alguns home runs. O que, claro, é o verdadeiro destino do deus grego das andadas.

Omar não entende como pode conseguir Youkilis do Red Sox, pois o clube já disse que aquela era sua melhor oferta. “Não, Omar”, retruca Billy. “Você faz o seguinte. Se eu te orientar nisso, Omar, você fecha essa porra de negócio. Confie em mim, Omar. Ele [o agente de Floyd] quer que Floyd vá para o Red Sox. Sabe por quê? Porque o Red Sox pode pagar. Você não vai pedir Youkilis. Só vai chegar e dizer que Youkilis está no trato. Só liga para eles e diz que, sem Youkilis, nada feito. E aí desliga. Te garanto que em dois minutos te ligam de volta e dão Youkilis. Afinal, quem é *Youkilis*?”

Ele pronuncia o nome de um jeito que nunca fez antes, como se alguém com interesse nesse tal *Youkilis* merecesse apenas desprezo. “*Youkilis* por Cliff Floyd?”, diz ele. “É ridículo. Claro que vão topar. O bosta do Larry Lucchino [presidente do Red Sox] não sabe quem é essa porra de *Youkilis*. Como vão explicar que não pegaram Cliff Floyd porque não cederam *Youkilis*?”

Os times menores têm uma vantagem em relação aos times ricos: a imunidade à ridicularização pública. Billy pode não se importar com a imprensa de Oakland, mas ela é de fato muito mansa em comparação à imprensa de Boston, e é certo que não exerce nenhum efeito na conduta de Billy, exceto enfurecê-lo uma ou duas vezes por semana. Os torcedores do A’s também eram apáticos em comparação aos torcedores no Fenway Park e no estádio do Yankees. Ele poderia tranquilamente ignorar a gritaria.

Omar não se convence. Acha talvez que Billy Beane queira melar seu acordo.

“Omar, a única coisa que estou tentando fazer é dar a você um jogador meu de graça. E, se eles não toparem, que prejuízo você vai ter? Ainda poderá fechar o negócio.”

Omar diz que está preocupado em perder o acordo. Está com Bud Selig de olho nele. Omar, graças a Bud Selig, está violando a Regra de Negociação nº 2 de Billy Beane: “No dia em que você diz que tem de fazer alguma coisa, você está ferrado. Porque então vai fazer um mau negócio.”

“Omar”, continua Billy, “se eles pensam que vão ficar com Floyd, Kevin Youkilis não vai ser obstáculo.” Billy Beane ajuda Omar a imaginar as manchetes em Boston. **NOVOS DONOS DO RED SOX PERDEM CAMPEONATO PARA MANTER JOGADOR GORDO DE LIGA MENOR.**

Agora Omar entende; agora Omar quase acredita. Mas também fica curioso: quem é esse tal *Youkilis* em quem Billy tanto insiste? Talvez *Youkilis* deva estar não no Athletics, mas no Expos.

“*Youkilis*?”, retruca Billy, como se só tivesse ouvido falar dele muito por alto

e tivesse se esquecido do nome. “Ah, sim, um gorducho da Double-A. Olhe seus relatórios. É um ‘não’ para você. É um ‘talvez’ para mim. De nosso ponto de vista, é apenas um cara de que a gente gosta porque chega em base.”

(Como somos bobos!)

Agora Omar quer complicar ainda mais as coisas.

“Omar, Omar”, diz Billy, “a questão é que eu acho que você consegue pegá-lo no acordo e, se pegar, lhe dou algo em troca de nada.”

Billy desliga. “Ele vai ligar para Boston, mas não creio que vá pressioná-los”, diz.

Mike Crowley, presidente do A’s, põe a cabeça pela porta do escritório. “Steve está no telefone.” No caso, é Steve Schott, o proprietário do A’s.

Billy continua pensando em Youkilis. Imagina — e bastante corretamente, como se verá mais tarde — as próximas palavras que vai ouvir do Red Sox. Claro que vão saber que foi ele, e não Omar, que veio com essa história de Youkilis. Vão saber, pois foi ele, e ninguém mais, que já tentou antes pegar Youkilis deles. E também vão saber, porque Theo Epstein, o assistente do gerente geral do Red Sox, conversa com Billy sempre que pode. Epstein, de 28 anos, formado em Yale, sabe faz algum tempo que gostaria de ser o gerente geral de um time das grandes ligas e, quando o for, sabe que tipo de gerente geral gostaria de ser. O Red Sox não vai demorar a se unir a Billy Beane em sua cruzada em defesa dos gordos que não sofrem eliminações. Billy sabe de tudo isso, mas ainda pensa que o Red Sox vai entregar Youkilis. O que ele não sabe é que Theo Epstein agora tem novos poderes — o novo proprietário do clube, John Henry, lhe dá ouvidos em todas as questões — e tem usado esses poderes para transformar Kevin Youkilis no garoto-propaganda do sistema de base do Boston Red Sox. (“Três meses antes”, diria Epstein mais tarde, “Billy teria conseguido.”)

“Billy, Steve ainda está esperando!”, exclama Mike Crowley. O dono, outra vez. Billy olha em volta como se tivesse esquecido alguma coisa; perdeu tempo demais com Youkilis. Precisa levantar alguns fundos. Volta ao telefone e liga uma última vez para Steve Phillips, o gerente geral do Mets. “Steve, é o seguinte. Não quero Rincon arremessando contra a gente hoje à noite.” Ouve por alguns instantes, e não é algo que o deixe muito alegre. Ao desligar, diz: “Ele não tem dinheiro. O pouco que tem ele precisa para contratar Kazmir.” (Kazmir é o arremessador do ensino médio — agora o arremessador do ensino médio que não assinará contrato a não ser que pague mais — recrutado pelo Mets quase dois meses antes.)

O Mets não tem dinheiro sobrando. Isso também é novidade. O mercado de jogadores de beisebol, tal como o mercado de títulos e ações, está sempre

mudando. Para negociar bem, é preciso saber se adaptar.

Cada minuto que passa é um minuto que Brian Sabeen — ou até Steve Phillips! — tem para convencer Mark Shapiro a recuar na promessa de duas horas que fizera a Billy. Billy grita para Mike Crowley: “Diga a Schott que, se não conseguirmos trocar Venafro, vou vender Rincon pelo dobro do preço no próximo ano. Não. Diga a ele que vou tentar fechar um negócio. Se não der certo, cubro o prejuízo. Mas fico com tudo o que ultrapassar o dobro do que economizarmos.”

Mike Crowley não sabe o que fazer. Seu gerente geral, que ganha *400 mil dólares* por ano, está avisando ao proprietário que vai fazer um investimento num jogador e ficará com o lucro ou o prejuízo do negócio. Por esse caminho, Billy Beane podia fazer fortuna, simplesmente negociando jogadores com a habilidade que tem demonstrado. Não obtém resposta alguma do dono, e Billy entende que está liberado para fazer o que quiser com Rincon. (Mais tarde, e após o fato consumado, os proprietários de fato lhe darão autoridade para fechar o negócio.) Ele concede mais quinze minutos ao Mets e ao Giants. Por fim, decide. Vai correr o risco. Pega o telefone e liga para Mark Shapiro, para adquirir Rincon.

Com o telefone na mão, de maneira quase displicente, Billy diz a Paul DePodesta, agora sentado no sofá do escritório de Billy:

— Você quer descer e dispensar Magnante?

— Se *eu* quero? — pergunta Paul. Olha para a esquerda e para a direita, como se Billy estivesse falando com outra pessoa, alguém com vontade de dizer a um arremessador reserva de 37 anos que para ele acabou. Ao olhar para a esquerda, vê pela janela do escritório o estádio a poucos metros de distância. O problema não era que faltavam apenas quatro dias para Mags completar os dez anos nas grandes ligas. Ele receberia sua pensão. Era que, muito provavelmente, seria seu fim nas grandes ligas.

— Alguém precisa avisá-lo — diz Billy. Agora, de repente, fica clara a diferença entre negociar ações e títulos e negociar seres humanos. Gera constrangimento. Billy nunca deixa que isso afete o que ele faz. Consegue pensar nos jogadores como peças num jogo de xadrez. É por isso que os negocia tão bem.

— Ligue para Art — diz Paul. — É função dele.

Billy começa a discar para Art, então lembra que ainda não fechou realmente o negócio, se interrompe e liga para Mark Shapiro em Cleveland. São seis e meia da tarde. O jogo contra o Indians começa em 35 minutos.

— Mike Magnante acaba de fazer seu último arremesso nas grandes ligas — diz Paul.

— Desculpe a demora, Mark — responde Billy ao telefone.

— Sem problema. Mas já que demorou mesmo, não quer esperar até o fim do jogo para ficar com Rincon?

— Não, o queremos agora. Queremos tê-lo no nosso banco de reservas hoje à noite.

— Pra que tanta pressa?

— Resumindo, Magnante nos custou o jogo na noite passada e Rincon ficou com a vitória.

— Tudo bem. Nada de mais. Fechamos agora mesmo.

— Você está tranquilo quanto à saúde física de Ricardo, não é?

— Estou, sim.

— Vamos ter de liberar um cara antes do jogo — diz Billy. — Para acelerar as coisas, quer ligar para Joel? — É Joel Skinner, o técnico do Indians. O pânico toma conta do rosto de Billy. — Merda. McDougal. Ele está sentindo um pouco a perna. Sabe disso, não é? — McDougal é o jogador que Billy vai ceder na troca. McDougal também anda dando umas escapadas durante os treinos. Tem passado à equipe de treinadores das divisões de base do A's a impressão de que não se empenha muito no jogo. Mas essas coisas o Indians vai ter de descobrir por conta própria.

— Sem problema. Estou sabendo da lesão.

Billy desliga e disca o número de Art Howe. O técnico acaba de voltar a seu escritório ao lado do vestiário.

— Art, Billy falando. Tenho duas notícias, uma boa e uma má.

Art solta uma risadinha nervosa.

— Certo.

— A boa notícia é que você ganhou Rincon.

— Ganhei?

— A má é que você vai ter que dispensar Magnante.

Silêncio do outro lado da linha.

— Certo — diz Art, por fim.

— E antes do jogo.

— Certo.

— Sei que não é a melhor forma de se livrar de alguém, mas conseguimos um bom arremessador.

— Certo.

Billy desliga e se vira para Paul:

— Podemos licenciar Magnante? — É uma maneira melhor de dispensar um jogador, pois permite que algum outro clube o queira e arque com seu salário no lugar do A's. Quando você disponibiliza um cara para licenciamento, explica

Billy, “você o coloca no purgatório do beisebol. Mas ele não consegue sair de lá apenas rezando”.

Então faz várias ligações rápidas. Liga para Steve Vucinich, gerente de equipamentos do A’s. “Voos, precisamos nos livrar de Mags até a hora do jogo. É. Você tem 25 minutos para tirá-lo de lá.” Liga para Steve Phillips, do Mets. “Steve, peguei o cara que eu queria. Rincon.” (Para você, é Venafro ou nada.) Liga para Brian Sabean, do Giants. “Brian. Oi, Brian. Oi, é Billy. Acabei de fechar negócio para ficar com Rincon.” (Então não fique pensando que vai me fazer esperar.) Liga para Peter Gammons, conta o que fez e diz que não fará mais nada.

Então fala com Jim Young, relações-públicas do A’s, que concorda que ele deva soltar um comunicado à imprensa antes da partida. Também diz a Billy que deveria ficar disponível para a mídia.

— Tenho de ir falar com eles? — pergunta Billy. Já falou com todos os que queria falar.

— Tem.

Depois da última ligação, seu telefone toca. Ele olha o identificador de chamadas e vê que é do vestiário do time visitante. Atende.

“Ah, oi, Ricardo.” É Ricardo Rincon, mexicano, que normalmente dá suas entrevistas usando um intérprete.

“Ricardo, sei que você pode ficar um pouco surpreso”, diz Billy. Ele muda um pouco a sintaxe da frase, procurando expressões mexicanas e acaba falando de uma maneira que julga compreensível para Ricardo. “Mas estamos tentando conseguir você faz muito tempo. Você vai adorar o pessoal do time. Todos são muito legais.”

Ricardo tenta deixar claro para ele que deve fazer o que acabam de lhe dizer: tirar seu uniforme do Cleveland Indians, juntar seus pertences pessoais, atravessar o corredor até os vestiários do Athletics e pôr um uniforme do A’s. Não sabe bem se é isso mesmo.

“Isso mesmo, isso mesmo!”, diz Billy. “Não sei se você vai arremessar hoje à noite. Mas hoje à noite você está em *nosso* time.”

Ricardo comenta algo que significa: Ah, meu Deus, pode ser que eu tenha mesmo de arremessar hoje à noite?

“Sim, sim. Quem sabe você dá umas no Jim Thome!” *Quem sabe você dá umas no Jim Thome...* Billy está se transformando rapidinho num imigrante mexicano.

“Temos um uniforme e tudo pronto para você.” *E tudo.* Já chega de sentimentalismo por uma noite. Billy tenta encaminhar a conversa para um final que não seja demasiado artificial. “De onde você é, Ricardo?”

Ricardo responde que é de Veracruz, no México.

“Bom, Veracruz fica mais perto daqui do que de Cleveland. Você está mais perto de casa!”

Billy encerra a conversa, desliga e diz: “Tem sido uma viagem mais longa do que Ricardo esperava.” Billy está com um ar absolutamente exausto. O tabaco no lábio superior acabou e ele está com a boca seca. Faz um gargarejo com a água da garrafa em cima da mesa e cospe. “Tenho que malhar”, diz ele.

Naquele momento, Mike Magnante estava tirando seu uniforme do Athletics e Ricardo Rincon, seu uniforme do Indians. Mags saiu depressa do vestiário do A’s; voltaria para pegar suas coisas mais tarde, quando não houvesse ninguém por ali. Sua esposa tinha levado as crianças para assistir ao jogo, e por isso ele não podia simplesmente ir embora. Magnante assistiu ao jogo com sua família até a sexta entrada, e então partiu para não precisar responder às perguntas da mídia. Não tinha nenhuma vontade de chamar ainda mais a atenção para sua situação. Quando jovem, provavelmente não ficaria calado. Com certeza ficaria remoendo a situação. Mas já não era mais jovem, e fazia tempo que se instalara nele um certo torpor. Pensava sobre si tal como o mercado pensava sobre ele, um ativo que se comprava e se vendia. Fazia muito tempo que esquecera como devia se sentir.

O importante era que Mags havia saído do vestiário antes que Billy passasse por lá para trocar a roupa de ginástica. Mas, quando Billy ia entrando, topou com Ricardo Rincon saindo, com roupa normal. Ricardo continuava confuso. Tinham-lhe dito que iria para o San Francisco Giants ou talvez para o Los Angeles Dodgers. Nunca imaginara que poderia ser um A’s. E ainda não entende bem as consequências do ocorrido. O único arremessador canhoto reserva do Athletics vai procurar um lugar na arquibancada para assistir à partida. Billy o leva de volta para o vestiário, onde a equipe de assistentes acabou de imprimir RINCON nas costas de uma camiseta do A’s. “Agora você está em nosso time”, diz Billy.

Ricardo Rincon voltou ao vestiário de seu novo clube, pôs seu novo uniforme, se sentou e assistiu ao jogo inteiro pela televisão. “Eu não estava pronto”, disse ele. “Não conseguia me concentrar.” No entanto, seu braço esquerdo estava em ótima forma.

1 Tom Ruane, um pesquisador associado à Retrosheet, a qual se desenvolvera a partir do Projeto Folha de Registros de Bill James, apresenta o seguinte cálculo: o único time desde 1961 com uma campanha melhor na segunda metade da temporada durante um período de quatro anos do que o Oakland Athletics em 1999-2002 foi o Atlanta Braves em 1991-94, e nenhum time melhorou tanto a partir do meio da temporada por um período maior do que quatro anos.

2 Talvez se pense que os jogadores queiram acabar com a obrigatoriedade dos times ricos, ao assinarem com agentes livres, de compensarem os times pobres pela perda de seus jogadores. O costume era uma taxa sobre a contratação como autônomos. Mas o costume também concedia ao sindicato dos jogadores poder de veto a qualquer mudança que os proprietários eventualmente quisessem fazer no recrutamento de amadores, e os jogadores valorizavam isso ainda mais.

3 Ele tinha razão quanto às escolhas de recrutamento.

Capítulo dez

ANATOMIA DE UM ARREMESSADOR SUBESTIMADO

DEPOIS QUE BILLY adquiriu Ricardo Rincon e Ray Durham, o time foi de bom a ótimo. A única equipe dos últimos cinquenta anos com uma campanha melhor do que a do A's de 2002 na segunda metade da temporada era o A's de 2001, e mesmo assim apenas por uma vitória. Na noite de 4 de setembro, a tabela de classificação da Divisão Oeste da Liga Americana era, com a exceção do Texas Rangers, o inverso do que fora seis semanas antes.

	<i>Vitórias</i>	<i>Derrotas</i>	<i>Desvantagem</i>
Oakland	87	51	—
Anaheim	83	54	3 1/2
Seattle	81	57	6
Texas	62	75	24 1/2

O Anaheim Angels era o segundo time em melhor fase do beisebol. Tinha vencido treze dos últimos dezenove jogos, e mesmo assim perdera terreno na disputa pela divisão. E isso porque o Athletics ganhara *todos* os seus dezenove jogos anteriores — e empatara com o recorde de vitórias consecutivas da Liga Americana. Na noite de 4 de setembro de 2002, diante de um público de 55.528 espectadores, o maior da história para assistir a um jogo da temporada regular do Athletics, o time tentaria fazer o que nenhum outro havia feito nos 102 anos de história da liga: ganhar o vigésimo jogo seguido. No topo da sétima entrada, com 11-5 no placar contra o Kansas City Royals, com Tim Hudson ainda arremessando, a partida parecia praticamente terminada.

Então, de repente, Hudson se vê numa encrenca. Depois de duas eliminações rápidas, ele cede uma rebatida simples a Mike Sweeney e outra rebatida, esta mais forte, a Raul Ibanez. Art Hower sai do banco de reservas e dá uma olhada na área de aquecimento.

O que havia na área de aquecimento do A's parecia variar de uma noite para a outra. Nesta noite, na ponta menos importante do banco estava Mike Venafro — um cara baixo, canhoto, desconfiado, de mecânica de arremesso lateral, que Billy tentara e não conseguira passar para a frente — e dois rapazes recém-chegados da Triple-A: Jeff Tam e Micah Bowie. Na ponta mais importante do banco estavam um arremessador de bolas de curva reversa, que tinha pé torto e problemas no joelho; um mexicano canhoto baixo e de ombros largos que falava tão pouco inglês que chamava todo mundo no time de “Poppy”; e um lançamísseis tempestuoso com controle instável dos arremessos e de si mesmo. Eram Jim Mecir, Ricardo Rincon, Billy Koch. Mas em todo o banco, segundo a visão da diretoria do Athletics, o mais importante para o sucesso do time era um batista de temperamento calmo, cuja mecânica de arremesso não encontrava paralelo em nenhum outro arremessador das ligas principais: Chad Bradford. Billy instruiu Art Howe a usar Bradford sempre que o jogo estivesse num momento crítico. Na maioria das vezes, quando Bradford entrava em campo, o jogo estava apertado e os corredores estavam em base. Nesta noite, o jogo não está apertado; nesta noite, é a história que chama Chad Bradford do banco para o campo.

Art Howe tira a mão direita de dentro de sua jaqueta e move os dedos com a mão baixa, como um jogador de boliche. Captando a deixa, Bradford sai da área de aquecimento e se dirige para o campo. Antes de chegar lá, puxa a aba do boné sobre o rosto e fixa os olhos no chão, um metro adiante. Mede 1,96 metro, mas tem a passada curta. Na verdade, ele parece fazer uma espécie de truque de desaparecimento: na hora em que pisa furtivamente na linha do campo, já afastou por completo o interesse do público por ele. Se você não soubesse quem ele era ou o que estava fazendo, ia pensar que estava fugindo e não entrando em campo.

O beisebol alimenta a excentricidade, e os bancos de arremessadores das grandes ligas têm sua boa dose de figuras estranhas deliberadamente vistosas. Chad Bradford era o contrário. Não escovava os dentes entre as entradas, como Turk Wendell, nem tinha surtos de raiva no monte, como Al Hrabosky. Não pisava duro, encarando e saltando de maneira teatral pelas linhas de campo. Sua mãe, lá no Mississippi, costumava se lamentar do comportamento do filho nos jogos. Mais especificamente, lamentava que ele nunca fizesse nada para mostrar como era bonito e charmoso. Por exemplo, nunca deixava que as câmeras de TV gravassem seu sorriso cativante, mesmo quando estava sentado no banco depois de uma aparição bem-sucedida. Chad nunca sorria porque morria de vergonha da ideia de que as câmeras de TV o pegassem sorrindo — ou, aliás, fazendo qualquer coisa.

Nada disso contribui para sua política de passar despercebido. Estando no montinho, nada do que fizer poderá escondê-lo do público ou das câmeras. Ganha seu pão na única plataforma elevada de um campo de beisebol, e de uma maneira que faz lembrar um número de circo. Alguma hora tem de lançar seus arremessos de aquecimento, e então os torcedores que nunca o viram arremessar ficam embasbacados e apontam para ele. Nos trailers fora do estádio, os produtores de TV editam e montam a fita necessária aos locutores para explicar essa excentricidade. Quando precisa encurtar seu movimento de arremesso, ele não estica o braço para trás, como outros arremessadores. Dobra-se ao meio, na altura da cintura, como alguém dançando *jitterbug* buscando o parceiro. Ele abaixa a mão de arremesso na direção do rebatedor e quase até o chão. A dois centímetros do solo, lá onde a terra encontra a grama do campo interno, ele rola e solta a bola com a ponta dos dedos. Quando esse movimento passa em replay em câmera lenta, como acontece muitas vezes, mais parece que está jogando dados ou dando comida aos pombos do que arremessando. Os locutores costumam chamá-lo de arremessador de movimento lateral, mas faz quase quatro anos que não é mais assim. Hoje, no jargão do beisebol, ele é um “submarino”, que é o modo beisebolístico de conferir uma aura de virilidade ao cara que lança com a mão abaixo da linha dos ombros.

A verdade é que não existe um bom termo para descrever o movimento de arremesso de Chad Bradford; “a mão abaixo da linha dos ombros” é insuficiente para transmitir o teor da coisa. Neste ano, é a primeira vez em sua carreira que Chad, na hora de arremessar, roça o chão com as juntas dos dedos. Uma vez, durante o aquecimento, sua mão bateu e voltou do chão com tanta força que a bola ricocheteou por cima da cabeça de Vernon Wells, defensor externo do Blue Jays, que estava na dele no círculo de espera e ficou perplexo. A ESPN havia reprisado a cena incansavelmente. Agora o medo de Chad é que isso aconteça de novo, durante uma partida, e que as câmeras de TV filmem e todo mundo volte a prestar atenção nele.

O estranho em Chad Bradford é que a coisa que ele mais quer na vida é ser normal. E normal é o que ele não é. Não se trata apenas de arremessar de um jeito engraçado. Essa sua veia idiossincrática atinge o cerne de sua personalidade. Na época do ensino médio, Chad tinha uma pedrinha branca brilhante que levava sempre consigo para o montinho. Ele tinha visto a pedra num dia em que arremessava. Naquele dia, estava arremessando excepcionalmente bem e nunca vira no montinho uma pedra como aquela. Atribuiu parte de seu sucesso à presença daquela pedra branca brilhante. Quando terminou os arremessos, pegou-a e a levou para casa. Nos três anos seguintes, nunca se arriscou a subir no montinho do arremessador sem sua pedra de

estimação. Tirava-a do bolso e colocava-a no montinho, tão discretamente que nunca ninguém percebeu.

Quando chegou às grandes ligas, Chad já havia renunciado à sua pedra da sorte, mas não à mentalidade que a acompanhava. Ele tinha a sanidade obstinada dos ligeiramente doidos. Arremessador das grandes ligas querendo evitar atenções, Chad Bradford aprendeu a disfarçar suas superstições sob a forma de rotinas. Há coisas que ele sempre faz — lançar sempre o mesmo número de arremessos no aquecimento, exatamente na mesma ordem, ou dizer à esposa para sair do estádio no momento em que ele entrar em jogo. Há coisas que ele nunca faz — como tocar no saquinho de breu.

Seus dois desejos — ter sucesso e passar despercebido — vêm se tornando cada vez mais incompatíveis. As estatísticas de Chad Bradford em 2002, para a diretoria do A's, indicam que ele é não só o melhor arremessador do clube, mas um dos arremessadores substitutos mais eficientes de todo o beisebol. O Athletics lhe paga 237 mil dólares ao ano, mas seu desempenho justifica um valor muitas vezes maior. A certa altura, a diretoria do A's diz que, se Bradford simplesmente continuar a fazer o que tem feito, um dia estará diante de uma proposta de vários anos de contrato a 3 milhões anuais ou mais. O espantoso não é apenas que o A's o tenha a custo tão baixo, mas que simplesmente o tenha no time. O espantoso é que, até o momento em que o A's o pegou por quase nada, ninguém das grandes ligas tivesse prestado qualquer atenção a Chad Bradford.

Pelo menos nesse aspecto, Chad Bradford se assemelhava a muitos arremessadores do Athletics. O clube tinha a melhor escalação titular na Liga Americana; no entanto, entre todos os seus arremessadores, apenas Mark Mulder, um dos três titulares brilhantes do time, não havia despertado sérias dúvidas no espírito dos olheiros do beisebol em algum momento de sua carreira. O segundo ás do time, Tim Hudson, era um arremessador destro baixo que não conseguira ser recrutado em 1996, depois de seu terceiro ano de faculdade, e que em 1997 fora recrutado apenas na sexta rodada. O terceiro ás do time, Barry Zito, fora desdenhado tanto pelo Texas Rangers — que o escolheu na terceira rodada do recrutamento de 1998, mas não aceitou lhe pagar os 50 mil dólares exigidos para contratá-lo — quanto pelo San Diego Padres, para o qual Zito fizera um teste particular e onde queria ardorosamente jogar. O Padres dissera a Zito que seu arremesso não tinha força suficiente para levá-lo às grandes ligas. O Athletics tinha outra opinião e o selecionou na nona escolha do recrutamento de 1999. Três anos depois, um alto executivo daquele mesmo San Diego Padres iria dizer que o A's tinha tantas vitórias com tão pouco dinheiro porque “Billy teve sorte com aqueles arremessadores”.

E teve mesmo. Mas, se uma explicação é aquilo que acalma a mente, a mente

que se detinha na “sorte”, ao tentar explicar o recente sucesso do A’s no arremesso, estava à beira da narcolepsia. As limitações impostas pelas circunstâncias haviam obrigado Billy Beane a adotar um modelo mental diferente do Arremessador de Grandes Ligas. Para Billy, os arremessadores não tinham nada a ver com carros esportivos de alto desempenho nem com cavalos puros-sangues de corrida ou qualquer outra metáfora que se referisse a uma sofisticada superioridade intrínseca. Eram mais parecidos com escritores. Como os escritores, os arremessadores davam início à ação e estabeleciam o tom do jogo. Dispunham das mais variadas maneiras de criar seus efeitos e precisavam ser julgados por eles, e não pela aparência externa ou pela técnica. Dar valor especial apenas à velocidade era como privilegiar um grande vocabulário só por ele mesmo. Dizer que todos os arremessadores deveriam arremessar como Nolan Ryan era tão absurdo como insistir que todos os escritores deveriam escrever como John Updike. Bons arremessadores eram aqueles que conseguiam eliminações; como faziam isso não vinha ao caso.

Arremessadores eram como escritores também em outro aspecto: sua produção era mais difícil de prever do que deveria. Um fenômeno de 22 anos de idade, com grande controle nos arremessos, acorda um dia de manhã num estado mental tão precário que começa a lançar suas bolas por cima da cabeça do receptor. Grandes promessas se apagam, talentos latentes se tornam astros. Um jogador medíocre de trinta anos desenvolve um novo arremesso e se torna um ás da noite para o dia. Existem arremessadores cujas estatísticas nas grandes ligas são muito melhores do que nas ligas menores. Como *aquilo* aconteceu? Era uma coisa estranha, isso de conseguir eliminações. Era uma ação física, claro, mas também, em parte, uma ação da imaginação. Tim Hudson desenvolveu nas ligas menores um novo arremesso, um change-up devastador, e agora parece diferente daquele arremessador que o Athletics recrutou na sexta rodada. Entre os primeiros e os últimos anos da faculdade, Barry Zito refina o lançamento de sua bola curva a tal ponto que, no momento em que o arremesso sai de sua mão, ela não se distingue de sua desinteressante bola rápida. Os ajustes que levam ao sucesso no arremesso são ações tanto mentais quanto físicas.

Entre todos os magos da eliminação no elenco de arremessadores do A’s, o menos ortodoxo é Chad Bradford. Ele chegou às grandes ligas não pela força do braço, mas sim pela qualidade de sua imaginação. Ninguém percebe isso no momento, porque ninguém realmente sabe ou se interessa em saber quem ele é. Vindo a conhecê-lo um pouco, porém, é possível ver como a imaginação de um arremessador é capaz de criar artifícios poderosos. Mas, para isso, é preciso recuar um pouco, para antes da época em que Chad Bradford se transformou no indivíduo que agora dá um espetáculo diante de 55.528 torcedores no Coliseum,

o estádio de Oakland.

* * *

CHAD BRADFORD ERA o filho caçula de uma família de classe média baixa numa cidadezinha do Mississippi chamada Byram, perto de Jackson, uma cidade um pouco maior. “Caipira” é como ele se define. Pouco antes de Chad fazer dois anos, seu pai sofreu um derrame que o deixou paralisado e por pouco não o matou. Os médicos lhe disseram que ele nunca mais voltaria a andar. O pai insistiu que não era verdade. No leito, olhou para cima, o rosto impassível, e anunciou sua intenção de trabalhar e criar os três filhos. Por um ato de determinação, que ele também considerava como um ato de Deus, foi o que fez. No sétimo aniversário de Chad, o pai não só conseguia andar, mas também, de algum jeito, jogar bola com o filho. Nunca mais conseguiu erguer o braço acima do ombro, e por isso não conseguia arremessar direito. Mas conseguia erguer uma luva para receber uma bola. E depois que apanhava a bola de Chad, devolvia-a, lançando abaixo da linha dos ombros. Esse estranho movimento de arremesso ficou gravado na cabeça do garoto.

Jogar bola com o pai era uma das coisas que mais alegravam Chad. Seu pai não tinha nenhuma ambição especial para ele, a não ser a de que fosse feliz, continuasse um bom cristão e que sua felicidade e seu cristianismo transcorressem dentro das fronteiras do Mississippi. Os Bradford não conheciam nenhum jogador profissional de beisebol. Não conheciam ninguém que conhecesse um jogador profissional de beisebol. Mas duas vezes os professores de Chad mandaram que ele escrevesse uma redação autobiográfica, e em ambas ele escolheu o beisebol profissional como tema. Aos oito anos, escreveu “O que quero ser quando crescer”:

Se eu fosse adulto
Seria jogador de beisebol
E jogaria no Dodgers.
Espero jogar também no Cardinals.
Espero jogar também no Orioles
E em todos os times eu
Jogaria *shotestop*.

“*Shotestop*” era a grafia fonética de *shortstop* (interbases) em Byram, no Mississippi. Cinco anos depois, quando Chad estava com treze, seu professor pediu que os alunos escrevessem uma redação com a história da vida deles, imaginando-se mais velhos e olhando para o passado. Nessa projeção retrospectiva, Chad Bradford se viu casado logo depois de se formar, pai de um casal e jogador das grandes ligas, mas não como interbases, e sim como arremessador. Não imaginava nenhum outro futuro para si mesmo, e assim foi uma sorte que esse se tornasse exatamente seu futuro. Logo depois de concluir o ensino médio, aos dezoito anos, ele se casou com sua namorada, Jenny Lack, que logo lhe deu um filho e depois uma filha. Entre os dois nascimentos, aos 23 anos, Chad Bradford fez sua estreia nas ligas principais com o Chicago White Sox. O poder da imaginação pode nascer daquilo que ela se recusa a prever.

Entre a oitava série e as grandes ligas só havia um obstáculo: Chad não era nada bom. Sua ambição era uma fantasia. Praticamente todos os jogadores de beisebol que chegam às grandes ligas eram faz-tudo do esporte no ensino médio; praticamente todos os arremessadores das grandes ligas dominavam os rebatedores no ensino médio. No segundo ano do colegial, aos quinze anos, Chad Bradford tinha sorte até mesmo de conseguir entrar no time. Não jogava nenhum outro esporte além do beisebol e não mostrava nenhuma habilidade atlética em particular. A Central Hinds Academy em Byram, Mississippi, formara centenas de jogadores de beisebol mais promissores do que Chad Bradford e nunca nenhum deles sequer chegara ao esporte profissional. Todo mundo a quem Chad contava que planejava se tornar arremessador profissional olhava para ele com o mesmo ar perplexo e embasbacado que, mais tarde, sua presença no montinho de uma grande liga iria despertar. Então ele parou de contar seus planos para os outros.

Uma das pessoas a quem não contou foi seu treinador de beisebol do ensino médio, Bill “Moose” Perry. Chad, como todos os seus conhecidos, era batista. Além de seu treinador, Moose era também seu pastor. Na prática, essa mescla curiosa de papéis significava que, quando Moose sentia necessidade de dar uns tapas para incutir bom senso em algum de seus jogadores, tinha certeza de que o fazia com a mão de Deus. Moose olhava para Chad Bradford, com quinze anos, e via um jogador que precisava de uns sopapos. Para Moose, Chad Bradford era apenas um menino bobo e preguiçoso que viera para o time de beisebol não porque tivesse qualquer aptidão ou interesse no esporte, mas porque queria ficar junto dos amigos aptos ou interessados. “A única coisa que se salvava em Chad era ele ser bom aluno”, disse Moose, anos depois, procurando algo simpático para contar. “E, do jeito que eram as coisas naquela escola, se os alunos mostrassem qualquer habilidade em *qualquer coisa*, devíamos encorajá-los. Mas

o lado promissor de Chad era apenas que ele queria estar ali. E só. É horrível dizer isso, mas é verdade.”

Chad disse ao treinador que queria arremessar, mas Moose não via como ele conseguiria. “Podia ser no máximo o tipo de cara que arremessa em jogos sem nenhuma relevância”, disse Moose, “mas eu não o colocaria em nenhum jogo importante. A bola curva dele não fazia nada, a não ser girar. Não arremessava forte. A bola rápida dele parecia estar ali de bandeja para o rebatedor.”

Moose tinha outras funções, além de treinar e pregar aos jogadores de beisebol do ensino médio. Uma delas era ser o pastor da categoria Double-A do New York Mets em Jackson, Mississippi. Nessa função, alguns anos antes, pregou a Billy Beane, que compareceu a um culto (Billy, católico não praticante, diz que só foi para se garantir.) Na temporada anterior ao segundo ano de Chad Bradford, Moose pregou para um arremessador de um time visitante que lançava de lado. Depois do culto, Moose lhe perguntou como conseguia os efeitos que dava em suas bolas, e o arremessador lhe fez uma demonstração. Numa tarde de inverno, antes do começo da temporada, quando o campo de beisebol da Central Hinds Academy estava inundado e o time não podia treinar como devia, Moose pegou Chad, levou-o até o campo de futebol americano e disse que tentasse aquilo que o jogador das ligas menores lhe mostrara. Chad abaixou o braço ainda mais do que a altura de um lançamento lateral comum, uns sessenta graus e sua bola rápida ganhou vida. Ainda não sabia arremessar nada que não fosse uma bola rápida, mas agora ela rabeava para o lado dos rebatedores destros e se afastava dos canhotos. Chad sempre conseguia lançar a bola dentro da zona de strike. Agora, graças a seu técnico e pastor, conseguia lançar a bola dentro da zona de strike de um jeito que não agradava aos rebatedores.

De repente, num estalar de dedos, Moose tinha um arremessador que podia usar, pelo menos em teoria. Na prática, Chad ainda era, nas palavras de Moose, “bobo”. Para deixá-lo menos bobo, para endurecê-lo, Moose insistia que Chad xingasse a cada vez que lançava um arremesso. Quem andasse pelo campo de beisebol da Central Hinds Academy, no começo dos anos 1990, veria um varapau desengonçado, ainda criando pelos na cara, lançando arremessos laterais para seu pastor e exclamando “Merda!” a cada arremesso.

O movimento lateral no arremesso não vinha com naturalidade para Chad. Todas as noites, ele saía do treino, ia para a acolhedora casinha de tijolos da família e jogava com o pai, que continuava incapaz de erguer o braço direito parcialmente paralisado acima do ombro e, assim, devolvia a bola arremessando abaixo da linha do ombro. O pai de Chad lembrava-se de quando o filho chegou em casa com seu novo lançamento lateral — e o novo movimento em sua bola. “Eu não conseguia pegar!”, contou ele. “Era *zupt*. *Zupt*. Acabava comigo. Então

logo falei: ‘Ops, acabou a brincadeira.’”

Chad voltou sua atenção para o lado da casa. O espaço entre as moitas de azevinho em frente tinha mais ou menos a largura do home plate. Então passou a treinar sua nova mecânica de arremesso, lançando a bola contra a parede sem bater nos arbustos. Quebrou algumas janelas. O pai falou que ia construir um montinho de arremessador para Chad. (“Meu pai sabe construir qualquer coisa.”) O pai puxou uma tela de alambrado, prendendo num poste de cerca de dez centímetros por dez centímetros, pregou um tapete por cima e desenhou uma zona de strike nele. Afastou-se quase vinte metros e, com o barro do Mississippi, esculpiu um montinho do arremessador. Todos os dias, depois do treino, Chad arremessava dali. Anos depois, quando estava nas ligas menores, ia para sua casa em Byram, entre as temporadas, e arremessava no montinho que o pai construía para ele.

Chad ainda não se sentia à vontade naquele movimento, mas, quanto mais praticava, mais se adaptava e, vendo o estrago que sua nova técnica causava, resolveu não se preocupar com o desconforto pessoal. “Eu via os rebatedores meio que recuando quando me enfrentavam e pensei: ‘Puxa, vai funcionar.’” Mesmo assim, nunca foi um All-Star. Ninguém imaginava que ele seria nada além de um bom arremessador do ensino médio. Depois de se formar, Chad era o único que ainda achava que poderia jogar beisebol. “Não fui recrutado por nenhuma universidade da Divisão I”, ele confessou e então riu. “E também não fui recrutado por nenhuma universidade da Divisão II.” Então foi conversar com o treinador da Faculdade Comunitária de Hinds, alguns quilômetros adiante. O treinador de lá disse que talvez precisasse de mais um arremessador e, assim, lá foi ele, só parando para sua cerimônia de casamento, celebrada por Moose.

Em todos os níveis do beisebol, inclusive na Liga Infantil, Chad Bradford poderia chegar de forma sensata à conclusão de que sua carreira no esporte seria trabalhosa demais para valer a pena. Ele não sabia explicar: simplesmente adorava jogar beisebol. “Gostaria de poder responder de onde vem esse amor pelo jogo”, disse ele, “mas não sei.” Arremessou bem nos primeiros anos da faculdade, mas não muito, e ninguém achava que ele tinha futuro no esporte. Ou, melhor dizendo, ninguém além de Warren Hughes, um olheiro do Chicago White Sox. Hughes era uma figura estranha, um australiano que arremessara na equipe nacional da Austrália antes de receber uma bolsa de beisebol na Universidade do Alabama do Sul. Quando Hughes viu Chad arremessar pela primeira vez, havia apenas começado a trabalhar no White Sox como olheiro e ainda não fora dissuadido de observar jogadores que não se encaixavam nos moldes do beisebol profissional. “Não se viam muitos caras que arremessavam daquele ângulo com ar tão natural”, disse Hughes. “Me intrigava que ele tivesse controle tão grande

dos arremessos com aquela abertura de braço.” Eram três horas e meia de estrada entre a casa de Hughes em Mobile, no Alabama, e a Faculdade Comunitária de Hinds, mas Hughes fazia a viagem com frequência.

No começo, Chad nem sabia que estava sendo observado. Ficou surpreso quando, no fim da temporada de 1994, recebeu um telegrama do Chicago White Sox, avisando que o clube o recrutara na 34ª rodada. Não pensavam em lhe oferecer um contrato, dizia o telegrama, mas controlavam seus direitos para o ano seguinte. Pensavam em ficar de olho nele. No ano seguinte, Warren Hughes, que, na verdade, nunca falou muito com Chad, continuou aparecendo em seus jogos. “Com arremessadores que lançam daquele jeito é preciso ver várias vezes para apreciar”, explicou Hughes. “Quanto mais eu via Chad, mais apreciava.”

Hughes disse a Chad que o White Sox não tinha dinheiro para contratá-lo em 1995 e que ele devia continuar com os estudos. Naquele ano, Chad não foi recrutado por ninguém — nenhum outro time das grandes ligas nem sequer notara sua existência — e foi para a Universidade do Sul do Mississippi. Lá, continuou a arremessar, diante de uma plateia de olheiros das grandes ligas composta por um só espectador. O sul do país estava cheio de olheiros de beisebol, mas nenhum deles tinha o mais remoto interesse em Chad Bradford. Nenhum outro olheiro do White Sox foi ver Chad — apenas aquele australiano estranho. No ano seguinte, 1996, Warren Hughes remeteu para Chicago as fitas de vídeo que gravara com os arremessos de Chad, pretendendo persuadir o White Sox a recrutá-lo. Mas, antes de se dar a esse trabalho, ele telefonou para Chad para confirmar se estaria disposto a assinar um contrato.

— Chad — disse ele. — Quantos outros olheiros foram falar com você?

— Nenhum.

— Bom, Chad — continuou Hughes. — Então parece que é isso. Parece que sou sua chance.

Hughes disse a Chad que, se ele concordasse previamente em assinar, o White Sox o recrutaria de novo, numa rodada mais baixa, mas desta vez ofereceria um contrato de 12.500 dólares. Mesmo então, Chad sentia que o White Sox não o levava a sério — que, para eles, era apenas um cara para preencher o time de uma liga secundária. A única prova que ele tinha quanto ao interesse do clube era aquele australiano solitário, que, por alguma razão, continuava aparecendo na zona rural do Mississippi. Chad não sabia que decisão tomar: terminar a faculdade ou virar arremessador de uma divisão de base do White Sox. Ele fez o que sempre fazia quando não sabia o que decidir: ligou para Moose e lhe perguntou o que devia fazer.

— Chad, até que ponto você quer jogar beisebol profissional? — perguntou Moose, mais como pastor do que como treinador.

— É o que eu sempre sonhei.

— Então você é um bobo se não aceitar o dinheiro deles.

Chad passou sua primeira temporada inteira nas divisões de base na High-A. As coisas não correram bem. No beisebol universitário de segunda linha, a velocidade de 138 quilômetros por hora de sua bola rápida parecia bastante respeitável. Ali parecia levemente ridícula. Ele tinha esposa e filho, e era inevitável pensar se não havia cometido um erro em deixar a faculdade. Já tinham gastado o bônus do contrato. Estava recebendo mil dólares por mês nas divisões de base. Entre as temporadas, trabalhava com uma empilhadeira removendo trailers. “No intervalo entre as temporadas, olho meus números”, contou, “e penso: é isso mesmo que eu devia estar fazendo?” Quando Chad apareceu nos treinos de primavera para a temporada de 1998, o White Sox lhe fez a mesma pergunta. Os treinadores de arremesso informaram que ele fora oficialmente classificado como “Marginal”. “Eles disseram: ‘Se você fizer uma boa temporada, pode ficar. Senão, está fora.’”

Seu objetivo no começo da temporada de 1998 era apenas manter o emprego. Algum tempo depois, naquela mesma primavera, várias pessoas notaram que sua abordagem era outra. Tinha mudado sua mecânica de arremesso e atacava o rebatedor por um ângulo ainda mais baixo. Na faculdade, sem perceber, passara dos sessenta graus para os noventa, indo de uma mecânica de arremesso de três quartos para um movimento totalmente lateral. Era nesse ponto que estava no final de sua decepcionante primeira temporada nas ligas menores. Agora, pela primeira vez na carreira, seu ponto de lançamento se encontrava bem abaixo da cintura. Porém, antes de assistir a uma fita com imagens de si mesmo, Chad não percebera que havia ocorrido qualquer mudança. Ele nunca percebia: seu desenvolvimento, até se tornar um arremessador que parecia pertencer a um jogo lento de softball, foi inconsciente. Sentindo-se cair, recuara cegamente, procurando algo para segurar; aquele movimento curioso foi o primeiro objeto sólido que encontrou. “Moose me levou do zero aos sessenta graus”, disse ele. “Mas, sinceramente, não sei como abaixei mais. Não faço ideia do que aconteceu. Não sei explicar.” A única coisa que sabia era que, quando arremessava ainda mais de baixo, a bola adquiria um movimento novo que desconcertava os rebatedores durante os treinos de primavera das ligas menores, e continuou a desconcertar na Double-A.

No fim de junho, o White Sox promoveu Chad da Double-A para seu time da Triple-A em Calgary. Quando chegou lá, ele descobriu o motivo: o campo de seu novo lar ficava no alto dos contrafortes das Montanhas Rochosas em seu trecho no Canadá, o vento soprando forte. O lugar era o próprio inferno para a carreira dos arremessadores: o cara que ele fora substituir havia simplesmente largado

tudo e ido embora. No primeiro jogo após sua chegada, o titular de seu time cederia seis corridas nos dois terços iniciais de uma entrada. O primeiro reserva entrou e cedeu mais sete corridas sem conseguir nenhuma eliminação. Bolas aéreas que seriam normais disparavam pelo ar rarefeito da montanha, saindo de campo por todos os lados. Ainda no topo da primeira entrada, com o time já perdendo por 13-0, o técnico do Calgary apontou para Chad. “Quando eu via que era o próximo”, lembrou Chad, “ficava pensando: ‘que raios estou fazendo aqui?’” Entrou em jogo e encontrou a resposta à sua espera. Quando saiu de campo, duas horas depois, era o topo da oitava entrada, o placar em 14-12. Ele tinha jogado durante seis entradas e um terço e cederia uma única corrida. O arremessador que o substituiu rapidamente cedeu mais cinco corridas e o placar final ficou em 19-12.

Um arremessador obscuro da Double-A, de lançamento fraco, que nunca jogara mais de duas entradas numa partida nas ligas menores, havia arremessado durante impiedosas seis entradas e um terço no que era o campo provavelmente mais difícil de toda a Triple-A. Por mais estupendo que tenha sido seu desempenho, o que foi de fato curioso foi a maneira como ele fez isso: abaixando ainda mais a mão. Como de hábito, Chad só percebeu depois o que havia acontecido. Talvez fosse o ar rarefeito, talvez a pressão, mas alguma força invisível ou alguma lembrança distante atraía seu braço para o solo. Pela primeira vez na vida, estava atacando os rebatedores abaixo da linha do ombro. Ele só conhecia mais uma pessoa que lançava assim.

Quando lhe perguntavam como explicava seu sucesso miraculoso, a única coisa que Chad dizia era que “o Bom Deus tinha um plano para mim”. O plano do Bom Deus, pelo visto, era ilustrar os ensinamentos de Charles Darwin para os jogadores de beisebol. A cada vez que era levado a um ambiente novo e mais exigente, Chad Bradford se adaptava inconscientemente, embora não da forma que o White Sox ou ele mesmo esperavam. Quando fora observado por Warren Hughes, sua bola rápida atingia cerca de 140 quilômetros por hora. Hughes vendera Chad a seus patrões no White Sox como um jogador que ficaria mais forte e um dia iria arremessar de forma lateral, com bom controle, a 145 quilômetros por hora ou mais. Chad adorava a ideia de que algum dia conseguiria arremessar com a força da maioria dos outros — a ideia de que seria normal. Em vez disso, Chad veio a arremessar abaixo da linha do ombro a uma velocidade entre 130 e 135 quilômetros por hora.

Abaixar o ponto do lançamento tinha vários efeitos, mas o mais evidente era reduzir a distância entre sua mão, quando a bola saía, e a luva do receptor. Sua bola rápida de 135 quilômetros por hora levava o mesmo tempo de uma bola rápida mais convencional a 151 quilômetros por hora para chegar à zona de

strike. Lançada por baixo, sua bola rasteira subia antes de cair, como um saque de tênis com um malicioso efeito topspin. O mesmo ocorria com seu slider, que seguia direto para o olho de um rebatedor destro antes de descer e se desviar bruscamente para longe dele. Mesmo os rebatedores que já o haviam enfrentado antes tinham de controlar o impulso de recuar e achavam quase impossível acertar o bastão sob seus arremessos para levantá-los no ar da montanha. Começavam a rebater uma bola subindo e terminavam numa bola descendo. Geralmente, o máximo que conseguiam fazer com qualquer arremesso de Chad era rebater a bola para o chão. As Montanhas Rochosas canadenses podiam ser terríveis para a maioria dos arremessadores, mas pareciam talhadas sob medida para os arremessos de Chad Bradford. Por mais rarefeito que fosse o ar, por mais forte que fosse a brisa constante, era impossível rebater uma bola rasteira por cima do muro.

Guiado por alguma combinação de instinto de sobrevivência e impossibilidade de imaginar qualquer outro papel em sua vida terrena que não fosse Arremessador das Grandes Ligas, Chad Bradford dominou os rebatedores da Triple-A, mesmo quando quase todos os demais arremessadores do time de Calgary tentavam sem sucesso. Num campo construído para rebatidas fortes, ele arremessou 51 entradas com uma média de corridas cedidas de 1,94 e entregou apenas três home runs. Era normal que os rebatedores reclamassem de como se sentiam pouco à vontade contra ele, como era difícil lê-lo, como ele era *enganoso*. Isso era engraçado. Fora do monte do arremessador, Chad não era capaz de enganar ninguém sobre coisa alguma. Era o que era. Caipira. De vez em quando, até podia tentar se safar de alguma tarefa em casa — por exemplo, não arrumar a garagem, tendo dito à esposa que o faria. Mas simplesmente não conseguia. “Quase escapo, mas aí volto e faço”, disse ele. “Detesto me sentir culpado.” No monte do arremessador, não sentia culpa alguma. No instante em que esfregava o pé na borracha, tornava-se um ilusionista impiedoso, um mágico sinistro. Serrava mocinhas ao meio, tirava coelhos da cartola.

Ele imaginava de maneira um tanto vaga que, se continuasse eliminando rebatedores, a diretoria do White Sox não teria outra escolha senão convocá-lo para o time principal. Estava certo. Um dia, jogando à toa com um cara mais velho das ligas menores, foi chamado ao escritório do técnico em Calgary. Sua nova tarefa: pegar o primeiro avião para Dallas. Estaria no time principal do White Sox para a próxima série contra o Texas Rangers. Voltou para o campo e continuou a brincar com a bola. O jogador mais velho com quem estava jogando, um arremessador chamado Larry Casian que ia se aposentar no fim do ano, perguntou o que o técnico queria; Chad contou. Casian então perguntou que raios ele estava fazendo ali, brincando de bola num campo da Triple-A, quando

devia estar num avião para as grandes ligas. Chad respondeu que não sabia, e continuou arremessando. “Acho que estava em choque”, disse ele. Oito anos depois que seu pastor e treinador lhe mostrara um truque para evitar o constrangimento de ser cortado da equipe do ensino médio, ele tinha a chance de praticá-lo nas grandes ligas.

Colocaram-no para o segundo jogo da série de três no estádio The Ballpark em Arlington. Chad sentiu-se deslocado, fora de seu ambiente natural. “Você pensa: como vou fazer isso? Pensa que é um jogo totalmente diferente daquele que jogou a vida toda.” Chad eliminou em sequência os sete primeiros rebatedores que enfrentou. Nos dois últimos meses da temporada, ele arremessou trinta entradas e dois terços como reserva do White Sox e terminou com uma média de corridas cedidas de 3,23. A certa altura, tinha feito doze aparições consecutivas sem ceder nenhuma corrida. Numa temporada que ficou famosa pela quantidade de home runs rebatidos, nenhum deles foi a partir de um arremesso de Chad Bradford.

Depois da temporada, ele voltou a Byram, como sempre fazia e continuaria a fazer. Pela primeira vez, embora não soubesse a razão, não foi praticar no montinho que seu pai havia construído e reconstruído para ele. Abaixar o braço e arremessar de lado foram os responsáveis pelo encerramento do jogo de arremesso entre pai e filho. Sua chegada às grandes ligas cortou esse último laço de dependência. Não pensou a respeito; deixar para trás o velho montinho era simplesmente o que devia fazer em seguida. Quando ele apareceu para os treinos na primavera de 1999, pensou: *Ótimo. Estou nas grandes ligas.*

Não estava. O White Sox não confiava no sucesso de Chad Bradford. A diretoria do clube não confiava em suas estatísticas. Não se dispondo a confiar em suas estatísticas, o clube recaiu nas avaliações mais subjetivas. Chad não tinha o porte das grandes ligas. Chad não tinha a atitude das grandes ligas. O sucesso dele parecia ser meio por acaso. Usava truques os quais certamente os rebatedores das grandes ligas descobririam. O White Sox não falou nada disso na cara de Chad, claro. Nos treinos de primavera de 1999, o gerente geral do White Sox, um ex-arremessador das grandes ligas chamado Ron Schueler, disse a Chad que seus arremessos não se moviam mais como antes. Estava devolvendo Chad à Triple-A. Chad não teve coragem de dizer o que pensou, mas mesmo assim pensou: *Minha bola não se move? Mas tudo o que ela tem é movimento!* Quando voltou à Triple-A, um treinador lhe garantiu que sua bola continuava a se mover como sempre e que o gerente geral apenas precisava de uma desculpa para não lhe dizer a verdade: a diretoria do White Sox o via como um “cara da Triple-A”.

O Bom Deus até podia ter um plano para Chad Bradford, mas, pelo visto, até

mesmo Ele devia respeitar os mistérios da vida que se ocultam por trás das portas de um vestiário das grandes ligas. Nos dois anos seguintes, Chad ficou basicamente como arremessador nas ligas menores, com alguns breves saltos, em geral bem-sucedidos, para o time principal. Por dois anos, ele simplesmente dominou os rebatedores da Triple-A, enquanto via arremessadores com estatísticas bem mais fracas que as suas sendo promovidos antes dele. “Eu via caras da Double-A indo para o time principal. Percebi que eu era um estepe em caso de necessidade. Caso alguém se contundisse. Caso alguém fosse negociado. Por melhor que eu me saísse, não seria convocado.” Conversou com a esposa sobre sair do White Sox e ir arremessar no Japão, onde pagariam bem. Descobriu que a única maneira de se levantar de manhã e ir para o campo era lembrar a si mesmo de que não estava arremessando apenas para o White Sox. “No meio da temporada de 1999, eu estava arremessando para os outros clubes das grandes ligas que pudessem estar observando”, disse ele. “Ficava ali, na esperança de ter alguém observando.”

E tinha.

O grupo de pessoas que Chad Bradford não conhecia, mas que mesmo assim o julgavam digno de suas atenções, havia triplicado. Quando era amador, apenas um olheiro das grandes ligas se interessara por ele. Como profissional, tinha mais dois admiradores à distância. Um era Paul DePodesta, que simplesmente não acreditava que o White Sox estava retendo aquela força mortífera na Triple-A e comentara com Billy como seria bom se ele conseguisse de alguma maneira convencer o Chicago White Sox a transformar Chad Bradford num A’s. O outro era um paralegal entediado de Chicago, chamado Voros McCracken. Procurando alguma maneira de se esquivar de qualquer tarefa que supostamente deveria executar no escritório de advocacia onde detestava trabalhar, Voros McCracken escolhera o beisebol dos fantasy games. Ele não sabia disso, mas logo conseguiria explicar por que o Chicago White Sox tinha tanta dificuldade em enxergar o verdadeiro valor de Chad Bradford, ao contrário do Oakland Athletics.

Voros estava pensando em recrutar Chad Bradford para seu time de fantasy game. Mas, antes disso, ele queria entender melhor o funcionamento dos arremessos nas grandes ligas. Mais especificamente, como se sabia se um arremessador prestava ou não.

Voros jogara beisebol quando garoto, e houve uma época em que seu interesse se tornou de fato uma obsessão. Seu interesse tornou-se intelectual em 1986, aos catorze anos, quando teve em mãos o *Abstract* mais recente de Bill James. Ficou estupefato com o que encontrou ali. “Em suma, tudo o que você sabe sobre beisebol aos catorze anos de idade é o que os locutores comentam”, disse Voros.

“E ali estava aquele cara me dizendo que pelo menos 80% do que os locutores de beisebol falavam era pura besteira, e explicou o motivo de maneira muito convincente.” O interesse de Voros pelo esporte diminuiu no fim da adolescência e aos seus vinte e poucos anos, mas, quando se reacendeu, na forma das fantasy leagues na internet, foi com o espírito de Bill James.

A internet, claro, ajudava na busca de novos conhecimentos em beisebol. Uma das coisas boas da internet era juntar pessoas de diversos lugares com um interesse em comum. Pipocavam grupos de discussão e sites como baseballprimer e baseballprospectus, criados por rapazes que, quando meninos, tinham ficado fascinados pelos escritos de Bill James. Num dos grupos de discussão, que frequentava para discutir o que fazer com seu time de fantasy game, Voros viu alguém dizendo que, por mais que se pesquisasse, ninguém seria capaz de distinguir entre arremesso e defesa. Ou seja, ninguém conseguiria criar boas estatísticas de defesa nem, portanto, boas estatísticas de arremesso. Se você não sabe como creditar o defensor pelo que acontece depois que uma bola é posta em jogo, por extensão não saberá como debitar o arremessador. E, assim, nunca vai poder dizer com real certeza até que ponto tal ou tal arremessador é bom. Aliás, nem defensor nenhum.

“Quando li aquilo, pensei: ‘Que atitude idiota. Não dá para fazer *alguma coisa*?’ Para mim, não fazia sentido que a maneira de abordar o problema fosse desistir dele”, contou Voros. Ele tentou pensar logicamente a respeito. Fez uma separação entre as estatísticas de um arremessador que podiam ser afetadas pela defesa atrás dele (rebatidas válidas e corridas cedidas) e as estatísticas controladas apenas pelo arremessador (andadas, eliminações por strikes e home runs). Então classificou todos os arremessadores das grandes ligas por essa segunda categoria. Ao compilar as estatísticas da temporada de 1999, ele terminou com uma lista encabeçada por cinco nomes: Randy Johnson, Kevin Brown, Pedro Martinez, Greg Maddux e Mike Mussina. “Olhei aquela lista e disse: ‘Puxa, são mesmo os cinco melhores arremessadores do beisebol.’” Então indagou: se sua abordagem seletiva de observar apenas andadas, strikeouts e home runs identificava os cinco melhores arremessadores do esporte, qual podia ser a importância das outras coisas?

Acontece que 1999 foi, em teoria, um ano “ruim” para Greg Maddux. Sua média de corridas cedidas havia aumentado de 2,22 em 1998 para 3,57 em 1999, basicamente porque ele tinha cedido 57 rebatidas válidas a mais em 32 entradas a menos. Várias vezes durante a temporada, o próprio Maddux comentou sua surpresa com o número de rebatidas que estava cedendo de graça; mas, claro, ninguém prestou atenção. O que Voros notou foi que a quantidade de rebatidas válidas cedidas por Maddux por bola colocada em jogo estava muito acima do

usual — na verdade, estava entre as mais altas nas grandes ligas. Acontece que, no mesmo ano, um colega de equipe de Maddux, o arremessador Kevin Millwood, foi um dos que menos cederam rebatidas válidas por bola colocada em jogo. Ainda mais estranho, as estatísticas de ambos no ano seguinte se inverteram. Millwood teve uma das correlações mais altas de rebatidas válidas / bolas em jogo e Maddux, uma das mais baixas. Não fazia sentido.

Voros fez outra pergunta a si mesmo: existe *alguma* correlação nas estatísticas de um arremessador entre um ano e outro? Havia. O número de andadas e home runs que o arremessador cedia e o número de eliminações por strikes que conseguia, se não eram previsíveis, eram ao menos compreensíveis. Um cara que eliminava vários rebatedores por strikes num ano tendia a eliminar vários rebatedores por strikes no ano seguinte. O mesmo se aplicava a quem cedia vários home runs. Mas, quando se tratava do número de rebatidas válidas cedidas por um arremessador por bola colocada em jogo, não havia absolutamente nenhuma correlação.

Foi então que ocorreu a Voros McCracken uma ideia radical:

E se, depois que uma bola é posta em jogo, o arremessador não tiver nenhum controle sobre se ela vai resultar numa rebatida válida?

Evidentemente, alguns arremessadores entregam menos rebatidas válidas do que outros, mas isso podia ser porque alguns arremessadores conseguem mais eliminações por strikes do que outros e, portanto, fazem com que seja menor o número de bolas colocadas em jogo. Supunha-se, de modo geral, que um grande arremessador, como Randy Johnson ou Greg Maddux, induzia os rebatedores a rebaterem de forma que fosse menos provável que ela fosse válida. O problema com essa hipótese geral era que não batia com os livros de registros. Em certos anos, Maddux e Johnson ficavam entre os piores do beisebol nesse quesito.

Se Voros McCracken estivesse certo, o que até então fora atribuído à habilidade do arremessador resultava, na verdade, da defesa, do estádio ou do acaso. Mas os exemplos de Greg Maddux e Kevin Millwood sugeriam que a defesa e o estádio podiam ser de importância secundária. Lançavam diante do mesmo grupo de defensores e, normalmente, nos mesmos estádios. Isso levou Voros a uma segunda ideia radical:

E se o que até agora era tido como responsabilidade do arremessador for

apenas sorte?

Durante 150 anos, os arremessadores foram avaliados, em parte, por sua habilidade de impedir rebatidas válidas depois que a bola é posta em jogo. Um arremessador que lançasse um grande número de bolas que virassem rebatidas válidas depois de postas em jogo cedia um maior número de corridas e perdia mais jogos do que os outros. Era tido em menor conta do que um arremessador cujas bolas postas em jogo eram apanhadas pelos defensores. Um rapaz que logo ficaria desempregado e voltaria a morar com os pais em Phoenix, no Arizona, discordava. Estava chegando à conclusão de que a capacidade de impedir rebatidas válidas, uma vez que a bola era posta em jogo, escapava à alçada dos arremessadores. Eles podiam impedir home runs, andadas e até que as bolas fossem postas em jogo eliminando os rebatedores por strikes. E, em essência, era só isso o que podiam fazer.

Voros McCracken tinha uma teoria radical. E estava diante de inúmeras evidências concretas que provavam sua ideia.

O que aconteceu a seguir reforça nossa crença no sistema educacional americano: Voros McCracken tentou refutar suas próprias hipóteses. Criou um programa de computador que emparelhava os arremessadores de grandes ligas com números muito similares de andadas, eliminações por strikes e home runs — mas que haviam cedido números muito diferentes de rebatidas. Localizou noventa desses “pares” na temporada de 1999. Se as rebatidas válidas por bola posta em jogo fossem de fato algo que o arremessador podia controlar, raciocinou Voros, os arremessadores que haviam cedido um número menor de rebatidas válidas em 1999 continuaram a entregar menos rebatidas válidas em 2000. Não foi o que aconteceu. Na verdade, não havia nenhuma correlação entre os dois anos na capacidade de um dado arremessador de impedir rebatidas válidas por bolas postas em jogo.

Em vez disso, o beisebol continuava mostrando a Voros situações sedutoras que sua teoria era capaz de explicar. Lá pelo segundo mês da temporada de 2000, por exemplo, os jornais traziam inúmeras matérias comentando como James Baldwin, o arremessador até então medíocre do White Sox, tendo um grande começo de temporada, de alguma maneira se tornara o próximo Pedro Martinez. Voros examinou os números mais a fundo e viu que Baldwin tinha um número extremamente baixo de rebatidas válidas para o número de bolas que haviam sido colocadas em jogo. Sua média de corridas cedidas era sensacional — porque tivera sorte. Naturalmente, as bolas começaram a cair para rebatidas válidas, Baldwin retornou à mediocridade e as pessoas pararam de colocar seu

nome e o de Pedro Martinez na mesma frase.

Voros McCracken comentou que passou grande parte da temporada de 2000 “procurando a razão de Maddux ter cedido tantas rebatidas em 1999, e até hoje continuo a procurá-la”. Por fim, ele escreveu um longo artigo para o baseballprospectus.com expondo suas descobertas. Sua conclusão: “Há pouca ou nenhuma diferença entre os arremessadores de grandes ligas em sua capacidade de impedir rebatidas válidas em bolas colocadas dentro do campo de jogo.” O colunista Rob Neyer da ESPN viu o artigo de Voros e, admirado com a qualidade do raciocínio e a solidez do argumento, escreveu um artigo sobre o texto. Vários milhares de analistas amadores de beisebol responderam para dizer que o argumento de Voros, à primeira vista, parecia maluco. Muitos sugeriram que “Voros McCracken” podia ser um pseudônimo de Aaron Sele, um arremessador que cedia várias rebatidas, então jogador do Seattle Mariners.

Bill James também leu o artigo de Rob Neyer. James respondeu dizendo que a teoria de Voros McCracken, se fosse verdadeira, seria de importância inegável, mas que ele não conseguia acreditar nela. Bill então tentou refutá-la — ele e mais uns três mil caras. Não conseguiu, nem os outros três mil. O máximo que conseguiram foi sugerir que havia uma leve tendência de que os arremessadores de knuckleballs controlassem as rebatidas válidas por bolas colocadas em jogo. Nove meses depois, na página 885 de seu colossal *Bill James Historical Baseball Abstract*, James expôs o argumento de Voros McCracken, comentando que o nome “é NekcarCcM Sorov escrito ao contrário” e apresentou quatro pontos:

1. Como a maioria das coisas, o argumento de McCracken pode ser tomado de forma literal demais. Um arremessador tem de fato algum peso na correlação rebatidas válidas / entradas atrás de si, além da correlação que se reflete na coluna de home run e strikeout.
2. Feita a ressalva, tenho absoluta certeza de que McCracken está certo.
3. Esse conhecimento é importante e muito útil.
4. Sinto-me um idiota por não ter percebido isso trinta anos atrás.

Uma das consequências secundárias da análise dos arremessadores feita por Voros McCracken foi levá-lo até Chad Bradford, arremessador da Triple-A do Chicago White Sox. Voros desenvolvera uma estatística na qual podia confiar — a que chamou de DIPS (*defense independent pitching statistic*, estatística de

arremesso independente da defesa). Também poderia tê-la chamado de LIPS (*luck independent pitching statistic*, estatística de arremesso independente da sorte), porque a sorte que ela eliminava do resultado de um arremessador às vezes exercia um grau de distorção ainda maior do que a defesa na percepção dos verdadeiros méritos desse arremessador. Em todo caso, as estatísticas independentes da defesa de Chad Bradford na Triple-A eram ainda melhores do que suas estatísticas dependentes da defesa, que já eram assombrosas. (Chad arremessou um total de 202 2/3 entradas na Triple-A, com uma média de corridas cedidas de 1,64.) E, assim, Voros McCracken pegou Bradford para seu time no fantasy game, muito embora um jogador só trouxesse algo positivo para um time no jogo se acumulasse entradas nas grandes ligas. “Basicamente”, disse Voros, “fiquei esperando que alguém visse o que eu tinha visto em Bradford e passasse a usá-lo.”

Ele esperou por quase um ano. Inadvertidamente, Voros McCracken ajudara a explicar por que o White Sox considerava Chad Bradford um “cara da Triple-A”. Havia uma razão para que, na hora de julgar arremessadores jovens, a diretoria do White Sox, como praticamente todas as diretorias das grandes ligas, preferisse se basear em sua própria opinião subjetiva e não nas estatísticas de arremesso das ligas menores. As estatísticas de arremesso eram falhas. Talvez não tanto quanto as estatísticas de rebatidas, mas o suficiente para alimentar a incerteza. A preferência dos executivos do beisebol por suas próprias opiniões, em lugar dos dados concretos, devia-se, pelo menos em parte, às experiências de toda uma vida com dados duvidosos. Já tinham visto inúmeros rapazes com uma média baixa de corridas cedidas na Triple-A que eram um desastre nas grandes ligas. E quando um cara tinha uma aparência tão engraçada e um arremesso tão lento quanto Chad Bradford — bom, eles achavam que simplesmente não tinha a menor chance.

Se já não se soubesse como eram as coisas, alguém talvez pensasse que o artigo de Voros McCracken no baseballprospectus.com seria motivo de comemoração geral em todo o beisebol das grandes ligas. Mas já se sabia. Voros sabia. “O problema com o beisebol das grandes ligas”, disse ele, “é que é uma instituição de crescimento endógeno. O conhecimento é institucionalizado. Os envolvidos com o beisebol que não são jogadores são ex-jogadores. Em defesa deles, sua estrutura não segue linhas empresariais. Não estão equipados para avaliar seus próprios sistemas. Não têm o mecanismo para incorporar o que é bom e eliminar o que é ruim. Ou mantêm tudo ou se desfazem de tudo, e raramente escolhem a última opção.” Ele até compreendia os donos dos times que não sabiam o que pensar ou sequer se deviam pensar. “Se você é dono e nunca jogou, vai acreditar em Voros McCracken ou em Larry Bowa?” No ex-

paralegal desempregado morando na casa dos pais ou no ex-interbase All-Star e agora técnico que certamente tinha, pelo menos, uma casa própria?

A descoberta espantosa de Voros McCracken sobre os arremessadores de grandes ligas não exerceu nenhum efeito visível sobre a gestão ou avaliação dos arremessadores de carne e osso. Ninguém do beisebol chamou Voros para conversar sobre suas descobertas; até onde ele sabia, ninguém do beisebol sequer lera seu artigo. Mas Paul DePodesta lera. Reação refletida de Paul: “Se você quer falar de alguém que pode ser o próximo Bill James, Voros McCracken é esse cara.” Reação irrefletida de Paul: “A primeira coisa em que pensei foi Chad Bradford.”

* * *

VOROS MCCRACKEN TINHA fornecido a teoria que explicava o que a diretoria do Athletics já viera a crer: é possível criar estatísticas de arremesso confiáveis. Era verdade que, quanto mais afastado das grandes ligas, menos confiável seria o desempenho previsto pelas estatísticas. Mas, se você se concentrasse nas estatísticas certas, seguramente poderia fazer projeções sobre um jogador com base em seus números na Triple-A e mesmo na Double-A. Os números corretos eram as andadas, os home runs, as eliminações por strikes e alguns outros. Confiando nesses números, nem era preciso pensar na aparência do sujeito ou na força de seu arremesso. Seria possível julgar objetivamente o desempenho do arremessador *pelo que já tinha realizado*.

Chad Bradford, para a diretoria do Athletics, não era nenhum grande mistério. “Não era a diferença de seu arremesso”, explicou Paul DePodesta. “Sua eficiência em conseguir eliminações que era assombrosa.” Chad Bradford tinha disparado vários conjuntos de diferentes alarmes dentro do computador de Paul. Chad quase nunca concedia uma andada a um rebatedor; não entregava praticamente nenhum home run; eliminava por strikes quase um rebatedor por entrada. Paul, assim como Bill James, também achava que era possível tomar a teoria de Voros de forma literal demais. Pensava que havia uma coisa importante, além das andadas, strikeouts e home runs, que um arremessador era capaz de controlar: as rebatidas multibase. Chad Bradford até cedia sua parcela de rebatidas válidas por bolas em jogo, mas, mais do que qualquer outro no esporte, eram rebatidas em bolas rasteiras. Sua proporção nas divisões de base entre bola rasteira e bola aérea era de 5:1. A média nas grandes ligas ficava por

volta de 1,2:1. As bolas rasteiras eram difíceis não só de rebater para fora do campo, mas também de render rebatidas duplas e triplas.

Isso levantava uma pergunta evidente: por que não havia mais arremessadores bem-sucedidos que induziam bolas rasteiras, como Chad Bradford, nas grandes ligas? A resposta era igualmente evidente: porque não existia nenhum arremessador que induzia bolas rasteiras como Chad Bradford. Os arremessadores de bolas rasteiras que lançavam por cima tendiam a arremessar bolas que caíam quando chegavam na zona de strike (sinker), e tendiam também a ter problemas de controle e não conseguir muitas eliminações por strikes. Chad Bradford, em termos estatísticos e humanos, era um caso à parte.

O melhor de tudo era que os olheiros não gostavam dele. O Coro Grego desaprovava o que chamava de “enganadores”. Paul achou ridículo quando o White Sox devolveu Chad para a Triple-A, mas podia adivinhar por que o fizeram. Uma vez, ele se sentara atrás do receptor quando Chad Bradford estava no arremesso e ouvira os olheiros caçoando de Chad, mesmo quando ele fazia os rebatedores de bobos. O cara, sem dúvida, tinha uma aparência engraçada ao arremessar, e sua bola rápida vinha entre 130 e 136 quilômetros por hora. Chad Bradford não sabia, mas, quando soltava o braço lá em baixo e reduzia a velocidade de sua bola rápida, estava se tornando um A’s. “Por causa do jeito dele, pensamos que talvez estivesse disponível para nós”, disse Paul. “Geralmente, os jogadores que disparam um alarme aqui em meu escritório são caras que todos conhecem. Mas ninguém sabia desse cara, por causa do jeito que arremessava. Se ele tivesse aquelas mesmas estatísticas na Triple-A, mas arremessasse a 151 quilômetros por hora, *nunca* o teriam negociado.”

Billy Beane já vinha descobrindo que os jogadores que ele queria de repente já não estavam tão disponíveis no momento em que manifestava interesse por eles. No fim da temporada de 2000, ele telefonou para o novo gerente geral do White Sox, Kenny Williams, que substituíra o velho dirigente do clube, Ron Schueler, e disse num tom muito displicente que estava procurando “um cara que pudesse ser o 12º ou 13º arremessador no time”. Alguém das divisões de base do White Sox. Alguém da Triple-A. Billy disse que ele estava disposto a ceder um tal receptor de liga menor em troca de um arremessador da Triple-A, e não importava muito quem fosse. Pediu ao White Sox que sugerisse alguns nomes. Levou algum tempo até Kenny Williams chegar a Chad Bradford, mas, por fim, citou seu nome. Disse que até lamentava mencioná-lo, porque o rapaz tinha acabado de ligar do Mississippi, dizendo que estava com as costas doendo e talvez precisasse operar. “Tá bom, serve ele”, disse Billy.

Capítulo onze

O ELEMENTO HUMANO

MAIS CEDO, NAQUELA noite histórica de setembro, antes que Chad Bradford ocupasse o montinho, houve um congestionamento extraordinário até mesmo para os padrões do norte da Califórnia, estendendo-se até onde a vista alcançava. A bilheteria do Oakland Athletics nunca vivera nada parecido com a aglomeração dos dois últimos dias. Quando o Kansas City Royal chegou à cidade, o departamento comercial do A's esperava a presença de uns dez mil torcedores. Nas últimas 24 horas, mais de vinte mil tinham ido pessoalmente comprar os ingressos com antecedência. Antes do jogo, uma imagem aérea de Oakland mostraria quase todo mundo à vista se dirigindo para o Coliseum. O único que seguia na direção contrária era Billy Beane.

Billy não tinha intenção alguma de ver seu time fazer história. Era apenas mais um jogo, disse, e assistir às partidas não era com ele. “A única coisa que eles me dão é emoção subjetiva”, comentou Billy, “e isso pode ser contraproducente.” Planejava dar algumas entrevistas à imprensa e depois fugir em seu Range Rover para Modesto. Ali, na mesma noite em que o Oakland Athletics tentaria conquistar sua vigésima vitória consecutiva, o Visalia Oaks enfrentaria o Modesto Athletics. Os dois times eram filiados do Oakland Athletics na Single-A. A maioria dos jogadores que o A's recrutara alguns meses antes atuava num deles. Billy dava conta de assistir a atletas jovens que ainda tinham tempo e espaço para falhar: Nick Swisher, Steve Stanley, Mark Teahen e Jeremy Brown. Especialmente Brown, o receptor de físico ruim de Hueytown, Alabama. Todos tinham rido quando o Athletics o recrutou na primeira rodada. A cada dia, ele se tornava ainda mais interessante aos olhos de Billy.

E assim, num dia em que poderia saborear seu triunfo por completo, Billy Beane não via a hora de ir embora. Mas, ao sair de sua sala, foi detido pelo chocado departamento de marketing do clube. O pessoal responsável pela parte comercial do Athletics não podia acreditar que o cara que construíra o time estava indo embora. Explicaram a Billy que, se ele saísse, seria o mesmo que amontoar dinheiro na rua e tacar fogo: ele detonaria a maior chance que tinham

em anos de promover o time numa escala muito maior. A sequência de vitórias tinha se tornado matéria do noticiário nacional. Então, mesmo que um pouco irritado, Billy ficou. Conformou-se em atender o CBS Evening News, a CNN, a Fox Sports News, a ESPN e outros mais, então foi para a sala de musculação e se escondeu da imprensa e do jogo.

Em algum ponto entre a esteira e a bicicleta ergométrica, ele soube pela caixinha branca que o jogo estava na parte baixa da terceira entrada e que seu time vencia por 11-0. Pela primeira vez em muito tempo, ele relaxou. Ainda pingando suor, instalou-se na sala vazia do técnico Art Howe, com a TV ligada. Dezenove vitórias seguidas, 11-0 contra uma das piores equipes do beisebol, com um dos melhores arremessadores do esporte ainda no montinho pelo Athletics — essa partida parecia segura de se assistir. Não ia contrariar as leis da probabilidade, não ia deixá-lo fora de si, não o levaria a fazer algo de que pudesse se arrepender mais tarde. Naquele momento, Billy Beane estava tão reconciliado com seu mundo que me deixou entrar nele.

Estava com os pés em cima da mesa de fórmica de Art Howe. Sentia-se à vontade. Expansivo. Encantado e encantador. Era assim que se sentia na maior parte do tempo, era assim que quase sempre se comportava longe do beisebol. Admitiu que ficara preocupado ao ver que Art Howe incluía o nome de John Mabry na lista da escalação titular, quando Scott Hatteberg era quem deveria estar lá. Uma pena para Hatteberg, pensei. Ele vem prestando esses serviços valiosos e altruístas para o ataque do Athletics e, no único jogo a que o mundo assistirá, não lhe permitem jogar. Art argumentara que ele nunca havia enfrentado o ás do Royals, Paul Byrd. Mabry, por outro lado, não só já rebatera bem contra Byrd como também dizia ser capaz de decifrar as pistas em seus movimentos — ou seja, ele podia adivinhar qual tipo de arremesso Byrd lançaria. Billy agora diz que acatou o raciocínio de Art, como se fazer isso lhe fosse algo muito natural. Mabry logo fez Art Howe parecer um gênio. Ele tinha impulsionado uma corrida com uma rebatida simples, em meio a seis corridas marcadas pelo time na primeira entrada — e ajudou a tirar Byrd da partida. Então, na segunda entrada, acertou um home run solo.

Com o placar em 11-0 e Tim Hudson ainda destruindo os rebatedores do Royals, a ausência de Scott Hatteberg na escalação era apenas uma lembrança distante. Billy Beane tem razão em se sentir à vontade: as chances de algo dar errado são absurdamente ínfimas. Ele liga para sua filha Casey, agora com doze anos e que ainda mora no sul da Califórnia.

“Oi, Casey, está vendo o jogo?”

Pausa.

“*American Idol*? Você está vendo *American Idol*???”

Casey está vendo *American Idol*.

Ele conta as novidades — o time está ganhando de lavada, todos os fãs de beisebol estão assistindo —, importuna a filha um pouco e depois desliga.

Billy Beane deveria ser sempre calmo assim durante as partidas de seu time. Se ele de fato acredita no que diz — que o jogo pode ser reduzido a uma ciência social, que é apenas uma questão de descobrir as chances e explorar as leis da probabilidade, que os jogadores seguem padrões de uma previsibilidade surpreendente —, então não há por que não manter a calma. Ficar nervoso com as jogadas, ou mesmo com as partidas, é tão inútil quanto o gerente de um cassino se preocupar com os resultados individuais nos caça-níqueis. É quase o que Billy demonstra ao apontar para a TV, na qual Eric Chavez, tendo acabado de fazer uma defesa difícil como se fosse algo muito fácil, chuta a terra diante dele com ar encabulado. “Ele quase tem medo de admitir que é realmente bom”, diz Billy. “É o seguinte: ele está com 24 anos. Você sabe que, se ele está aqui agora”, e põe a mão na altura do peito, “vai chegar aqui”, então a ergue acima da cabeça. “Daria para afirmar que Chavvy é o jogador mais talentoso por natureza para o esporte.”

Peço-lhe que explique, coisa que ele faz com muito gosto, nessa disposição tranquila do momento. Com 11-0 contra uma equipe fraca, ele se esbalda no espírito científico e objetivo.

— A idade é um fator crucial na avaliação dos caras — afirma e então tira o guia de jogadores do Athletics da prateleira de Art Howe. — Aqui. Chavvy está com 24. A temporada ainda não acabou. Tem 31 home runs, 28 rebatidas duplas, 55 andadas, média de rebatidas de ,283 e aproveitamento chegando em base de ,353. Com quem você quer compará-lo?

— Com Jason Giambi — respondo.

— Tudo bem. — E tira o guia de jogadores do New York Yankees. — Mas já sei a resposta, porque já fiz os cálculos com ele. — Localiza as estatísticas da carreira de Giambi. — Quando tinha 24 anos, Jason passou metade do ano em Edmonton, num time da Triple-A. Na metade que passou nas grandes ligas, conseguiu seis home runs, obteve 28 andadas e rebateu ,256. Quem mais?

— Barry Bonds — digo. Em San Francisco, todas as noites Bonds tenta provar que é o melhor rebatedor de todos os tempos.

— Essa é dureza — diz Billy. — Ele chegou naquele nível ao qual nem o talento pode levar você. Mas tudo bem, vamos ver o Bonds. — Ele pega o guia do San Francisco Giants. — Sei os números, porque já fiz isso com ele também. Ele nasceu em 1964. Em 1988, rebateu ,283, com 24 home runs, 72 andadas e trinta rebatidas duplas. Isso dá uma ideia de como o Chavvy é bom.

Billy continua:

— Quem mais? — Mas, antes que eu consiga pensar em mais alguém, emenda: — Vamos ver o A-Rod [Alex Rodriguez]. Ninguém teve um começo mais meteórico do que A-Rod. — Ele pega o guia de atletas do Texas Rangers. — Tinha 24 anos em 1999. Nesse ano, rebateu ,285, com 25 rebatidas duplas, 42 home runs e 111 corridas impulsionadas. — Billy ergue os olhos. — Dá uma boa comparação, mas tem também a defesa. Chavvy é o melhor terceira base no esporte. A-Rod não é o melhor interbases.

Ainda não consigo entender muito bem a ideia de fazer tais previsões sobre seres humanos, e comento o fato. Meu problema pode ser formulado de uma maneira muito simples: nenhum jogador é igual a outro. Cada atleta precisa ser visto como um caso específico. A amostragem é sempre individual. A resposta de Billy é igualmente simples: os jogadores de beisebol seguem padrões semelhantes, e tais padrões estão compilados nos livros de registros. É claro que, de vez em quando, um atleta pode não seguir seu destino estatístico, mas, num time de 25 jogadores, as aberrações estatísticas tendem a serem anuladas. E, em sua maioria, eles vão atender às expectativas com bastante precisão. Por exemplo, quanto à carreira de Eric Chavez, Billy não tem a menor dúvida. “A única coisa que vai detê-lo é ele ficar entediado”, diz Billy. “As pessoas não entendem isso. Ele continua a frustrar quem o analisa fora de contexto. Ele tem 24 anos. O que já fez com 24 anos ninguém mais fez. Se a saúde permitir, sua carreira inteira está garantida.”

Comento que Billy é um daqueles que às vezes Chavvy deixa frustrado. Como Miguel Tejada, Chavvy é um sr. Rebate-Tudo. No humor atual, Billy rejeita minha objeção. Não entende como posso ser tão intolerante. “Chavvy é jovem”, argumenta ele. “Tem boa aparência. É milionário. Meio que deve a si mesmo tentar rebater todas. Como *você* era quando tinha 24 anos?”

Esse era o personagem cuja conduta era coerente com a maneira como Billy dizia querer dirigir seu time. Racional. Científica. Esse era o Billy Beane “objetivo”, o gerente geral que acreditava piamente que “não se muda os caras. Eles são o que são”. Que descrevia seu trabalho como “um carrinho de rolimã. Você constrói o carrinho no começo do ano e aí a única coisa que faz é descer a ladeira com ele”. Segundo essa maneira de pensar de Billy Beane, não fazia sentido interferir na experiência científica. Por exemplo, não fazia sentido tentar entrar na cabeça dos jogadores para remodelar a abordagem deles no esporte. Eles serão o que forem. Ao ouvir o Billy Beane “objetivo” falar sobre seus atletas, a gente começa a se perguntar se os jogadores de beisebol têm livre-arbítrio.

Mas há um Billy Beane menos objetivo. E no topo da quarta entrada, quando Miguel Tejada deixa cair a bola num lançamento para uma queimada dupla de

rotina, que encerraria a entrada do segunda base Mark Ellis, o outro Billy Beane desperta de seu sono. Mesmo quando o Royals marca cinco corridas que não deveria, Billy permanece calmo — afinal, o placar ainda está 11-5, e Tim Hudson continua a arremessar —, porém está alerta. Começa a falar de seus jogadores de outra maneira. E me permite ver que o experimento científico é mais confuso do que o cientista-chefe normalmente se dispõe a admitir.

Na quarta entrada da partida, o defensor central Terrence Long rebate de volta ao arremessador uma bola rasteira e corre a toda velocidade na direção da primeira base. Isso é novidade. Até agora, sempre que Terrence Long é eliminado numa bola rasteira, ele trota pela linha lateral com suprema indiferença pela opinião pública. Jovem demais para saber que somos aquilo que fingimos ser, Terrence Long aperfeiçoou a arte de parecer não se importar. Só que, alguns dias antes, Terrence foi ao estacionamento dos jogadores e descobriu que alguém tinha jogado ovos em seu carro. Ao saber do incidente, Billy parou perto do armário de Terrence e lhe disse que recebera um e-mail do culpado, um torcedor do A's, dizendo que estava furioso por ter pagado para assistir a Terrence Long apenas saltitar entre as bases. O efeito sobre o jogador foi imediato. Ele deixou de trotar até a primeira base numa eliminação por bola rasteira de rotina e passou a correr o mais depressa possível até onde podia parar sem irritar Billy Beane. Enquanto ele dispara na direção da base, Billy diz que o verdadeiro problema de Terrence é “a insegurança a respeito de si mesmo, exacerbada pela mídia. Esse é um dos erros que os jogadores jovens cometem: leem os jornais”.

Na quinta entrada do A's, com o placar ainda em 11-5, Ramon Hernandez começa rebatendo. Nas quatro primeiras entradas, por duas vezes o receptor do Athletics pegou bolas rápidas no lado externo da zona e mandou rebatidas duplas para o campo oposto. Isso é novidade. Ramon Hernandez passou a temporada inteira tentando, sem sucesso, puxar bolas rápidas na parte externa da zona de strike. Tem se mostrado um desastre completo no ataque e não vem atendendo às grandes expectativas da diretoria do time. Só que, outro dia, Billy parou perto do armário dele e fez uma aposta: a cada vez que ele mandasse para o campo oposto um arremesso fora da zona, Billy lhe pagaria 50 dólares; a cada vez que ele tentasse acertar um arremesso fora da zona, pagaria 50 dólares a Billy. O objetivo do exercício, diz Billy agora, é “eu ter uma desculpa para controlar Ramon. É uma maneira subversiva de eu continuar tirando essa merda dele sem que ele perceba”.

A maioria dos jogadores que aparecem na TV nessa noite histórica tem sido objeto das tentativas sutis de Billy Beane de manipular seu comportamento. Ele alega que é bobagem tentar mudar as pessoas, mas tenta mudá-las mesmo assim.

Conhece a maioria de seus atletas melhor do que jamais permitiria que eles o conhecessem e, mesmo que isso não signifique grande coisa, alguma coisa significa. “Olhe o rosto do Miggy”, diz no fim da sexta entrada. A câmera foca Tejada, no banco, com ar estranhamente carrancudo. “Ele é o único na escalação sem uma rebatida válida. É isso o que acontece com jogadores mais jovens: querem fazer demais. Observe-o: ele vai tentar fazer mais do que deveria.” Dito e feito: é o que acontece depois da enrascada em que Tim Hudson se meteu e quando Chad Bradford é chamado para entrar em campo.

* * *

QUANDO ESTÁ NO banco, Chad Bradford pensa muito no pai. Isso ajuda a relativizar qualquer pressão que esteja sentindo. Os médicos tinham dito ao pai dele que nunca voltaria a andar, e o homem não só voltou a andar, como também a trabalhar, e não só a trabalhar, mas também a jogar bola. Se o pai conseguiu fazer tudo *aquilo*, qual a dificuldade em fazer *isso* agora?

Em geral, ele se sentia melhor com esse pensamento, mas nesta noite, com tanto em jogo, a ideia não ajuda muito. Ele se sente um arremessador diferente do que era poucas semanas atrás. Antes de surgir o problema, sua eficiência fora exatamente como o computador de Paul DePodesta previra. Faz quase duas temporadas inteiras que seu sonho tem sido realidade. Nem o próprio Chad havia acreditado quando Billy Beane, antes da temporada de 2001 e logo após a cirurgia de Chad nas costas, telefonou para lhe dizer que o adquirira com o intuito de convertê-lo no principal reserva do time da divisão principal do Athletics. O gerente geral mostrou a Chad as estatísticas que julgava que ele conseguiria gerar, e o próprio Chad as achou meio exageradas. Para sua surpresa, ele vinha se saindo quase exatamente como Billy Beane previra. “É como se o cara soubesse o que vai acontecer antes que aconteça”, disse Chad.

Agora ele já não tem muita certeza se a fé do gerente geral nele é justificada. Puxa a aba do boné sobre os olhos e segue depressa para o montinho, chegando ali com o mesmo número de passos que sempre dá. Por fora, tudo parece igual; por dentro, tudo parece diferente. Algumas semanas antes, quando olhava para o receptor em busca do sinal, abstraía-se das coisas em volta. Ficava repetindo para si mesmo a frase de sempre, para não se deixar abalar pela pressão.

Faça seu arremesso.

Faça seu arremesso.

Faça seu arremesso.

Nesta noite, não se abstraiu. Nesta noite, ao se inclinar, percebia tudo em volta. O barulho da multidão. Os cartazes. A transmissão em rede nacional. E um novo mantra, dominava-lhe a mente:

Não estrague tudo!

Não estrague tudo!

Não estrague tudo!

Está tendo a pior sequência em toda a sua carreira profissional, e, embora não seja uma sequência tão ruim assim — um jogo ruim no estádio do Yankees, outro no Fenway Park —, ele não consegue pôr em perspectiva. Na prateleira em sua casa havia dois livros, lado a lado, gastos de tanto que os manuseava. Um era *The Mental Game of Baseball* [o jogo mental do beisebol]. O outro era a Bíblia. Sua passagem favorita é Filipenses 4:13: *Tudo posso naquele que me fortalece*. Mas agora ela não lhe dá nenhum conforto. Algumas noites atrás, antes de outra atuação desgastante, ele ligara para a esposa, Jenny, que tinha levado os filhos de volta a Byram para o começo do ano letivo, e disse: “Acho que não consigo mais fazer isso.”

O treinador de arremessos do Athletics, Rick Peterson, crê que os problemas de Chad começaram no início de agosto, quando o comentarista da ESPN Jeff Brantley fora a Oakland e fizera uma matéria sobre ele, apontando Chad em rede nacional como um dos melhores arremessadores reserva do beisebol. A atenção atrapalhou a concentração de Chad. Peterson tinha um papel fundamental no êxito dos arremessos da equipe. Ele mantinha os arremessadores do Athletics em boa forma física e, em alguns casos, também focados. Gostava de dizer que, “se você tem doze arremessadores, precisa falar doze línguas diferentes”. A diferença entre Chad e os demais arremessadores era que as línguas deles tinham palavras para a frase “Meu lugar é nas grandes ligas”. O idioma de Chad não dispunha do vocabulário do desafio pessoal. Da autoconfiança. Durante toda a carreira, Chad reagira aos problemas não olhando para dentro de si, para ver o que havia ali, mas levando seu ponto de lançamento cada vez mais para perto do chão. Agora, na hora de lançar a bola, os nós de seus dedos roçam no solo. “Ele não tem mais para onde ir”, disse Peterson, “a menos que arremesse de cabeça para baixo.”

O treinador de arremessos está tentando lhe ensinar a olhar para dentro de si. Após uma de suas más atuações, na qual parecia perdido, Peterson o fez sentar e assistir à gravação das partidas em que ele fez picadinho dos rebatedores das grandes ligas, nos cinco primeiros meses da temporada. Enquanto o atleta assistia à fita de seu antigo eu, Peterson apresentou seu argumento.

— Você é cristão, não é, Chad?

- Sou.
- Acredita em Jesus?
- Acredito.
- Você já o viu?
- Não, nunca vi.
- Você já se viu eliminando rebatedores?
- Já vi.

— Então que merda é essa de acreditar em Jesus, que você nunca viu, mas não acreditar na sua capacidade de eliminar rebatedores, sendo que você os elimina o tempo todo?

O treinador o deixou com esse questionamento. Chad ficou ali e disse a si mesmo: “Certo. Faz sentido.” Mas, um pouco depois, a insegurança voltou. Durante toda a sua carreira, quase ninguém acreditou nele e, agora que todos acreditam, é ele quem não consegue acreditar em si mesmo. “Essa é a minha maior fraqueza”, disse ele. “Minha autoconfiança é zero. A única forma como consigo explicar isso é que não sou do tipo que lança a mais de 150 quilômetros por hora. O cara que arremessa assim sempre consegue ver seu talento. Mas não tenho isso. O que faço se baseia no engano. Para funcionar, muita coisa precisa dar certo. Quando as coisas começam a dar errado, penso: ‘Meu Deus, espero que eu consiga continuar a enganá-los.’ Aí passo a me perguntar: ‘Por quanto tempo mais vou conseguir enganá-los?’”

Chad está tendo — com ele, não há outra maneira mais adequada de se dizer — uma crise de fé. Quando tem certeza, sempre acerta; quando só tem esperança, nunca acerta. Agora, ele apenas tem expectativas. Incapaz de reconhecer suas qualidades, ele é vulnerável ao argumento de que seu sucesso é um truque, um fruto do acaso ou um feitiço que pode ser quebrado a qualquer instante. Não lhe importa muito que, pela primeira vez em sua carreira miraculosa, ele seja o único que ainda usa esse argumento.

Nessa noite no começo de setembro, ele está lutando consigo mesmo mais ferozmente do que nunca. Billy Beane sabe disso. Sua máquina baratinha de criar eliminações tem uma falha de programação. Ele não sabe como consertar, como entrar na cabeça de Chad Bradford. Preguiça, corpo mole, falta de disciplina, pouco medo de autoridade — esses problemas Billy sabe enfrentar. A insegurança vai além de seu alcance. Se soubesse como eliminá-la, poderia estar encerrando sua carreira no esporte e se preparando para ingressar no Hall da Fama. Mas ainda não sabe, e isso o incomoda. Chad não sabe que pode eliminar rebatedores de uma maneira previsível, num ritmo previsível, como se fosse um robô. Como não sabe, pode ser que não consiga fazer isso.

* * *

BILLY BEANE só observa tudo o que acontece a seguir porque se permitiu ficar preso nessa situação, assistindo ao jogo comigo. O que acontece a seguir é que Chad Bradford mostra ao mundo a rapidez com que se pode perder uma grande vantagem no beisebol. Ele consegue a última eliminação da sétima entrada, numa bola rasteira. O problema é a oitava entrada. Art Howe deixa que Chad volte ao montinho para enfrentar uma sequência de rebatedores canhotos.

“Fico contente que Art o deixe continuar”, diz Billy. “Seria um desperdício usá-lo apenas para conseguir uma eliminação.”

Pergunto-lhe se o incomoda o fato de Chad se fiar tanto na fé. Que sua fé genuína e compreensível de que o Bom Deus deve ser o responsável por sua fantástica habilidade de eliminar rebatedores das grandes ligas o deixe vulnerável à suspeita de que o Bom Deus possa ter mudado de ideia.

“Não”, responde Billy. “Também tenho fé. Só que minha fé é no poder da bola rasteira.”

Em quase setenta aparições como substituto neste ano, Chad Bradford cedeu andadas a exatos dez rebatedores, cerca de um em cada trinta que enfrentou. Ele abre a oitava entrada cedendo uma andada a Brent Mayne.

Enquanto Mayne se encaminha para a primeira base, a torcida do time da casa grita e se agita. Alguém da área central da arquibancada joga um rolo de papel higiênico no campo. Levam um minuto para limpar a área, tempo em que Chad fica entregue a seus pensamentos terríveis. Quando o jogo recomeça, 55 mil pessoas se põem de pé, gritando e berrando, talvez por achar que isso ajudará Chad a se acalmar.

“Por que o barulho afeta mais o rebatedor do que o arremessador?”, questiona Billy, um pouco irritado. “Se você está jogando fora de casa, apenas finge que estão torcendo por você.”

Chad cede outra andada ao segundo rebatedor, Dee Brown. É a primeira vez no ano inteiro que ele cede andadas a dois rebatedores seguidos. As câmeras de TV focam Miguel Tejada e o segunda base Mark Ellis conversando por trás das luvas.

“Nos últimos dez anos, o pessoal passou a cobrir a boca com a luva”, resmunga Billy. “Nunca soube de ninguém que fizesse leitura labial no beisebol. O que é isso, uma moda de leitura labial de que não estou sabendo?”

O terceiro rebatedor, Neifi Perez, acerta uma bola rasteira lenta para o segunda base. John Mabry, jogando na primeira base, sai correndo e a intercepta. Chad

fica imóvel no montinho, assistindo ao desenrolar da jogada. Nesse ponto, não dá mais tempo de ir cobrir a primeira base. As bases agora estão ocupadas, sem nenhum eliminado. Da área descoberta da arquibancada vem outro rolo de papel higiênico, que cai no campo central. A multidão está de pé, fazendo mais barulho do que nunca, ainda achando, sabe-se lá por quê, que é de sua atenção que Chad Bradford precisa para superar seus problemas.

Billy fita a TV com desgosto, como um crítico de teatro obrigado a assistir a uma montagem estropiada de *Hamlet*. “Não acredito que tenho de ficar aqui vendo essa merda”, reclama. Coloca sua caixinha branca na mesa, diante de si. O plástico já perdeu o brilho e ficou fosco de tanto uso. “Eu estaria morrendo se estivesse andando por aí vendo isso”, diz ele. Até parece: se eu não o tivesse segurado aqui na sala, com a TV, ele estaria andando pelo estacionamento, olhando a caixa branca de cinco em cinco segundos. Preferiria morrer lá fora a estar aqui.

O rebatedor seguinte, Luis Ordaz, é quem transforma em realidade a previsão de Billy sobre Miguel Tejada (“Observe-o: ele vai tentar fazer mais do que deveria”). Ordaz rebate uma bola rasteira normal à direita de Tejada. Em vez de fazer a jogada de rotina, ou seja, forçar a eliminação na terceira base, Tejada tenta a jogada acrobática, isto é, eliminar o jogador que tenta marcar a corrida. Seu arremesso, feito enquanto ele salta, quica na terra diante de Ramon Hernandez e todos os corredores estão a salvo: 11-6. Bases ainda ocupadas, nenhum eliminado.

Art Howe praticamente pula fora do abrigo para arrancar Chad de campo. No caminho de volta ao banco, Chad mantém os olhos pregados no chão e procura se mostrar impassível. Tinha entrado em campo com uma vantagem de seis pontos. Sai agora com a corrida de empate se aquecendo para subir ao bastão. A bola nunca chegou a sair do campo interno.

“Caramba, que baita vergonha”, diz Billy. Coloca a mão sob a mesa e tira uma latinha de fumo Copenhagen. Põe o tabaco sob o lábio superior. “Por que estou assistindo a essa merda?”

O novo arremessador, Ricardo Rincon, consegue duas eliminações rápidas e cede apenas uma corrida numa bola aérea de sacrifício: 11-7. Com duas eliminações e corredores na primeira e na terceira bases, Art Howe sai de novo do abrigo. Dessa vez, ele chama o destro Jeff Tam, recém-chegado da Triple-A, para enfrentar o destro Mike Sweeney, o qual, no momento, é o líder em rebatidas da Liga Americana.

“Porra”, diz Billy. “Por quê? Todos eles levam essa merda de esquerda-direita longe demais. Qual o problema de deixar Rincon?”

Tam ficou dois anos como arremessador reserva do A’s, desempenhando o

papel que agora cabe a Chad Bradford. Houve uma época em que Ron Washington, o treinador de campo interno, deu para chamar Tam de “Papel Higiênico” (“Porque ele sempre limpa a merda dos outros”). Mas algo aconteceu na cabeça ou no lançamento de Tam, e nesses dois últimos anos ele não foi mais o mesmo. “Os substitutos são como ações voláteis”, explica Billy. “São o único ativo que se tem de observar com atenção e negociar para um retorno rápido.”

Enquanto o técnico e o arremessador conferenciam, Billy olha para mim com ar de quem se desculpa. Em menos de 45 minutos, ele passou do distanciamento para o interesse, do interesse para a irritação, da irritação para a raiva e agora está à beira da cólera. Está constrangido pelas suas emoções, porém não a ponto de controlá-las. Por fim, diz: “Bom, me dê licença, mas tenho de dar uma circulada por aí.”

Com isso, ele sai pisando duro em direção ao vestiário, fechando a porta da sala. Passa pela sala de fisioterapia, onde o pobre Tim Hudson, que deve estar se perguntando o que precisa fazer para conseguir uma vitória, recebe uma aplicação de calor no ombro. Passa por Scott Hatteberg e Greg Myers — os dois canhotos no banco do qual achavam que teriam a noite de folga —, que agora atravessam o vestiário correndo até a gaiola do rebatedor, para treinar algumas rebatidas, caso sejam chamados para substituir alguém. E, por fim, passa pela sala de vídeo, onde Paul DePodesta ruma sobre as improbabilidades da noite. Paul já calculou as chances de vencer vinte jogos em sequência. (São de catorze em um milhão.) Agora está analisando as chances de perder uma vantagem de onze corridas. (“Talvez não sejam de catorze em um milhão, mas ficam perto disso.”)

Em seu *1983 Abstract*, Bill James contemplara o jogo desta noite. Tinha observado a existência de algo que chamou de “lei do equilíbrio competitivo” no beisebol. Ele escreveu:

Existe no mundo um impulso negativo que age constantemente para reduzir as diferenças entre times fortes e fracos, times que estão na frente e aqueles que estão atrás, ou entre jogadores bons e fracos. Os corolários são:

1. Toda forma de força cobre uma fraqueza e cria outra. Portanto, toda forma de força é também uma forma de fraqueza e toda fraqueza é uma força.
2. O equilíbrio das estratégias sempre favorece a equipe que está atrás no placar.
3. A psicologia tende a puxar os ganhadores para baixo e a empurrar os

perdedores para cima.

Mais metafísica do que física, esses princípios aplicavam-se tanto às pessoas quanto aos times de beisebol. Pessoas que querem muito vencer e serem vistas como vencedoras gozam de uma vantagem tática sobre as demais. Esse próprio desejo, que equivale a uma necessidade, é também uma fraqueza. Em Billy Beane, essa característica é tão acentuada que não se resume a uma fraqueza. É uma maldição.

Ao recommear o jogo, Jeff Tam e Mike Sweeney se enfrentam numa grande batalha. No décimo arremesso do duelo, depois de mandar para fora quatro arremessos com tacadas dignas de um Super-Homem, Sweeney pega uma slider de Tam e isola para além do anúncio da 1-800-BAR-NONE, bem por cima do muro do campo esquerdo.

11-10.

Algo bem grande é quebrado no vestiário.

O aparelho de TV na mesa de Art Howe mostra o técnico indo até o montinho para substituir Jeff Tam por um canhoto chamado Micah Bowie. Mike Sweeney conta entusiasmado aos colegas de equipe no abrigo do Royals que achava que seu home run era uma bola fora. Os locutores lamentam que Miguel Tejada “tenha tentado fazer além da conta” com a bola rasteira de rotina para a terceira base. Se não tivesse feito isso, o Athletics já teria encerrado a entrada. Billy volta de rompante à sala — rosto rubro, dentes pretos. “Maldito Tam”, xinga. “Ele acha que vai enganar o melhor rebatedor da liga com sua slider.” Tira o som da TV, pega a latinha de fumo e some, deixando-me ali na sala de seu técnico para assistir ao jogo sozinho.

A sala do técnico agora está em total silêncio. Os 55 mil espectadores lá fora fazem todo o barulho que podem, mas nada chega a esse local isolado. Pobre Art. O pouco que ele fez para dar um ar pessoal e acolhedor à sala sugere uma concepção de mundo tão diferente da de Billy Beane que chega a ser surpreendente ele ter conservado o emprego por tanto tempo. Há um quadrinho com um aforismo chamado *Credo do otimista*. Tem uma placa com as pérolas de sabedoria de Vince Lombardi. Há um bule de café vazio, com uma lata de creme sem lactose. Atrás da mesa de fórmica branca há um cartaz com a frase *Obrigado por não fumar*. Há fotos sugerindo a lealdade à mística do beisebol: uma de Art de pé nos degraus do abrigo, outra de Art e Cal Ripken Jr. (autografada por Ripken). Na TV, o técnico mantém sua expressão estoica. Na parte inferior da tela, passa a faixa informando que nenhum time do Athletics perdeu uma dianteira de onze corridas desde 1936, quando o Philadelphia Athletics perdeu para o St. Louis Browns. O beisebol tem tanta história e

tradição. Você pode respeitá-la ou explorá-la a fim de obter lucro, mas ela continua a ser feita em todo lugar, o tempo todo.

Micah Bowie consegue a última eliminação na oitava entrada do Royals, e o A's passa rapidamente por sua metade. No topo da nona, enfrentando o arremessador fechador Billy Koch, o Royals consegue colocar um homem na segunda base. Com dois eliminados e dois strikes contra um rebatedor fraco, Luis Alicea, a partida, mais uma vez, parece terminada. Então Alicea dá uma rebatida simples em linha reta para o campo esquerdo.

11-11.

Ouçõ um berro estridente vindo de algum lugar da sede e então o ruído de metal batendo contra metal. Abro a porta da sala de Art Howe para dar uma espiada e vejo Scott Hatteberg saindo correndo da gaiola do rebatedor para o túnel que leva ao banco do Athletics.

Hatteberg não está particularmente preparado para jogar. Não se encontra no estado de espírito adequado e pegou o bastão errado. Depois que Art Howe lhe disse que não jogaria esta noite, Hatty engoliu quatro xícaras de café. Sentou-se por alguns minutos e conversou com um cara que nunca tinha visto e cujo nome não lembrava, o qual quis lhe mostrar alguns bastões que tinha feito à mão. Hatteberg ficara com um dos bastões do sujeito, um de bordo negro reluzente com um anel branco no cabo. Gostou de senti-lo na mão.

Como a maioria dos jogadores, Hatteberg, quando estava nas ligas menores, havia assinado um contrato com a empresa Louisville Slugger, no qual se comprometia a usar apenas seus bastões. Quase certo de que não jogaria naquela noite, ele levou seu bastão contrabandeado para o abrigo. Quando o placar estava em 11-0, ele, na certeza de que não ia jogar, ficou com o bastão entre os joelhos e quatro xícaras de café na corrente sanguínea. Agora, na parte baixa da nona entrada, ele está quimicamente alterado. Também está com um bastão que nunca usou na vida.

O placar permanece 11-11. O arremessador fechador do Royals, Jason Grimsley, está no montinho, arremessando suas habituais sinkers fulminantes. Jermaine Dye manda uma bola alta para a direita para a primeira eliminação. A câmera de TV foca o banco do Athletics e, pela expressão dos atletas, dá para ver que muitos deles consideram a derrota praticamente certa. Ao perderem uma vantagem de onze corridas, perderam muito mais que isso. É como se soubessem que a última coisa boa para eles já se foi.

Art Howe diz a Scott Hatteberg que pegue um bastão. Ele vai entrar como rebatedor substituto. Hatteberg pega o taco dado pelo artesão anônimo. Isso viola o contrato assinado com a Louisville Slugger na época das ligas menores, mas dane-se.

Ele tinha enfrentado Grimsley dois dias antes, numa situação semelhante. Jogo empatado na parte baixa da nona entrada, porém naquela vez havia homens em base. Essa noite, ele não precisou assistir aos vídeos. Com um arremessador como Grimsley, sempre se sabe o que virá pela frente: velocidade de 155 quilômetros por hora. E em geral também se sabe por onde ela passará: pela parte inferior ou logo abaixo da zona de strike. Dois dias atrás, Grimsley lhe tinha arremessado seis sinkers consecutivas, todas baixas e no canto oposto. Já com dois strikes, Hatteberg rebateu a última delas, conseguindo uma bola rasteira fraca até a segunda base. (Miguel Tejada viera a seguir, com uma rebatida simples pelo meio que decidiu a partida.) Por mais decepcionante que tivesse sido aquela experiência, agora tinha serventia. Ele vira seis arremessos de Jason Grimsley. Reunira suas informações. Sabia que, se fosse possível, não devia tentar ir atrás das sinkers baixas dele.

Agora, quando entra no espaço do rebatedor, ele promete a si mesmo que não tentará rebater nenhuma bola baixa fora da zona até estar com dois strikes. Vai esperar o que quer até não ter outra escolha a não ser aceitar o que vier. Ele está aguardando algo — algo que possa transformar numa rebatida dupla e que o coloque em posição de marcar corrida.

Adota sua habitual posição aberta e balança o reluzente bastão preto ilícito de um lado para o outro na zona de strike, como um jogador de golfe na primeira tacada. Quando Grimsley entra em posição, seu rosto se contorce da maneira mais perturbadora. De fato, quando arremessa, ele arreganha os dentes, e esse não é um sorriso muito amistoso. É o sorriso de quem gosta de arrancar asas de moscas. O efeito sobre o telespectador é aflitivo. Mas Hatty não vê o rosto de Grimsley. Olha a área geral de onde espera que sairá a bola de Grimsley. Precisa ver apenas um arremesso, para acertar o tempo de bola. Ele pensa: *se eu conseguir deixar passar o primeiro arremesso, posso pegar um alto na zona.* Fica repetindo para si mesmo: *deixe passar o primeiro arremesso.* O sujeito que, neste ano, será o líder em toda a Liga Americana em deixar passar os primeiros arremessos sente que precisa ficar se doutrinando para deixá-los passar. Deve ser a cafeína.

Deixa passar o primeiro arremesso. É uma bola fora, e baixa. Mais uma rodada de expressões faciais horrendas, e Grimsley está pronto outra vez. O segundo arremesso é outra bola rápida, mas que fica alta na zona de strike. Hatty tenta sua tacada curta, a bola se choca contra a cabeça do bastão e dispara para o fundo do lado direito do campo central.

Ele sai da área do rebatedor numa corrida contida. Corre na mesma velocidade de quando rebate uma bola fraca para a terceira base. Não vê a raiva de Grimsley. Não ouve a explosão dos 55 mil torcedores. Não percebe o primeira

base virando para deixar o campo. Não sabe que há um sujeito de Cooperstown seguindo-o pelas bases, recolhendo-as, que logo virá atrás também de seu bastão [para levá-lo para o Hall da Fama]. O único em todo o estádio que não sabe para onde a bola está indo é o que a rebateu. Scott Hatteberg apenas a olha subindo pelo céu noturno com uma espécie de indiferença.

A bola não se limita a sair de campo, ela aterrissa no alto das arquibancadas, uns quinze metros além da placa de 110 metros no fundo do campo central, à direita. Quando enfim se certifica de que a bola de fato se foi, Scott Hatteberg põe as mãos na cabeça, em sinal mais de incredulidade do que de triunfo. Quando passa pela primeira base, olha para o abrigo do Athletics. Mas não tem ninguém ali — todos os jogadores estão correndo para dentro do campo. A alegria o transforma. Grita para os companheiros. Não diz: *Vejam o que fiz!* Ele diz: *Vejam o que fizemos! Ganhamos!* Enquanto corre, vai se livrando dos anos, um a cada seis metros. Quando chega ao home plate, mais parece um menino do que um homem feito.

Não havia se passado nem cinco minutos e Billy Beane foi capaz de me olhar nos olhos e dizer que foi apenas mais uma vitória.

Capítulo doze

A VELOCIDADE DA IDEIA

BILLY BEANE NUNCA se permitia emoções sentimentais sobre um jogo, um atleta ou suas experiências pessoais. Havia erguido um muro separando-o de suas emoções mais delicadas — ou pelo menos tentara. Definia a si mesmo mais pelo desgosto do que pelo prazer com seu passado de jogador. Nisso ele se distinguia da maioria dos que vivem do esporte. Os ex-jogadores das grandes ligas costumam ter fantasmas agradáveis.

No entanto, a simpatia que os ex-atletas de beisebol, em sua maioria, nutriam por suas experiências profissionais — pela maneira como jogavam — era um problema para o antitradicionalista Oakland Athletics. O clube precisava empregar homens com experiência, mas, junto com essa experiência, vinham os sentimentos, a intuição e os instintos de sempre. Muitas vezes, Billy sentia como se tivesse de combater o passado em seus jogadores e treinadores — e que Paul DePodesta era o único na organização inteira que tirava dos dados as mesmas conclusões que ele. E, com a aproximação dos play-offs, esse problema sempre se intensificava.

Na véspera do final da temporada regular, Ron Washington e Thad Bosley, os treinadores de campo interno e de rebatidas do clube, entraram juntos numa gaiola de rebatidas, logo além do vestiário do time visitante no The Ballpark, em Arlington. A conversa começou de modo bem inocente. A equipe ia jogar a penúltima partida da temporada regular, contra o Texas Rangers. Ray Durham estava dando algumas rebatidas de treino a mais, enquanto Wash e Boz assistiam, mais no papel de conhecedores do que de treinadores.

Crack!

Os dois estavam dando uma última olhada afetuosa em Ray Durham, antes que ele seguisse o caminho de todas as estrelas de aluguel de Billy Beane. A chance de o gerente geral renovar o contrato dele para a próxima temporada era remota. Ray Durham não era errado o suficiente. Não havia *nada* de errado com ele. Durham tinha aquilo que todos os gerentes gerais do esporte sempre valorizaram: boa potência no topo da escalação, velocidade nas bases e fama,

agora menos merecida do que cinco anos atrás, de ser um bom segunda base na defesa. No mercado livre, provavelmente ele teria um preço supervalorizado, mas, mesmo que o valor fosse justo, Billy não o manteria. Não havia nenhuma ineficiência no mercado em relação aos serviços de Ray Durham.

— Olhe o Ray — diz Wash.

Crack!

— Esse filho da mãe tem *sustância* no físico — diz Wash. — Ele *machuca* você se lançar a bola no lugar errado.

— Rebate feito homem — comenta Boz. — E esse homem é um perigo.

— Ele fica de pé ali feito um fantoche — diz Wash. — Mas pode machucar.

Crack! Não dá para saber se Ray está ouvindo a conversa.

— Sabe o que mais me impressionou em Ray quando ele chegou? — pergunta Boz. — O modo como corre até a primeira base.

— É o nosso único ladrão de bases — diz Wash. — Você sabe o que é um ladrão de bases?

Admiti que não sabia.

— O ladrão de bases é o cara que, mesmo quando todo mundo no maldito estádio sabe que ele vai roubar a base, rouba mesmo assim.

Crack!

Wash fora recrutado para jogar beisebol pelo Kansas City Royals no começo dos anos 1970, numa época em que o clube tentava transformar grandes corredores em jogadores de beisebol. O Royals tinha desenvolvido um fetiche por velocidade, e Wash, que era velocista, foi o beneficiário disso. Tal como Wash conta, ele e seus companheiros de equipe começavam a correr no primeiro arremesso de cada jogo e só paravam no último. “Havia vezes em que você não corria”, conta ele, que precisa se esforçar para se lembrar de uma. “Você não corria contra Nolan Ryan”, diz por fim, “porque, quando corria contra Nolan Ryan, a única coisa que acontecia era deixá-lo nervoso. Você ficava plantado na primeira base, e o rebatedor talvez conseguisse fazer alguma coisa.”

Sem pensar aonde isso pode levar, pergunto a Wash quantas bases ele roubou na juventude.

— Num ano, roubei 57 — responde ele.

Ray Durham se vira um pouco e ergue a cabeça aparentando surpresa: *sério?*

Wash olha direto para Ray ao dizer:

— Boz roubou noventa.

Boz só assente com a cabeça.

Ray solta o bastão, espantado.

— Você roubou *noventa*? — questiona.

Boz assente outra vez, como se não fosse nada de mais.

— Caramba! — Agora Ray ficou interessado. Parece um turista americano que acaba de descobrir que o alemão sentado ao seu lado no trem é um primo que não via há muito tempo. — Aqui é diferente, né? — diz ele.

A pergunta é retórica. Ray Durham sabe por experiência própria como aqui é diferente. Dois meses antes, logo depois que Billy Beane o pegou emprestado por quase nada do Chicago White Sox, o jogador estava sentado num banco antes de seu primeiro jogo na nova equipe. Os repórteres locais de Oakland se aglomeraram em volta dele. A segunda pergunta que lhe fizeram foi: “Como se sente ao ser posto por Billy Beane no campo central?” Foi então que soube dos planos quixotescos de Billy a seu respeito. Durham não jogava no campo externo desde o ensino médio. Então deu uma resposta adequada, afirmando estar disposto a tudo para ajudar o time — uma fala que, em seus olhos arregalados, ganhou uma expressiva tradução em forma de pergunta: *Vocês estão gozando da minha cara?* Num átimo de segundo, o agente de Durham ligou para Billy para explicar que seu cliente, um segunda base All-Star, se tornaria um agente livre no fim do ano. Embora satisfeito em poder prestar seus habituais serviços no ataque àquele time pobretão que, por alguma mágica, conseguira botar suas mãos rústicas e suarentas em cima dele por meia temporada, Ray Durham não pretendia colocar em risco seu futuro financeiro passando vergonha no campo central para o Oakland Athletics.

Ray pusera fim àquele atentado contra a eficiência no beisebol. Mas, quando os treinadores lhe mandaram parar de tentar roubar bases, ele obedeceu. Durante toda a sua carreira, ele fora contratado para roubar bases; no momento em que chegou ao A's, seus treinadores lhe disseram para ficar parado onde estivesse enquanto a bola não fosse rebatida. Billy escolhera Ray não porque ele roubava bases, mas porque tinha talento para chegar a salvo em base — para não ser eliminado. E assim, pela primeira vez na carreira, Ray jogou a maior parte do tempo de forma conservadora nas bases. Do ponto de vista estético, era uma pena. Ele fazia um percurso emocionante quando o deixavam fazer o que queria nos caminhos entre as bases. Na outra noite em Seattle, depois de uma bola que passou pelo receptor, ele foi da segunda para a terceira base num piscar de olhos e, então, em vez de parar como faria qualquer jogador sensato, contornou a base voando e disparou para marcar a corrida. O estádio inteiro sofreu um pequeno ataque de pânico. O receptor do Mariners se jogou e virou o corpo; o arremessador ficou com o esfíncter na mão, e quarenta mil torcedores prenderam a respiração como se estivessem no alto de uma gigantesca montanha-russa. Um milissegundo depois, Ray parou de repente, voltou para a terceira base e deu uma risadinha. Sabia usar as pernas para aturdir os outros.

Para ele, não correr é tão pouco natural quanto não respirar, porém até o

momento ele tem refreado não só a velocidade, mas também os sentimentos. E agora diz:

— Aqui é diferente, né?

Wash bufa.

— É uma merda — retruca. — Temos 25 bases roubadas no ano inteiro. Oito foram caras que agiram por conta própria e roubaram. Dez foram em contagens 3-2. Sete foram Art quem autorizou. — Em 160 jogos da temporada, Art Howe deu sinal verde aos corredores das bases num grandioso total de sete vezes. Deve ser algum tipo de recorde.

— Ray, quantas bases você roubou nesta temporada? — pergunta Wash.

— Vinte e cinco — responde Ray.

— Quando veio pra cá, tinha 22 — explica Wash. — Então ele roubou três bases aqui. Duas foram por conta própria.

— Nesta equipe, você corre por conta própria — diz Boz em tom fatídico.

— É — retruca Wash. — Há uma regra neste time. Se você consegue a base, tudo bem. Senão, é um inferno. — Com isso, Billy Beane fica no papel de Satanás.

Ray nega com a cabeça admirado e volta para suas rebatidas.

Crack!

— Se você diz que correr nas bases não é importante, esquece como correr por elas — observa Boz.

— Quer ver algo engraçado? — pergunta Wash. — Fique comigo na frente da terceira base e observe aquela bosta vindo até mim. Ninguém nesta equipe sabe como ir da primeira à terceira base. — Além de ser o treinador de campo interno num time que não pode se permitir gastar com a defesa, Wash é o treinador de terceira base numa equipe que não pode se permitir gastar com velocidade. Sempre que uma bola vai até o muro, ele é obrigado a fazer aqueles cálculos estranhos e complicados para levar em conta o talento dos corredores entre bases que Billy Beane lhe forneceu. Não quer ouvir que a velocidade é supervalorizada.

Ray não consegue mais se concentrar nas rebatidas.

— A cautela não funciona nos play-offs — afirma.

Wash e Boz não falam nada. Ray tem no máximo três semanas até se tornar agente livre e poder decidir qual proposta multimilionária vai aceitar: ele pode dizer o que quiser sobre a abordagem de Billy Beane no beisebol. Daqui a poucos dias, o Oakland Athletics vai enfrentar o Minnesota Twins na primeira rodada dos play-offs, e tudo o que se comenta na televisão e nos jornais são as diferenças entre os play-offs e a temporada regular. Como os play-offs consistem em “fabricar” corridas. Eles se baseiam inteiramente na credibilidade, e a ciência

não tinha nenhuma.

— Não vejo muitas partidas nos play-offs com o placar 8-5 — argumenta Ray.
— É sempre 1-0 ou 2-1.

— O fato — observa Wash — é que Billy Beane *odeia* sofrer eliminações nos caminhos entre as bases.

Ray balança a cabeça com ar de tristeza e retoma suas rebatidas.

Eu tinha topado com uma célula revolucionária dentro do A's, três homens que ainda acreditam na necessidade da velocidade. Não são burros. Ray visivelmente tem a sagacidade de um agiota. Ron Washington só abre a boca para soltar alguma frase digna do *Bartlett's*, o clássico das citações. Boz foi bem-sucedido em outras áreas além do beisebol. Depois de treze temporadas nas grandes ligas, passara mais sete anos escrevendo e produzindo música. Boz tem algo da perspectiva do observador externo — e foi por isso que Billy o contratou. Boz aceitou de bom grado seu papel incomum no Athletics: não o de “treinador de rebatidas”, mas o de “instrutor de como chegar nas bases”. Não se incomodou com a indiferença da diretoria pela média de rebatidas. Já a indiferença pela corrida era outra coisa.

— Ray *nasceu* para ser agressivo correndo entre as bases — diz Wash. — Antes de vir para cá, *nunca* foi repreendido por ser agressivo no caminho entre elas.

Crack! Ray acerta uma rebatida no pé do receptor reserva Brandon Buckley, que arremessava para ele por trás de uma grade. Enquanto Brandon salta de um lado para o outro, para verificar se quebrou algo, Ray se vira e diz:

— No White Sox, sempre nos diziam que um erro agressivo não é de fato um erro.

Wash é tomado de um sentimento de camaradagem. Eles têm ali um exemplar fantástico de corredor de bases *e ninguém está nem aí*. E diz:

— Ray, no que você pensa quando coloca a bola em jogo?

— Na segunda base.

— Enquanto a bola está rolando?

— Eu corro.

— Você corre.

— Uma rebatida simples é uma dupla — diz Ray.

— Uma dupla é uma tripla — observa Wash.

Ninguém fala nada por alguns instantes. Então Wash retoma:

— Aqui a situação é diferente. Alguém do time corre e é eliminado, e aí vêm os mais variados tipos de *gurus* dizendo que você mesmo é que se excluiu da entrada.

— Nunca vi nada parecido — diz Ray.

* * *

AO FINAL DE cada temporada regular, depois que o Athletics de Billy Beane garantia seu lugar nos play-offs, duas coisas aconteciam. A primeira era uma tentativa um tanto indecorosa de alguns membros da comissão técnica de usar os jornais para pressionar o gerente geral e conseguir melhorias no seu padrão de vida. A mais explícita foi uma entrevista dada por Art Howe ao *San Jose Mercury News* que discutia a possibilidade de um contrato de longo prazo para o próprio técnico. “Com todos os meus anos de casa e com o que conquistamos”, afirmou Art, “acho que mereço. O que penso é o seguinte: se eu não conseguir aqui, vou conseguir em algum outro lugar.” Depois que a mulher de Art admitiu também estar perplexa com a relutância de Billy Beane em lhes assegurar a aposentadoria, o técnico comentou como ficava surpreso com as diferenças na hierarquia dos vários times de beisebol. “Em Anaheim”, contou, “só se falava do técnico. Acho que a maioria das pessoas nem sabe quem é o gerente geral de lá.”

A outra coisa que acontecia invariavelmente era uma reavaliação assistemática na sala de máquinas sobre o curso quixotesco impresso pelo capitão do navio durante toda a temporada. Técnicos, jogadores, jornalistas: de repente, todo mundo fica preocupado que o A’s não corre nem faz sacrifícios. Em especial, com as corridas. Na pós-temporada, o total desinteresse de Billy Beane em roubar bases — que serviu tão bem à equipe nos 162 jogos precedentes — é tido como pura sandice. Mesmo quem não corre muito rápido começa a dizer que “é preciso fazer as coisas acontecerem” na pós-temporada. Forçar a ação sobre o adversário. “A necessidade atávica de correr”, como diz Billy Beane.

A temporada regular é praticamente esquecida, mas não deveria ser. Ela foi um milagre, por qualquer ângulo que se olhe. Em toda a MLB, apenas o New York Yankees obteve tantas vitórias quanto o Oakland Athletics. Dado quase por perdido quando Jason Giambi foi em busca de pastos mais verdejantes, o A’s havia alcançado 103 vitórias, uma a mais em relação ao ano anterior. E o que era ainda mais espantoso, pelo menos para os deterministas econômicos: a classificação das equipes na melhor divisão do beisebol, a Divisão Oeste da Liga Americana, seguiu a ordem inversa de suas folhas de pagamento.

Vitórias

Derrotas

*Jogos
atrás*

Oakland	103	59	—
Anaheim	99	63	4
Seattle	93	69	10
Texas	72	90	31

Quanto mais os times gastaram com os jogadores, pelo menos na Divisão Oeste da Liga Americana, menos vitórias esses atletas geraram. Não aconteceu exatamente a mesma coisa em todas as outras divisões, porém ocorreram muitos outros desfechos surpreendentes: desastres com grande verba (Mets, Dodgers, Orioles) e sucessos com baixo orçamento (Twins).

Apesar do êxito fantástico do A's, havia uma pressão sutil para que o clube mudasse sua forma de fazer negócios. A maior parte dessa pressão vinha da mídia. Lá pela décima quinta vez em que ouviu um magnata da TV dizer que o Athletics não venceria porque não “fabrica corridas”, Billy passou a temer que seus técnicos e jogadores pudessem de fato acreditar nisso. Ele imprimiu as estatísticas de ataque de 2002 do Athletics e do Twins e se sentou à mesa com os treinadores. A média de rebatidas do Twins era onze pontos mais alta do que a do A's, e sua porcentagem de potência era cinco pontos maior. E mesmo assim tinham marcado 32 corridas a menos. Por quê? O aproveitamento do Twins chegando em base era um pouco menor e eles foram apanhados roubando bases 62 vezes, contra vinte do A's, e fizeram o dobro de rebatidas de sacrifício. Ou seja, esbanjaram eliminações. “Tentaram manipular o jogo, em vez de deixar que o jogo fosse até eles”, observou Billy. “A matemática funciona. Porém, por mais que você prove, sempre precisa provar outra vez.”

Assim que começavam os play-offs, dava para sentir todos no mundo do beisebol se levantando em conjunto para esmagar a possibilidade de que a diretoria do Athletics de fato estivesse envolvida em algo diferente. O porta-voz geral foi Joe Morgan, o segunda base que figura no Hall da Fama, que participou da transmissão durante toda a série de cinco jogos entre o Athletics e o Twins. Em determinada altura de cada partida, Morgan explicava ao público a falha no pensamento do A's — não que ele tivesse um entendimento profundo do que tal pensamento acarretava. No entanto, tinha absoluta certeza de que a estratégia da equipe não fazia sentido algum. A derrota do A's no primeiro jogo por 7-5 foi a brecha para Morgan explicar, na primeira entrada da segunda partida, por que o Athletics estava encrencado. “Na pós-temporada, é preciso fabricar corridas”, argumentou ele, referindo-se a rebatidas de sacrifício, roubo de bases e, de modo geral, tratar as eliminações como recursos de uso mais frequente. E incredulamente ele passou a explicar como o New York Yankees vencera o Anaheim Angels na noite anterior por causa da “fabricação de corridas”.

Eu tinha assistido àquele jogo. Com os Yankees perdendo por 5-4 na oitava entrada, o segunda base do time, Alfonso Soriano, conseguira chegar em base e roubara a segunda. Derek Jeter então conseguiu uma andada e Jason Giambi deu uma rebatida simples para impulsionar Soriano. Depois Bernie Williams rebateu um home run de três corridas. Qualquer indivíduo sensato, ao examinar essa sequência de eventos, diria: “Uau, ainda bem que Soriano não foi pego roubando aquela base. Relembrando, foi um risco idiota que poderia ter acabado com toda a sequência.” Joe Morgan viu aquilo e afirmou que o fato de Soriano ter roubado a segunda base — o único elemento de “fabricação” na linha de produção — é que fora a *causa*. De forma surpreendente, Morgan encerrou aquela lição do dia sobre estratégias beisebolísticas dizendo: “Se você sentar e esperar um home run de três corridas, vai esperar sentado pelo resto da vida.”

Mas o incrível nessa breve aula foi o que aconteceu debaixo do nariz de Joe Morgan enquanto ele a ministrava. Ray Durham começou a partida para o Athletics com uma andada. Não tentou roubar, como Morgan gostaria. A Durham seguiu-se Scott Hatteberg, que não fez uma rebatida de sacrifício, como Morgan gostaria. Deu uma rebatida dupla. Poucos minutos depois, Eric Chavez acertou um home run de três corridas. E Joe Morgan simplesmente prosseguiu com sua preleção sobre a necessidade de evitar jogadas buscando o home run de três corridas, como se o jogo em campo não contradissesse cada palavra proferida por ele. Naquele dia, o A’s, entre andadas e rebatidas fortes, conseguiu nove corridas e uma vitória — na qual Chad Bradford, tendo recuperado a forma, arremessou em duas entradas sem ceder pontos. Dois dias depois, em Minnesota, antes do terceiro jogo, Joe Morgan repetiu a mesma ladainha.

No fim, o Athletics fez um favor a todos no esporte e perdeu para o Twins na quinta partida.² Nos dois jogos que venceram, os placares foram 9-1 e 8-3. Nos três que perderam, os placares foram 7-5, 11-2 e 5-4. Não eram os placares baixos dos play-offs da imaginação de Ray Durham. No entanto, praticamente todas as críticas estrondosas após a derrota do A’s seguiram a mesma linha de raciocínio de Ray Durham e Joe Morgan. Um dos principais colunistas de beisebol de São Francisco, Glenn Dickey, do *San Francisco Chronicle*, explicou a seus leitores: “O A’s não sabe ‘fabricar’ corridas, o que acaba com eles em jogos apertados na pós-temporada. O técnico, Art Howe, que acreditava em ‘jogar pequeno’ antes de ir para o Athletics, acostumou-se tanto à abordagem andada / home run que não consegue se adaptar na pós-temporada.” No fim de outubro, Joe Morgan resumiria os problemas da equipe numa matéria: “O A’s perdeu porque eles são bidimensionais. Têm bom arremesso e tentam rebater home runs. Não usam velocidade e não tentam ‘fabricar corridas’. Esperam o home run. Estão esperando até hoje.”

Para a diretoria do Athletics, o teor de todos os comentários parecia mais do mesmo. “Roubo de bases é a única coisa que todos reparam no que fazemos. Ou deixamos de fazer. Assim, quando a gente perde, é por causa disso”, afirmou Paul DePodesta depois de assentada a poeira. Então ele digitou alguns números em sua calculadora. O A’s marcou 4,9 corridas por jogo durante a temporada regular. Marcou 5,5 corridas por partida na série de cinco jogos contra o Twins. Não haviam “fabricado” corridas e, mesmo assim, tinham marcado mais corridas nos play-offs do que durante a temporada regular. “O verdadeiro problema”, analisou Paul, “foi que, na temporada, cedemos 4,0 corridas por jogo e, nos play-offs, cedemos 5,4. Por causa da amostragem pequena, esses números parecem insignificantes, porém eles deixam claro o absurdo das críticas à nossa filosofia no ataque.” O verdadeiro problema era que Tim Hudson, até então impecável nos jogos importantes e perfeito contra o Minnesota Twins, teve duas atuações pavorosas. Ninguém poderia ter previsto isso.

A pós-temporada explicava em parte a esdrúxula resistência do beisebol aos frutos da pesquisa científica: a *qualquer* ideia exclusivamente racional sobre como gerenciar um time de beisebol. Não era apenas que o esporte fosse comandado pela velha guarda, insistindo em fazer coisas que sempre havia feito. Era que o título fosse decidido num grande jogo de dados. Os play-offs frustram a gestão racional porque, ao contrário da temporada regular longa, sofrem com o problema da amostragem reduzida. Pete Palmer, sabermetrista e autor de *The Hidden Game of Baseball*, calculou certa vez que a diferença média no beisebol relacionada à habilidade é de cerca de uma corrida por jogo, enquanto a diferença média relacionada à sorte é de cerca de quatro corridas por partida. Durante uma temporada longa, a sorte se nivela e a habilidade se destaca. Entretanto, numa série de três em cinco, ou mesmo de quatro em sete, tudo pode acontecer. Numa série de cinco jogos, o pior time do esporte tem 15% de chance de derrotar a melhor equipe; o Devil Rays tem uma chance contra o Yankees. A ciência beisebolística pode dar uma pequena vantagem a uma equipe, mas essa vantagem é superada pelo acaso. A temporada do beisebol é estruturada para zombar da razão.

Como a ciência não funciona nas partidas que mais importam, seus jogadores têm mais uma desculpa para regredir à barbárie. O jogo é estruturado psicologicamente (embora não financeiramente) no sistema “o ganhador leva tudo”. Não há muito espaço para a ideia de que um time que apenas por pouco não chegou à World Series pode ter feito uma grande temporada. Ao término daquilo que agora era visto por muitos como uma temporada fracassada, a única coisa que Paul DePodesta podia dizer era: “Espero que continuem achando que nossa abordagem não funciona. Isso nos dá mais alguns anos.”

* * *

BILLY BEANE MANTIVERA uma calma surpreendente durante o fiasco do Athletics nos play-offs. Antes do segundo jogo contra o Twins, quando lhe perguntei por que ele parecia tão tranquilo — por que não estava andando pelo estacionamento com sua caixinha branca —, ele respondeu: “Essa porra que faço não funciona nos play-offs. Meu trabalho é nos levar até essa fase. O que acontece depois é pura sorte.” Foi Paul quem deu uma bastonada numa cadeira da sala de vídeo, tarde da noite, depois do quinto jogo e quando todos já tinham ido embora. A atitude de Billy parecia ser: o máximo que a direção pode produzir é um time de qualidade suficiente para vencer numa temporada longa. Não há fórmulas secretas para a pós-temporada, exceto, talvez, dispor de três ótimos arremessadores titulares, e isso ele tinha.

Seu espírito objetivo sobreviveu à derrota do time por uma semana. O exasperante era o A’s ter perdido para o Twins, uma equipe claramente inferior. Ele nunca comentou, porém era evidente que o fato de darem pouco valor ao seu trabalho o incomodava. Até o dono do time, que tinha retornos financeiros maiores do que qualquer outro proprietário do beisebol, reclamava. A reação pública ao fato consumia Billy. Nessas situações, quando ficava transtornado, muitas vezes tentava fazer algum negócio. Mas não havia nenhum atleta que lhe viesse à mente de cara; a única pessoa na organização cujo afastamento o alegraria um pouco era o técnico, Art Howe. Não demorou muito para lhe surgir uma nova ideia: negociar Art.

Levou cerca de uma semana para resolver tudo. Billy ligou para Steve Phillips, o gerente geral do New York Mets, e lhe falou que Art era um técnico magnífico, mas que seu último contrato anual exigia um grande reajuste e o clube realmente não tinha como pagar. Phillips tinha acabado de demitir seu técnico, Bobby Valentine, e andava mesmo precisando de um substituto. Billy tinha achado que talvez até conseguisse um jogador do Mets em troca de Art, mas, no final, se contentou em apenas se livrar do salário do técnico. Art assinou um contrato de cinco anos, a 2 milhões de dólares por ano, para comandar o Mets. No lugar dele, Billy colocou Ken Macha, o treinador do banco do Athletics.

Com isso, ele se sentiu melhor por algum tempo. Depois não surtiu mais efeito. Billy tinha a sensação de ter chegado ao fim de alguma linha. Eles haviam dirigido aquela franquia de baixo orçamento com a máxima eficiência possível e ninguém sequer notara. Ninguém se importava se você descobria formas

radicalmente melhores de gerenciar um time de beisebol das grandes ligas. A única coisa com que se preocupavam eram os resultados na mesa de dados da pós-temporada. Por seu trabalho, Billy recebera mais ou menos o mesmo que um arremessador reserva em seu terceiro ano, e Paul recebera abaixo do mínimo das grandes ligas. Sem sombra de dúvida, Billy valia mais do que qualquer jogador, seus serviços eram mais subvalorizados do que os de qualquer atleta adquirido por ele. Ele só enxergava uma maneira de explorar essa grotesca ineficiência do mercado: negociar a si mesmo.

Seu senso de oportunidade foi quase perfeito. O mercado para os serviços de Billy Beane mudava depressa. Um ano antes, iniciara-se em Toronto algo que parecia ser uma nova tendência. A Rogers Communications, nova proprietária do Blue Jays, deixara claro que o time — o de maior prejuízo no beisebol — precisava ser autossustentável. Após a temporada de 2001, Paul Godfrey, o novo CEO do Blue Jays e ex-prefeito de Toronto, homem sem nenhuma experiência em beisebol, decidiu gerir o negócio seguindo diretrizes racionais. Começou demitindo seu gerente geral. Então empilhou em sua mesa os guias das outras 29 equipes do beisebol e passou a procurar um substituto. Ligou para quase todos no esporte e entrevistou a maioria deles. Buck Showalter, que dirigira o Diamondbacks e agora era locutor na TV. Dave Dombrowski, que comandava o Detroit Tigers. Pat Gillick, que fora o gerente geral do Blue Jays durante seus anos de glória e agora gerenciava o Seattle Mariners. Doug Melvin, que acabara de ser demitido do Rangers. John Hart, o gerente geral do Cleveland Indians, que acabaria substituindo Melvin no Rangers. “Todos eles me disseram a mesma coisa”, conta Godfrey. “A questão acabava sendo sempre a mesma: me dê a grana para disputar com o Yankees e eu dou conta. Eles nem sequer entendiam o que eu estava falando quando dizia que queria alguém com uma estratégia. Não queria alguém que dissesse: ‘Arrange 150 milhões para mim e lhe dou um vencedor.’”

Em todo o beisebol, ele encontrou apenas uma exceção à loucura monetária geral: o Oakland Athletics, de Billy Beane. Godfrey concluiu que o A’s praticava um jogo diferente do de todos os outros. E decidiu que, fosse o jogo que fosse, ele também queria participar. Supôs que Billy Beane, que tinha um contrato de longo prazo no clube, estava fora de cogitação. Assim, ele ofereceu o cargo mais alto do Blue Jays a Paul DePodesta — mas Paul não aceitou. Então Godfrey voltou ao guia do A’s e encontrou a foto do sujeito que ficava logo abaixo de DePodesta. Chamava-se J.P. Ricciardi, diretor de desenvolvimento dos atletas do A’s. Ele foi a Toronto para a entrevista — e em cinco minutos conseguiu o emprego. “Ele tinha uma explicação para tudo”, contou Godfrey. “De todos com quem conversei, J.P. era o único com um plano de negócios e o único que me

falou: ‘Você está gastando demais.’ Percorreu os nomes do elenco e disse: ‘Todos esses são substituíveis por caras de quem você nunca ouviu falar.’ E perguntei: ‘Tem certeza?’ E ele retrucou: ‘Olha, se você conseguir aguentar a pressão da mídia, posso tornar seu time melhor e mais barato. Vai levar uns meses para baratear e uns anos para melhorar. Mas o time ficará muito melhor.’”

A primeira atitude de J.P. Ricciardi como novo gerente geral foi contratar Keith Law — um cara de 28 anos, formado em Harvard e que nunca jogara beisebol, mas escrevia inúmeros artigos interessantes no baseballprospectus.com. Isso foi, em parte, ideia de Billy. Ele tinha dito a J.P. que, para encontrar o trunfo no jogo, “é preciso ter o seu Paul”. A segunda atitude de J.P. foi demitir 25 olheiros do Blue Jays. Então, nos meses seguintes, se livrou de praticamente todos os jogadores das grandes ligas consagrados e com altos salários e os substituiu por atletas desconhecidos das ligas menores. No final da temporada de 2002, J.P. passara a assistir a todas as partidas da equipe com Keith Law. A essa altura, ele podia se virar para seu sabermetrista de estimação no meio de uma partida e exclamar esfuziante: “*Rain Man*, agora temos no campo um time de 1,8 milhão!”

O fato de ser possível uma melhor gestão baseada na ciência a um custo tão baixo era, de longe, a maior ineficiência em todo o beisebol, e os donos dos times, com a percepção mais arguta dos mercados e de suas loucuras, percebiam isso. John Henry tinha acabado de comprar o Boston Red Sox e pretendia reformular a franquia à imagem do Oakland Athletics. No fim de outubro, ele contratou Bill James como “consultor sênior de operações de beisebol”. (“Não entendo como levou tanto tempo para alguém contratar esse cara”, disse Henry.) Só por garantia, também contratou Voros McCracken como conselheiro especial para arremessadores. E então foi procurar alguém para comandar o espetáculo.

Apenas um sujeito havia demonstrado de fato ser capaz de impor a razão num clube das grandes ligas, e esse sujeito, duas semanas depois de ter sua equipe eliminada dos play-offs, agora andava insatisfeito com seu emprego. Uma coisa levou à outra e não demorou muito para que Billy Beane aceitasse dirigir o Boston Red Sox. Receberia 12,5 milhões de dólares num contrato de cinco anos, a quantia mais alta já paga para dirigir um time de beisebol. Billy ainda não assinara o contrato, porém era apenas uma formalidade. Já tinha persuadido o dono do A’s a liberá-lo e começou a remodelar o Red Sox. Já planejava negociar o terceira base Shea Hillenbrand, do Red Sox, com algum time que não entendesse que uma média de rebatidas de ,293 era um sério golpe para o ataque quando vinha associada a um aproveitamento chegando em base de ,330. Contrataria Edgardo Alfonzo como segunda base e Bill Mueller como terceira base. O receptor Jason Varitek sairia da equipe e em seu lugar entraria Mark

Johnson, reserva do White Sox. O gerente geral requisitaria a luva de Manny Ramirez, e o rebatedor de potência passaria o resto da carreira no Red Sox como rebatedor designado. Tudo isso na cabeça de Billy.

Em Oakland, a notícia da partida iminente de Billy Beane logo se espalhou por todo o clube. Paul DePodesta concordara em ser o novo gerente geral do time. Promoveria seu colega de Harvard, David Forst, como seu assistente. A principal preocupação de Paul era o preço que o Boston Red Sox deveria pagar ao Oakland Athletics por tomar seu gerente geral. Certo dia, Billy chegou ao trabalho e se deparou com uma nova situação. De acordo com o que contou, “agora tenho dois caras de Harvard sentados em meu sofá, tentando bolar uma maneira de me ferrar”. Parecia o início de um novo relacionamento. Ele e Paul discutiram até entrarem num acordo quanto ao jogador que Paul receberia em troca de Billy Beane: Kevin Youkilis. O deus grego das andadas. O jogador que, se não fosse pelo velho departamento de olheiros do clube, teria sido do A’s. O atleta, depois de Barry Bonds, com o maior aproveitamento chegando em base de todo o beisebol profissional. Paul queria ainda outro jogador das ligas menores, porém o verdadeiro pagamento era Youkilis.

Só faltava Billy assinar o contrato com o Red Sox. Mas não conseguia. Após aceitar a proposta de John Henry, Billy passou as 48 horas seguintes num frenesi irracional e maníaco, incapaz de dormir, tal como ficara em maio, depois que o A’s fora eliminado pelo Blue Jays. Em geral muito resoluto sobre a maioria das coisas, Billy ficava paralisado quando a decisão envolvia ele mesmo. Gostava da ideia de trabalhar para John Henry, por seu entendimento dos mercados e de suas ineficiências. Entretanto, não se muda para uma cidade a quase cinco mil quilômetros de distância e recomeça a vida só para trabalhar para um novo patrão. Cinco dias antes, Billy se convencera de que não estava aceitando o emprego só pelo dinheiro. Como estava bastante claro que não era por amor ao Red Sox, ficava a pergunta: por que então estava fazendo aquilo? Concluiu que era apenas para mostrar que podia. Para provar que seus talentos tinham valor concreto. Valor em dólares. E que, em qualquer mundo sensato, valiam uma fortuna.

Agora vinha o problema: tinha acabado de provar isso. As colunas de beisebol de toda a imprensa fervilhavam com a notícia de que Billy Beane estava prestes a se tornar o gerente geral mais bem-pago da história do esporte. Agora que todos sabiam seu verdadeiro valor, Billy não precisava mais prová-lo. Agora, a única razão para aceitar o emprego era o dinheiro.

Na manhã seguinte, ele ligou para John Henry e disse que não podia mais aceitar o cargo.³ Poucas horas depois, Billy deixou escapar a um jornalista algo que preferia não ter dito, mas que era verdade: “Só tomei uma decisão na vida

pensando no dinheiro — quando assinei com o Mets em vez de ir para Stanford — e prometi nunca mais voltar a fazer isso.” E então ele se refugiou na habitual historinha sobre razões de ordem pessoal. Nada do que ele disse foi muito racional ou “objetivo” — mas até aí, ele também não era. Em uma semana, Billy estava de volta, maquinando como levar o A’s de volta aos play-offs, e Paul DePodesta estava de novo ao seu lado. E Billy se viu diante de seu único grande medo: o de que ninguém jamais saberia *de verdade*. O temor de que ele e Paul encontrassem formas cada vez mais inteligentes de montar grandes times sem verba, mas que ninguém ficasse sabendo, a menos que conquistassem um ou dois anéis da World Series. E mesmo assim — mesmo que ganhassem um anel — que benefício ele tiraria disso? Seria apenas mais um gerente geral entre tantos outros festejados no dia, e depois esquecidos. Nunca saberiam que, por um breve instante, ele esteve certo e o mundo, errado.

Quanto a isso, creio que Billy pode ter se equivocado. Ele tem sido o veículo perfeito para uma ideia de feitio estranho, e essa ideia estava em andamento, como um corredor de bases do Athletics, avançando ponto a ponto. A ideia levava Billy Beane a agir, e suas ações tiveram consequências. Ele transformara a vida de jogadores cujos méritos ocultos, de outra forma, talvez nunca fossem percebidos. E esses atletas que se beneficiavam da ideia agora se empenhavam em retribuir o favor.

¹ Esses números são da MLB em 31 de agosto de 2002. A característica da temporada de 2002, que pareceu um espelho maluco excêntrico, no qual várias equipes pobres foram para os play-offs e nenhum time muito rico chegou à World Series, não exerceu nenhum efeito perceptível na concepção da MLB sobre o papel do dinheiro no sucesso beisebolístico. O comissário Bud Selig continuou a insistir que o Athletics — que também rendera um pequeno lucro — estava condenado. “Estamos pedindo a eles [o Athletics] para competir num estádio onde não conseguem competir”, afirmou Selig em fevereiro de 2003. “Eles não são viáveis sem um novo estádio.”

² Na série de cinco jogos, Scott Hatteberg chegou a 7-14 com três andadas, nenhuma eliminação por strikes, um home run e duas rebatidas duplas. Conseguiu cinco corridas e impulsionou outras três. Chad Bradford enfrentou dez rebatedores e eliminou nove deles, sete por bolas rasteiras. O décimo deu uma rebatida simples e fraca. Bradford se recuperou depressa do fracasso após a vigésima vitória. Sua confiança retornou praticamente na mesma hora em que Scott Hatteberg começou a lhe contar o que os rebatedores diziam nas raras vezes em que chegavam à primeira base contra ele. Depois que Adam Kennedy, o segunda base do Angels, conseguiu uma rebatida simples e fraca sobre Bradford, ele se virou para Hatty e disse: “Meu Deus, isso não é de jeito nenhum uma bola de 135 quilômetros por hora.”

³ O emprego foi aceito por Theo Epstein, de 28 anos, formado em Yale e sem nenhuma experiência no beisebol profissional.

EPÍLOGO: O TEXUGO

O JEREMY BROWN que caminha até o espaço do rebatedor no começo de outubro é, e ao mesmo tempo não é, o receptor gordo de Hueytown, Alabama, que o Athletics recrutara na mais improvável escolha de primeira rodada da história recente. Ainda media cerca de 1,80 metro e pesava quase cem quilos. Ainda não era um bom garoto-propaganda para quem quisesse vender jeans. Mas em outros aspectos — aqueles que importavam — ele mudara com a experiência.

Três meses antes, logo após o recrutamento de junho, Brown chegara a Vancouver, Canadá, para jogar no time de novatos do Athletics. Ali, à espera dele, havia uma quantidade aparentemente infindável de piadas a seu respeito. A revista mais lida no vestiário, a *Baseball America*, insistia em publicar todas aquelas grosserias sobre sua aparência. Os jornalistas citavam, sem dar nomes, olheiros de outras equipes dizendo coisas como: “Ele nunca conheceu uma pizza de que não gostasse.” Pressionaram o próprio diretor dos olheiros do Athletics, Erik Kubota, a reconhecer a estranheza de recrutar um rapaz com a aparência de Jeremy Brown como escolha de primeira rodada. “Ele não tem a forma física mais adequada”, declarou Kubota, em tom de franca justificativa. “Não tem um corpo bonito (...) Esse cara é um grande jogador de beisebol preso num corpo ruim.” A revista publicou a foto do anuário de Jeremy na faculdade com a legenda “Bad Body Rap”, num trocadilho com o gênero musical *Bad Boy Rap*. Em Hueytown, a mãe de Jeremy lia tudo aquilo e ficava furiosa toda vez que zombavam do corpo do filho. O pai apenas ria.

Os outros rapazes na equipe dos novatos achavam o máximo. Mal podiam esperar o próximo número da *Baseball America* para ver o que fariam de Jeremy dessa vez. O novo amigo de Jeremy, Nick Swisher, era sempre o primeiro a descobrir o que tinham escrito, mas abordava o assunto com rebeldia. Filho do ex-jogador das grandes ligas Steve Swisher e a escolha consensual de primeira rodada no recrutamento, Nick não engolia desaforo de ninguém. Não esperava que os outros lhe dissessem seu valor; ele mesmo lhes mostrava. Ele tentava incutir em Jeremy Brown a mesma atitude, porém sem muito sucesso. Certa noite, jantando com alguns colegas, Swish lhe dissera: “O que eles escrevem na *Baseball America*... é tudo besteira. Você sabe jogar. É só isso que importa. Você sabe jogar. Acha que Babe Ruth era um pegador? Porra, claro que não, era uma merda de um gordo.” Jeremy não era de se ofender facilmente e levou um ou dois segundos para entender o duplo significado do discurso

motivacional de Swish. “Babe Ruth era uma merda de um gordo”, disse ele. “Como Brown.” E todos à mesa deram risada.

Algumas semanas depois de chegarem a Vancouver, o treinador do time avisou a Jeremy Brown e Nick Swisher que os técnicos queriam conversar com eles no escritório. O primeiro pensamento de Jeremy foi: “Putz, sei que devo ter feito alguma besteira.” Era a reação instintiva dele quando recebia atenção especial de figuras de autoridade: ele tinha feito algo de errado. O que fizera, nesse caso, fora chegar em base numa proporção espantosa de metade de suas idas ao bastão. Jeremy Brown estava fazendo o beisebol da liga dos novatos parecer fácil demais. Billy Beane queria testá-lo num jogo mais puxado, queria ver o que ele tinha a oferecer. O técnico entregou as passagens de avião a Jeremy e Nick Swisher e lhes disse que eram os primeiros caras do recrutamento de 2002 do A’s a serem promovidos para a Single-A.

Levaram uma eternidade para ir de Vancouver, Canadá, a Visalia, Califórnia. Chegaram logo antes de uma partida, depois de 31 horas sem dormir. Ninguém lhes disse nada, ninguém queria contato com eles. Era assim quando você subia nas divisões de base: nunca era bem-recebido pelos novos colegas de time. “Todo mundo fica só meio que olhando, sem dizer nada”, contou Jeremy. “Você apenas tenta ser legal. Não quer começar com o pé esquerdo.”

Naquela primeira noite em Visalia, Brown e Swish vestiram o uniforme e foram se sentar na ponta do banco. Era como se fossem da equipe adversária. Ninguém foi sequer cumprimentá-los. Se Swish não estivesse ali de prova, Jeremy poderia até duvidar de que ainda existia. Na terceira entrada, o receptor titular do time, um grandalhão chamado Jorge Soto, foi para o bastão. Jeremy nunca tinha ouvido falar em Soto, porém supôs, corretamente, que disputava a vaga com ele. No primeiro arremesso, Soto bateu um home run como Jeremy e Swish nunca tinham visto na vida. A bola ainda subia quando passou sobre os refletores no lado esquerdo do campo central. Passou voando pelo estacionamento e pela pista de skate do outro lado deste. Era a rebatida mais longa que Jeremy já presenciara. Uns 160 metros, talvez mais. Enquanto Soto percorria as bases, Jeremy se virou para Swish e falou: “Acho que nunca vou ter chance de jogar aqui.”

Se dependesse dos novos colegas de equipe, não teria mesmo. Eles trancaram a porta; se Jeremy Brown e Nick Swisher quisessem entrar, teriam de arrombá-la. Certo dia, ele estava atravessando o vestiário de Visalia quando alguém gritou de gozação: “Ei, Texugo.” Jeremy não sabia a que o cara se referia. Logo descobriu. Seus colegas, que ainda não falavam muito com ele, tinham-lhe dado o apelido de “Texugo”. “É que, quando entro no chuveiro, meu corpo é muito peludo”, explicou ele. Ainda gozavam dele pelas costas. Jeremy fazia apenas o

que sempre fizera: sorria e seguia em frente.

Junto com a maioria dos outros atletas recrutados pelo Athletics em 2002, Jeremy Brown fora convidado para a liga de instrução no Arizona, no fim da temporada. A essa altura, três meses após sua promoção para Visalia, ninguém mais ria dele. Em Visalia, ele logo tomou de Jorge Soto a vaga de receptor titular e foi o líder do time em médias de rebatidas (,310), aproveitamento chegando em base (,444) e porcentagem de potência no bastão (,545). Em 55 jogos, impulsionou quarenta corridas. Ele havia arrasado com tanta destreza os arremessadores na Single-A High que Billy Beane o convidara para o campo de treinos de primavera do time principal em 2003 — Jeremy foi o único jogador do recrutamento de 2002 a receber tal honra. Todos os demais atletas do recrutamento de 2002 do Athletics — até Nick Swisher — estavam conhecendo o que Keith Lieppman, diretor das divisões de base do clube, chamava de “realidade”. A realidade, segundo Lieppman, “é quando você aprende que, se quiser sobreviver, terá de mudar sua maneira de jogar”. Jeremy foi o único que não precisou mudar nada, era o mundo à sua volta que precisava fazer isso. E o mundo mudou. Os comentários correntes da *Baseball America* sobre ele deram uma boa guinada. Quando a revista o mencionou como um dos três melhores rebatedores de todo o recrutamento de 2002 e uma das quatro melhores promessas no sistema de base do Athletics, sua mãe telefonou para lhe contar: finalmente alguém escrevera algo positivo sobre ele. Seus colegas em Visalia não o chamavam mais de “Texugo” [Badger]. Agora todos o chamavam de “Emblema” [Badge].

Quando Jeremy Brown vai ao bastão nessa tarde de meados de outubro em Scottsdale, Arizona, o jogo está na parte baixa da segunda entrada. O placar está 0-0, não há ninguém em base. O grandalhão canhoto da outra equipe aniquilou rapidinho os três primeiros rebatedores do Athletics. Ele arremessa uma bola rápida para Jeremy, que fica fora da zona de strike. Jeremy apenas olha. Uma bola fora. O segundo arremesso é uma change-up no canto externo da zona, onde Jeremy não tem mesmo muito o que fazer, então deixa passar. Strike um. Jeremy Brown sabe algo sobre os arremessadores: “Eles quase sempre cometem um erro”, diz ele. “Você só precisa esperar.” Dê ao jogo uma chance de vir até você e em geral ele virá. Ao receber o strike com a change-up, ele percebe a possibilidade de um futuro erro. O movimento do braço do arremessador, ao lançar sua change-up, é claramente mais lento do que na hora de lançar sua bola rápida.

O lançamento seguinte é uma bola rápida fora da zona de strike. Duas bolas fora. A contagem está 2-1, favorável ao rebatedor.

O quarto arremesso é onde ocorre o erro: o arremessador volta a usar sua

change-up. Jeremy percebe o braço dele reduzindo novamente a velocidade, e dessa vez sabe o que virá. A bola vem na altura da cintura, bem no meio da zona. A rebatida em linha de Jeremy passa zunindo pela orelha direita do arremessador e segue para o espaço vazio entre os defensores na parte esquerda do campo central.

Ao sair do espaço do rebatedor, Jeremy vê os defensores central e esquerdo convergindo velozmente. O defensor esquerdo, achando que talvez consiga apanhar a bola no ar, já está correndo e saindo da posição em que deveria estar para pegar a bola depois que batesse no muro. Jeremy sabe que rebateu com força e, assim, sabe o que vai acontecer a seguir — ou imagina que sabe. A bola vai bater no muro e ricocheteiar de volta para o campo. O defensor esquerdo, tendo corrido para fora de posição, terá de dar meia-volta e ir atrás dela. A meio caminho para a primeira base, Jeremy Brown só pensa numa coisa: *Vou conseguir uma rebatida tripla.*

É um pensamento novo para ele. Jeremy não é talhado para rebatidas triplas. Faz anos que não dá nenhuma. Fica entusiasmado com essa nova ideia: Jeremy Brown, o rebatedor de triplas. Tem acontecido algo engraçado com ele desde que, por algum milagre, tornou-se o rebatedor de maior mobilidade ascendente dentro do sistema de base do Athletics. Cercado por gente que sempre lhe diz que ele é capaz de quase tudo, o próprio Jeremy começou a acreditar nisso.

Ele contorna a primeira base (“estou dando tudo o que tenho”) e vê o defensor esquerdo correndo de costas para ele, mas não vê a bola. Está correndo o mais depressa que pode — e de repente não está mais. Entre a primeira e a segunda base, o controle dos pés lhe escapa e ele se estatela no chão, como Charlie Brown. A primeira coisa que percebe é uma dor aguda na mão: ele machucou o dedo. Levanta-se para se arrastar penosamente de volta à segurança da primeira base, quando então vê os colegas no abrigo. Os caras estão se rachando de rir. Swish. Stanley. Teahen. Kiger. Todo mundo está rindo dele outra vez. Mas o tom da risada é outro, não é aquela risada silenciosa do pessoal escarnecendo de seu físico. É outra coisa. Ele olha a área esquerda do campo central. Os defensores externos estão ali, parados: deixaram de ir atrás da bola. Ela sumiu. A rebatida tripla da imaginação de Jeremy Brown é, na verdade, um home run.

POSFÁCIO: DENTRO DA GUERRA RELIGIOSA DO BEISEBOL

QUEM TRANSITA PELA Major League Baseball inevitavelmente percebe o contraste total entre o campo de jogo e o espaço desconfortável logo além, onde os executivos e os olheiros trabalham. O jogo em si é uma competição impiedosa. Só os muito bons sobrevivem. Entretanto, no espaço logo além do campo, não há incompetência que não possa ser tolerada. Há muitas razões para isso, porém a principal é o fato de o beisebol estar estruturado mais como um clube social do que como um negócio. Além do pessoal que dirige e administra o time, o Clube inclui, como uma espécie de tropa auxiliar, muitos dos escritores e comentaristas que acompanham e pretendem explicar o esporte. O Clube é seletivo, mas os critérios de admissão e permanência são nebulosos. Existem muitas formas de constranger o Clube, mas entre elas não se inclui a incompetência no que se faz. A maior afronta que um integrante dele pode cometer não é a incompetência, e sim a deslealdade. Se não tivesse sido um escritor indiscreto, Jim Bouton poderia ter uma segunda carreira como olheiro e treinador de jogadores com potencial para as grandes ligas. No entanto, como ele escreveu *Ball Four*, foi praticamente expulso do Clube.

Isso não significa que não existam os bons e os maus executivos, ou os bons e os maus olheiros no beisebol. Apenas não se separa muito os bons dos maus. O esporte não submete seus executivos a nada parecido com as pressões de estar em campo ou mesmo de dirigir uma empresa. Quando uma equipe das grandes ligas gasta fortunas imensas e perde, cabeças podem rolar, mas não para muito longe. Os membros do Clube têm um talento admirável em continuar por ali, observando jogadores jovens, opinando sobre a partida, até que seja aberta outra vaga no alto escalão. Então, com esperança genuína no coração, eles comparecem à entrevista com todos os outros integrantes do Clube demitidos da última vez. Não há critérios efetivos, pois ninguém quer ir muito a fundo na questão: o que qualifica essas pessoas para a função? Levar em conta qualquer qualidade que não o espírito de confraria tornaria a posição de todos como membros do Clube menos segura.

Este livro, como eu disse muitas páginas atrás, nasceu de uma observação simples e óbvia: alguns executivos do beisebol pareciam ter uma habilidade muito maior do que os outros para converter dólares em vitórias. Não sou o pai

da ideia — um excelente escritor de beisebol chamado Doug Pappas já havia frisado essa questão da eficiência muito tempo antes de mim. Ele assinalara que um determinado time, o Oakland Athletics, havia demonstrado sistematicamente uma eficiência tão maior do que as outras equipes que parecia estar em outro negócio. O que fiz foi tentar explicar esse fato.

Para avaliar em sua plenitude a reação do Clube a *Moneyball*, é preciso levar em conta um pano de fundo que, de outra forma, seria supérfluo. Quando iniciei minhas pesquisas, não conhecia ninguém no Athletics, nem sequer tinha ouvido falar de Billy Beane, o seu gerente geral. No ano que passei observando o clube, o único interesse explícito demonstrado por Beane em relação a meu projeto — a única vez que ele o mencionou — foram as raras ocasiões em que me disse que não devia focar demais nele. Ele e o outro personagem fundamental na direção do Athletics — seu assistente Paul DePodesta — nunca foram propriamente grosseiros comigo, porém deixaram bem claro que tinham coisas mais interessantes a fazer do que me atender. O único poder que tinham sobre meu projeto era o de me pôr para fora de sua sala ou do vestiário — o que, de fato, fizeram algumas vezes. Entretanto, a triste realidade é que eu era objeto de certa indiferença para eles. Até onde sabiam, eu nem estava escrevendo um livro sobre o Oakland Athletics. Era um livro sobre o choque entre razão e beisebol. (Não foram os únicos a fazer cara de paisagem quando eu tentava explicar o que pretendia.) Apareceriam no livro, mas outros times também. Assim como, aliás, os jogadores que tiveram a vida transformada pelo novo sistema de avaliação adotado pelo A's. Uma extensa seção do livro seria dedicada ao pai espiritual do empreendimento deles, o escritor de beisebol Bill James.

Foi só depois de conversar com outros times e descobrir que não tinham muito a acrescentar a essa história em particular que passei a me concentrar na diretoria e nos jogadores do Athletics. Àquela altura, a temporada havia terminado e eu estava com meu material completo. Como sempre acontece quando o material é bom, a história específica ganhou maior destaque no texto. Senti-me levado a eliminar tudo o que não tivesse relação com a montagem de uma equipe de beisebol. O resultado não foi a biografia de um indivíduo, foi mais a biografia de uma ideia — o que deixou a seu personagem principal, Billy Beane, 35 páginas corridas.

Antes de ver meu livro pronto, a diretoria do Athletics tinha apenas uma vaguíssima noção do que ele seria. O pessoal do A's só o leu quando os resenhistas o receberam, um mês antes de chegar às livrarias. Cada integrante da equipe teve uma reação levemente diferente. A de Beane foi quase de horror. Ficou espantado que uma parte tão grande do texto fosse sobre ele e se sentiu incomodado por ter sido retratado como um maníaco. Talvez eu devesse me

sentir mais culpado do que de fato me senti. Contudo, imaginei que os leitores, em sua maioria, entenderiam que esse retrato não mostra o homem por inteiro e que eu tinha meu próprio roteiro. Eu queria captar Beane fazendo o que ele fazia tão bem e de forma tão interessante: avaliar, adquirir e dirigir atletas de beisebol. E quando ele fazia isso, em seus momentos mais intensos, era, sim, um pouco maníaco.

Esse é o pano de fundo para o que veio a seguir, que foi uma novidade em minha experiência de escritor. O Clube dos que ganhavam a vida logo além do campo — gerentes gerais e olheiros, junto com alguns dos membros mais ruidosos das tropas auxiliares, os escritores e os comentaristas — ficou enfurecido. Não comigo, mas, imaginem só, com *Billy Beane*. Nos seis meses da temporada de 2003, não houve um dia em que algum fanfarrão profissional — metade dos radialistas parecia achar o máximo se apresentar como “Mad Dog” [Cachorro Louco] — não vociferasse contra o ego descomunal de Beane. Seria longo demais arrolar os escárnios que recaíram sobre o pobre coitado, cujo único crime foi não me expulsar de sua sala com mais frequência. Mas vale a pena citar alguns exemplos:

Foi Beane quem teve um best-seller, *Moneyball*, em sua maior parte versando sobre ele, no qual se vangloriava sem parar por ser mais esperto do que os clubes ricos ao reinventar a forma de avaliar os jogadores. — Art Thiel, *Seattle Post Intelligencer*

(...) o outro nome mencionado como possível sucessor de Evans, Billy Beane, do Athletics, tem feito um excelente trabalho com recursos modestos no A's, mas é também um propagandista despuadorado de si mesmo que escreveu um livro sobre sua suposta genialidade e é desprezado por olheiros de todo o beisebol. — Doug Krikorian, *Long Beach Press Telegram*

Duas coisas são evidentes no recém-lançado *Moneyball*: o homem que mudou o jogo. O ego de Billy Beane, gerente geral do Athletics, explodiu... — Tracy Ringolsby, *The Rocky Mountain News*

Adiante voltarei à segunda coisa evidente para o sr. Ringolsby, pois ele representa uma grande facção do Clube. Para mim, o que parecia evidente —

terrivelmente evidente — era que os integrantes do mundo do beisebol obrigariam meus personagens a desmentir, a dizer que este livro sobre a organização deles era todo equivocado e podia ser tranquilamente ignorado. Se o Athletics recebesse 1 dólar por cada jornalista que perguntou a Billy Beane ou a Paul DePodesta se haviam sido “erroneamente citados”, o time poderia comprar um defensor central de primeira. A pressão pública, em especial sobre Billy Beane, foi enorme: nunca ninguém foi acusado de dizer tantas coisas que nunca disse ou de fazer tantas coisas que nunca fez. Alguns integrantes do beisebol adotaram a inédita abordagem de dizer que Billy mentia ao dizer que fora citado erroneamente — sendo que, para começo de conversa, ele nunca falou que fora citado de maneira equivocada. “Ele não foi citado erroneamente em duzentas e tantas páginas”, trovejou Pat Gillick, o destemperado gerente geral do Seattle Mariners, antes de jurar que nunca lera nem leria o livro e logo depois de seu time dispendioso ser, mais uma vez, atropelado pelo Athletics de baixo orçamento.

No entanto, o Athletics não desmentiu, e logo se acendeu um falso debate. Não era tão interessante quanto um debate real, já que não oferecia nenhuma possibilidade de troca de ideias. Mais parecia uma guerra religiosa — ou a interminável e infrutífera discussão entre criacionistas e evolucionistas. De um lado, aparando insultos e perguntas imaturas, estava a comunidade de fãs do beisebol que refletia a sério sobre o uso e abuso das estatísticas do esporte. Do outro, atirando os insultos e as perguntas imaturas, estavam os membros do Clube, tomados de um profundo desejo tácito de preservar seu status.

Pergunta: Se Billy Beane acha que é um baita de um gênio, como é que não recrutou [coloque o nome do fenômeno do ensino médio]? Por que paga 11 milhões por ano a Jermaine Dye?

Resposta: A questão não é se Billy Beane é infalível ou não. A questão é ele ter adotado um sistema de raciocínio para diminuir um pouco a incerteza de uma avaliação intrinsecamente incerta, qual seja, o desempenho futuro de um jogador de beisebol. Ele não é um cartomante. É um contador de cartas num cassino.

P: Se Billy Beane é tão inteligente e diz que o aproveitamento em base é tão importante, como é que o Athletics não marca mais corridas?

R: Não marca mais corridas porque o aproveitamento em base do time não é lá essas coisas — é muito pior do que costumava ser. O mercado para o aproveitamento chegando em base mudou, em larga medida graças ao sucesso do A's. Apesar disso, a porcentagem em base da equipe conserva uma característica importante: é boa em termos financeiros. E a questão não é ter a porcentagem em base mais alta, e sim ter vitórias ao preço mais baixo possível. E a maneira de obter vitórias a preço baixo é adquirir as qualidades de um jogador que são subvalorizadas no mercado e vender as que são supervalorizadas.

P: Que raio de egocêntrico alega ter descoberto todas essas estatísticas? Porcentagem em base! Meu velho amigo [coloque o nome do velho amigo] conhece a porcentagem em base desde 1873.

R: O Athletics nunca alegou ter descoberto a análise estatística sofisticada. Ele alega ter inculcado tais análises numa equipe de beisebol das grandes ligas atuais.

No livro, dei-me ao trabalho de mostrar que todas as ideias reunidas por Beane foram elaboradas pelo cérebro de outra pessoa. Na verdade, todo leitor de *Moneyball* que tenha lido Bill James ou acompanhado o trabalho de alguns dos melhores escritores de beisebol (Peter Gammons, Rob Neyer, Alan Schwarz) ou dos dois sites principais, o Baseball Prospectus e o Baseball Primer, pode muito bem se perguntar a razão de tanto alarde: *já sabíamos disso*. O estardalhaço, no que me diz respeito, foi a teoria ter sido posta em prática e testada, e Billy Beane merece muitos créditos por isso. (Ou críticas, dependendo do ponto de vista.) Sua contribuição foi a coragem intelectual. Teve o peito de adotar e pôr em prática ideias rejeitadas ou, pelo menos, não levadas muito a sério por seus colegas integrantes do Clube. Mas nunca vi Beane como um gênio. Parecia-me mais um corretor talentoso em Wall Street sem pendor para pesquisas.

Durante a temporada de 2003, me vi inúmeras vezes diante de duas reações diferentes: a do público leitor em geral e a dos membros do Clube. Contudo, foi só quando Joe Morgan entrou em cena que percebi claramente a discrepância. Jogador do Hall da Fama, locutor da ESPN, figurão em todo o beisebol, Morgan era o mais próximo de um presidente social do Clube. E, quando Joe Morgan decidiu que precisava falar sobre *Moneyball*, o tom do discurso passou da

bizarrice para a fúria totalmente alucinada. Num bate-papo no chat da ESPN, no meio da temporada, perguntaram a Morgan o que ele achava do livro. Eis a resposta:

Se você escreve um livro, é típico que queira ser o herói. Pelo visto, foi o que Beane fez. Pelo que li no *Times* [o *New York Times* publicou alguns trechos de *Moneyball*], Beane é mais esperto do que todo mundo. Não creio que isso o torne muito popular entre os gerentes gerais ou os demais no beisebol.

Muita gente escreveu para Joe Morgan explicando que Billy Beane não era o autor de *Moneyball*. Não adiantou nada. Uma semana depois, em outro bate-papo, alguém perguntou o que Morgan faria, se fosse Billy Beane, para melhorar o Athletics. Ao que Joe, buscando toda a sua perspicácia, retorquiu: “Em primeiro lugar, eu não seria Billy Beane! Não escreveria *Moneyball*!”

Aí estava o xis do problema: Joe Morgan não lera o livro, mas estava convicto de que Billy Beane era o autor. Mesmo o pessoal do Clube que entendia que outro ser humano se dera ao trabalho de redigir as frases de *Moneyball* considerava, no fundo, que o livro era obra de Billy Beane. *Billy Beane estava dizendo que havia uma maneira objetiva de medir o desempenho de um time de beisebol e que ele era o melhor nisso. Ainda pior: Billy Beane escreveu um livro para dizer que um monte de coisas que os membros do Clube dizem e fazem é ridículo.*

Em certo sentido, era o sonho de todo escritor: os mais nervosinhos com sua obra eram incapazes de compreender que ele era o autor. Enquanto isso, fora do Clube, o nível de interesse pelo livro e de entendimento da leitura era o melhor possível. A diretoria do Athletics recebeu telefonemas de uma gama representativa de toda a vida esportiva e empresarial dos Estados Unidos: equipes da National Hockey League (hóquei), da National Football League (futebol americano) e da National Basketball Association (basquete), firmas de Wall Street, empresas do ranking das quinhentas maiores da *Fortune 500*, estúdios de Hollywood, programas de beisebol de colégios do ensino médio e de universidades. Teve até um sujeito dono de uma rede de carrinhos de cachorro-quente que tirou da experiência em curso na diretoria do A's lições empresariais para seu negócio. (Não me perguntem como.) Em cada canto e fresta da sociedade americana parecia haver pessoas igualmente obcecadas em encontrar e explorar as ineficiências do mercado — e a diretoria do Athletics era uma

inspiração para todas elas. Quem estava certo de que não tinha nada a aprender eram os outros times da MLB.

Mas é claro que não tinham! Não eram um negócio, eram um Clube. Num negócio, se alguém revela os segredos profissionais de seu concorrente mais eficiente, você dá pulos de alegria. Mesmo que tenha lá suas dúvidas, você pega o livro, fuça, confere. *Só para ver*. No beisebol, não. No beisebol, viraram umas feras. No Clube, não havia necessidade de ler o livro — os executivos do esporte viviam se *gabando* de não o terem lido — porque... bom, porque era ofensivo. *De mau gosto* foi o despropósito utilizado pelo gerente geral do Mariners e Poderoso Chefão, Pat Gillick.

Em vez de ler, o que o pessoal do beisebol fez foi buscar razões para repudiar o que havia acontecido em Oakland — e que agora ocorria em Toronto e em Boston. Se o ponto era tão nevrálgico, era porque a ideia da gestão racional do beisebol já começara a se difundir. O Boston Red Sox, não conseguindo contratar Billy Beane, optou pela segunda melhor alternativa e contratou um jovem muito inteligente, Theo Epstein, que tomava Beane como modelo. O Toronto Blue Jays já havia contratado o braço direito de Beane, J.P. Ricciardi. Epstein e Ricciardi enfrentaram resistências culturais — embora a imprensa do Red Sox costume ser tão maldosa que era impossível distinguir entre o veneno dirigido ao novo regime e o lançado contra qualquer um que tivesse a temeridade de atravessar o Fenway Park. O interessante na equipe de Boston era a história que nunca foi escrita e a pergunta que nunca foi feita: se fazemos as coisas mais ou menos do mesmo jeito há oitenta anos e ficamos histericamente irritados com os resultados, não devíamos tentar algo diferente? Será que a ciência não tem uma solução para a Maldição do Bambino? ¹

O Toronto Blue Jays estava mais próximo de um típico estudo de caso. Ricciardi, o novo gerente geral, fizera o que todos os gerentes gerais esclarecidos acabarão fazendo: despediu um monte de olheiros, contratou alguém familiarizado com análises estatísticas (Keith Law, do Baseball Prospectus — *um site, ainda por cima!*) e começou a negociar impiedosamente em cima dos valores. Dispensou o maior número possível de jogadores caros e os substituiu por atletas baratos — e passou a acumular mais vitórias. Seu maior problema era encontrar times dispostos a aceitar seus astros muito inflacionados. (O melhor dia do ano inteiro, contou-me ele, foi quando George Steinbrenner, o proprietário do Yankees, vendo um defensor direito de seu time perder uma bola aérea, ficou enfurecido e mandou que o Yankees comprasse Raul Mondesi, do Blue Jays.) J.P. reduziu a folha de pagamento da equipe de 90 para 55 milhões de dólares. Em um mercado eficiente, quando se faz um corte de 40% na folha salarial, o que se espera é um número muito maior de derrotas. Não foi o que aconteceu,

claro. Ocorreu que, da noite para o dia, o Blue Jays deixou de ser um grupo deprimente de jogadores medíocres muitíssimo bem remunerados e se tornou um time empolgante. Eram mais jovens, mais baratos e melhores.

De modo geral, a cidade de Toronto gostou da mudança. No entanto, mesmo lá, naquele lugar gentil e decente, havia aquele som irritante — os infelizes guinchos de protesto das forças auxiliares do Clube. Numa manhã da temporada de 2003, Toronto acordou e topou com uma matéria de capa no *Toronto Star* com algumas perguntas alarmantes sobre o novo Blue Jays. O título era “O White Jays?”. A manchete da matéria, acompanhada das fotos dos jogadores, dizia: “Em uma cidade de tantas facetas multiculturais, o time de beisebol de Toronto é o mais branco da liga. Por quê?” O autor do artigo, Geoff Baker, fizera seu breve estudo. Descobrira que havia no elenco médio de 25 atletas das grandes ligas dez jogadores não brancos e que o novo Jays, depois que Ricciardi assumira o comando e a direção das negociações, tinha apenas seis. O novo gerente geral parecia sistematicamente buscar no mercado *brancos* mais em conta. Que coisa mais triste e deplorável que uma cidade tão famosa por sua diversidade, como era Toronto, já não fosse mais representada pelo Blue Jays. “Ricciardi tem dificuldade em explicar esses números para além da mera coincidência”, escreveu Baker, que pelo jeito não tinha tal dificuldade. Encontrou a explicação na forma como J.P. Ricciardi dirigia um time de beisebol.

Era uma linha de ataque curiosa, porém com uma fragilidade tática. Por sua própria natureza, ela demandava uma reação de fora do Clube. (O que é, ao fim e ao cabo, o calcanhar de aquiles do Clube. Ele nunca consegue escapar inteiramente à cultura mais ampla que lhe dá sustentação.) O *Toronto Star* recebeu uma enxurrada de cartas, o *ombudsman* entrou em cena para se desculpar pela mancada, outros jornais levaram a matéria a sério. O *National Post* publicou um editorial contundente, assinalando que a campanha promocional do Blue Jays apresentava dois jogadores, Carlos Delgado e Vernon Wells, ambos negros. Que a cidade de Toronto tinha 8% de negros e 2% de latinos, enquanto sua equipe de beisebol tinha 12% de negros e 12% de latinos. Portanto, se fosse tomado ao pé da letra, o artigo estaria defendendo a *redução* do número de minorias raciais usando o uniforme do Blue Jays. E que era grotesco fazer generalizações raciais a partir de algumas mudanças. O *Post* publicou: “A matéria, permeada de vagas insinuações de racismo, demonstrava um tratamento difamatório de um time de beisebol cujos únicos objetivos são obter vitórias e agradar aos fãs.”

Entretanto, a raiva atingiu o auge no vestiário do Blue Jays: os jogadores ficaram irados. Ora, eles trabalhavam na crença de que tinham sido escolhidos por sua capacidade de jogar beisebol, e não pela cor da pele. Carlos Delgado

declarou ao *Toronto Sun*: “Foi a coisa mais imbecil que já ouvi. Não faz o menor sentido. Você não vê ninguém escrevendo nada sobre o Maple Leafs não ter nenhum jogador negro ou sobre o Raptors ter 90% de atletas negros. Ela [a raça] não tem nada a ver com isso. Não temos nenhum problema no clube e não precisamos dessa merda.”

Pela direita do palco entra Richard Griffin, um segundo colunista de beisebol do *Toronto Star*. Era outro cara da velha guarda do beisebol que implicou com Ricciardi desde o início. Incansável em sua ira contra o novo regime e seus novos métodos, nunca perdia a oportunidade de apontar onde estavam os erros do time. Agora, explicava pacientemente aos leitores do *Toronto Star* que não deviam “matar o mensageiro”. O artigo de seu colega não era sobre racismo, afirmou, mas sim... bom, sobre *o que* era mesmo? Ele tentou encontrar uma expressão e veio com “o mosaico racial flutuante do beisebol”. Ah! *Então é isso*, deve ter pensado o inocente leitor de jornais de Toronto, coçando a cabeça. Em seguida, Griffin esclareceu o que queria dizer: “O gerente geral do Blue Jays, J.P. Ricciardi, junto com Billy Beane, do Athletics, e outros da vanguarda”, escreveu ele, “acreditam em basear o ataque na paciência na passagem pelo bastão e sem arriscar nas bases. É o estilo de jogo de antes da Segunda Guerra Mundial. Por tais critérios, Jackie Robinson não jogaria nas grandes ligas.”

Bom, se você quiser desviar a conversa do racismo, há exemplos menos arriscados. Aquilo era a coisa mais próxima de um filme dos Irmãos Marx, os famosos comediantes, nos escritos sobre beisebol. Griffin era Harpo, o qual, vendo o amigo envolvido pelas chamadas, pega o balde de água sem perceber que está escrito QUEROSENE. O que tornava todo o episódio ainda mais estapafúrdio era o fato de Jackie Robinson ser justamente o tipo de jogador pelo qual o Athletics e o Blue Jays salivavam. Ele dispunha das estatísticas privilegiadas pelas duas equipes — grande aproveitamento chegando em base, disciplina no bastão, grande potência para um segunda base etc. — e, além disso, *era subvalorizado*. Com efeito, uma forma de encarar a revolução na gestão do beisebol é vê-la como a procura de versões atenuadas de Jackie Robinson: atletas que, por uma ou outra injustiça, em geral por causa da aparência, foram difamados e subestimados pelo mercado.

Apesar disso, os dois colunistas de beisebol de Toronto tinham razão num ponto: por mais que a matéria tentasse insinuar racismo, ela não tratava da questão racial. A raça foi mero expediente, uma arma num combate maior e mais importante: a luta contra os que não depositavam fé no olheiro ou no comentarista esportivo. O que os irritava eram todos aqueles... nerdzinhos com seus sites, suas estatísticas e seus computadores, achando que tinham algo a dizer sobre como montar um time de beisebol. Sob uma saraivada de tomates

podres, Baker alegou que a reação à sua matéria não passava de uma conspiração desses nerds. Ele me escreveu: “Suspeitamos que muitos dos e-mails e cartas reclamando do artigo eram, em parte, produto de uma campanha organizada, iniciada em sites de beisebol e por outras partes interessadas em refutá-lo.” Ah, esses intrometidos tão irritantes!

O “White Jays”, as arengas desinformadas de comentaristas de beisebol preguiçosos demais para pegar um telefone, os apartes maliciosos na ESPN, as piadinhas intencionais sobre o “gênio” de Billy Beane — tudo era uma coisa só. Para defender o Clube contra a nova ideia, seus integrantes precisavam deturpá-la.

* * *

AO FINAL DA temporada de 2003, eu tinha aprendido algo com a publicação de *Moneyball*. Aprendi que, se você procurar o suficiente por um argumento contra a razão, vai encontrá-lo. Durante seis meses, houve no Clube um desejo visível de que o Oakland Athletics falhasse. No início da temporada, após o lançamento do livro, havia certa esperança de que isso acontecesse logo. Lutando para enxugar a folha de pagamentos, Billy Beane tinha negociado seu grande arremessador fechador, Billy Koch, com o White Sox, em troca de um arremessador que muita gente descartara, Keith Foulke. E ainda tinha perdido seu quarto melhor arremessador titular, Cory Lidle, que também havia se tornado oneroso demais. O A’s estava outra vez jogando numa divisão com times com orçamentos muito maiores. E, o pior de tudo, o Red Sox e o Blue Jays estavam tornando o mercado de jogadores de beisebol mais eficiente. Como o Athletics poderia continuar vencendo?

Bem, venceram mesmo assim. Tiveram mais vitórias na temporada do que os outros times, afora o Giants, o Yankees e o Braves. Então, nos play-offs, venceram os dois primeiros jogos da série de cinco contra o Red Sox. Havia uma alegria genuína naquilo — não só em ver Davi derrotando Golias, mas também em ver o pessoal com um investimento no padrão Golias tentando se preparar para o que parecia ser a vitória iminente de Davi. Nos últimos três anos, depois da eliminação do Athletics dos play-offs, as tropas auxiliares do Clube persistiram na mesma ladainha: o A’s não pode vencer! A aversão da equipe pela rebatida de sacrifício, o ceticismo em relação ao roubo de bases, o gosto bizarro na escolha de jogadores, a assustadora irreverência pela sabedoria da velha

guarda — todas essas esquisitices que funcionavam tão bem para o Athletics durante a temporada regular eram a condenação do time nos play-offs. Bom, depois da segunda partida, ninguém — repito: ninguém — disse: “Ah, o Athletics não pode vencer o Red Sox. Pode ter ganhado os dois primeiros jogos, mas, pela própria natureza do empreendimento, não tem como sair vitorioso em todas as partidas numa série de play-offs.” O que fizeram foi procurar uma explicação que justificasse os terríveis acontecimentos que logo viriam à tona. Começou a se formar um consenso sobre o que poderia ser:

Ramon Hernandez deu uma rebatida de sacrifício!

O Athletics vencera o primeiro jogo da série contra o Red Sox quando seu receptor de pés lentos, com duas eliminações, deu uma rebatida de sacrifício na direção da terceira base. A jogada em si desencadeou uma reação química na mente dos integrantes do Clube.

Times “moneyball” não dão rebatidas de sacrifício! Todos esses... nerdzinhos dizem que técnicos inteligentes não trocam eliminações por bases. Há! Vejam só! Tudo bem, venceram. Mas comprovaram o nosso argumento!

Esqueçamos o absurdo de atribuir o resultado de uma partida a um evento isolado. Esqueçamos que uma única exceção não afeta o argumento mais geral: que a longo prazo é um erro gerar eliminações em troca de bases. Esqueçamos que a aversão pela rebatida de sacrifício é apenas uma ínfima parcela da nova abordagem em relação ao beisebol. A questão é: *não foi uma rebatida de sacrifício*. Havia duas eliminações! Ramon Hernandez não estava tentando trocar uma base por uma eliminação. Ele fez um bunt, mas para conseguir uma rebatida válida.

Bom, graças a Deus, o Athletics perdeu na série de cinco. (Entretanto, com certeza teria sido melhor se tivesse perdido numa série de três, não?) E quando o Florida Marlins venceu a World Series, claro que foi um desfecho inevitável, resultado de sua garra autêntica. Aquele algo especial que apenas membros do Clube podem entender. O colunista Tracy Ringolsby, da *Baseball America* — de longe o crítico de Billy Beane mais virulento e obsessivo —, entrou em cena suspirando por Jack McKeon, o técnico do Marlins, e lhe rendeu o louvor supremo: “Sem dúvida ele não embarca nas teorias do livro *Moneyball*, que

proclama que os times deveriam recrutar apenas jogadores universitários, em especial arremessadores.” Claro que não importava o que McKeon achava ou deixava de achar sobre o recrutamento de atletas, visto que não fora ele a montar a equipe do Marlins — ele tinha caído ali de paraquedas no meio da temporada. Esse tal McKeon tinha aquele algo especial que Ringolsby entende — e que caras como Billy Beane jamais entenderão. O quê de virilidade que os nerdzinhos nunca compreenderão. A coisa envolvente que Ringolsby sente nos ossos e vocês, seus franguinhos, não. O algo especial que vencia campeonatos.

Esse algo especial, ou a falta dele, vem a ser a segunda coisa que, na opinião de Ringolsby, logo ficava evidente em *Moneyball*. O problema não era apenas o ego desenfreado de Billy Beane. Era o fato de o autor de *Moneyball* ter “um conhecimento limitado do beisebol e uma obsessão por Billy Beane”. *Um conhecimento limitado do beisebol* — parece condenatório o bastante, mas o que significa? Com certeza *não* significa que Ringolsby tenha jogado beisebol profissional sob pressão — ou que eu não tenha —, pois ele nunca chegou nem perto do campo. E também não significa que ele tenha procurado de fato entender o que aquele pessoal do Athletics tentava fazer, pois jamais se deu ao trabalho de entrevistá-los. Imaginem só! Um cara que vive de escrever sobre beisebol espumando de raiva, ano após ano, por causa dessa experiência radical em Oakland, e que nunca, em momento algum, se deu ao trabalho de pegar o telefone e pedir que Billy Beane explicasse o que planejava. *Um conhecimento limitado do beisebol*: isso significa, até onde sei, que ele não passa de mais um cara não atlético que atribuiu a si mesmo a tarefa de manter fora do jogo aqueles que, em sua opinião, não têm nada o que fazer lá dentro. Não é um escritor. É um leão de chácara.

Mas esse sujeito tem lá sua relevância. Quando se senta para escrever sua coluna, no fundo, ele sabe que fala em nome de muita gente que trabalha logo ali perto do campo. Pode ser um mero integrante das tropas auxiliares, porém sua visão do jogo reflete a dos membros efetivos do Clube. Muitos dos que tomam as decisões na hora de formar os times de beisebol pensam de modo muito parecido. E é por isso que, no campo, um time sem verba pode conquistar tantas vitórias.

¹ “The Bambino” [O Bambino] era o apelido de Babe Ruth. Em 1919, o Red Sox — o time mais vitorioso da MLB até então — vendeu Babe Ruth ao Yankees. Ruth se tornou o maior jogador da história do esporte e o Yankees, a franquia mais vencedora — e o Red Sox passou 86 anos sem vencer um título. Sempre que a equipe chegava perto — 1967, 1975 e 1986 —, acontecia algo bizarro e o time não conseguia o título. Por fim, acabou surgindo a ideia da “Maldição do Bambino”: Babe Ruth teria amaldiçoado o time que o vendeu para que nunca mais vencesse um título. (N. da T.)

AGRADECIMENTOS

EU NUNCA TERIA escrito este livro sem a ajuda e o incentivo do Oakland Athletics. Muitos dos que trabalham na organização aparecem com destaque nestas páginas, mas alguns que foram importantes para mim, não, e gostaria de agradecê-los aqui. Steve Schott, o coproprietário da equipe, me levou a uma partida de beisebol e me incentivou a seguir minha linha de investigação. A primeira linha de defesa da diretoria — com Betty Shinoda, Wilona Perry e Maggie Baptist — sempre me fez sentir bem-recebido. Jim Young e Debbie Gallas tornaram minha vida mais fácil na cabine de imprensa. Mickey Morabito, que não tinha nenhum interesse em me deixar chegar perto do avião do time, me levou a bordo. Keith Lieppman e Ted Polakowski, em vez de estranharem por que eu queria tanto importunar seus jogadores das ligas menores, foram muito prestativos. Steve Vucinich, em vez de questionar o que eu tinha a ver com seu vestiário, fez de tudo para eu me sentir em casa, exceto estampar LEWIS nas costas de uma camiseta do Athletics e me mandar para o montinho. Jim Bloom me apresentou aos jogadores do time principal e me ajudou a lhes vender meu projeto. Dois desses atletas, Tim Hudson e Barry Zito, me auxiliaram muito mais do que suas breves aparições neste livro sugerem.

Vários velhos amigos leram trechos do original ou ele inteiro e me salvaram de mim mesmo: Tony Horwitz, Gerry Marzorati, Jacob Weisberg e Chris Wiman. Muitos novos amigos passaram um pente fino na primeira versão e me ajudaram com o beisebol: Rob Neyer, Dan Okrent e Doug Pappas. Dick Cramer e Pete Palmer me deram orientações inestimáveis em teoria e história da sabermetria. Alan Schwarz me auxiliou com a história das estatísticas do beisebol, o que foi de admirável generosidade de sua parte, já que ele próprio está escrevendo um livro sobre o assunto.

Roy Eisenhardt me apresentou a Billy Beane, fato que não agradou muito a Billy, e com razão. Ao examinar minhas anotações, fica claro que o livro nasceu de um ano de longas conversas com Billy Beane, Paul DePodesta e David Forst. E, mesmo assim, nenhum deles em momento algum tentou controlar ou amenizar o que eu poderia escrever. Serei sempre grato a eles por sua generosidade de espírito.

Sou abençoado por ser autor do equivalente editorial do Athletics. Incentivarem-me a escrever sobre beisebol foi algo tão ousado quanto dizer a Scott Hatteberg para ir jogar na primeira base. Sinto-me especialmente

agradecido a meu editor, Starling Lawrence, e a seu assistente, Morgen van Vorst. O diretor comercial da Norton, Bill Rusin, que podia pôr fim ao projeto antes mesmo de ele começar, pareceu aprová-lo. Fico grato por ter tido a oportunidade de apresentar o livro a Oliver Gilliland, porém isso não ajuda muito a diminuir o pesar de saber que aquela foi a última vez que poderia fazer isso.

Pela ajuda em praticamente todas as fases deste projeto, agradeço à minha esposa, Tabitha Soren. Suas estatísticas oficiais, mesmo impressionantes, ainda não fazem jus a seu desempenho.

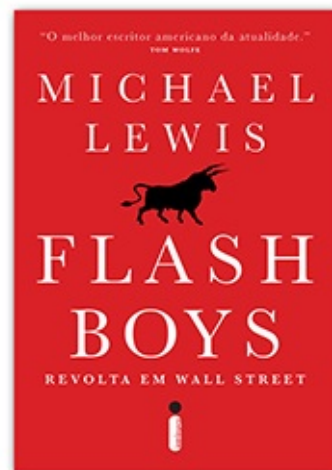
SOBRE O AUTOR

© TABITHA SOREN



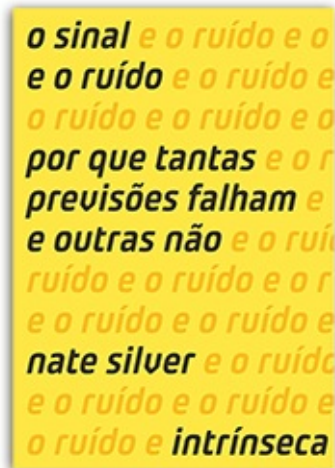
Formado em história da arte pela Universidade de Princeton e com mestrado em economia pela London School of Economics, MICHAEL LEWIS é autor de vários best-sellers, entre eles *Flash Boys*, também lançado pela Intrínseca. É colunista do site Bloomberg News e colaborador de veículos como *Vanity Fair* e *The New York Times*, além de ter tido trabalhos publicados nas revistas *The New Yorker*, *Gourmet* e *Sports Illustrated*. Nativo de Nova Orleans, Lewis atualmente mora na Califórnia com a mulher e os três filhos.

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DO AUTOR



[Flash boys](#)

LEIA TAMBÉM



O sinal e o ruído
Nate Silver



A arte do jogo
Chad Harbach



Circuito de mentiras
Juliet Macur

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Epígrafe](#)

[Prefácio](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Epílogo](#)

[Posfácio](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outro título do autor](#)

[Leia também](#)